

Emerson César de Campos

TERRITÓRIOS DESLIZANTES:
recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea -
Criciúma (SC) (1980-2002)

Universidade Federal de Santa Catarina
2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**TERRITÓRIOS DESLIZANTES:
recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea -
Criciúma (SC) (1980-2002)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial e último para obtenção do grau de Doutor em História Cultural, sob a orientação da professora Doutora Maria Bernardete Ramos.

Emerson César de Campos

**Florianópolis
2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**TERRITÓRIOS DESLIZANTES:
recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea -
Criciúma (SC) (1980-2002)**

Emerson César de Campos

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração em História Cultural, pela Comissão Examinadora formada pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos – Orientadora (UFSC)

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (UFPB)

Prof. Dr. Noé Freire Sandes (UFG)

Profa. Dra. Tânia Regina de Oliveira Ramos (UFSC)

Profa. Dra. Marlene de Faveri (UDESC – UNIVALI)

Profa. Dra. Maria Teresa dos Santos Cunha – Suplente (UDESC)

Florianópolis, 19 de dezembro de 2003.

À Nadjanara, uma singular forma de amar.
O brilho nos meus olhos continua!
O mar está logo ali, e, hoje, faz sol!

Ao Pedro, humor e serenidade em apenas cinco anos.
Um olhar que eu nunca havia visto.
Eu não sei pai!
Agora nós vamos brincar!

Agradecimentos:

Uma palavra diferente de agradecimento talvez possa ser inventada. E com ela talvez eu conseguisse mais facilmente mostrar minha gratidão. Esta criação eu não consegui realizar. Fica então a convenção conhecida do agradecimento.

Maria Bernardete Ramos, orientadora que me deu liberdade para lançar-me à aventura, aos encontros e com quem acredito ter aprendido evitar o engessamento. Pessoa que me faz continuar buscando uma palavra além de agradecimento. Quem sabe num entre lugar?!

Manoel Ascendino de Campos, meu pai, mineiro aposentado que continua trabalhando para fazer a panela ferver. Pai, muito do que está aqui consegui ouvindo o teu coração. Te amo!

Maria das Dores Silveira de Campos, hoje uma senhora, mas ainda a vejo como aquela quase menina de 27 anos que conseguiu rir quando fugi da escola no primeiro dia de aula. E continuou me mostrando livros! Te amo mãe!

Meus irmãos. Everton apaixonado por doce e Éder pelos jogos eletrônicos. Três irmãos juntos! Este é um código.

Silvia Maria Ávila Amador, mais que sogra, uma amiga, confidente e exímia pesquisadora. Muitos caminhos foram por ela apontados. Agora vamos rebater, Sílvia!

Evilásio Amador, amigo que me auxiliou em muitos momentos. Carro, telefone, gravador, nomes, e outras tantas coisas. Até esqueci que ele é vascaíno. Mas enfim, nem tudo é perfeito. Valeu, meu sogro!

Nitícia, Nídia e Nicole. A primeira me fazia rir ao me chamar de doente. A outra foi desde muito, minha parceira nos jogos do tigre. A última, no mundo das leis, me parece feliz.

Newton e Maria de Lourdes, bisavós do Pedro, que sempre estiveram torcendo e rezando por mim.

Joaquim, o tio presente de todas as horas. Tomara que a casa seja feita!

Minha avó Joaquina, alguém que sempre soube que iria dar certo. Meu avô Manoel Albino (in memorian), o mais encantador contador de histórias que conheci. Dona Áurea (in memorian), a vó de Garopaba, com ela descobri o que era o mar. Vô Skim (in memorian), nunca esquecerei o seu chapéu e o sorriso.

Tiago Losso, com quem dividi lamúrias, risos, músicas e cervejas. Alguém que sempre soube me colocar pra cima. Disposto a ouvir e falar, sempre soube me apresentar soluções. Vamos ao Rendez-vous!

Moacir Wendhausen, companheiro criciumense junto comigo também em Florianópolis; com ele é sempre possível ver coisas de formas diferentes. Alguém que me apresentou manjeriço, Jack Jonhson e caminhos para a gentileza. Valeu por tudo em todos os momentos!

Luiz Felipe Falcão. Companheirismo e lucidez junto a um humor refinado. Problema ainda é não ser torcedor do tigre! No Campeche habita uma grande alma.

Marlene de Faveri, que vivia dizendo: vais conseguir. Livros, sofá, tv e bons papos, como não conseguir? Seu apoio e companheirismo foram fundamentais para a realização desta tese. Amiga, obrigado por tudo.

Paulo Rogério Melo de Oliveira, o homem colorado. Mostrou que Heródoto havia nascido em Santa Maria, coisa que não havia me dado conta! Tchê, vamos tomar um café? Falou Pablito!

Clara e Rodrigo, agora em Balneário há alguém com quem conversar. Obrigado também pelos cafés e papos e pelo inglês.

Raquel e Isaías . A mineirice catarina está ali. Ambos companheiros de academia e novos parceiros na vida.

José Roberto Severino, amigo de muito e que muitos dizem sermos parecidos. Talvez. Ambos brincamos de Lego. Foi sempre um amigo disposto a ajudar, indicar fontes, e sobretudo dialogar.

José Bento, humor mineiro nos corredores da Univali. Depois fiquei sabendo de sua ligação com Garopaba. Achei ótimo.

Silvia e Luizinho, Ana Luíza e Henrique, pelos papos, churrascos e cafés no Campeche.

Hilário, Lenir, Txai e Íris, o pessoal que mora no canto da Lagoa, num dos lugares mais gostosos de Floripa. Espero agora conseguir matar a saudade “d’ocês”.

Marcelo da Silva, amigo com quem sempre dei muitas risadas e realizei muitas reflexões sobre música negra em Florianópolis e Criciúma.

José Augusto Leandro, amigo e companheiro no Curso de Doutorado e com quem dividi as primeiras reflexões deste trabalho.

Jackson Silveira que me deu uma ajuda enorme na impressão dos originais. Além disto sempre foi alguém com quem dei boas gargalhadas.

Padre Samiro e Bill Gates me mostraram o sentido exato da lei de Murphy. O primeiro dificultando as pesquisas na Santa Bárbara, o segundo pelas inúmeras vezes que desejei jogar meu computador lá de cima do décimo primeiro andar. As barreiras foram transpostas. Aguardo outras versões.

Em Criciúma contei com apoio de muitas pessoas. Os servidores do Arquivo Público Municipal, onde a funcionária Elza muito colaborou. Todos os entrevistados, e a lista é grande, tem o meu profundo agradecimento. Foram pessoas que se dispuseram soltar afazeres e compromissos para conversar comigo. E como me ajudaram!

Ainda em Criciúma, com carinho, Marli Costa, companheira de academia e de divagações sobre o que seria Criciúma. Sua atenção e gentileza foram fundamentais para a pesquisa. Edi Balod, que serenamente se propôs a narrar toda a empreitada da construção do bar encrensa, o ponto de encontro da Quermesse, localizado logo ali, na esquina do mundo. Um artista na melhor expressão que esta palavra possa alcançar.

Altair Guidi. Gostaria de aqui deixar claro meu agradecimento pela atenção dispensada a mim pelo ex-prefeito, mesmo sabendo o modo comum como isto será visto por uma parte considerável de seus adversários políticos, entre os quais me incluo. Não é com a pretensão de fazer justiça que deixo isto claro, mas sim do reconhecimento que acabei construindo tendo contato com a documentação sobre o município, e nas conversas que tive com inúmeras pessoas que ainda hoje vivem e colaboram com a cidade de Criciúma

Maria Marlene Milanez Justi me auxiliou muito na melhor compreensão dos festejos do centenário de Criciúma e da etnização da cidade.

Leandro Avany Nunes. Esta tese fala também de algumas pedras. Este foi o médico que tirou, junto com as pedras, toda a dor que senti naquele inesquecível mês de outubro de 2002.

Povo da UDESC, alunos que se mostraram amigos. Em especial Luiza, Marcelo, Fábio, Júlia, Dani e Jéferson.

Na Univali teria que fazer página extra. Ficam aqui lembrados: Cris Badin, Cris Manique, Cris Rifell, Leila, Clarisse, Geovana, João, Ediene, Mário, Leó da Geo, Paulo Liedke, Sandro, Venilton, Juliana sempre ajudando, Alcina e Mersilda.

Professores e funcionários do programa de Pós Graduação em história da UFSC, em especial Arthur César Isaia e Nazaré, sempre disposta a ajudar.

À CAPES e CNPQ pelo auxílio financeiro.

Nadjanara, a realização de vários sonhos. Companheira, confiante, me segurou quando precisava e me fez ver coisas que não conhecia. Na reta final soube bem entender todas as dificuldades e apoiou sempre todas as minhas decisões. Alguém que me fez acreditar em mim. Entramos na serenidade. Vamos ao sol, ao mundo, à vida. Eu te amo, muito!!!

Pedro. Mostrou que saudade é algo ligada a um tempo muito singular. Sempre indicava, com um olhar e sorriso sem igual: vou ficar com saudade de ti pai! Em casa, quando me via descansando, perguntava: Não vais trabalhar? Pai, eu não quero dormir! A melhor parte de mim. Filho, agora nós vamos brincar!!! Eu te amo!!!

“O que fabrica o historiador quando “faz história”? para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre os seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas”.

“Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a *particularidade* do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá

a forma do *idiotismo*: meu patoá representa minha relação com um lugar”.

“Mas o gesto que liga as “idéias” aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador”.

Michel de
Certeau

“Não estaria ele, devido às suas constantes divagações, acostumado a reinterpretar, por toda parte, a imagem da cidade?”

Walter
Benjamim

“A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”

Pierre Nora

Ficha Catalográfica:

CAMPOS, Emerson César de. Territórios Deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002). Florianópolis, 2003. 214 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Orientadora: Dra. Maria Bernardete Ramos

Defesa: 19/ 12 / 2003.

Estudo percebendo as manifestações sócio-culturais empreendidas na cidade de Criciúma (SC) entre os anos de 1980 e 2002. Análise voltada para as relações vividas na cidade contemporânea de modo geral, inscritas na ambiência colocada naquela cidade do sul catarinense.

Resumo

Este trabalho busca compreender, em forma de ensaios e em sua maior parte, a manifestações sócio-culturais empreendidas na cidade de Criciúma (SC) entre os anos de 1980 e 2002. É por certo um estudo sobre a cidade contemporânea de modo geral, inscrita na ambiência colocada naquela cidade do sul catarinense. Cuida também de alcançar um olhar diferenciado sobre relações conflituosas presentes em Criciúma tentando aproxima-las de outras tantas vividas e experimentadas nas mais distintas cidades brasileiras, nas quais se incluem as catarinenses. Tal configuração impele uma análise mais elaborada de fenômenos contemporâneos tais como imigração, emigração, etnização, processos identitários e de identificações e produção de sensibilidades e subjetividades.

O primeiro ensaio toma como partida a festa Quermesse: Tradição e Cultura, evento anualmente realizado em Criciúma desde 1989, identificando nela elementos que mostram uma conexão da cidade com produções culturais e sociais diferenciados que às vezes se aproximam e outras se afastam, de manifestações próprias de uma cidade viva, neste ainda incipiente século XXI. Sendo assim, se busca um entendimento melhor da elasticidade de sentidos produzidas nas cidades contemporâneas.

Produzido a partir de recortes e alinhavos colhidos através de pesquisa, observação, participação e conversas realizadas em Criciúma, o segundo ensaio busca analisar afinações, dissonâncias e ressonâncias no que podemos chamar de polifonia cidadina. Em forma de verbetes que elucidam fragmentos, este ensaio é polissêmico. Nele são discutidos as faces de novos desejos, conflitos, traduções, ícones, sensibilidades e reminiscências da mudança desterritorializada, angustiante e avassaladora que Criciúma sofreu nas duas últimas décadas e, que abre caminhos para novas formas de viver a cidade.

Procurando discutir as comemorações do centenário de Criciúma realizadas em 1980, o terceiro ensaio analisa o processo de etnização da cidade. Para isto houve a necessidade de um olhar sobre manifestações colocadas em décadas anteriores, buscando nelas momentos destas referidas inflexões. Além disto busca diferenciar as comemorações do centenário com as manifestações vividas na Quermesse, evitando enxergar naquelas uma antecipação ou mesmo repetição do que seria vivido na Quermesse.

Nas últimas considerações se realiza uma espécie de inventário dos caminhos trilhados na escrita desta tese, tentando de alguma forma identificar a cidade enquanto lugares: singulares, assustadores, por vezes hilários ou outras caricatos, mas dos quais, de diversas maneiras, todos parecem agora desejar participar.

Palavras – Chave: Cidade, Territórios, Cultura.

Abstract

Exploring the textual genre *essay*, this work aims, in most of its length, at understanding the socio-cultural manifestations that took place in Criciúma (S.C.) from 1980 to 2002. It also characterizes itself as a study of the contemporary city in general, situated in the ambience of that South-Brazilian city in the State of Santa Catarina. It also aims at capturing a different look over conflicting relationships existent in Criciúma, trying to compare and approximate the understanding of these conflicts to those that also take place in every important Brazilian city. This configuration directs to the accurate analysis of contemporary phenomena, such as immigration, emigration, ethnic transformation, identity processes and the emergence of subjectivity.

The first essay takes as its starting point the "*Quermesse: Culture and Tradition*", an event that happens every year in Criciúma since 1989, identifying in it elements that show the connections between the city and cultural and social events that sometimes get closer and other times far from proper events of a living city, in the beginning of this 21st century. In this manner, it searches for a better understanding of the plasticity of meanings produced in the contemporary city.

From cut ups and juxtapositions obtained from field observation, interviews and conversations held in Criciúma, the second essay presents an analysis of tuning, dissonances and resonances in what we can call the city poliphony. Structured as dictionary entries which elucidate fragments, it is polissemic. It discusses the face of new desires, conflicts, translations, icons, sensibilities and reminiscences of deterritorialized change that Criciúma has been through in the last two decades, and which opens new tracks to new ways of the living city.

With the objective of discussing the commemoration of the centenary of Criciúma held in 1980, the third essay analyzes the ethnic transformation process in the city. In order to achieve this aim it was necessary to look upon popular manifestations happened in previous decades, trying to find in them the substratum for the reflexions that follow. Moreover, this essay tries to differentiate the commemoration of the centenary from the manifestations experienced in the *Quermesse*. This procedure aims at avoiding a view of the first as simple anticipations or repetitions of what would be experienced in the latter.

As a last account, a kind of inventory of the steps followed during the writing process of this dissertation is done. It was made an attempt to identify the city as an universe of places: singular, scaring, sometimes hilarious others, caricatural places, of which, in many ways, everyone now seems to wish to participate.

Keywords: City, Territories, Culture.

Sumário

Introdução	14
.....	
I – Primeiro Ensaio:	
Para além da comunidade imaginada	
Quermesse: encontros e desencontros na esquina do mundo	32
.....	
- A cidade que se encontra e se perde na festa	36
.....	
- O paradoxo da festa: repetir o irrecomeçável	52
.....	
- A Realidade da Utopia: Entre Lugares Contemporâneos	70
.....	
- Quiasmas contemporâneos: fronteira e tradução	90
.....	
- Instaurando a <i>Encrenca</i> na Esquina do Mundo	99
.....	
II – Segundo Ensaio:	
Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos	108
.....	
III – Terceiro Ensaio:	
Futuro do Pretérito: Um aniversário bem festejado	146
.....	
- A invenção da roda	148
.....	
- A etnização da cidade: um aniversário bem festejado!	161
.....	
- Do preterido e não comemorado: a cidade em prosa e verso Tem muito Serafim e Pereira lá para as bandas de Bom Jardim	170
.....	
- Quase uma digressão	178
.....	

Últimos

Acordes 18
1

Bibliografía

19
2

INTRODUÇÃO

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
 Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
 Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.
 O Tejo tem grandes navios
 E navega nele ainda,
 Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,
 A memória das naus.
 O Tejo desce de Espanha
 E o Tejo entra no mar em Portugal.
 Toda a gente sabe isso.
 Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
 E para onde ele vai
 E donde ele vem.
 E por isso porque pertence a menos gente,
 É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
 Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
 Para além do Tejo há a América
 E a fortuna daqueles que a encontram.
 Ninguém nunca pensou no que há para além
 Do rio da minha aldeia.
 O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
 Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

Alberto Caeiro, primeiro heterônimo de Fernando Pessoa, apresenta o Tejo (que todos conhecem), dedicando particular atenção ao rio que banha sua aldeia. *“Pelo Tejo vai-se para o mundo. Para além do Tejo há a América. E a fortuna daqueles que a encontram (...). Toda a gente sabe disto”*, diz Caeiro. Mas poucos sabem qual o rio de minha Aldeia. Seria mesmo mais livre e maior o rio da minha aldeia? A quanta gente pertence ele?

Uma senhora calmamente lava a calçada em frente a sua casa e, distraída, molha alguém que por ali passa. Apressada — agora a calma já foi embora — ela se desculpa, dando fé da necessidade de *“apagar as marcas do carvão”*. Em sua Vila, na verdade hoje já um distrito, também passa um rio. Ela e o rio estão há muitas milhas do Tejo. A senhora também está *“apenas ao pé do rio”*, o da sua vila, cujo nome ela faz questão de lembrar. Este não deve ser esquecido tais quais as marcas do carvão, visto que em suas águas mais que turvas, se

encontram diluídos ou em pequenos flocos, tantos agoras. Ao rio deram um nome, hoje estranho para boa parte da população do distrito: Rio Maina¹.

O bonito, como em seus escritos já disse Guimarães Rosa, é algo sempre absurdo. Quem teve ou tem a oportunidade de passar pelo Rio Maina pode se vislumbrar, se chocar, se emudecer ou mesmo gritar, frente ao berrante e bonito alaranjado que do rio chega aos olhos do eventual contemplador. Imagem viva e presente do *nosso passado de absurdos gloriosos*.



Rio Maina – Foto: Emerson César de Campos em 03/08/2001

Bem mais próximo que o Tejo, a uma distância vencida por uma caminhada de fôlego do rio em que a senhora se encontra, existe um outro. É o rio da Ágora², e “*navega*

¹ Em 1894 se inicia o processo de colonização do hoje distrito de Rio Maina. Imigrantes italianos vindos da Lombardia (província de Pavia, ao norte do rio Pó) formavam a população que se estabeleceu na vila. Pelo que se pode concluir, especialmente através da tradição oral, a maioria destes imigrantes era analfabeta e “*estes desbravadores das matas virgens, ao descobrirem um rio, e ao dessedentarem-se, batizaram o lugar de Rio Maina (corruptela, talvez, de mangiare)*”. Ver entre outros: BELOLLI, Mário; PIMENTEL, José. **Criciúma – Amor**. Itajaí: Uirapuru, 1974, p. 17. O vilarejo se transforma em Distrito sob lei municipal n.264, de 10/04/1959, sendo prefeito o Sr. Addo Caldas Faraco. A estranheza em relação ao nome do rio, particularmente a partir da segunda metade do século XX, em grande medida se explica pelo contingente populacional formado desde então por pessoas de outras formações culturais e sócio-econômicas que chegam ao Distrito particularmente em busca de trabalho na mineração. Em torno do distrito se formam outras vilas e, mesmo nelas, o estranhamento com o nome se fazia e ainda se faz presente. É particularmente o caso de uma comunidade chamada Metropolitana, ou simplesmente Metropol, onde já na década de 1970 os alunos do ensino fundamental ainda eram obrigados pelos professores a grafarem no cabeçalho de seus cadernos o nome do local onde moravam e com o qual não mantinham intimidade: “*Rio Maina Alto*”.

nele ainda, para aqueles que vêem em tudo o que lá não está”, a memória da cidade. Ele também tem um nome estranho: Criciúma³. Outrora piscoso e do qual até peixe se obtinha⁴, agora o rio é quase uma ausência⁵.

A escolha para um tema de pesquisa acrescenta a quem se dispõe a tal empreitada, uma quietude — enfim, algo do que falar! — e tantas outras incomodações: como falar, o que usar, como fazer acontecer. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Santa Catarina, por quatro anos desenvolvi pesquisa de doutoramento e que na ausência de uma justa forma (esta parece mesmo de difícil controle ou acesso), tentei compreender uma série de manifestações criativas que se encontram circunscritas à cidade de Criciúma (SC), e ganham, segundo minha visada, um corpo mais volumoso a partir da década de 1980.

² A referência que utilizo são as Ágoras gregas: praças públicas e mercados daquelas antigas cidades, onde se realizavam os mais diversos encontros, sendo a mais conhecida, embora em ruínas, a Ágora ateniense. Por razões inúmeras e discutidas nesta tese, o rio assinalado rusticamente pode ser lido como aquele que banha Ágora.

³ Há alguma controvérsia sobre o momento de criação do núcleo colonial São José de Criciúma. Arbitrariamente tomo como referência 6/01/1880, quando segundo a maioria da fonte disponível, chega ao local o primeiro grupo de imigrantes italianos. É de se pensar que o nome dado à vila fosse algo próximo daquele grupo colonizador. Em relação a isto há também uma série de discussões sob as quais não me aterei no momento. Contudo, se sabe que o nome dado a atual cidade de Criciúma, parte de uma gramínea encontrada em abundância no local à época. É um nome de formação indígena (Tupi). Ver entre outros: MILANEZ, Pedro. **Fundamentos Históricos de Criciúma**. Florianópolis: ed. Do autor, 1991, p.19-20. Ainda quanto esta querela que na historiografia regional tende a ganhar fórum de grande tema, se pode acrescentar que quando da criação da abertura do livro tombo da atual catedral da cidade, então uma singela capela, anotou ali o padre Ludovico Coccolo (italiano recém chegado à vila): “A povoação da freguesia de cresiuma conta duzentos e vinte famílias todos italianos. Teve principio o dito núcleo cresiuma no **dia desaseis de fevereiro do anno mil oitocento settenta oito**. Edificaram-se quattro capellas S’Jose, S’Antonio, Sta Augusta, S’João: mas a Igreja de S’Jose foi escolhida como igreja central” In: Livro Tombo da Catedral de Criciúma. A grafia foi mantida conforme anotada pelo padre Ludovico Coccolo. Os grifos são meus.

⁴ Durante a realização desta tese em inúmeros depoimentos coletados de modo voluntarioso era citado o momento em que o Rio Criciúma era farto em peixes. Pulsante e viva, esta não foi uma preocupação inicial, tampouco final, do meu trabalho.

⁵ A memória do rio Criciúma se confunde com a memória da cidade, ou ao menos existe a possibilidade de se pensar assim. Segundo Pierre Nora, “... *com efeito a memória é mais um quadro do que um conteúdo; é um significado sempre aberto, um conjunto de estratégias, uma presença que vale menos por aquilo que é do que por aquilo que dela se faz*”. IN: Op. Cit. Les lieux de la memoire. A memória do Rio Maina, o rio da aldeia de Pessoa, é um indício do miúdo, do pessoal ou subjetivo, nem por isso menos social.

Foram dois esforços iniciais e complementares, numa espécie de exercício tautológico, assumindo os riscos criados a partir disto: discutir a cidade investigando outros pontos e cuidar destes mesmos pontos de modo a aproximá-los da cidade. Há, contudo, um sentido produtivo nesta tautologia. Estar falando da cidade ao refletir sobre outros temas (etnicidade, monumentos, diferença, diversidade, discutidos nos transcorrer da tese), e pensar estes mesmos temas ligando-os à cidade, que na falta de outro atributo, denomino contemporânea⁶. Delicada operação. Mesmo porque me pareceu necessário não restringir o trabalho a uma contribuição local ou regional.

No encontro do tema a que me dediquei muitas incertezas se apresentaram e, sob todas as formas, elas se fazem aqui presentes, mesmo que por vezes se mostrem como correntes de fuga ou panos de fundo. Isto, acredito, se conecta a um modo particular de se colocar frente ao ambiente social, ou seja, face à própria vida. É deste modo que um filho de mineiro que teimosamente se apartou das vicissitudes e prazeres que tal condição o impelia, pode hoje se aproveitar desta distância — impossível de ser medida, mas de fácil identificação — e num enlace com a condição de pesquisador, contar histórias⁷. Depreende-se desta configuração, uma história um tanto micheleniana, no sentido de me encontrar profundamente

⁶ Nas dobras deste século que se inicia são cada vez mais significativas e pertinentes análises que busquem esboçar idéias e elucidar configurações que são vividas com intensidade, criam uma dimensão por vezes hiper real. Nesta ambiência, as cidades contemporâneas são por assim dizer, um grande mote. O historiador americano Mike Davis afirma que “*No limiar do século 21, o mundo já é uma imensa cidade. Uma cidade modulada em muitas cidades. Cidades em cadeias encadeadas, esgarçadas entre si ou atadas umas às outras, umas dentro das outras. Vistas assim, em perspectiva ampla, são as cidades que compõem a cartografia do mundo, uma vasta cartografia urbana, arquitetônica, simultaneamente caótica e babélica; a mais fantástica obra de arte coletiva (...) Neste momento, assim cartografado, desenhado em um atlas de imensas proporções, simultaneamente policrônico e polifônico, agitado e problemático, organizado em moldes sistêmicos e atravessado por irrupções anti-sistêmicas, o globo terrestre deixa de parecer um planeta, uma configuração cósmica, para se revelar uma criação humana da atividade social, de algo que se cria e recria no curso da história dos povos, da humanidade*” In: Op. Cit. **Ecologia do medo**: Los Angeles e a fabricação de um desastre. Tradução de Aluizio Pestana da Costa. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 372.

⁷ Se em grande medida realizar uma história mais livre (o que não significa sem compromissos) é fazê-la de modo domingueiro (Philippe Ariès), nossa escrita da história, ao que me parece, tem sido muito pouco domingueira.

implicado à operação que realizo⁸. O historiador penso, naquilo que opera, deve fluidizar suas paixões e emoções, sob o risco de se assim não o fizer, realizar uma história bem morta. E lembrando Certeau, “*não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação*”⁹. Afinal, é desta forma que meu trabalho representa minha relação com um lugar, ou melhor, com lugares¹⁰.

A operação historiográfica a qual me dediquei, e de modo a necessariamente ter que limitá-la (frente aos quase infinitos horizontes que se apresentaram), seguiu basicamente uma disposição, mais ou menos rigorosa, de compreender territórios (culturais, sociais), embasada numa prática histórica “materializada” em um texto. Então, voltando ao tema, ou de sua procura até o ardiloso encontro, deixo vincado três referências inquietantes: um lugar (Criciúma), uma História (ou um conjunto delas que tentaram dar ao lugar um estamento) e, finalmente, um instrumental (as fontes).

O lugar: em busca de uma melhor compreensão de uma relação tensa que mantive (e talvez ainda mantenha) com a cidade de Criciúma, busquei não aparar arestas neste trabalho, mas vê-las de maneira diferente. Este particular desejo se articulou a outro não menos significativo de atender uma demanda reprimida de trabalhos que numa ação aflita, ansiosa ou quase asmática, tenta dar visibilidade às tensões de variadas formas dispersas no

⁸ Não se trata contudo de habitar o “reino das subjetividades”. Mas é ter claro que a objetividade é mesmo um falso problema. Segundo Certeau: “A história ‘objetiva’, aliás, perpetuava(ou) com essa (a) idéia de uma ‘verdade’ um modelo tirado da filosofia ou da teologia de antontem; contentava-se (ou-se) com traduzi-la em termos de ‘fatos’ históricos... Os bons tempos desse positivismo estão definitivamente acabados.” CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.67

⁹CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p.65.

¹⁰ Ainda segundo Certeau: “o gesto que liga as “idéias” aos lugares é precisamente, um gesto de historiador”. É nesta dimensão que o historiador francês explica a relação de seu patoá com um lugar. É próximo desta

Sul do Estado, especialmente na cidade de Criciúma. Tensões estas que em quase nada se distanciam de experiências vividas em outras tantas cidades especialmente nas três últimas décadas. E houve também um anseio e a pretensão de que ao proceder tal articulação, contribuisse para um enriquecimento da historiografia catarinense, ordinariamente no que ela traz de novo.

Em apresentação bastante rasa, a *capital brasileira do carvão*, teve sua história de tal forma imbricada, sobreposta, no que nela se convencionou chamar de “pedra fundamental do progresso”¹¹, o carvão, que parecia inviável sua construção fora desta base. Entretanto, em 1987, após uma redução considerável dos subsídios que por mais de 40 anos foram fornecidos pelo governo federal à indústria extrativa do carvão mineral, o setor carbonífero se retraiu abruptamente¹², provocando desemprego¹³ e gerando uma crise social de grandes proporções.

Após um período de intensas reivindicações e lutas¹⁴, promovidas por movimentos sociais, sindicatos, organizações de bairros, imprensa e pelo próprio

dimensão que também busco refletir minha relação com um lugar, ou lugares: Criciúma, a academia, meu trabalho, meu sotaque.

¹¹ Slogan de campanha publicitária de largo alcance, realizada em Criciúma entre 1975-1980.

¹² Entre uma série de reflexões empreendidas neste sentido (de crise), destaco os trabalhos de: TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996 e SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1995. Dissertação de Mestrado. Ao considerar esta perspectiva, particularmente se mostra interessante a idéia de Santos em apontar um certo redimensionamento do setor. Por outro lado, como esta questão será fragmentada ao longo deste texto, saliento e adianto, que ambas (crise e redimensionamento) são modos possíveis de se ler a cidade.

¹³ O número de postos de trabalho que em 1987 era de 13.000 foi reduzido para 4.000 em 1990. Também em 1990 o governo federal reduz ainda mais o incentivo a exploração do carvão nacional, reduzindo de 10% para 6% a cota obrigatória de compra do carvão nacional por parte das empresas que usavam este mineral. Uma análise bastante elaborada do colapso sofrido pelo setor carbonífero neste período pode ser encontrado em: TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

¹⁴ Estas lutas tomaram uma face recrudescida e, por vezes, bastante violentas. Uma das mais marcantes ocorreu em 1991, durante o processo de privatização da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), que atuava em Criciúma através da Companhia Próspera e que era detentora de grandes reservas de carvão. Reagindo ao processo de privatização, os mineiros ocuparam as instalações da empresa, queimaram caminhões e colocaram explosivos nas imediações da Companhia, ameaçando explodir, caso não fossem atendidas suas reivindicações.

empresariado local, a cidade deixou de ser divulgada¹⁵ como a “capital brasileira do carvão”¹⁶. É desta forma que Daltro Espíndola, empresário do setor Têxtil da cidade se coloca: “*Criciúma não é mais a capital brasileira do carvão. Aqui já foi, agora não é mais...*”¹⁷. Esta alteração significativa no olhar sobre a cidade, não corre apenas à boca pequena. Ela aparece em manifestações inúmeras.

Derley de Lucca, professora de História de um colégio secundarista de Criciúma, em artigo publicado num jornal local, afirma: “*a cultura do carvão acabou. Hoje os mineiros não tem o apoio da cidade*”¹⁸. Contudo, introdutoriamente, cabe perceber que apesar de esforços como os colocados, não parece possível que quase por um decreto se instale a morte de uma cultura. Assim, de formas que espero aos poucos apresentar, busco identificar os processos deslizantes de significação colocadas em Criciúma (em diferentes momentos e além da década de 1990), buscando um texto vivo mesmo quando possa insinuar mortes. Mesmo porque, alinhado a Paul Veyne, acredito que “*uma cultura está bem morta quando a defendem em vez de inventá-la*”¹⁹.

¹⁵ Em realidade tal divulgação, ao que tudo indica vem sendo instrumentalizada em procedimentos diferentes daqueles conhecidos anteriormente. Outras visibilidades da cidade do carvão podem ser percebidas através, por exemplo, do uso turístico do termo capital do carvão, caso este da mina modelo criada na cidade em 1985 no governo de José Augusto Hülse e anunciada como *a única mina aberta à visitação pública no mundo*. Em entrevista concedida a mim em 08/03/2002, Manoel Coelho, arquiteto, 61 anos, um dos profissionais responsáveis pelos projetos modernizadores implementados em Criciúma nas décadas de 1970 e 1980, destacando-se a realização do parque centenário e do museu Casagrande, afirma o seguinte: “*Na última década Criciúma vem se construindo por outras referências que não aquelas voltadas ao carvão. Vejo isto como algo positivo. Contudo as marcas da exploração são ainda muito visíveis na cidade e a memória disto não se apagou. Tanto que se criou uma mina (modelo) aberta a visitação pública, fundada na administração do Hülse (José Augusto Hülse, ex-prefeito e ex-vice governador do estado) e que mesmo tendo postura política distinta da minha tomou uma medida benéfica à cidade*”.

¹⁶ Em livretinho editado pela Prefeitura Municipal de Criciúma, datado de janeiro de 1986, o ex-prefeito e atual vice-governador do estado, José Augusto Hülse escreve que: “*instado a dar nome a um documentário cinematográfico produzido sobre a cidade, o então prefeito Addo Faraco, em 1948, o chamou de Criciúma: Capital do Carvão. Naquele momento o título foi criado*”.

¹⁷ Entrevista concedida a mim, na cidade de Criciúma, em 13/10/1999.

¹⁸ JORNAL DA MANHÃ. Criciúma: Jornal da Manhã, 14/11/1996. P.11.

¹⁹ VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças**: história e sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.10.

Como referências à melhor compreensão dos temas que são tratados nesta tese, desde já fica assinalado que em 1980 com uma população de 99.735 habitantes, Criciúma contava com 11 empresas carboníferas instaladas no município, empregando mais de 50% da população economicamente ativa do município²⁰. Em 1991, Criciúma Apresentava uma população de 146.162 habitantes, com apenas quatro empresas carboníferas em funcionamento²¹. Em 2000, apenas uma empresa carbonífera continuava explorando no município, enquanto que sua população era de 170.274 habitantes, dos quais 152.903 dispostos na área urbana e 17.371 na área rural²².

Contudo, é possível afirmar, e tento mostrar isto nesta tese, que especialmente nestes últimos dez anos, a cidade de Criciúma se encontra muito mais fraturada e, assim, exprime uma gama de significados amplos, que dificilmente uma sentença redutora poderia melhor qualificá-la. Para melhor entender estes “platôs”, na expressão cunhada por Deleuze, foi necessário fugir de lugares comuns, sem contudo abandoná-los. Esta atitude, esquizofrênica²³ sem dúvida, pareceu ser uma boa porta de entrada²⁴, uma visada interessante

²⁰ Fontes: PBDEE (Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico). AMREC /UNESC, 1997.v. I. p.195 e SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e crise na região Sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UDESC, 1997. Os dados em relação aos empregos diretos gerados pelo setor carboníferos não são claros. Contudo é certo que somado ao setor cerâmico (outra significativa área produtiva da cidade), em 1980, chegam a 65,4% da economia local. Dados coletados junto ao IBGE apontam uma população um pouco menor para o mesmo período: 96.332 habitantes.

²¹ PBDEE (Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico). AMREC /UNESC, 1997.v. I. p.195. Em 1989 Forquilha se emancipa de Criciúma produzindo um efeito negativo no crescimento populacional e também econômico, pois parte considerável das jazidas de carvão se encontravam naquele município. O número de empregos do setor carbonífero que em 1980 era superior a 12.000 cai para menos de 3500 em 1991.

²² Dados obtidos no Relatório Parcial-Regional Censo 2000, junto ao IBGE. Embora (2003) não seja mais explorado carvão em seu território, sediam-se em Criciúma a administração de algumas empresas carboníferas que operam na região devido a capacidade logística oferecida pela cidade a estas empresas.

²³ Falo de uma esquizofrenia não patológica. Por certo não é a esquizofrenia da qual os saberes instituídos, mais particularmente a psicologia ou a psicanálise, têm se debruçado a estudar e explicar. A esquizofrenia a a qual me refiro é voltada à seara aberta por Gilles Deleuze e Félix Guatarri, constituída por um movimento de fuga criativo e inovador. Também é certo que esta esquizofrenia distinta promove sofrimentos, mas é sempre uma ação de partida para uma nova forma de pensar, como dito, criativa e inventora. Esta é uma dimensão ensaiada por Deleuze e Guatarri em: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

sobre Criciúma. Lugares muitos bem marcados como a “cultura do carvão”, usos da etnicidade, a redenção monumental²⁵, puderam, assim pretendi, serem vistos de modos relacionais, imbricados e produtores de liames ou urdiduras.

A História: evidente que histórias múltiplas sobre Criciúma foram e vem sendo produzidas. O sentido múltiplo não é necessariamente diverso. Ao contrário, ele pode, e os exemplos são inúmeros, ser uma poderosa ferramenta ratificadora de lugares comuns. Embora de agradável leitura e por vezes bem humorada, a historiografia criciumense, ao menos aquela realizada até a década de 1980, se compõe e se constrói através do trabalho desenvolvido pelo que convencionalmente se pode chamar oficialistas-memorialistas²⁶. Longe de uma “história-problema”, há nela um sentido épico e reificador, que para fazê-la produzir sentidos — e não apenas lágrimas e risos²⁷ — é mister, numa espécie de anti-afinidade eletiva, acionar um diálogo que possibilite ao mesmo tempo, uma leitura compreensiva e paradoxalmente

²⁴ Existe um texto clássico de Maria Stella Bresciani em que são sugeridas algumas portas para se realizar leituras sobre a cidade. Ver mais em: BRESCIANI, M. Stella. Metrópolis: as faces do monstro urbano. (cidades no século XIX), **Revista Brasileira de História**. São Paulo: n.8 e 9. ANPUH / Marco Zero, p.35-68, 1985. Ainda: BRESCIANI, M. S. (org.). **Imagens da cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: ANPUH / Marco Zero, 1993, especialmente o texto de Françoise Choay, pgs. 13-27.

²⁵ A etnicidade desde cedo se constitui num “problema” histórico e é estuda aqui ao longo dos ensaios, especialmente naquele da *Quermesse* e também no *Futuro do Pretérito*. A cultura do carvão é algo ainda muito visível na cidade em que pese os esforços para decretar sua falência, e cuja manifestação cultural mais visível se encontra na festa de Santa Bárbara que vem se realizando, com algumas interrupções, há 81 anos. Quanto ao que muito provisoriamente chamo de redenção monumental se trata de uma parcela considerável da história da cidade contada ou materializada em seus monumentos (ao mineiro, ao imigrante, ao centenário).

²⁶ Entendendo por memorialistas aquilo que em outra oportunidade Peter Burke chamou de “antiquários”. Ver: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. Aplicado ao estudo relativo à cidade de Criciúma, memorialistas seriam aqueles que num primeiro momento cuidaram de coletar fontes, reunir documentos e realizar uma história possível sobre a cidade. Tal preocupação se mostra mais efetiva a partir da década de 1970. Oficialistas seriam os profissionais que da mesma forma anterior, coletam dados e organizam escritos, mas estes são produzidos exclusivamente pautados em documentos, desconsiderando quaisquer contribuições que possam ser fornecidas pela história oral e a memória das pessoas. Em realidade esta foi uma preocupação forte inicialmente e que com o desenvolvimento da escrita da tese acabou se diluindo pelos ensaios. Não há, portanto, um ensaio específico onde esta crítica se realize. Contudo me parece que ela ainda é mais visível no ensaio que tem por título: *Futuro do pretérito: um aniversário bem festejado*.

²⁷ Expressão utilizada em 1978, pelo então prefeito da cidade Altair Guidi, na festa de recepção ao cônsul italiano, por ocasião dos antecipados festejos do centenário da colonização de Criciúma realizado em 1980.

dissonante²⁸. Há ainda que se considerar a projeção de uma historiografia pós-1980, produzida especialmente a partir de reflexões iniciadas por professores e estudantes do Curso de História da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) e que tem contribuído muito para a visibilidade da Criciúma Contemporânea.

O instrumental (as fontes): uma cidade é sempre um bom lugar para se perder, como lembra Walter Benjamin. Andar por uma cidade é se lançar à perdição. É pouco provável que se consiga sair ileso ao contato diário com as ruas e sinais que se multiplicam numa cidade. Isto auxiliou em demasia o andamento de meu trabalho. Auxílio que acredito agora se reflita não em uma abordagem inédita, mas no encontro prazeroso de olhares possíveis sobre Criciúma.

Há contudo uma pedagogia da perdição que não se encontra ainda assimilada apesar dos esforços enormes empreendidos por sociólogos, antropólogos, arquitetos e historiadores de subversivamente caminharem em direção a esta perdição²⁹. Portanto, parece estranho que para me deixar perder tenha que necessariamente encontrar algo. Mas o estranhamento é uma prática há muito absorvida pelos historiadores, e fatalmente me deparo com elas: as fontes. Arquivos, bibliotecas, instituições, entrevistas, fotografias, publicidade, festas, trabalho, viagens, junto ao esquecimento momentâneo de outras tantas, frente a uma evidente perdição, e num Português tão extraviado quanto, se constituem em “achamentos”. E simultaneamente são a razão do meu afeto — pelo prazer que me proporcionaram — e a incerteza de meus apontamentos — pela incompletude irredutível que encerram. Incursões

²⁸ Existe um desgaste visível de polarizações no debate historiográfico atual, é certo que já não existem “mocinhos e bandidos”. Aliás, muito recentemente a comunidade internacional de imediato rechaçou a idéia posta pelo atual presidente americano, George W. Bush, de polarizar o conflito envolvendo o terrorismo cometido às torres do World Trade Center e ao pentágono como “a luta entre o bem e o mal”.

²⁹ Destaco entre outros tantos os trabalhos de: Nestor Garcia Canclini, Homi K. Bhabha, Massimo Canevacci, Walter Benjamin, Michel de Certeau e Michel Maffesoli.

pela cidade, conversas, visitas a arquivos. Talvez para se deixar perder seja necessário saber optar por desvios incertos, ao invés de caminhos seguros.

As imagens com as quais tive contato ao longo da minha pesquisa foram fundamentais para a transformação da tese neste resultado final que aqui se insinua. Apesar disto este trabalho infelizmente³⁰ não tem no trato elaborado de imagens o seu foco central. Quando ainda procurava algo que me fosse um indício forte da versão que queria dar à tese e que embora à época (1999) ainda não tinha amadurecido, foi justamente uma imagem que me forneceu tal elemento. Assim, uma foto encontrada num arquivo público municipal de Criciúma acabou se transformando no *starter* desta pesquisa³¹. Nela, mineiros colocam como um colar se põe à garganta de quem se ama, um cacho de bananas na escultura³² de bronze edificada em homenagem a eles. Indício que sinaliza alterações sensíveis no coração da cidade, mesmo àqueles que com ela mantenham contato epidérmico.

O ato de contar é seletivo e é assim que ele se torna um parente próximo do narrar, ação esta muito bem ilustrada por Walter Benjamin³³. Se um enredo é constituído por intrigas, mexericos³⁴, confusões e ardis, ou seja, uma maquinação nas palavras de Certeau, parece adequado que sua formação se realize através de perícias. Não as perícias técnicas

³⁰ Anoto infelizmente pois durante algum tempo estive tentado a desenvolver a tese através da discussão ou do uso de imagens, na tentativa de obter destas os textos que comunicam. Contudo, por uma série de limitações, resolvi não enveredar por tão sedutor caminho. Fica ainda assinalado que na medida do possível utilizo de imagens na tese, embora elas sejam utilizadas ainda limitadamente como complementos. O desafio continua colocado.

³¹ A foto é apresentada no ensaio Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos.

³² A escultura faz parte do monumento conhecido como “do mineiro”. Em realidade o título que encima a escultura é mais elucidativo (“Aos homens do carvão”), sendo que neste monumento estão dispostos outros nomes (com seus respectivos medalhões) envolvidos com a cultura do carvão na cidade.

³³ BENJAMIM, Walter. O Narrador. In: Op. Cit. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 7ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (1ª ed. 1987).

³⁴ Há um trabalho desenvolvido por Norbert Elias em que o mexerico, ou seja, a fofoca é “seriamente” analisada. “A fofoca, em outras palavras, não é um fenômeno independente. O que é digno dele depende das normas e crenças coletivas e das relações comunitárias”. ELIAS, Norbert. Observações sobre a fofoca. In: Op. Cit. **O**

(embora o historiador precavidamente não as tenha abandonado), mas sobretudo as habilidades que fazem do narrar uma experiência histórica notável. É desta forma que o historiador continua aprendendo a contar histórias (mesmo que ainda não tenha conquistado tal perícia). Como um artesão ele busca habilidades. Subversivamente ele deve tentar inverter a ordem do ofício e acatar a popular expressão: “quem não trabalha, conta história”. É possível que assim desenvolva melhor suas habilidades.

É hora de optar, selecionar, imaginar ações, diálogos. Então, é hora de trilhar desvios. Este é o momento em que o contador de histórias se torna também protagonista delas. Busquei uma fala quase barroca, não em sua exuberância, mas na sua irregularidade e, se para um texto com o propósito deste, a carência última é identificar sua dicção, receio que esta se mostre quase sempre gaga³⁵.

Sobre esta realidade e como forma antecipada da polifonia a qual me dedico nesta tese, vejamos uma notícia encarregada de apresentar a cidade e que ainda a exhibe de modo monofônica:

Fundada em berço de ouro, sob a marca da predestinação, no dia 06 de janeiro de 1880, Criciúma foi colonizada por italianos, alemães, poloneses, negros e açorianos, que pela ordem, se fixaram na região. Em pouco tempo, as plantações cresciam e surgiam as primeiras moendas e engenhos. Nesse tempo quando se arrancavam a vida e o progresso da terra com as mãos, já eram claras as marcas que virariam o signo e o símbolo desse povo em construção. Sinais que se perpetuariam na audácia e no arrojo de enfrentar e vencer desafios³⁶.

estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Pgs. 121-133.

³⁵ Há um sentido fértil da gagueira, estimulada, por exemplo, por Gilles Deleuze “conseguir gaguejar em sua própria língua, é isso um estilo. É difícil porque é preciso que haja necessidade de tal gagueira. Ser gago não em sua fala, e sim ser gago da própria linguagem. Ser como um estrangeiro em sua própria língua”. DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: editora Escuta, 1998, p.12.

³⁶ Internet. <http://www.terra.com.br/cidades/cua/conhecacriciuma.htm#localizacao>. Capturado em 2001.

Então, de forma a fugir da monofonia, nesta tese são discutidas outras temáticas, que partindo da configuração cultural e social exibida aqui — prenhe de invenções e criações —, dê conta de refletir manifestações diversas que se tornam mais visíveis na cidade, especialmente a partir da década de 1980, acompanhando o ocaso da exploração carbonífera. Inserem-se nesta dimensão, a Quermesse: Tradição e Cultura (também conhecida como festa das etnias), a comemoração do Centenário de Criciúma (realizado em 1980), fenômenos de emigração, da dolarização crescente³⁷, entre outros, e que permitem a audição da polifonia³⁸ produzida na cidade.

Na polifonia cricumense há dissonâncias, porque é assim que uma cidade, qualquer cidade, se constrói ou se deixa ouvir. Em que pese os esforços para mostrar “*Criciúma, plantada no tranqüilo sul catarinense*”³⁹, o que se verifica na cidade são suas fraturas, expostas numa hiperinflação de signos: um parque centenário que agora se chama das etnias; um monumento que era dos mineiros e que tem agora sua legitimidade questionada⁴⁰; uma festa (Quermesse) criada inicialmente (1989) para celebrar as cinco etnias

³⁷ Fenômeno mais vivo a partir da década de 1990, quando se intensifica o processo de emigração de cricumenses para os Estados Unidos. Ver discussão mais à frente, colocada no ensaio sobre a Quermesse: Tradição e Cultura.

³⁸ Estou me referindo à instigante abordagem cidadina realizada por Massimo Canevacci: “A cidade se apresenta polifônica desde a primeira experiência que temos dela. (...) a cidade em geral compara-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam, e também designa uma determinada escolha metodológica de dar voz a muitas vozes”, experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto — justamente a comunicação urbana”. CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993, p.17-18.

³⁹ ARNS, Otília. **A semente deu bons frutos**. Florianópolis: Casa Civil, 1985, p.11. A referida obra, preparada por ocasião do centenário de Criciúma (1980), mas somente publicada em 1985, foi ao menos até 1994, a principal referência da qual se serviu a prefeitura do município para promover e visibilizar a cidade tanto *domesticamente* como em âmbito estadual e nacional, conforme se pode verificar numa inumerável série de documentos, ofícios e folders emitidos pelo poder público local. Em entrevista realizada por mim em 15/03/2002 na cidade de Forquilha, antigo Distrito de Criciúma e dela emancipada em 1989, Otília Arns ratifica esta visão sobre Criciúma e particularmente sobre forquilha. A fala da *memorialista* é melhor explorada no ensaio relativo às comemorações do centenário de Criciúma que se faz presente nesta tese.

⁴⁰ Atualmente se discute de modo pulverizado entre empresários, políticos, poder público a representatividade do monumento do mineiro, criado em 1946 e transferido na década de 1970 para um dos cantos da praça Nereu Ramos.

“fundadoras e/ou construtoras da cidade”, depois seis, sete, oito, para finalmente em 2001 voltar a seis; a dolarização da cidade que aquece sua economia; e tantas outras notas que dela ecoam⁴¹. Nesta ambiência é impossível pensar num lugar perfeito e completo, onde a diversidade daria conta de tudo acomodar, mesmo porque, no completo perfeito, num partícipio passado constantemente atualizado, não há espaço para a alteridade, nela o outro será sempre “*este difícil*”. O pesquisador deve saber ouvir as desafinações e reconhecer que no “*peito dos desafinados também bate um coração*”. Daí a necessidade que se impôs ao meu trabalho de cuidar da (des)constituição de diferenças e não da diversidade.

Um olhar apressado sobre Criciúma é viável, mas na mesma medida, acredito, inútil. Desejo afirmar que a abordagem a qual me inseri, ao invés de ter como lugares seguros a etnicidade, classe, religiosidade; procurou neles quase sempre sua instabilidade, buscando ouvir e ler estes elementos como constituidores e constituídos por urdiduras. Assim as diferenças podem, não apenas como uma espécie de compromisso moral, serem respeitadas, mas legitimamente existirem, pois “*a diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas de valor cultural*”⁴². Nas análises que se podem realizar sobre a cidade das etnias há sempre e, ainda, um além.

Entre tantas aberturas possíveis para se entrar em Criciúma, duas particularmente se mostram com maior imponência: a cultura do carvão e o que na ausência de uma denominação adequada chamo de *mercado étnico*. Num trabalho muito bem preparado, José Paulo Teixeira aponta:

⁴¹ Tópicos como a dolarização presente em Criciúma produzida pelo fenômeno da emigração para os Estados Unidos que se avoluma a partir da década de 1990 são abordados nos ensaios desta tese.

⁴² BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço Lima dos Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.228.

“se é válido pensar a cidade a partir do reconhecimento social dos mineiros e de sua força histórica e simbólica, reduzi-la a isto seria uma mistificação, uma ideologização da história de Criciúma, da mesma forma como faz a historiografia oficial ao reduzir e reproduzir a história da cidade pelo viés da colonização, isto é, a partir das diferentes etnias que colonizaram a cidade no final do século XIX e início do século XX”⁴³.

Atenta observação. Partindo dela, apresento o modo pelo qual, ou melhor, os modos pelos quais trato de discutir a etnicidade (ou seus usos) na cidade. Assim, busco na Quermesse: Tradição e Cultura, o evento iniciador da reflexão. Se externamente, para as demais cidades do estado, Criciúma ainda lembra a *capital do carvão*, internamente o que se vê é uma profusão de tantas outras manifestações, entre elas, a Quermesse. As investigações realizadas indicaram que há mesmo um esforço considerável de fugir da “Sina de Potosi”⁴⁴. Significativo então passa a ser o momento de criação da festa (1989), quando a cidade atordoada com os cortes de subsídios que por mais de cinquenta anos garantiram a indústria carbonífera, se inventa mais uma vez. Esta festa hoje suporta uma ponderável capacidade de reunião. É um daqueles temas que salta aos olhos do historiador.

Como já comentado, a festa foi criada com intenção de homenagear as etnias colonizadoras de Criciúma: italiana, polonesa, alemã, negra e portuguesa. Parte desta homenagem já havia se edificado, tornado monumento em 1966, quando se inaugura o monumento do imigrante (ou da primeira mó), localizado na praça do mesmo nome. Naquela oportunidade uma pedra redonda (em forma de roda de moinho) era sustentada por três colunas que simbolicamente lembravam as três etnias fundadoras da cidade: italiana, polonesa

⁴³ TEIXEIRA, José Paulo. Op. Cit., p.34.

⁴⁴ Referência à cidade boliviana, fundada por espanhóis em 1545 com a finalidade de exploração de prata. A partir do século XIX enfraquecida pelo abandono das minas, a cidade se retrai. Esta relação com Criciúma foi voluntariamente apresentada em duas entrevistas realizadas. A primeira com o ex-prefeito da cidade em duas gestões, o arquiteto Altair Guidi. Uma outra foi citada pelo jornalista Adelor Lessa quando afirma: “Criciúma já superou a sina de Potosi”. Entrevistas concedidas a mim na cidade de Criciúma em 23/06/2000 e 27/04/2001.

e alemã. A população negra e litorânea (chamada etnia portuguesa) não são presentificadas. Porém, em 1980, uma nova homenagem ganha imponente edificação: o monumento do centenário (conhecido também como das etnias). Agora São cinco etnias que se materializam no monumento: italiana, polonesa, alemã, negra e portuguesa.

Estes referenciais, simples mas contundentes, instalaram em mim desde cedo uma forte inquietação: como “mexer” com isto tudo? Então, tomamos aquilo com o qual temos mais fontes ou afinidades e nos debruçamos sobre ele na intenção de um corpo para o trabalho? Não. Decidi — e para isto contribuiu muito uma orientação precisa e criativa — que a abordagem deveria privilegiar fragmentos e a partir dele tecer fios, contar histórias, identificando diferenças — e não apenas assumindo a diversidade redentora —, atentando para as fronteiras elásticas e/ou limitadoras das quais se constituem os territórios culturais, e onde a etnicidade é por vezes mais, por vezes menos, um de seus elementos formadores.

Busquei junto ao arquivo histórico de Criciúma, em entrevistas e outras possibilidades, coletar informações em relação ao entorno do centenário da colonização. As informações quase sempre muito dispersas — até hoje somente organizadas na versão oficialista do livro *A semente deu bons frutos*⁴⁵ — apontam a possibilidade de — através de ofícios, entrevistas realizadas à época e outras recentes desenvolvidas por mim, relatórios de concursos: escolha do hino, rainhas das etnias — melhor compreender como até então um conjunto empírico de fontes, acabou cristalizando uma idéia de cidade das etnias. Esta é umas das contribuições que pretendo alcançar junto à crítica historiográfica, dialogando com os

⁴⁵ ARNS, Oflia. Op. Cit.

“memorialistas-oficialistas”, tentando fugir do caráter solene dado a história, que apenas muito recentemente vem se alterando⁴⁶.

Assim, tentei entender como é possível, ainda hoje, frente a toda complexidade visível na cidade, a polifonia de significados e o irreduzível hibridismo⁴⁷, que na comemoração dos 121 anos de Criciúma se verificou em manchete de capa veiculada pelo jornal de maior tiragem no município a seguinte manchete: “*Criciúma, 121 anos de história italiana: trabalho, família e fé: legado dos italianos que construíram a maior cidade do sul*”⁴⁸.

Face ao que foi exposto penso numa articulação para o texto da tese que possa fazer vazar o caudaloso rio de fragmentos. Desta forma, estimulado a realizar ensaios, nas páginas que seguem trato de variados temas que são cingidos pela agulha penetrante da qual se investe uma vitrine-cidade. Os ensaios, desde cedo, para mim se apresentaram como o modo mais adequado, visto as possibilidades que neles se encerram de produzir a escrita da história que pretendia narrar. Há uma historicização possível da prática ensaísta e, nela é comum se encontrar o ensaio pensado como estudo sobre determinado assunto com densidade menor do que um tratado formal e acabado. Uma tese tem em si uma densidade, e me esforço para alcançá-la nesta que agora apresento. Talvez não aquela classicamente pensada nas ciências humanas, onde a história se insere. No caso específico desta tese é a categoria do inacabado que dá o tom da escrita. Não houve para mim outra possibilidade, que não o

⁴⁶ Se pode identificar uma quantidade razoável de trabalhos acadêmicos que tentam, ainda que de maneira bastante inicial, prestar um novo fôlego à construção da história de Criciúma. Contribuí muito para isto o Curso de História da UNESC, criado em 1995.

⁴⁷ Sigo a trilha semeada por Nestor Garcia Canclini, que prefere trabalhar com “*processos de hibridação, abrangendo diversas mesclas culturais*”. CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998, p.21

⁴⁸ JORNAL DA MANHÃ. Criciúma: Jornal da Manhã, 6 e 7/01/01. Capa e pgs. 10-11.

ensaio⁴⁹, de falar de algo fugidio como a cidade contemporânea, cuja a face nômade está aí para ser observada e vivida.

A história realizada na última década ainda se mostra como um grande desafio. Os sentimentos e as subjetividades que envolvem sua realização ainda não foram experimentados em sua maioria. Por vezes se tem a sensação semelhante àquela que um chocolate amargo provoca no paladar: nós ainda não sabemos se apreciamos o sabor, mas continuamos comendo por pura gula.

Depreendo do que tentei apresentar, a imagem de um prato simples, com mingau bem temperado, fumegante e quente. Há um adágio popular que se pode perfeitamente ouvir em Criciúma: “*coma o mingau pelas beiradas*”. Aceito a sugestão de bom grado. E como quem cozinha um galo, tento iniciar a gastronomia imagética⁵⁰.

⁴⁹ Por certo esta é uma estética da escrita mais utilizada na literatura, mas acredito que historiadores mais e mais se encontram seduzidos por esta possibilidade. Então, aqui tomo a prática do ensaísta: “um experimentador do possível” como disse Eduardo Lourenço, ensaísta português. (In: LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa ou as duas razões**. Lisboa: IN-CM, 1998). O professor de Teoria da Cultura da Universidade de Chicago, Homi K. Bhabha, em seus escritos deixa claro, embora não se dedique a explicar, a dimensão do ensaio que eu gostaria de elucidar. Acredito também que não seria possível dizer que a obra de Bhabha careça de densidade. É por certo uma obra aberta. Mais conhecido na América Latina, o antropólogo Nestor Garcia Canclini diz o seguinte sobre a dimensão ensaística: “prefiro a maleabilidade do ensaio (...) que permite mover-se em vários níveis. Como escreveu Clifford Geertz, o ensaio torna possível explorar em várias direções, retificar o itinerário se algo não caminha bem, sem a necessidade de defender-se durante cem páginas de exposição prévia, como em uma monografia ou em um tratado”. CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit., p.28. Ainda sobre a defesa do ensaio, desta feita a partir de crítica literária ver: PINTO, Manuel da Costa. **Albert Camus: um elogio do ensaio**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998, que entre outras afirmações, indica: “(...) O ensaio, portanto, não é uma variação subjetivante dos tratados filosóficos, mas uma forma de percepção do real que, suspendendo as verdades sobre a essência dos objetos do mundo, e embora não possuindo ainda um saber que preencha este vazio, vai construindo seu novo universo (...)”. In: PINTO, Manuel da Costa. Op. Cit., p. 23.

⁵⁰ Neste caso aceito a sugestão de Michel Maffesoli quando diz ser necessário o reconhecimento da profusão e “o papel, a pregnância da imagem na vida social”. MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: artes e ofícios, 1995, p.89.

I**Para além da comunidade imaginada
Quermesse: encontros e desencontros na esquina do mundo**

**“Ontem na cidade, ontem na cidade, sangue.
Na vitrine a modelo, na vitrine a modelo, linda.
Vitrine viva! Vitrine viva! Vitrine! Ontem eu
estava lá, ontem eu estava lá, ontem. Você estava
lá, você estava lá e eu não vi. Que azar o meu.
Você estava lá e eu também. Eu não sou a vitrine
linda. Eu não sou!”**

(Edgar Scandurra)

**“O povo da cidade delicia-se a gozar a paisagem
e o tumulto do largo apinhado, onde há um**

**colorido tão variado de vestes que faz lembrar vagamente uma festa ou feira em Marrocos”
(Virgílio Várzea)**

**“Esperamos que as autoridades municipais continuem organizando a quermesse e que as etnias, as entidades e a comunidade continuem integradas participando deste evento de tradição e cultura de nossa cidade”.
(Onélia Alano da Rosa – Etnia Negra)**

Na tenda portuguesa há um fado que se pode ouvir ao fundo. Ele se confunde com o pop *Planeta dos Macacos*. Bem ornada e alinhada, se dispõem pela tenda uma série de painéis, tentando fixar imagens da presença portuguesa em solo brasileiro ao mostrar como se deu a construção territorial do imponente achamento português desde o século XVI. A comida oferecida, bem cuidada, proporciona um agradável aroma. O cardápio sinaliza: bacalhau, batatas e doce de abóbora com cravo.

É possível por um agora, num tempo minúsculo de um sorriso, lembrar de outras quermesses, daquelas em que apostando algumas parcas economias, se torcia para ganhar “*uma garrafa de vinho e uma camisa marrom*”, prêmios anunciados por um microfone de efeito quase pífilo. Contudo, ao calar o sorriso, o som que se ouve é outro bem diferente. O som agora é *high-tech*, e o que ele produz naqueles que se deixam perder nos seus harmônicos, se encontra distante da monofonia do outro agora. Um locutor sobrepõe outras vozes. Há agora uma polifonia. Imerso nela, a voz sobreposta convida a todos para que visitem o museu Casagrande, “*antiga casa de um dos colonizadores da cidade*”. O convite ainda se estende à “*irresistível prova de um pierogi polonês*”.

À mesma rua, o pierogi pode ser saboreado. Ele se transfigura, se materializa na tenda polonesa. Nesta já não há um fado, mas sim uma música capaz de permitir àqueles que possuem habilidade de ligar sons à lugares, talvez uma viagem à Cracóvia ou Varsóvia. Nesta tenda, há uma bandeira polonesa a informar os desavisados da territorialidade do espaço. Ela

se confunde com outra bandeira de um grupo folclórico que tenta “resgatar” a cultura polonesa.

Neste passeio, à mesma rua, se encontra uma terceira tenda. A língua é a mesma das outras tendas, se fala nela o Português. Mas existe uma série de outros sinais que a diferencia das demais. Um senhor colocado à sua entrada comunica a todos a urgência em se saborear a comida, afinal esta “*é a única oportunidade no ano em que servimos comida alemã na cidade*”. As bandeiras não se repetem, elas são mesmo outras. Agora lembram alguma região ou cidade da Alemanha. A comida já não é o pierogi ou o bacalhau. Come-se marreco recheado, chucrute e a sobremesa é strudel. Orgulhosamente, a tenda se mostra como a única a apresentar música ao vivo: uma bandinha alemã.

Agora os brasões e bandeiras são outros. Eles anunciam a territorialidade italiana. É outra também a comida: polenta, galinha e massas são os pratos a produzir o aroma da tenda. Alguém anuncia a tarantela como música “típica italiana”, enquanto no palco em frente, um grupo folclórico encena a música da paquera siciliana. Neste momento, as diferenças entre sicilianos e italianos do norte estão circunscritas a um outro lugar, em outras tendas.

A situação, disposta à mesma rua, agora já é outra. Uma senhora à entrada da tenda está muito bem vestida com um manto à tigresa e um turbante à cabeça, anunciando outros lugares, de identificação mais imprecisa, nem por isso menos visível. É a tenda da etnia negra. Carrancas e máscaras ornamentam as paredes. As bandeiras são muitas, e numa profusão de cores tentam dar conta de outros lugares: Guiné-Bissau, Angola e Jamaica. O cardápio consiste em peixe, camarão, saladas e um saboroso doce de leite como sobremesa.

Em outra tenda é hora de receber visitas. Não muito à vontade, preparando um kafta, o governador do estado junto a sua esposa e outras tantas autoridades, está na tenda

árabe. Faz dois dias que o mundo assistiu o desabamento das duas torres do World Trade Center em Nova York. A configuração aguça a curiosidade e o número de pessoas na tenda é grande. Papiros, cristais, véus, bijuterias egípcias, caixas de madrepérola, gabbeks, lanternas, e num canto da tenda, uma moça encenando a dança do ventre. Hoje é a noite da etnia árabe. Simultaneamente, no palco principal, as apresentações se dão. Danças e músicas em tudo tentam lembrar o mundo árabe.

Há uma tenda menor, em realidade uma oca. Nela não existe comida, muito menos *típica*. Não há trajes típicos, tampouco alguém que tenha suposta legitimidade para ostentá-los. Os diacríticos são outros. Balaios, redes, arcos e flechas, ossos de baleia, se penduram em pilares, pois na oca não há o confinamento impresso pelas paredes presentes nas demais tendas. O público que a frequenta é bem menor. Compõe-se de alguns curiosos e outros professores e membros da Universidade local. Alguns depoimentos coletados numa obra pouco conhecida, mas de reconhecido valor, acompanhados por grafites feitos por um artista da cidade tentam lembrar a presença indígena naquele lugar.

Outras tendas, bem menores, e com preocupação maior em delimitar mercados também estão dispostas pela rua, ou melhor, através das ruas. São barracas de bancos (do Estado de Santa Catarina – BESC, por exemplo), Previdência Social, imobiliárias, postos de combustíveis, emissoras de rádio e televisão, Polícia Militar, Prefeitura, e a multiculturalista barraca de organização do evento, e juntas empreendem esforços para transformar diversidade e diferenças em negócios.

Este cruzamento de territórios, traduzidos nas ruas descritas, constituíram em 2001, grosso modo, o chamado Parque das Etnias⁵¹, até 2000 conhecido como Parque Centenário, situado junto ao Paço Municipal de Criciúma. Nele se realizou a XIII Quermesse de Tradição e Cultura, também chamada de Festa das etnias. É possível que uma sensação de se estar colocado numa espécie de “*esquina do mundo*” alcance aqueles que foram apresentados à festa através deste estudo. Talvez Criciúma possa mesmo estar desenvolvendo tamanha habilidade. Mas através de uma leitura um pouco mais cuidadosa e lenta, trato de discutir algumas implicações que se conectam a tais manifestações.

⁵¹ Formalmente inexistente lei que regulamente a instituição do Parque da Etnias. Em realidade sinais para criação deste referido parque já podem ser identificados no início da década de 1980 quando do projeto do Parque Centenário cuja idéia criadora em sua maior parte se vincula à prática modernizadora implementada em Criciúma com maior força a partir de 1972, na gestão de Algemiro Manique Barreto (ver por exemplo discussão iniciada por NASCIMENTO, Dorval do. **As Curvas do trem:** a presença da estrada de ferro em Criciúma (1919-1975) – cidade, modernidade e vida urbana. Florianópolis: UFSC, 2000. Dissertação de Mestrado) e dada continuidade logo em seguida por Altair Guidi, “*o prefeito do Centenário*”. Nos documentos e anotações do arquiteto Manoel Coelho, responsável pelo projeto e execução do Parque Centenário, se pode notar hesitação em nominar o referido Parque. Transitando entre Parque Centenário e Parque das Etnias ao longo da década de 1990, o Parque se compõe de grandes e imponentes edificações: Paço Municipal Marcos Rovaris, Centro Cultural Santos Guglielmi (que se divide entre a Biblioteca Municipal John Kennedy e Teatro Elias Angeloni), O centro Esportivo Olavo Sartori e o Memorial da Cidade denominado Dino Gorini. A ação titubeante na denominação é sinal muito visível da experiência incerta que mulheres e homens vivem nas últimas duas ou três décadas, mesmo se tivermos na alça da mira a contribuição crítica clássica — na seara aberta por Jurgen Habermas — de que a modernidade ainda acontece. É sobretudo frente a projetos racionais que a incerteza mostra sua face, e para desespero de uma retórica no mínimo renhida, é onde ela se mostra mais produtora de tensões. Por mais dolorosa que seja a ação, é necessário aguçar a sensibilidade. Eis pois a tirada do momento: “(a) temática do sensível bem que poderia ser a marca da pós-modernidade”. IN: MAFFESOLI, Michel de. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 16.



Portal da XIV Quermesse: Tradição e Cultura (Festa das Etnias)

Foto: Emerson César de Campos

A cidade que se encontra e se perde na festa:

A constituição ou organização de uma quermesse parece ser motivada por uma ação solidária em forma festiva. Se empiricamente quase todos nós trazemos, mesmo em nossas lembranças mais antigas, uma idéia de quermesse, campear um tino mais elaborado não constitui uma tarefa muito simples. Surpresa pode provocar no incauto que de modo apressado procure uma qualificação última para o termo, o que acredito seja ainda uma ausência.

A maior parte dos registros, quer sejam partidos da tradição oral ou da literatura denunciam quermesse como uma feira paroquial, com folguedos populares, um bazar onde se pode encontrar as mais variadas miudezas⁵². Uma grande feira enfim. Assim, uma das

⁵² É neste sentido que o mais conhecido dicionário da Língua Portuguesa no Brasil apresenta o termo: “Do flamengo *kerkmisse*, pelo fr. *kermesse*.] Feira paroquial que era celebrada anualmente nos Países Baixos, com grandes folguedos populares. Bazar ou feira beneficente, em geral com leilão de prendas” In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

idealizadoras da primeira quermesse de tradição e cultura em Criciúma (1989), explica a forja do termo na cidade:

“À época em que voltei para a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura, e estando certo dia sentada com algumas pessoas pensando no que realizar para mexer no ego da cidade, que sofria visivelmente a falência do setor carbonífero, tivemos a idéia de criar uma festa para a cidade. A quermesse saiu do Departamento de Cultura da secretaria, nós queríamos recuperar o espírito festivo e celebrativo do centenário (realizado em 1980). Levantar a moral da cidade, não adiantava ficar chorando pelos cantos. Então optamos por uma festa. Que nome daríamos a ela? Eu imaginei uma festa com barraquinhas coloridas, música apresentações de artistas locais, grupos de dança, folclóricos e outros. Gente da cidade. Então falei, lembrando das festas que antigamente se realizavam: vamos fazer uma quermesse. Alguém colocou em dúvida o nome, outro trouxe um dicionário, chegaram a dizer que o nome correto era cremesse. Por fim acabou ficando quermesse.⁵³

Há sempre presente entre os organizadores da festa não somente a preocupação em se mostrar como participante. Mais do que isto, a criação da festa é disputada por quase todos que se envolveram com ela desde sua primeira edição. Embora não tenha a intenção de com este trabalho indicar os “*autênticos criadores*”, vejamos algumas exhibições desta suposta paternidade ou maternidade, partindo de olhares e lugares sociais distintos postos na cidade.

Para Archimedes Napolini Filho, Escritor, Político e Assessor de Comunicação, “*a quermesse é uma tentativa de abafar um pouco o sucesso que um ano antes havia feito a Porca Pipa, festa organizada por mim para a comunidade italiana (...) não foi gratuito que no ano seguinte (1989) foi criada a Quermesse*”⁵⁴. Já Maria Heloísa Nazário Felipe,

⁵³ Entrevista concedida a mim por Maria Marlene Milanez Just, na cidade de Criciúma, em 10-03-02. Marlene Just foi secretária da educação na gestão de Altair Guidi e uma das principais articuladoras das comemorações do centenário em 1980. Em 1989, com a volta de Guidi à Prefeitura, Marlene Just assume o cargo de coordenadora cultural na Secretaria de Educação de Criciúma. Há muito vivo na falas das pessoas que se envolvem ainda hoje na organização da Quermesse: Tradição e Cultura, um interesse em se mostrar como participante direto da criação da festa.

⁵⁴ Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 25/04/2001.

professora do Ensino Fundamental, aposentada e vinculada à comunidade negra do Bairro Santa Bárbara:

“ A quermesse começou com uma conversa entre a gente. Víamos a necessidade de uma festa no centro, na praça, onde todos se integrassem. Até falei para meu marido à época: ‘Amadeu, vamos pegar umas panelas ai e tal e vamos ajudar o pessoal a fazer a festa na praça’ ”⁵⁵.

E ainda, Irma Tasso de Oliveira, funcionária da fundação Cultural de Criciúma:

“Em 1989 não foi iniciativa nossa, do poder público. Ela começou com uma iniciativa do Lions e o Rotary que queria angariar fundos pra entidades filantrópicas. Neste momento a quermesse está ligadíssima às entidades filantrópicas e beneficentes”⁵⁶.

Em trânsito, serenamente diria que há mesmo um caráter doméstico numa quermesse. Uma festa para consumo interno. Sim, pois o cosmopolitismo presente hoje em Criciúma por certo é de um posterior momento, ele é por assim dizer engendrado no calor da hora. A hora da ereção, o momento em que se faz necessário levantar-se do chão, aquele em que a festa deixa de ser *para a cidade*, e passa a ser *da cidade*, momento mais significativo que apenas uma barganha gramatical.

Quando do início da quermesse realizada em Criciúma em 1989, arrebatadoramente a festa tem tímida manifestação, um caráter caseiro ou doméstico, realizada à “toque de caixa”, pouco divulgada, enfim de consumo interno ou “*para a cidade*”. Para que fique melhor apresentado, se pode afirmar que a partir de sua terceira edição, em 1991, vinculada a outras tantas irredutíveis manifestações como o corrosivo processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional que irá alterar sensivelmente o mundo do trabalho em Criciúma — especialmente no setor carbonífero —, a festa passa a se consolidar

⁵⁵ Entrevista concedida a mim, na cidade de Criciúma, em 28/07/2001.

⁵⁶ Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 02/09/2002.

como um grande evento, até alcançar em seguida, em 1992, uma divulgação e organização maior, de projeção regional, “*da cidade*” para outras tantas.

A hora é aquecida pelo fogo que nela atíça a segunda administração do prefeito Altair Guidi, que desde a primeira edição da festa não medirá esforços para projetá-la, priorizando a capacidade de promover encontros e celebrar a cidade. Em seguida, 1993, a festa será também priorizada pela administração de Eduardo Moreira, político de oposição à administração de Altair Guidi. Isto fica explícito na primeira reunião da então nova equipe que organiza a quermesse. Em ata documental da reunião preparatória para a V Quermesse de Tradição e Cultura, o presidente da Fundação Cultural de Criciúma diz o seguinte: “*Espero que a Quermesse deste ano (1993) seja igual ou melhor que as dos anos anteriores*”⁵⁷.

Uma quermesse pode ser também um evento articulador de significativas manifestações. Em 1997, quando se definiu a reintegração de posse de Hong Kong do Reino Unido para a China, a imprensa brasileira anunciava: “*(...) dia 22 de junho, uma quermesse terá lugar no estádio de Hong Kong para festejar a entrega do território (...) a se efetivar no dia 30*”⁵⁸. É como se uma quermesse, em sua efusiva miscelânea, pudesse momentaneamente dar conta, ao menos apresentar, as profundas transformações ocorridas nos múltiplos territórios de Hong Kong⁵⁹, cidade que cresceu de costas para a China Comunista e foi por

⁵⁷ Declaração de Henrique Packter. Ata do dia 17-05-93. Extraído do livro de registro das atas de reuniões da Quermesse de Tradição e Cultura, disponível na Fundação Cultural de Criciúma.

⁵⁸ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 26 de maio de 1997, p. 7-8.

⁵⁹ Em 1898 os ingleses arrendaram territórios da China por um prazo de 99 anos. Hong Kong foi até 1997 ponto de partida (e chegada) européia na China Imperial servindo durante muito tempo como única via de contato da República Popular da China com os países europeus. Para isto ver entre outros: FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências, séculos XVIII a XX. Tradução: Rosas Freire D’Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

cem anos, um símbolo forte da ocidentalização do mundo⁶⁰, da economia de mercado, da modernização ocidental. Esta conotação transnacional⁶¹ da qual uma quermesse pode se revestir atualmente se exhibe em outros tantos exemplos.

Alcançado ao menos uma década de discussão substancial sobre fenômenos que em tudo se relacionam a processos de internacionalização do mundo, e que apenas muito recentemente — historiadores, sociólogos, antropólogos e geógrafos e outros tantos estudiosos — chamamos de globalização e, mesmo ainda um tanto nebulosos, as configurações que se tramam a partir de manifestações econômicas, sociais e culturais como a constituição de blocos econômicos, de agilidade na informação e de elasticidade ou alargamento de fronteiras, transportam a singularidade, pouco discutida é verdade, de mostrar a todos e a cada um, para usar uma expressão de Otávio Ianni, que “*afinal somos parte da humanidade*”. Perplexidade que assusta pela frieza do real — enfim nos mostramos ao mundo, o chamado terceiro ou quarto mundo — e também pelo que esta narcisa configuração gera de exclusão e acirramentos.

⁶⁰ A expressão cunhada por Serge Latouche encerra uma idéia bastante clara de limites e fronteiras da própria experiência humana face à inquietante universalização planetária. Segundo Latouche “Nós partilhamos a convicção de que cada cultura tem muito a aprender com as outras, que ela pode se enriquecer com numerosas contribuições. Nem por isso é certo que cada uma possa entrar no jogo da reciprocidade, isto é, renunciar concretamente a sua ‘barbárie’ para obter da Outra que ela renuncie à sua, para que as duas possam desfrutar de suas trocas recíprocas. Como não há qualquer esperança de buscar qualquer coisa durável na fraude de uma pseudo-universalidade imposta pela violência e perpetuada pela negação da Outra, a aposta de que existe um espaço comum de coexistência fraterna a descobrir e a construir vale a pena”. In: LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo** (ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da universalização planetária). Tradução de Celso Mauro Paciornik. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 134.

⁶¹ O termo vem sendo muito utilizado nas últimas décadas. Deixo assinalada a contribuição de Otávio Ianni que diz: “Quando se analisam os diversos aspectos do processo de transnacionalização, mundialização, ou mais propriamente, globalização, logo se torna necessário reconhecer que ele leva consigo também a ocidentalização do mundo (...). Simultaneamente, revelam-se manifestações e desenvolvimentos de um processo que pode ser denominado orientalização do mundo, pela influência e adoção de elementos das culturas e civilizações orientais (...). São múltiplos e intrincados, ao mesmo tempo em que surpreendentes e fascinantes, os processos socioculturais que se desenvolveram pelo mundo, tanto atravessando territórios, fronteiras, mares e oceanos como mesclando culturas e civilizações, ou modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar”. In: IANNI, Octávio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 93.

Carlos Heitor Cony, lamentando a tentativa de disciplinar mercados e unificar investimentos, naquilo que chama de economia globalizada, sinaliza:

“(...) As nações serão reduzidas a paróquias, com direito a uma quermesse nos dias dedicados à antiga data nacional. O homem comum deixará de ser um nome e um cidadão. Será o consumidor, com direito a um código mais ou menos igual aos dos usuários da Internet: "hhipt/ hgy pyj/br-Ak3". Nem pai nem mãe nem sexo nem cidadania, discriminações superadas, inúteis no admirável mundo novo que está chegando”⁶².

Afora o fatalismo de enxergar a paroquização da “*comunidade política e imaginada*”⁶³, existe nesta ambiência chamada pós-moderna, transformações sensíveis em relação à cidadania, à comunicação, à flexibilidade do mundo do trabalho e tantas outras. Assim, “*admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo*”⁶⁴. Além disto, nesta ambiência, ou para usar uma expressão de um de seus críticos mais coerentes, nesta “*modernidade líquida*”⁶⁵, se encontram inúmeras discussões, e segundo o que pra mim se apresenta, se trata ainda de uma narrativa aberta.

⁶² FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 29 set de 1995, p. 1-2.

⁶³ Expressão cunhada por Benedict Anderson. De imediato não gostaria de obstruir a discussão em torno da idéia de nação, mesmo porque ao longo desta tese, inevitavelmente é abordado o tema. Contudo é necessário frisar que nação é um termo caro às ciências sociais desde Hegel, Herder, Max Weber, atravessando toda a historiografia francesa e inglesa, até alcançar discussões inovadoras como as de Benedict Anderson, Eric Hobsbawm e mais recentemente, Stuart Hall e Homi K. Bhabha.

⁶⁴ CASTELLS, Manoel. **A era da informação**:o poder da identidade. vol.2, São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 17.

⁶⁵ Expressão utilizada por Zygmunt Bauman quando de suas reflexões sobre o mundo contemporâneo. O interessante na obra de Bauman é sua impressionante lucidez frente a fenômenos da contemporaneidade, como a globalização: suas opções políticas e as implicações econômicas ligadas a ela. Para isto, entre outros títulos do autor citado, ver: BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

A cidade é uma instância significativa nesta desordem que se coloca. É nela que, por assim a dizer, a vida acontece. Para aqueles que tem nela seu foco de estudo, se torna um desafio diário a compreensão desta pulsante existência. Ouvir as músicas que as cidades cantam — e todas as têm — em suas harmonias e desafinações é de alguma forma vislumbrar a sinfonia de cada uma. Numa quermesse de um pequeno e distante vilarejo, em outra eletrônica, ou noutra realizada durante o dia do orgulho gay⁶⁶, o caráter celebrativo e exibicionista se faz sempre presente. Há algo que precisa ser mostrado. É desta forma que podemos visualizar a cidade como uma grande vitrine. Iluminação, opacidade ou translucidez são nuances desta cidade-vitrine. Uma vitrine viva.

A idéia de uma vitrine viva encontra numa quermesse um bom horário de exibição. Para além da possibilidade ou mesmo novidade da quermesse como um evento de grandes proporções, há também o sentido paroquial, caseiro e modesto da qual ela é impregnada. Criciúma é uma cidade que ao menos até a década de 1980 se constrói a partir de uma perspectiva voltada para o consumo interno. Diferente das demais cidades pólos de cada região como Blumenau, Joinville, Florianópolis, Lages, Itajaí e outras⁶⁷, Criciúma não se exibia para o Estado em forma festiva. O que não significa afirmar que motivos tantos não fossem capazes de colocá-la na ordem do dia. A extração de carvão, por exemplo, fez com que Criciúma se apresentasse para o Estado e país inúmeras vezes. Iniciativa esta que vai também promover o reconhecimento extra-citadino de ser ela, Criciúma, uma cidade onde os

⁶⁶ A exemplo da quermesse realizada no Arouche (São Paulo) em 27/06/2001 durante as comemorações da semana do orgulho gay (*gay pride*). Foi assim noticiada: “*Depois de correr o risco de ser interdita, a Quermesse Gay no Largo do Arouche aconteceu e foi até agora o maior evento da semana do orgulho gay em São Paulo*”. Internet: <http://www2.uol.com.br/mixbrasil/pride/pride2001/vieira.htm>. Capturado em 2001.

⁶⁷ Conforme estimativa da população de Santa Catarina encontrada no IBGE referente a 1999, Criciúma se apresenta como uma cidade de porte médio, contando aproximadamente com 167.661 habitantes. No sul catarinense, é a cidade com o maior contingente populacional, seguida por Tubarão com 86.321 e Araranguá com 55.842 habitantes. Em um total de 5.028.339 pessoas distribuídas no estado de Santa Catarina à época,

movimentos sociais eram articulados, organizados e combativos, fato este que na década de 1990 contará com o apoio do poder público, inaugurando o único monumento a presos políticos no Estado⁶⁸.



Monumento aos Presos Políticos – Bairro Santa Luzia
Foto: Emerson César de Campos

Por outro lado, também internamente, a cidade se construiu sob uma forte concepção étnica, que produziu mesmo um mercado⁶⁹. Criciúma contemporânea é um grande mercado étnico. Italianos, alemães, poloneses, negros, árabes, espanhóis e outras formações, sendo a mais recente a indígena, são enaltecidas pelo poder público e pelas associações étnicas e assistenciais. Evidente também é que a fraca exibição deste mercado, ao menos a

Criciúma era a 4ª cidade em número de habitantes, sendo precedida por Joinville com 428.011 habitantes, Florianópolis 281.928 e Blumenau com 244.379 habitantes.

⁶⁸ Na gestão de Paulo Meller, prefeito de Criciúma entre 1996 e 2000, foi criado o monumento aos presos políticos, na tentativa de “resgatar a ação valorosa da gente de Criciúma que lutou contra ditadura”, segundo depoimento concedido a mim por Arnaldo Ido de Souza, Presidente da Câmara de Vereadores de Criciúma, nesta cidade em 28/07/2001. Sobre o referido monumento ver discussão mais elaborada no ensaio Pequeno Dicionário de Aporias e Sobejos presente nesta tese

⁶⁹ Estou assumindo esta expressão devido as manifestações que encontrei. É certo que não existe um mercado delimitado perfeitamente, um espaço físico onde se possam comprar *souvenirs* ou coisas do tipo, afora o espaço da festa, embora alguns produtos sejam atualmente vendidos pelos camelôs na cidade: bonés, camisetas e outros. Contudo, o mais significativo para mim nesta expressão são as manifestações subjetivas, imaterializadas. Laços como o relacionamento de grupos sociais que se constroem a partir de uma determinada expressão étnica, caso que me parece ser a implementada, de modo mais presente, pelos descendentes de italianos quando criam suas entidades representativas. Sobre isto ver discussão mais à frente.

nível estadual, fez com que a cidade não fosse reconhecida como “*terra de italianos*”, ou “*cidade negra*” ou “*lugar de alemães*”.

Apesar da dificuldade em encontrar dados precisos sobre o contingente de descendentes de italianos⁷⁰, pois os mesmos variam muito conforme os referenciais adotados — subjetivos e objetivos — a exemplo da aquisição de dupla cidadania⁷¹, ou ainda a tensa relação Jus Soli e Jus Sanguinis — onde a prática de admitir o local de nascimento como fator determinante se relaciona a uma outra que privilegia a descendência —, é visível que entre a imigração européia deslocada para o Sul de Santa Catarina, desde a segunda metade do século XIX, os italianos são maioria expressiva, o que ocorre também de outras regiões do Estado como a Oeste e Alto Vale do Itajaí (cidades de Ascurra e Rio d’Oeste são exemplos). Em Criciúma, por razões inúmeras: fundadores do núcleo, primeiros comerciantes e políticos, os italianos formam um contingente significativo nas correlações de forças dispersas na cidade.

Em relação à população negra, em 1998, Criciúma apresentava, proporcionalmente, o maior contingente do Estado⁷², população esta que apenas muito

⁷⁰ Atualmente (2002) existem projetos bastante consistentes que têm buscado inventariar a italianidade em Santa Catarina, afora as conhecidas obras de historiadores como Walter Fernando Piazza ou ainda o trabalho do padre João Leonir Dall’Alba (Imigração italiana em SC). Neste sentido vem se realizando estudos sobre a imigração italiana, pelo CEDI (Centro de Estudos e Documentação sobre Imigração Italiana), vinculado à Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, sob coordenação do professor José Roberto Severino. Tal Centro vem procurando relacionar o fenômeno da imigração italiana em Santa Catarina a partir do século XIX, relacionando-o às manifestações culturais contemporâneas.

⁷¹ A aquisição de dupla cidadania por parte de descendentes de italianos em Santa Catarina é entre outros estudiosos abordada por: SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso**: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado. Sobre isto ver também discussão realizada mais à frente, no tópico sobre lugares presente neste ensaio.

⁷² Os dados são bastante contundentes quanto à participação e presença da população negra em Criciúma. Segundo o Anuário dos Trabalhadores do Dieese de 1998, Criciúma se apresenta como a primeira cidade em termos de população negra no Estado de Santa Catarina, com um índice de 5,45% da população total do município, seguida por Florianópolis, com 4,12%, Itajaí com 2,32% e Joinville com 2,13. Os dados, contudo, não me parecem indicar o que realmente se encontra na cidade. Do meu ponto de vista este número (5,45%) pode ser bem maior. Contudo, mesmo do ponto de vista formal e limitado por critérios nem sempre adequados,

recentemente passa a ser visibilizada, quer seja por ações implementadas pelo poder público, especialmente quando da organização das comemorações do centenário do município celebrado em 1980, ou mesmo a partir da organização da própria população negra, materializada na formação de blocos afros, associações étnicas, clubes, lugares religiosos e mesmo ainda do rap. Ainda assim, virtualmente inexistente expressão do tipo “cidade negra”, mesmo frente ao expressivo contingente desta população.

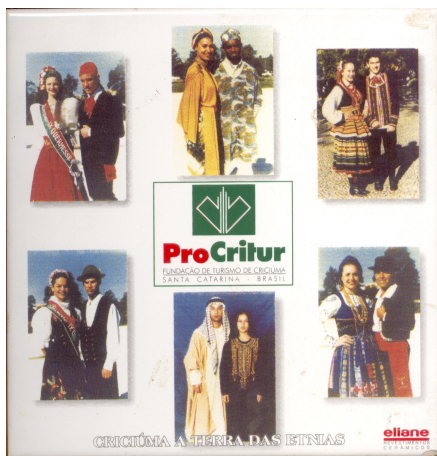
Ainda que atentos aos exemplos colocados, apenas muito recentemente é que Criciúma vem sendo propagada, e mesmo assim sem muita projeção estadual ou nacional, como a “*terra das etnias*”⁷³. É neste sentido que se projeta a Quermesse: Tradição e Cultura. Especialmente se tivermos na mira que uma cidade que teve a população praticamente duplicada em duas décadas⁷⁴, e que sob todos os aspectos pretende se mostrar como uma referência regional, deseja agora se exhibir. Quando da realização da primeira quermesse da tradição e cultura, em 1989, Criciúma já sentia os efeitos do desaquecimento da economia

Criciúma se apresenta com o maior contingente negro do Estado. Dados obtidos em: DIEESE-SC. **Anuário dos trabalhadores**. Florianópolis: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, 1998, p.30. Fechando estes exemplos, agora em relação aos alemães citados anteriormente, o contingente desta população na organização política do município foi sensivelmente reduzido quando da emancipação política de Forquilha, até 1989 um Distrito de Criciúma e para onde se deslocou, desde 1917, a maior parte dos alemães e seus descendentes.

⁷³ Para isto contribui de modo decisivo a ampliação da Quermesse: Tradição e Cultura. Desde 1996, as empresas cerâmicas situadas em Criciúma, e que a transformou no maior pólo cerâmico da América Latina, distribuem entre os participantes da quermesse um piso cerâmico onde são impressas fotos da cidade e dos grupos étnicos organizadores da festa. No sul catarinense, existem cerca de 10 empresas de revestimento cerâmico que se distribuem por seis municípios: Criciúma, Tubarão, Urussanga, Cocal do Sul, Içara e Morro da Fumaça. O destaque tem sido para Criciúma e Cocal do Sul, que sediam as duas maiores empresas de cerâmicas de grande porte, não só da região, como também, conforme se percebe em CAMPOS, R.; Nicolau, J.& P. *O cluster da indústria cerâmica de revestimento em Santa Catarina: um caso de sistema local de inovação*. Nota técnica. Criciúma, Unesc, 1999 (mimeo) são as maiores empresas de cerâmicas do país. A “*região sul-catarinense participa com 46% da produção nacional e 45% das exportações*”. Ver ainda discussão mais adiante sobre a troca do nome da festa de Quermesse: Tradição e Cultura para a Festa das Etnias.

⁷⁴ Em 1970 a população de Criciúma era de 81.451 habitantes. Já em 1991 a população era de 146.162. Nos resultados preliminares do censo de 2000, a população de criciúma era de 170.274 habitantes. Dados obtidos junto ao IBGE.

carbonífera, aquela mesma que ao menos por quatro décadas e enfrentando várias crises, foi a principal fonte de geração de empregos e renda do município⁷⁵.



Criciúma – A “Terra das Etnias”

Foto obtida a partir da digitalização de cerâmica distribuída na Quermesse.

Partindo desta configuração a cidade passa a se inventar sob novas perspectivas. É necessário cuidado para não tomar como pronta a observação de Ítalo Calvino quando diz que *“a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso e enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e a todas a suas partes”*⁷⁶. Tentando apanhar as partes de uma vitrine viva e estilhaçada é que se pode pensar uma cidade contemporânea. Para lembrar Baudelaire: *de*

⁷⁵ O que facilmente pode ser constatado com a confrontação dos dados. Em 1984 os empregos diretos gerados pelas carboníferas eram de 10.898. Em 1988 eram de 9.380. Em 1989 os postos de trabalho foram reduzidos para 7.910. Finalizando, em 1992 eram de 3.453. Os dados populacionais para os anos de 1984 e 1992 são imprecisos. Contudo, como um indicativo pertinente fica apontado que em 1980 Criciúma contava com 99.735 habitantes e em 1991 a população do município era de 146.162 habitantes. Fontes: SIECESC e PBDEE (Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico). Criciúma: AMREC /UNESC, 1997, p.195.

⁷⁶ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 119. A advertência é posta também por Massimo Canevacci, que em *A Cidade Polifônica* dedica um capítulo em sua primeira parte, à análise inovadora de Calvino, da qual destaca o olhar cameleiro. Ver: CANEVACCI,

uma cidade a história muda mais que um coração infiel. Um visitante qualquer ao chegar em Criciúma (e que não a traga no coração ou na mente) o que vê? Uma cidade italiana? Onde? Uma cidade mineira, congelada nos monumentos tal qual o frio que a assola no inverno? Que importância tem para o visitante os nomes que encontra na cidade: Benedet, Castelan, Arns, Omari, Santos, Carneiro? Estas reflexões são especialmente importantes para se entender uma cidade que se constrói, da cultura material à subjetiva, sob referências híbridas⁷⁷.

Parte considerável das manifestações que irão produzir o fruto chamado de Quermesse: Tradição e Cultura podem ser identificadas ainda em 1980, quando da comemoração do centenário da cidade, e num momento em que ainda a mineração promovia uma identificação forte de seus habitantes com a capital brasileira do carvão⁷⁸. Contudo, economicamente a cidade já apresentava diferenças que se representavam através de outros setores como o têxtil, o calçadista, o cerâmico e o metalúrgico⁷⁹. Parte de um projeto político

Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

⁷⁷ Por razões que são expostas no transcórre da tese estou pensando Criciúma enquanto cidade construída por uma forte expressão híbrida, em que pese os esforços para colocá-la como resultado da ação colonizadora, especialmente italiana, sendo que para isto contribuíram muito alguns projetos políticos implementados na cidade em vários momentos e ainda uma historiografia que desde cedo enalteceu esta ação. Para melhor compreensão do hibridismo são muitas as referências, das quais destaco os trabalhos de Nestor Garcia Canclini, Stuart Hall e Homi K. Bhabha. Neste último se pode encontrar: “*Para se apreender a ambivalência do hibridismo, ele deve ser distinguido de uma inversão que sugeriria que o originário é de fato, apenas um “efeito”.* O hibridismo não tem uma tal perspectiva de profundidade ou verdade para oferecer: não é um terceiro termo que resolve a tensão entre duas culturas, ou as duas cenas de um livro, em um jogo dialético de reconhecimento”. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 165.

⁷⁸ A expressão capital brasileira do carvão, que na década de 1990 entra numa espécie de ostracismo lingüístico, foi criada em 1948. Em livreto editado pela Prefeitura Municipal de Criciúma, datado de janeiro de 1986, o ex-prefeito José Augusto Hülse escreve que: “*instado a dar nome a um documentário cinematográfico produzido sobre a cidade, o então prefeito Addo Faraco, em 1948, o chamou de Criciúma: Capital do Carvão. Naquele momento o título foi criado*”. Infelizmente, apesar de inúmeros esforços, não foi possível obter maiores informações sobre a existência ainda do vídeo citado pelo ex-prefeito José Augusto Hülse. Atualmente (2002), a Fundação Cultural de Criciúma vem patrocinando campanha de recuperação de vídeos e outros trabalhos do gênero que tenham sido realizados sobre Criciúma.

⁷⁹ Na documentação encontrada sobre as comemorações do centenário dispostas no arquivo público municipal, é possível identificar alguns expositores dos mais de 200 stands criados para a realização de uma grande feira chamada *Expo100*. Entre os expositores comerciantes e industriais da cidade e região: Loja Lisandra, Posto São Pedro, Jóia Imobiliária, Irai Rolamentos, Metalúrgica Criciúma –Mecril, e outros. Na oportunidade, empresas carboníferas também mantiveram stands, a exemplo da CSN (atual Nova Próspera) e da carbonífera Criciúma.

mais amplo⁸⁰, em 1981 o então prefeito arquiteto Altair Guidi em sua primeira gestão, completa o calendário das comemorações do centenário, inaugurando o Paço Municipal, composto além do prédio administrativo da prefeitura, também por um memorial da cidade, um teatro, uma biblioteca e um ginásio de esportes dispostos num enorme Parque, à época chamado Centenário. No discurso de inauguração o prefeito falava à comunidade criciumense:

(...) Basta voltar os olhos para a realidade de Criciúma de alguns anos atrás para compreender o significado e importância deste evento que assinalamos hoje. A Criciúma de alguns anos atrás era uma cidade marcada pelo seu destino carvoeiro. Os sinais da exploração do carvão não ficaram apenas nas casas e praças, mas na própria alma da cidade. Criciúma era uma cidade feia, acanhada, pequena no dimensionamento de seu futuro e no debate de suas perspectivas como comunidade. Era por isso que os próprios criciumenses não assumiam a sua cidade, não viviam com entusiasmo o seu dia a dia. Quem vê hoje o interesse com que os moradores cuidam das ruas, das árvores e equipamentos urbanos mal poderiam acreditar que os criciumenses receberam com indiferença a primeira campanha de distribuição de mudas que fizemos. Quem vê hoje a animação e participação dos habitantes nas festas da comunidade certamente já esqueceu os tempos ainda recentes em que mal conseguíamos reunir as pessoas numa praça. Tudo isto é a nova Criciúma que estamos vivendo hoje. Tudo isto é o testemunho que agora os criciumenses acreditam em sua cidade, se orgulham dela. Tudo isto é o fruto invisível que hoje podemos colher graças a obras como esta e outras tantas que se incorporam ao nosso patrimônio comum. Destituída de atrativos naturais e fora da rota normal do turismo, Criciúma tem que ser ela própria a atração, não apenas para os turistas ou visitantes eventuais, mas principalmente para sua própria população. Este é um dever de todos nós cidadãos de hoje e esta é a melhor herança que podemos deixar para os cidadãos de amanhã. O futuro há de mostrar o quanto valeu a pena. O futuro ha de mostrar também que estamos devolvendo a esta cidade o direito de esperar mais, querer mais, ousar mais e assim conquistar mais.”⁸¹

Seguindo trilhas insinuadas pelo discurso do prefeito Altair Guidi, é possível vislumbrar algo do repertório que compõe a polifonia criciumense e que se estende na

Tais referências são mais exploradas no ensaio “*Futuro do Pretérito: um aniversário bem festejado*”, presente nesta tese.

⁸⁰ A primeira administração de Altair Guidi (1977-1982) é em grande medida a continuação do projeto modernizador da cidade iniciado na gestão anterior, de Algemiro Manique Barreto (1973-1976), que em 1975 retirou do centro da cidade a estação de trem e sobre ela traçou uma avenida inicialmente chamada de Axial e depois modificada por Guidi como Avenida Centenário. Sobre a retirada dos trilhos do centro da cidade ver: NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem:** a presença da estrada de ferro em criciúma (1919-1975) — cidade, modernidade e vida urbana. Florianópolis: UFSC, 2000. Dissertação de Mestrado.

Criciúma contemporânea⁸². O “*destino carvoeiro*”, como admite o próprio prefeito, deixou marcas na alma de seus habitantes. É certo que cada dia menos visíveis. Contudo, sinais colocados de modo dispersos trazem ainda marcas da Criciúma carvoeira. É o caso do transporte seletivo de passageiros, implementado na cidade há cerca de dois anos por uma empresa privada sob concessão da prefeitura municipal, que após um concurso realizado entre as escolas do município recebeu o nome de “*o mineirinho*”.

Há por certo um interesse maior de quem com Criciúma não mantém um contato mais amigável, em saber onde se acham tais marcas do destino carvoeiro. Para atender esta expectativa, o observador, caso não queira realizar incursões maiores pela chamada periferia de Criciúma, bairros onde a exploração do carvão é muito visível através da degradação ambiental⁸³, deve estar atento à algumas sutilezas. Vejamos uma delas:

⁸¹ CORREIO DO SUDESTE. Criciúma, 21 de agosto de 1981, p. 3.

⁸² Em trecho desta citação se pode ver a alusão aos “*criciumenses (que) não assumiam sua cidade*”, pouco inteligível numa leitura rápida, em realidade se conecta a sentimentos e ações diversas produzidas por parte da população cricumense que, uma vez tendo trabalhado e contribuído para o desenvolver da cidade, decide voltar para seus lugares de origem, quase sempre cidades litorâneas do Estado. Em entrevista concedida a mim em 23/06/2000, na cidade de Criciúma, o ex-prefeito Altair Guidi deixa transparecer a mágoa que sente de cricumenses que abandonam a cidade tendo morado nela por muitos anos. A mágoa se estende também à parte do empresariado cricumense, especialmente aqueles vinculados à ação carbonífera, que uma vez tendo enriquecido com a exploração do carvão, pouco ou nada fizeram para o melhor desenvolvimento da cidade, e muito contribuíram para a sua degradação ambiental.

⁸³ Bairros como Metropolitana, Laranjinha, Rio Maina, Mina do Mato, Boa vista, Santa Luzia, Vila São Sebastião (Vila Sapo), Mina União, Cidade Mineira e Próspera.



A obra exposta foi produzida pela artista plástica Telma de Medeiros Uliana, que utiliza o pseudônimo de Miriê. A artista é natural de Criciúma, casada, 30 anos, residindo atualmente no bairro Santa Bárbara. A tela ilustra a capa do catálogo telefônico da Região Sul de 2002. Na legenda explicativa posta no catálogo se vê anotado:

“A obra é uma homenagem ao processo de evolução de toda região. Fruto este de combinação de tradição e cultura de um povo forte, aliado ao seu trabalho suor na extração do carvão. Abrindo-se assim as portas para os diversos setores que atualmente são fundamentais ao desenvolvimento sócio/econômico e integram a paisagem deste lugar”⁸⁴.

O sentido evolutivo se faz presente na pedagogia colocada pelo catálogo. Mas para além da crítica exaustiva que já se realizou em direção a este olhar sobre a cultura, o que se destaca da citação é a inegável força que o carvão forneceu à construção da cidade e que hoje se tenta congelar, a exemplo do que se produz em relação aos feitos étnicos, cuja

⁸⁴ Catálogo editado por: Listel Listas telefônicas LTDA. Florianópolis: Listel, 2002.

quermesse é expressão maior. Esta relação carvão e etnicidade se faz muito presente, ambos com seus respectivos mercados ou nichos. Além disto, o discurso do pioneirismo é disputado tanto pelo mundo carbonífero quanto pelo mercado étnico que o transforma hoje em festa⁸⁵.

Na tela, o mineiro é, segundo a própria artista: “*uma figura quase paterna. Ele abre a cidade, a exhibe e apresenta. O carvão inicia tudo, mas hoje diversificou*”. Em seguida faz um breve comentário sobre a quermesse: “*eu freqüentei poucas vezes a quermesse, mas sei que aqui em Criciúma a maior parte das pessoas são italianas. Eu acho a quermesse válida pelo que mostra e exhibe de nossa gente*”⁸⁶. O mineiro retratado parece simultaneamente pai e mãe daquilo que apresenta⁸⁷, visto o caráter andrógino que aparenta. Mas dizer andrógino é dizer pouco, pois não categoriza a imagem. Certamente o mineiro ali exposto pouco ou quase nada tem de andrógino, os caracteres masculinos são dissimulados, bem diferente de um outro momento onde a virilização⁸⁸ promovia um grupo de heróis: os

⁸⁵ Contudo é impossível afirmar que um ou outro sejam perfeitamente delimitados. Há vários homens e mulheres que desde cedo vão buscar simultaneamente o contato com as duas “culturas”. Os italianos, primeiros europeus a chegarem na cidade, nas primeiras décadas do século XX irão promover junto a outros tantos, o crescimento da cidade na exploração do carvão, caso de Marcos Rovaris, primeiro prefeito da cidade, João Zanette, e posteriormente outros tantos. Entre os trabalhadores do carvão isto é ainda mais visível. Os poloneses de Linha Batista por exemplo, serão simultaneamente trabalhadores da mina sem abrir mão de cultivar sua pequena lavoura. Aliás uma prática comum entre pequenos proprietários em Santa Catarina, visto que em cidades como Blumenau muitos trabalhadores das indústrias eram também colonos.

⁸⁶ Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma em 30/09/2002.

⁸⁷ É possível inferir que a narrativa histórica colocada pela imagem sugere o conjunto papai-mamãe, já bem discutidos por Foucault e Deleuze bem como por Freud — a edipianização dos sujeitos — como ponto de partida de uma possível mas fugidia identidade da cidade. A partir deste mineiro atual figurado acima, fragilizado e até mesmo trágico, a cidade pode assim ser contada. Um ensaio muito instigante, embora voltado mais particularmente à construção da masculinidade nordestina e de um eu fechado e centrado em torno dos nomes do pai pode ser encontrado em : Durval Muniz de Albuquerque Jr. Os nomes do pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades. O diálogo entre três homens: Graciliano, Foucault e Deleuze. In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda, VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. páginas 111-121.

⁸⁸ No Arquivo Público Municipal de Criciúma existem muitas fotos que capturam e denunciam o momento em que a exploração do carvão era vigorosa e a população criciumentense aumentava consideravelmente (ver dados já apresentados neste ensaio), imagens quase sempre datadas entre as décadas de 1940 e 1960. Digressivamente diria que os processos de construção das subjetividades vividas nas cidades sejam elas catarinenses em particular, brasileiras de modo geral, ou mesmo ocidentais na visada maior que o termo alcança podem — e assim parece tem sido o caminho trilhado por alguns historiadores — ser percebidas a partir da análise da virilização e racialização do social. Não se deve esquecer que mesmo num momento em que fronteiras são mais e mais elásticas, a concretude do corpo, sua inscrição no social é sempre algo que denuncia lugares de: inclusão, exclusão, etnização e tantos outros. Para um discussão mais elaborada desta perspectiva, entre outros ver:

homens do carvão. Na imagem produzida por Telma de Medeiros Uliana, o olhar um tanto vago e incerto, num rosto suavizado está longe de mostrar o mineiro como o homem forte e imponente impelido a tudo resistir. Na esteira atual dos significados a cidade não deve ficar órfã. Nem pode frente às diferenças que em forma de oferta se encontram nos braços do mineiro.

Uma combinação de processos⁸⁹ visibilizam a Criciúma contemporânea: o novo dimensionamento da indústria carbonífera, o crescimento das atividades terciárias, uma maior presença do poder público na periferia — afinal um contingente enorme de votos — bem como o empobrecimento das camadas trabalhadoras, a urbanização, a elevação da violência, e outros mais, ligados à novíssimas experiências, onde o fenômeno da emigração para os Estados Unidos e Itália e a produção de festas são os exemplos mais notáveis.

O paradoxo da festa: repetir o irrecomeçável.

Lola recebe uma ligação. Do outro lado da linha numa profusão de palavras, idéias e sons, seu namorado sequer pede ajuda. Ele quer apenas falar. Contar o revés que lhe abateu. Numa conversa de ritmo alucinante, repleta de gírias e desespero, ele conta. Lola não está satisfeita em ouvir, ela quer também falar, oferecer ajuda, interferir. Informada da situação, ela passa a pensar no que fazer para livrar o seu afeto da perseguição implacável que se iniciará dentro de exatos vinte minutos.

RAMOS, Maria Bernardete. Fronteiras celibatárias: nação, corpo e etnia. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; YOKOI, Z. (Orgs.). **História: fronteiras**. V. II. São Paulo: Humanitas; ANPUH, 1999, p. 783-804.

⁸⁹ Uma abordagem inspiradora sobre estes tipos de processos direcionada a Metrópole de São Paulo pode ser encontrada em: CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2000. Páginas 211 e seguintes.

Decidida a ajudar, Lola desliga o telefone e pensa num plano. Em realidade pensa em vários planos. É hora de optar, selecionar, imaginar ações, diálogos. Em seu socorro, uma seqüência de imagens chegam do cérebro à sua retina. Escolhe uma, a do seu pai, aquele que poderá talvez conseguir cinquenta mil, cifra necessária para que o rapaz, como pagamento, entregue ao seu credor, e se livre da eminente perseguição. Tendo feita a opção, se inicia a corrida. Ela corre, afinal vinte minutos passam rápido. Em sua primeira investida, não consegue sucesso. O pai não está disposto a ajudar. Lola corre ao encontro do namorado, quem sabe consiga convencê-lo a fugir. Não chega a tempo. De sobra toma um tiro e fecha os olhos. Retoma-se a cena em que Lola desliga o telefone.

Ela insiste em procurar o pai e sua participação no enredo cresce. Agora não é mais apenas coadjuvante de uma frenética busca. Ela inventa desvios, atropela pessoas e é atropelada por elas. Chega ao escritório do pai. Ele está novamente irredutível. Não vai ajudá-la. Ela está decidida. Então, armada de pistola, consegue o dinheiro. Segue ao encontro do namorado, mas não chega a tempo de entregar a ele o dinheiro. Agora é ele que toma um tiro. Também fecha os olhos. Retoma-se a cena em que Lola desliga o telefone.

O caminho ainda é o mesmo, sua opção ainda é o pai, mas os desvios tomados são outros. No filme de Yon Tykwer⁹⁰, o ritmo é o grande protagonista. Rápida e imprevisivelmente as ações acontecem. E para além do suspense ou curiosidade em saber como estes anéis serão rompidos, gostaria de incitar mais retidamente algumas considerações,

⁹⁰ O filme a que me refiro é: Corra Lola Corra (Run Lola Run). Direção: Yom Tykwer, Alemanha, 1999. 81 minutos.

pois “talvez seja quando o sentimento de urgência se faz mais premente que convém por em jogo uma estratégia da lentidão”⁹¹.

Em *Corra Lola Corra*, para além da óbvia importância do ritmo, se pode ler — significa dizer enxergar — também diferença e repetição, que de forma sedutora enredam o filme. No estudo sobre a Quermesse de Tradição e Cultura, ou Festa das Etnias, ou extensão festiva das comemorações do centenário, desde cedo alimentei uma implicância com uma certa facilidade em definir toda uma configuração social, ainda que em forma de festa, de maneira redutora. Nos depoimentos colhidos, nas atas de reuniões, nos jornais e em quase tudo mais que tive contato, lá estava a confusão posta: Quermesse e Festa das Etnias alternando-se na definição do evento. Isto é, uma e outra usadas sem que se percebesse os ganhos ou as perdas de tal barganha. A própria criação da festa tem suas versões bem pontuadas, e quase nunca repetidas. E para além disto, repetição concerne a uma realidade não trocável.

Gilles Deleuze, num trabalho inovador, discute ordens para repetição e diferença. Para o filósofo, repetição não é generalidade. Esta tem nos ciclos e igualdades, seus símbolos. A generalidade exprime um ponto de vista segundo o qual, um termo pode ser substituído por outro. De outra forma, repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular. É neste sentido que para Deleuze, uma festa encerra a ardilosa tarefa de “repetir o

⁹¹ MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. (tradução de Albert Christophe Miguez Stuckenbruck). Petrópolis: Vozes, 1998, p.11. Aliás, numa abordagem um tanto distinta de Maffesoli mas conectada a ela pela contemporaneidade que encerra, Denise Bernuzzi Sant’Anna em seus ensaios sobre a subjetividade contemporânea, coletados e denominados lucidamente *corpos de passagem*, tece considerações a respeito da lentidão como escolha. Segundo a autora, “a lentidão não precisa ser exclusivamente o oposto da velocidade. E nem deveria definir-se pelo que supostamente lhe falta. Pois ela não resulta de um traço defeituoso do corpo ou do caráter, não significa apatia, falta de imaginação ou de energia, não se assemelha a um querer sem coragem nem a um molengar alheio à realidade. A lentidão não requer degredo. É possível defini-la de diferentes maneiras e experimentar muitos de seus charmes”. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 17.

*irrecomeçável*⁹². É certo que parte importante da potência argumentativa que tento colocar se encontra no paradoxo: o grau máximo da diferença é o que existe na repetição de algo idêntico. Os indícios e as chamadas correntes de fuga⁹³ impelem à suspeição da idéia de repetição na quermesse. Não se alcançou ainda a idéia de diferença sem conceito, ou *Différance*⁹⁴ como diz Deleuze, Guatarri, Derrida e outros. Numa leitura benjaminiana se poderia dizer que a Redenção não foi alcançada.

Recuperando a idéia de que uma quermesse é um evento de exibição significativo, visto que através dela é possível enxergar alterações muito vivas em Criciúma, e, distante do momento “*em que mal se podia reunir as pessoas numa praça*”, a crescente etnização da cidade é finalmente celebrada. Assim, parece interessante que cada uma das festas possam ser assistidas e muito bem pontuadas como inseridas em ordens distintas de generalidade e repetição, se é que se pode afirmar que algo se repita. Entre as edições da Quermesse realizadas, o que seria repetição? É importante assinalar que na maioria quase absoluta das edições da festa — foram 14 até 2002 — há sempre uma nova configuração⁹⁵.

⁹² DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 22. Completando, para Deleuze “*Repetir é comportar-se, mas em relação a algo que não tem semelhante ou equivalente. Como conduta externa esta repetição talvez seja o eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior e mais profunda no singular que a alma*”.

⁹³ A idéia de correntes de fuga são desenvolvidas com consistência por Gilles Deleuze quando da discussão dos rizomas. Forças que correm ao fundo mas das quais ninguém pode desconsiderar a presença ou os sentidos. Teoria desenvolvida melhor em Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (ver ref. Bibliográfica), publicados no Brasil em cinco volumes. No caso específico de Criciúma, as fugas em correntes podem mais facilmente se verificar no fenômeno da emigração para EUA e Itália, entre outras possibilidades.

⁹⁴ A idéia de *Différance* foi cunhada em dimensões distintas. Lacan a desenvolve pelo viés da psicanálise e Derrida pelo da lingüística. Ambas dimensões são utilizadas na análise do jogo social contemporâneo. Sobre a dimensão realizada por Derrida, comenta Tomaz Tadeu da Silva: “*(...)Em suma, (um) signo é caracterizado pelo diferimento ou adiamento (da presença) e pela diferença (relativamente a outros signos), duas características que Derrida sintetiza no conceito de différance*”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 80.

⁹⁵ Apresento a relação de datas e locais para que de forma mais organizada e precisa, o leitor possa se encontrar. Saliento que seria muito enfadonho discutir ano a ano cada uma delas, mas ressalto que nas indicações que se seguem, seria adequado verificar como datas e periodização (quantidade de dias da festa), bem como a realização em lugares distintos, são visibilizadas.

Apresento a relação de datas e locais para que, de forma mais organizada e precisa, o leitor possa se encontrar. Saliento que seria muito enfadonho discutir ano a ano cada uma delas. Mas ressalto que nas indicações que se seguem seria adequado verificar como são visibilizadas as datas e duração (quantidade de dias da festa), bem como a realização em lugares distintos. Vamos a elas:

FESTA	DATA	DURAÇÃO	Num. Etnias ^{*96}	LUGAR
I - primeira	4 a 12 Ag. de 1989	Nove Dias	5	Praça Nereu Ramos
II - segunda	3 a 10 Ag. de 1990	Oito Dias	5	Praça Nereu Ramos
III - terceira	9 a 17 Ag. de 1991	Nove Dias	6	Praça Nereu Ramos
IV - quarta	4 a 12 Set. de 1992	Nove dias	6	Praça Nereu Ramos
V - quinta	3 a 11 Set. de 1993	Nove Dias	6	Praça Nereu Ramos
VI - sexta	9 a 17 Set. de 1994	Nove Dias	6	Praça Nereu Ramos
VII - sétima	8 a 16 Set. de 1995	Nove Dias	6	Parque Centenário
VIII - oitava	13 a 21 Set. 1996	Nove Dias	6	Parque Centenário
IX - nona	9 a 19 Out. de 1997	Onze Dias	6	Parque Centenário
X - décima	9 a 17 Out. de 1998	Nove Dias	6	Cesaca (Ant. Fábrica)
XI - déc. prim.	8 a 16 Out. de 1999	Nove Dias	6	Cesaca (Ant. Fábrica)
XII - déc. seg.	01 a 09 Set. 2000	Nove Dias	7	“Parque das Etnias”
XIII - déc. terc.	06 a 15 Set. 2001	Dez dias	7	“Parque das Etnias”
XIV - déc. quarta	6 a 14 de Set. 2002	Nove Dias	7	“Parque das Etnias”

As festas, conforme visto na tabela apresentada, pouco se repetem em quaisquer dos critérios que possam ser considerados. Fica visível a Praça Nereu Ramos como o lugar mais constante, daí a série de discussões que se encaminham a partir da transferência da Praça para o Parque Centenário. As maiores ligadas ao desconforto que a praça promovia frente ao sucesso e aumento do evento. O espaço da Cesaca (antiga fábrica de azulejos) que serviu à

⁹⁶ A quantificação das etnias é melhor trabalhada no ensaio Futuro do Pretérito. Contudo faço aqui algumas considerações. Em 1991 foi inserida a etnia árabe (justamente num dos momentos em que o mundo do carvão estremeceu, e parte do comércio era representado pelos árabes na cidade). O número de seis etnias é aumentado para sete quando é inserida em 2000 a etnia espanhola. Em 2001 sai a etnia espanhola e é inserida uma tenda etnográfica lembrando os indígenas, portanto estou considerando aqui uma nova etnia. A referida tenda será mantida até 2003. Não apresento dados de 2003 porque já estava então na etapa conclusiva desta tese e sem ter como trabalhar melhor os dados. Contudo, a notícia que tive mais recente dava conta do retorno da etnia

festa por duas oportunidades, seria trocado em seguida (2000) para o Parque das Etnias, espaço ainda não oficializado, mas já reconhecido por boa parcela da população. Neste sentido, vale ressaltar que o espaço é o mesmo, ou seja, o local onde está fixado o Parque Centenário, o sentido dado a ele é que se altera, como veremos em seguida. Os cartazes de divulgação da festa, até 1997 idealizados por Gilberto Pegoraro, artista da cidade, a partir de 1998 são produzidos por empresas prestadoras de serviços. Através de uma rápida visualização deles se pode ver algumas alterações que a festa sofreu:



**Cartaz- Divulgação – I Quermesse
Ainda sem referência explícita às Etnias**



**Cartaz- Divulgação – X Quermesse
Primeira na “Cesaca”**

espanhola e a manutenção da tenda indígena. Neste caso a XV Quermesse deste ano de 2003 apresentou oito etnias.



**Cartaz- Divulgação – XI Quermesse
Segunda e última na “Cesaca”**



**Cartaz- Divulgação – XII Quermesse
Primeira “Festa das Etnias”**

Para acompanharmos esta troca de sentidos colocadas, sugiro a volta à barganha do nome. Para uma senhora que trabalhou na organização de todas as edições⁹⁷ da Quermesse: Tradição e Cultura, a tensão colocada em torno do nome da festa desde cedo se mostrava. Ligando a Quermesse atual a um evento de grandes proporções, Irma Tasso de Oliveira afirma:

“O que tem de étnico na primeira foi buscado naquela motivação do centenário. Em 1980 eles criaram as associações étnicas. Eram então as associações culturais, as étnicas e as beneficentes. Foram feitas três categorias e ficaram muito tempo(...).Sempre foram feitas reuniões. Nunca foi nada decidido somente na Fundação Cultural. Sempre foram os presidentes das etnias e a Fundação. As associações culturais e beneficentes eram chamadas depois da alocação do espaço às Associações étnicas e com regulamento dizendo o que podia vender e tal. Sempre houve resistência das associações étnicas em

⁹⁷ Irma Tasso de Oliveira, nascida em Nova Veneza, residente em Criciúma há mais de quarenta anos foi de fundamental importância para o melhor entendimento do andamento da Quermesse, pessoa a quem devo muito. O jeito um tanto elétrico da sua fala me forneceram colocações precisas que alinhavaram a imprecisão dos dados com os quais tive contato. Em realidade, Dona Irma não se fez presente em apenas uma das festas, aquela realizada no ano 2000. Por motivos não muito claros, mas que indica uma relativa mágoa com a Administração da Fundação Cultural daquele momento, Irma naquele ano se afastou da organização do evento.

relação as demais. Elas sempre quiseram mais espaço. Elas achavam que podia ser feito um outro tipo de festa para as entidades não étnicas. A gente ao mesmo tempo que achava válida a idéia delas, também achava que não. Pois as outras associações também traziam público para festa, e pra elas também. Isto é tanto verdade que somente em 2000 que conseguiram colocar o nome de Festa das etnias⁹⁸.

As associações étnicas, referidas acima, em sua maioria foram criadas ainda quando da realização dos festejos do centenário de Criciúma (1980). Ao término da primeira administração de Altair Guidi⁹⁹, em 1983, quatro das cinco etnias foram registradas: polonesa, italiana, negra e portuguesa, com estatuto publicado em diário oficial¹⁰⁰. A partir da criação da Quermesse de Tradição e Cultura, o número de associações étnicas irá crescer a cada festa realizada. Mesmo quando o número de outras entidades supera o de associações étnicas, estas são sempre apontadas como legítimas “*donas da festa*”, expressão utilizada em vários momentos nos documentos de avaliação da festa, nos depoimentos coletados dos presidentes destas entidades, e até mesmo na imprensa local¹⁰¹.

⁹⁸ Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 02/09/2002.

⁹⁹ Em Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 23/06/2000, o ex-prefeito Altair Guidi entre tantos temas abordados, fala que em sua segunda Administração frente à Prefeitura (1989-1992), tentou sob todas as formas priorizar o atendimento à criança (o tema da Gestão era “Criciúma Criança”). Com um panfleto de sua última administração à mão, o prefeito insistia na minha leitura do mesmo, “especialmente a parte sobre a criança” dizia ele na oportunidade. Devido a este esforço, muitas entidades voltadas às atividades assistencialistas receberam apoio da gestão de Guidi, e de forma aberta e legítima estas instituições estarão reivindicando espaço na Quermesse: Tradição e Cultura em todas as suas edições, mesmo que por determinação oficial da Comissão Central de Organização fossem elas proibidas de participar da festa, o que vai ocorrer a partir de 2001, quando ela já se denomina “Festa das Etnias: XIII Quermesse de Tradição e Cultura”.

¹⁰⁰ É certo que quando da organização da primeira Quermesse: Tradição e Cultura, houve proposta partindo da Secretaria de Educação e Cultura, na figura de Maria Marlene Milanez Justi, para que as associações étnicas reformulassem seus estatutos, ou que acionassem aqueles que haviam esquecidos ou extraviados. A sugestão foi acatada por todas as associações que participaram da festa naquela oportunidade. Nas palavras de Marlene Justi: “No final de 1982, ainda na primeira gestão do Altair eu mesma peguei meu carro e fui registrar as associações étnicas. A reformulação se iniciou ainda em 1988, quando os italianos registraram a AIBTC (Associação Ítalo Brasileira de Tradição e Cultura, ver discussão mais a frente), depois os alemães em 1989 e assim por diante”. In: Depoimento já citado. Ver também os Estatutos publicados no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. No referido Estatuto se encontram publicadas as Associações das etnias negra, italiana, polonesa e portuguesa. A etnia alemã, apesar de participar do evento do centenário não mostrou interesse em registrar-se, coisa que somente seria feito em 1989. In: Diário oficial de Santa Catarina. Número 12.136 de 19/01/1983, pgs. 10 e 11.

¹⁰¹ Recentemente convocado pela Fundação Cultural de Criciúma para colaborar no debate sobre as festas do município, entre elas a Quermesse: Tradição e Cultura (Seminário de Festas Populares, realizado entre 25 e 26 de março de 2003 em Criciúma) foi possível perceber como esta concepção étnica tenta falar mais alto. Pensam seus presidentes, a exemplo de João Quintino Dalpont, presidente da etnia italiana, que se a festa for aberta a

Dando voz aos presidentes das associações étnicas, o que se pode perceber é mesmo um forte sentimento de propriedade de criação que, segundo esta perspectiva, fornece legitimidade à Quermesse: Tradição e Cultura, ou melhor, à Festa das Etnias. Isto se mostra da seguinte forma:

“Partimos para a organização da quermesse, desejando transformar em festa das etnias. É a Festa das Festas na cidade. O nome veio da prefeitura, mas fazia sentido, porque era ao redor da igreja(...). Não foi quermesse desde do início. Porque quermesse que eu conheço é aquela festa ao redor da igreja, com barraquinhas. Aí os italianos quiseram na segunda reunião, fazer um café colonial. Eu sugeri que a gente fizesse um jantar. E assim foi sendo criado a festa. Desde da primeira não foi quermesse. O nome veio da prefeitura. Nós acatamos. A idéia começou a pegar. Meus amigos vinham de fora e perguntavam quando ia ter quermesse. Eu trouxe gente até da Argentina pra festa. Então outras entidades começaram a inchar a festa. (...) Veio da prefeitura o nome. Era quermesse porque tinha barraquinha, isto dava um ar de quermesse. Com a participação de outras entidades a festa começou a inchar muito. Por vários anos o número de entidades não étnicas foi maior que as nossas. Somente em 2001 foi que conseguimos cortar estas entidades. Isto tava descaracterizando a quermesse, que é uma festa das etnias”.¹⁰²

O que fica vincado a partir da fala dos presidentes das Associações Étnicas é a capacidade que estes habilmente têm demonstrando, de forma bastante pragmática, de transformar a festa numa manifestação étnica quase que exclusiva. A documentação com a qual tive contato (ver bibliografia) e, as conversas obtidas com várias pessoas da cidade sobre a quermesse me parecem suficientes para afirmar que existe uma supremacia, eu diria até mesmo

outro motivo que não o étnico ela se desfigurará, será outra coisa, e não festa das etnias. O que tento colocar desde já é que a Festa é “outra” faz algum tempo, ela é cada dia mais uma festa da cidade e não das entidades étnicas, ou melhor, não apenas delas. O argumento de “donas da festa” é forte e conforme colocado no corpo do texto, pode ser facilmente encontrado na imprensa, quer local ou estadual. No Jornal da Manhã, ainda em 1991, já se podia ver a seguinte matéria: “*A quermesse das etnias e do sucesso*”. Jornal da Manhã, 18/08/91, p.08.

¹⁰² Numa noite de abril de 2002, após longo esforço, finalmente consegui reunir na Fundação Cultural de Criciúma, a exceção do representante da etnia árabe, todos os demais presidentes das associações étnicas envolvidos na organização da quermesse. Embora tenham realizado ao longo das 14 edições da festa vários encontros semelhantes, e a documentação sobre a quermesse indica isto (sistematicamente a partir de 1993, conforme as atas destes encontros), somente a partir de 2001 é que parece mesmo uma preocupação, especialmente do poder público, em entender melhor as correlações de forças e a importância destas entidades no fazer da festa. A conversa naquela noite é apresentada de modo fragmentado ao longo desta tese. Neste trecho citado, as falas que se apresentam estão separadas por (...), indicando o início e fim de cada uma. Dele fazem parte, pela ordem: João Quintino Dalpont – etnia italiana; Walternei Fidêncio Loch – etnia alemã; Arlindo Milack – etnia polonesa.

uma intransigência, por parte destas referidas Associações em aceitar o fato de que a cidade é muito mais viva e rica em possibilidades, do que um discurso unívoco seria capaz de dar conta de expressar. A festa de fato se inicia sob a referência étnica, suportada pela preocupação do prefeito Altair Guidi, ainda em 1989, de preservar raízes e falar de um particípio passado bem delimitado, como já vimos aqui e, como também é discutido no ensaio *Futuro do Pretérito*, posto nesta tese¹⁰³. Mas também é fato que, com as alterações significativas que a cidade sofreu e vem sofrendo, seria no mínimo uma atitude imprudente virar as costas para elas. E já que a Quermesse é o evento de exibição mais significativo hoje em Criciúma¹⁰⁴, porque não exibi-las? Afinal, a festa de modo a fazê-la cada vez mais perto dos criciumenses, deveria, segundo meu entendimento, ser mais de todos e menos de poucos. Parece-me lógico também, e isto é mesmo um posicionamento político, que embora sedutor e utilizado por mim nesta tese, o mundo do espetáculo, a gastronomia, as luzes e tudo mais, muito bem articuladas nas últimas três ou quatro edições da festa, não dá conta de visibilizar diferenças ou mesmo fazê-las mais vivas. Fraturas e tensões continuam ali, mesmo enquanto comemos uma saborosa caldeirada de carneiro, um tabule ou ainda uma macarronada. A gastronomia é sem dúvida algo que precisa ser explorado, mas não apenas ela. As legítimas manifestações culturais dos grupos étnicos não deveriam inviabilizar outras tantas¹⁰⁵. Esta me parece uma tensão que não pode ser ignorada. Vejamos a fala de Edison Paegle Balod, Presidente da Fundação Cultural de Criciúma:

“A quermesse acontecia ao lado da igreja, depois espalhou pelo centro, foi

¹⁰³ O que mais chama atenção neste sentido, daí o título do ensaio, é que a “administração para o futuro”, segundo a expressão do próprio prefeito, tenha tido como referência o passado étnico. Ver esta discussão no ensaio indicado.

¹⁰⁴ Estou excetuando o carnaval, que por razões acredito, não sejam necessárias maiores explicações frente o que esta prática tem de enraizamento, ou melhor, de rizoma, na cultura brasileira. O carnaval junto com a Quermesse são certamente os maiores eventos públicos da cidade hoje (2003). Vem crescendo também a projeção do Festival de Coros e uma nova organização das Festas de Santa Bárbara e São José. A administração atual (2003) da Fundação Cultural de Criciúma realizou um evento para discussão destas festas em março de 2003, do qual participei como convidado. O Encontro foi chamado de Seminário de Festas Populares, sendo organizado pela Fundação Cultural de Criciúma. No grupo que discutia a Quermesse, vários indicativos forma apontados, entre eles a abertura maior da festa para outras tantas manifestações, que não apenas as étnicas. Ver: Ata relativa ao Seminário de Festas Populares disposto na Fundação Cultural de Criciúma.

¹⁰⁵ Discuto isto de modo mais trabalhado no tópico *Lugares* presente neste ensaio.

tomando outras ruas, foi tomando vulto, tornou-se difícil de se organizar. Havia muita reclamação por parte dos logistas. Os banheiros que não existiam, os canteiros da praça e das árvores, as ruas, as lojas fechavam etc. Chegou-se à conclusão que a festa precisava mudar de local. Daí foi pro parque centenário, depois pra Cesaca, e novamente pro parque. A cada ano se mostra necessário a criação de um parque étnico, de um largo das etnias. É também uma preocupação da atual gestão (2002). Quando a festa foi cercada e tomou uma face maior, aumentou também a projeção das etnias. Aí ela deixou de ser uma quermesse e passou a ser uma festa étnica, festa das etnias. Mas se manteve ainda o nome, quermesse de tradição e cultura. (...).O que realmente estes grupos étnicos representam aqui? Eu particularmente acredito que eles representam uma minoria e com interesse específico. (...).As etnias não prestam contas. Nós queremos que a festa se pague pelo menos. A prefeitura não pode ter este ônus. Existe uma espécie de concessão de um cheque em branco para as etnias. Em que sentido o que está na festa representa a experiência diária das pessoas da cidade?¹⁰⁶

Seguindo a fala de Edison Balod e atentos à participação das etnias articuladas ao poder público, voltamos ao momento de criação e realização da festa. A primeira Quermesse: Tradição e Cultura pertence à ordem das generalidades. Nela é mais fácil ver semelhanças e equivalências com as manifestações produzidas para celebrar o caráter colonizador. Em documento encontrado no arquivo público municipal, em uma das pastas destinadas a guardar as informações relativas a realização da IV quermesse (realizada em 1993), após um breve texto do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão¹⁰⁷, a criação da festa aparece assim justificada:

Entendendo que um povo sem memória é um povo sem referência para construir um futuro, o projeto Criciúma Criança cuidou de criar espaços para o desenvolvimento de ações integradas de resgate valorização e preservação de heranças culturais de cada raça que forma a diversificação cultural étnica de Criciúma. Procurou incrementar uma mobilização cultural onde o pluralismo étnico pudesse encontrar na integração o seu denominador comum. **Assim é que em 5-6-1989 foi criada a quermesse de tradição e cultura**, o evento que passou a integrar definitivamente o calendário cultural da cidade, estreitando cada vez mais os laços de Criciúma com sua história e sua gente. A quermesse vem cumprindo assim seu objetivo maior de reunir no

¹⁰⁶ Depoimento concedido a mim na Cidade de Criciúma, em 04/10/2002.

¹⁰⁷ O excerto recuperado da obra de Brandão é o seguinte: “*as pessoas festejam a si mesmos através do que são do que criam, do que produzem. A festa é um fala, uma memória, uma mensagem. Um lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e por isto em silêncio, não festejado. Daquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo. Posto em evidência de tempos em tempos comemorando celebrando aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator paret, interrompe a seqüência do correr da vida cotidiana e demarca os momentos de festejar*”.

calçada da praça Nereu Ramos a criança, o jovem o adulto o idoso de todas as camadas sociais de Criciúma, organizadas em associações étnicas e culturais, para que através de sua participação efetiva e afetiva tomem consciência e assumam o maior patrimônio humano que é a sua identidade cultural. A este objetivo maior acrescentam-se outros como: dar conhecimento e identificar o valor e a força das ações artísticas culturais das entidades envolvidas. Gerar recursos para a auto-sustentação das entidades participantes nos seus projetos. Como já é de costume, desde de 1989, ao término de cada edição da quermesse é feita uma avaliação criteriosa da mesma para que se possa planejar com mais eficiência a próxima edição. Isto só acontece graças às análises, sugestões e considerações sinceras feitas por todas as entidades e/ou associações, bem como o compromisso do reconhecimento das falhas e merecimento dos acertos de cada setor envolvido nas mesmas¹⁰⁸

Assumindo como o maior patrimônio da cidade sua identidade cultural, seria prudente refletir de que identidade se trata. Como sentenciar para uma cidade sua identidade cultural? De qual identidade cricumense se fala? Daquela política engajada? Daquela produzida pelos envolvidos com a organização política do município, de outros que se preocupam com o meio ambiente e que engrossam o número de ong's criadas na cidade? Dos negros ou italianos em seus vários territórios? Dos emigrados cricumenses que agora fazem aumentar as filas nos bancos à procura dos dólares que enviam para a cidade? Isto é importante ser considerado, especialmente no momento contemporâneo em que cada vez mais o que se faz presente são signos de identificação e não sistemas de identidades herméticos.

As semelhanças — para voltar a falar na generalidade — , devem ser assistidas. Desde a primeira quermesse já se discute o nome dado a ela. Para um segmento dos organizadores da festa, o termo Quermesse: Tradição e Cultura poderia ser substituído — e sem prejuízo algum — pelo termo Festa das Etnias¹⁰⁹. O mercado étnico, exibido como

¹⁰⁸ Dados obtidos em fonte indicada no corpo do texto. Os grifos são meus.

¹⁰⁹ Nas duas últimas edições da Quermesse: Tradição e Cultura o termo *Festa das Etnias* das etnias é utilizado como sub-título. Aliás, há uma forte discussão na cidade para que seja criada uma Festa das Etnias, mais voltada para o espetáculo e para ser “vendida” no estado e país, e outra de caráter mais caseiro e doméstico, chamada quermesse. Esta discussão aparece em alguns documentos encontrados e entrevistas realizadas. Nei Manique, jornalista já citado, diz na entrevista: “sempre defendi a realização de dois eventos anuais: a quermesse na praça,

repetição, exposto na primeira Quermesse: Tradição e Cultura era assim anunciado pela imprensa:

“ Por iniciativa da comissão municipal dos festejos dos 110 anos de fundação de Criciúma, teremos no período de 4 a 12 próximo, no calçadão da praça Nereu Ramos, a primeira Quermesse de tradição e cultura que reunirá representantes das cinco etnias, apresentações de corais, bandas e grupos de danças folclóricas. Para esta festa que pretende repetir o espetáculo inesquecível realizado em 1980, quando das comemorações do centenário de Criciúma, segundo Vera Maria Silvestre Cruz, secretária de educação, será feita uma maior integração dos descendentes dos imigrantes italianos, poloneses, alemães, portugueses e africanos, que estarão divididos em 10 barracas durante os nove dias e com um palco apropriado para apresentações culturais diariamente entre as 15 e vinte horas. A secretária acredita ainda que a primeira quermesse promoverá a criação do clima que se pretende fomentar em janeiro de 1990, durante as festividades dos 110 anos de Criciúma (...)”¹¹⁰.

A primeira Quermesse de Tradição e Cultura se realizou entre os dias 4 e 12 de agosto de 1989, organizada pela Prefeitura Municipal, inicialmente através da Casa da Cultura, e posteriormente (1993) pela Fundação Cultural de Criciúma (FCC), além de diversas entidades beneficentes, assistenciais e filantrópicas, e inúmeras associações étnicas¹¹¹ e empresas da cidade e região. Durante nove dias, barracas e restaurantes decorados

para os criciumenses. Uma Festa das Etnias no Parque Centenário (prefeitura) para atrair pessoas de fora, com bandas de peso, cobrança de ingressos etc”. Quanto ao termo Festa das etnias, ele parece ser absorvido inclusive pela imprensa local: “A festa é das etnias, mas pode muito bem ser comparada com a torre de Babel, pela diversidade de cultura que congrega o evento. Para sair de um restaurante italiano depois de ter provado uma bela macarronada regada a vinho e entrar em uma tenda árabe e experimentar um arguile (espécie de charuto da paz) precisa somente disposição e estar aberto a experimentações. ‘É uma integração ímpar o que acontece em Criciúma’, define o presidente da etnia árabe, Malih Omari. ‘O exemplo é uma vitrine para o Brasil e para o mundo’” *Jornal Da Manhã*. Criciúma, 01 de set de 2000, p.3

¹¹⁰ Tribuna Criciumense. Criciúma, 02 de agosto de 1989, p. 01. Fica explícita, assim, uma nova tentativa da também nova Gestão de Altair Guidi, em organizar festejos (ver também Futuro do Pretérito) em torno dos aniversários da cidade e mais ainda, em torno da própria idéia de colonização.

¹¹¹ Como exemplo, em 1997, durante a realização da oitava Quermesse: Tradição e Cultura, entre as 34 entidades responsáveis pela organização da festa, 21 delas eram associações étnicas. Cada etnia organiza-se em torno de uma entidade principal, sendo que algumas delas, a exemplo da italiana e alemã, subdividem-se em vários outros grupos, distribuídos pelos diversos bairros do município, onde também se organizam festas étnicas menores, a exemplo da Rio Fest, organizada no Distrito de Rio Maina, a Pro Fest, organizada no bairro Próspera e a Pinheiro Fest, organizada no bairro Pinheirinho. Esta valorização étnica, celebrada em festa, encontra auxílio em declarações como a do Presidente da Comissão Organizadora da VI Quermesse, Henrique Packter: “*Possa a nossa quermesse, maior expressão viva das tradições e cultura de Criciúma, revigorar em nossa gente o espírito*

ofereceram uma infinidade de artigos e opções gastronômicas, combinadas às músicas e apresentações artísticas realizadas e assistidas por pessoas das mais variadas faixas etárias e camadas sociais, as quais circularam no espaço da festa.

A generalização da etnicidade¹¹² na primeira quermesse ganha mais consistência quando cotejada com outras informações. Durante a realização da primeira festa e estando a passos largos se construindo sob perspectivas econômicas distintas¹¹³, o presidente da ACIC (Associação Comercial e Industrial de Criciúma) era Jaime Zanatta (gestão 1987-1991), Empresário do setor de produtos plásticos da cidade e descendente de uma das famílias italianas fundadoras do núcleo colonial no século XIX. Também nas atas da AIBTC¹¹⁴, entre uma de suas primeiras ações está a criação de uma escola de italiano na cidade, que inicialmente se realizará nas dependências da casa da cultura, situada na praça Nereu Ramos, coordenada pela secretaria de educação e cultura do município. Ainda segundo depoimento coletado, o jornalista Nei Manique afirma que: “no primeiro ano do curso de língua italiana (1988) eram cerca de 40 alunos e essa reunião foi tão forte que no ano seguinte, com a

de luta, de união e tenacidade, que bem caracterizaram os bravos colonizadores, responsáveis únicos pelo nosso ser e estar” (Folder promocional da VI Quermesse: Tradição e Cultura, realizada em 1994).

¹¹² A etnicidade é hoje um dos grandes temas do qual vem se atendo as Ciências Sociais. Para Manoela Carneiro da Cunha, por exemplo, ela é a Hidra de Lerna, serpente de sete cabeças que se apresentam como humanas e que tem a propriedade de renascerem quando cortadas (Ver: CUNHA, 1986.). Este trabalho se constrói sob várias referências para pensar o assunto, mantendo a preocupação não apenas neste ensaio, mas em quaisquer outros, de não restringi-los apenas à contribuição para estudos da etnicidade. Contudo, na cidade contemporânea o tema é constantemente aventado, quase sempre ligado a temáticas identitárias, a processos de globalização cultural e ainda ao nacionalismo.

¹¹³ O que se pode verificar nas atas da ACIC (Associação Comercial e Industrial de Criciúma), criada ainda na década de 1940. Junto ao CDL local a ACIC irá desenvolver uma série de ações, suportada também pela imprensa, no sentido de mostrar que a saída para a cidade, além do aeroporto Diomício Freitas, era investir cada dia mais na diversificação econômica. Disto resultará uma série de ações que visavam em outros objetivos, tornar viável a permanência e instalação de empresas na cidade, tendo em vista o recrudescimento de movimentos sociais no final da década de 1980 e início da década de 1990. Esta idéia é explorada com propriedade em: TEIXEIRA, José Paulo. Op. Cit., pgs. 120-131.

¹¹⁴ Associação Ítalo Brasileira de Tradição e Cultura, criada em 1988 por um grupo de descendentes de italianos com a intenção de estabelecer vínculos culturais e comerciais com algumas cidades e governos provinciais da Itália. Ver discussão mais a frente neste ensaio, no tópico sobre “*Lugares*”.

parceria entre a AIBTC e a prefeitura, surgiu a 1ª Quermesse da Tradição e Cultura, em agosto de 1989”¹¹⁵.

A realização espacial da festa é ainda hoje (2002) um tema muito conflitante. Relembrando, inicialmente realizada na praça Nereu Ramos, a Quermesse: Tradição e Cultura foi transferida em 1995 para o Parque Centenário, situada no bairro São Luiz, próximo ao centro da cidade, onde se realizou até 1997. Em 1998 a festa foi transferida novamente, desta feita para as dependências de uma antiga cerâmica (Cesaca) desativada em 1992 e situada no centro da cidade. A festa sofreu nova transferência em 2000, para o parque centenário, que passa a se chamar parque das etnias, local onde se realizaram as duas últimas edições. Esta dissonância espacial citada sugere algumas reflexões.

De como uma praça se torna pequena:

A praça Nereu Ramos¹¹⁶, situada hoje no coração da cidade, desde muito cedo, quando da implementação do núcleo colonial, em 1880, foi um ponto de encontro da cidade. Espaço público por excelência. Em seus arredores irá se desenvolver o comércio de Criciúma. Nela, ambulantes e saltimbancos sempre promoviam a retenção de algum público citadino e curioso que se deixava perder em apresentações do homem que engolia fogo, ou de outro que vendia uma pomada milagrosa e um elixir capaz de levantar defuntos. Até o final da década de 1980 era muito comum que este curioso público, formando uma pequena aglomeração na praça, fosse advertido por transeuntes, talvez menos curiosos e zelosos do mundo do trabalho:

¹¹⁵ Nei Manique em entrevista já citada.

¹¹⁶ Em 1930 o então prefeito da cidade, Cincinato Napolini urbaniza a praça que antes chegou a ser campo de futebol. À época a praça recebeu o nome de Etelvina da Luz (esposa de Hercílio Luz). Em 1946 o nome da praça

“Vão baixar uma mina!”. Mas isto até o momento em que minas existiam para serem “baixadas”. Para o visitante que chegava a cidade, um out-door posto estrategicamente em sua entrada, se encarregava de fazer a saudação e advertia: “Bem vindos à Criciúma, aqui se trabalha”. Este, sem dúvida, já é um momento em que o mundo do trabalho se estende a todos, apesar dos esforços em pensá-lo como um território habitado por alguns poucos escolhidos pela sorte¹¹⁷.

Local escolhido para a realização da primeira quermesse, a praça provocará divergências entre os organizadores da festa. Nos documentos de avaliação das quermesses é possível perceber que desde cedo o local escolhido se mostrava inadequado: pequeno para o grande número de barracas e não expansível. Em realidade a primeira quermesse é criada com uma face caseira, doméstica. Apenas em 1991 é que a festa ganha proporção de um grande evento cidadão. O que vai gerar uma série de discussões entre os vários segmentos sociais: os organizadores da festa (comissão de etnias e prefeitura) e a população em geral. Contudo, o que se altera sensivelmente a partir de 1991 é o caráter que a festa irá tomar. Na praça se encontram instalados ainda alguns comerciantes antigos da cidade, que na década de 1990, começam a dividir espaços com lojas de departamentos, Shopping Center¹¹⁸ e outras tantas

foi substituído para Nereu Ramos. Para isto ver: NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, orgulho de cidade!** Fragmentos da história de seus 120 anos. Criciúma: Ed. Do autor, 2000.

¹¹⁷ Estou me referindo a uma porção significativa de reflexões sobre Criciúma que em todos os sentidos deram conta de enaltecer o pioneirismo do imigrante europeu e que tomam pronta e resolvida uma colonização que se cria a cada dia. Tomo ainda a referência de território num sentido muito mais fluido e pantanoso do que aquele com os quais nos especializamos em pisar. Entre tantas concepções desta forma distinta de enxergar territórios, destaco a reflexão de Homi K. Bhabha e Stuart Hall, e ainda a contribuição lúcida e consistente de Gilles Deleuze, que em entrevista divulgada um ano antes da sua morte, dada em 1996, argumentava: “constituir (ou identificar) um território é quase como o nascimento de uma arte”. In: DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Traduzido do inglês por Tomaz Tadeu da Silva. Digitado.

¹¹⁸ Nas cidades contemporâneas existe uma visível transformação dos locais públicos, especialmente daqueles destinados aos encontros sociais. Na comunidade transnacional de consumidores shopping centers são cada vez mais um grande local de encontro, enquanto reduz-se sensivelmente o número de praças nas cidades. A grande praça de encontro passa a ser a de alimentação do shopping. Esta idéia é apresentada entre outros trabalhos, por: CANEVACCI, Massimo. Op. Cit e CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. O primeiro Shopping Center de Criciúma, situado na

lojas que começam a se instalar. Entre os reclamantes da realização da festa na praça se encontram os comerciantes mais antigos que agora concorrem com um autêntico “*mundo mix*” que ganha visibilidade maior com a realização da quermesse. É neste sentido que tomando a feição de um evento de grandes proporções, a praça se torna inadequada para a quermesse.

É o que se pode perceber neste fragmento recuperado quando da realização da sétima Quermesse em 1995 no Parque Centenário. Logo após o término da festa, as opiniões divididas em relação ao novo espaço da festa se mostram:

“Não adianta, sou teimoso. Preferia a quermesse na praça. Claro, seria impossível realizá-la na praça com a magnitude que teve nesta edição. (...) Quermesse é festa típica do interior, que se desenvolve diante da igreja principal, geralmente sua patrocinadora. É uma festinha modesta, caseira, artesanal, quase intimista, sem parafernálias de luminárias e

praça Nereu Ramos, foi inaugurado em 30 de novembro de 1984. À época o evento teve grande repercussão na cidade, e entre outras era esta a notícia: “*Ontem a praça Nereu Ramos esteve bastante movimentada com o grande número de pessoas indo conhecer a beleza que é o Shopping Center Della Giustinna. No final da tarde a atração ficou com o desfile das lojas Incosul. De parabéns todos os diretores do empreendimento e toda criciúma. Realmente ganhamos um novo ponto de encontro*”. In: JORNAL DA MANHÃ. Criciúma, 01 dezembro dez 1984, p. 3. Um segundo Shopping Center foi inaugurado na cidade em 1996, desta feita no bairro Próspera localizado na entrada da cidade, e recebeu o nome de Shopping Criciúma. Sobre o novo Shopping, o então prefeito de Criciúma em 1997, Paulo Meller, fazia o seguinte comentário: “*A economia do município de forma alguma está estagnada, ela andou meio devagar, mas agora começa a ritmo e gerar empregos. Isso pode ser observado com a instalação de um novo shopping na cidade, gerando renda e quase 500 empregos para o município*” In: O ESTADO. Florianópolis: 04 e 05 de Janeiro de 1997, p. 12. Em depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma em 15/10/1999, o diretor superintendente do Shopping Criciúma, João Graciliano, afirmava: “*o empreendimento é recente, e surge com a vontade de mostrar a cidade que é possível crescer, mesmo com crise. Para isto devemos deixar a cidade limpa e cuidar do meio ambiente. Aqui no shopping estamos colocando flores e embelezando o jardim. É um portão de entrada da cidade e leva seu nome também*”. Para uma análise produtiva sobre Shopping Centers ver: SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Diz a autora: “*Ir ao centro não é o mesmo que ir ao shopping center, ainda que o significativo ‘centro’ se repita nas duas expressões. Em primeiro lugar pela sua paisagem: o shopping center, seja qual for sua tipologia arquitetônica, é um simulacro de cidade de serviços de miniatura, onde todos os extremos do urbano foram liquidados ...*”. Op. Cit., p. 14. Neste mesmo ano de 1999, era criado em Criciúma o “Estatuto que Regulamenta a Utilização da Praça Nereu Ramos”, documento elaborado a partir da iniciativa de: CDL, Câmara da Mulher empresária, PMC, Moradores da Praça, Diocese de Criciúma (criada em 1998), ASSECRI e PM/SC. Através deste documento, assinado pelos representantes das entidades listadas e mais o Prefeito Paulo Meller, ficou acordado que as possíveis infrações à Praça prescritas pelo estatuto seriam penalizadas na mesma medida que estipulava o Código de Postura Urbanística da Cidade. Este Estatuto acabou sendo um dos maiores impedimentos colocados ao retorno da Quermesse para a Praça Nereu Ramos em 1999, sendo que devido a isto neste ano a festa se realizou no pavilhão da Cesaca (antiga fábrica de azulejos colocada no centro da cidade).

microfones. O bom da quermesse é exatamente sua característica caipira e sadia. Nas quermesses, sente-se o cheiro quente e envolvente dos quitutes das avós, preparando com zelo nas barraquinhas adereçadas com capricho. Os pães estão sempre quentinhos derretendo a manteiga, os doces sempre se desmancham na boca e as meninas sempre são brejeiras. (...) Porque não duas festas? Uma a quermesse original, artesanal e doméstica, na praça sem borogodós de bandas couver e caixas de som gigantes, algo assim como o sábado de manhã na Nereu Ramos, e outra portentosa, estadual e porque não, até nacional? Porque não? Seriam ótimas as duas. A quermesse de tradição e cultura não precisa se agigantar nem se estadualizar. Nem tudo o que tem grandes dimensões é bom. Também não quer dizer que a outra festa, jovem, fúrica e vigorosa fosse ruim. Seria igualmente boa. Só que diferente. Por fim, temo que, o inevitável crescimento e gigantismo da quermesse, ele deixe de existir já na próxima edição. Tende a transformar-se numa festa estadual de Criciúma, sem cor, gosto ou cheiro, como qualquer festival, como a Produsul de Tubarão ou qualquer um das centenas de festivais espalhados pelo interior do país. Festa nacional da uva, do pinhão, da cebola, do arroz, do milho, etc, etc, etc. Toda cidade do interior tem uma festa nacional, porque se julga capital nacional de alguma coisa. É uma característica das cidades que não são capitais. Pela quermesse pequena e perene, portanto. Tenho dito”¹¹⁹.

O desejo de realizar uma festa com dimensões caseiras neste momento (1995) já se confunde e antagoniza com outro bastante visível de transformar a festa num grande espetáculo. Para isto, desde que a festa sai da Praça para o Parque Centenário, se investe na sua produção e, se tenta inclusive, inseri-la no calendário das festas de outubro de Santa Catarina. A instituição de festas municipais é um fenômeno que se estende para várias cidades de Santa Catarina. São exemplos a Oktoberfest, em Blumenau; a Fenarreco, em Brusque; Chuchoppfest, em Gaspar; Fenachopp, em Jaraguá do Sul, a Marejada em Itajaí, a Festa do Vinho em Urussanga, Festa do Pinhão em Lages, só para citar algumas delas. É importante situar esta instituição num cenário mais global, articulado com este movimento de criação de festas municipais no Estado, onde a cultura é transformada em espetáculo e vendida como produto através da cultura de massa e por intermédio do fenômeno multimídia. Mesmo porque esta é a atual face (2002) em Criciúma e, a vitrine na qual se pode enxergar mais

¹¹⁹ JORNAL DA MANHÃ. Criciúma, 18 de set 1995, p. 21. A matéria é assinada pelo Jornalista David Coimbra, 46 anos, residente em Criciúma.

facilmente, através das presenças e ausências, as relações vividas na cidade. Sobre esta dimensão maior da festa, bem como de seu financiamento, Edison Balod afirma:

“A Quermesse difere muito das festas que se realiza no resto do Estado. Blumenau vive em função da festa. Outro detalhe estas festas dão resultado financeiro positivo. Aqui na quermesse a estrutura é bancada pela prefeitura, e o resultado positivo é a participação das pessoas. O lucro é dividido entre as Associações. Cada uma vai lá monta seu restaurante e tal, terceirizam e dividem o lucro entre eles nós não temos acesso a isto”¹²⁰.

É certo que a festa passa a ter uma dimensão maior e a praça fica pequena para suportá-la. Em 1991, festa da qual existe farta documentação, os ânimos acirrados¹²¹ da população que vivia uma crise aguda de desemprego promovida pela nova estrutura do setor carbonífero, terão como ponto de encontro ainda a praça Nereu Ramos. Em 1996, quando a questão ambiental se torna a Tônica dos dias¹²² a festa já havia trocado de local (Parque Centenário), de calendário para sua realização duas vezes (agosto e setembro). A suposta repetição das festas, que como vimos não se sustenta, acredito que esteja fundamentalmente ligada às práticas que fornecem a um lugar, um estamento. Cinco etnias, depois seis e sete e novamente seis. Nomes: Quermesse: Tradição e Cultura e Festa das Etnias, a mesma festa e ainda assim diferente. Uma Praça, um Parque, uma Fábrica, um outro Parque (e ainda o mesmo). Assim, somente estando atento para as alterações que pulsam no coração de Criciúma e refletem em ações criativas na vitrine-cidade, é que se pode admitir a idéia de

¹²⁰ Edison Balod. Depoimento já citado.

¹²¹ Uma das lutas mais marcantes ocorreu durante o processo de privatização da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), que atuava em Criciúma através da Companhia Próspera e que era detentora de grandes reservas de carvão. Reagindo ao processo de privatização, os mineiros ocuparam as instalações da empresa, queimaram caminhões e colocaram explosivos nas imediações da Companhia, ameaçando explodir, caso não fossem atendidas suas reivindicações. Para isto Ver: TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

¹²² Ver discussão elaborada no ensaio *Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos*, tópico *Desfile*.

repetição. E, se *lugares* são distintos entre si, e mais ainda, constroem e produzem sentidos, analisemos pois, mais vagorosamente estes indícios.

A Realidade da Utopia¹²³: Entre Lugares Contemporâneos

“Parece-me bem indicado para nós, seguir o exemplo que muitos nos deram e nos dão, isto é, deixar estes lugares”.

(Boccaccio, in Decameron)

“Eu vou partir pra cidade garantida, proibida, arranjar meio de vida Margarida, pra você gostar de mim e, estas feridas da vida Margarida e, estas feridas da vida amarga vida, pra você gostar de mim.”.

(Vital Farias)

Dos mapas aos lugares:

Há um documento colocado entre outros tantos no Arquivo Público de Criciúma¹²⁴, onde são denunciados alguns pontos turísticos¹²⁵ da cidade. Para além do

¹²³ Entenda-se que *utopia* aqui é utilizada, *stricto sensu*, como lugar nenhum. Uma manifestação imaginária que transportaria pessoa a um lugar pensado e sempre a se concretizar. Sobre isto diz Marc Auge: “*Certos lugares só existem pelas palavras que os evocam, não lugares neste sentido, ou antes, lugares imaginários, utopias banais, clichês. Eles são o contrário do não-lugar segundo Michel de Certeau, o contrário do lugar dito (sobre o qual nunca se sabe quem o disse e o que diz)*”. In: AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994, p. 88. Como a seguir tento mostrar, outras dimensões dos lugares podem ser ensaiadas, as quais, sob diferentes maneiras, visibilizam a fluidez contemporânea e sua realidade.

¹²⁴ Documento sob Título: “Históricos de alguns pontos turísticos”, preparado pela Fundação Cultural de Criciúma e à disposição no Arquivo Público Municipal. O documento não tem data de elaboração, mas se pode

inventário dos referidos pontos, o que chama atenção no documento é que, a cada local citado, cabe uma distância referida a partir do centro da cidade. Com isto, para quem acostumado está, quase numa relação direta, colocar e pontuar nomes nos locais e com isto traçar um mapa, a cidade estaria assim delineada e muito bem apresentada. Contudo, tal atitude, para análise de uma cidade contemporânea, é no mínimo prematura. Afinal o que diz uma mapa? Seria nele possível se perceber a desordem e as diferenças postas e vividas numa cidade? Afora o sentido de orientação mais ou menos preciso que um mapa qualquer indica, seu observador tende a alcançar um olhar, e mesmo uma experiência, onde ida e volta se equilibram. Isto significa que ao encontrar a orientação pretendida, o observador, além dela, muito pouco acrescentará a sua compreensão sobre a cidade ou região analisada. Este modo particular e convencional de se estudar uma cidade faz com que, o passear e errar caminhos, o labiríntico e o desconhecido, sejam excluídos da compreensão. Enfim, o mapa, como referência absoluta, impede a construção de um guia da cidade mais próximo do que se pode efetivamente viver nela¹²⁶. Pontos de vistas diferentes e, as vozes da cidade, não podem ser vistas ou ouvidas através do mapa.

inferir que tenha sido produzido entre 1993 e 1994, dado algumas referências colocadas no corpo do texto, tais como nomes e números telefônicos.

¹²⁵ As primeiras preocupações do poder público municipal com o turismo, chamado atualmente de indústria sem chaminés, podem ser encontradas na gestão de Algemiro Manique Barreto (1973-1977), quando é criada a Comissão Municipal de turismo, atendendo o incentivo dado pelo governo Estadual e Federal, representados pelos órgãos: DEATUR e EMBRATUR, respectivamente. Para isto ver: BELOLI, Mário; PIMENTEL, José. **Criciúma** – amor. Itajaí: Uirapuru, 1974, p. 67. Na citada referência se encontra anotado: “*Quem não tem cria, e cria bem*”. O uso turístico do termo “*capital do carvão*” foi argumento maior das campanhas realizadas durante a década de 1980, com destaque dado a criação da Mina Modelo em 1985, já na administração de José Augusto Hulse, anunciada até hoje (2003), como a única mina aberta à visitação pública no mundo. Contudo, apesar da pretensão em ter criado algo bem, somente no final da década de 1980 e início da seguinte, se pode verificar uma ênfase maior no turismo na cidade, sendo a Quermesse: Tradição e Cultura uma das referências.

¹²⁶ Cristina Freire fala de uma experiência que tem com o conhecer uma cidade: “Guardo sempre dois guias das cidades distantes que visito (...) o primeiro comprado antes da partida com lugares precisamente diagramados em ruas e distritos (...) o segundo é construído na volta. Misturam-se, aí, pedaços de papel os mais variados, como passagens...guardanapos de restaurantes...fotografias. In: FREIRE, Cristina. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC:Annablume, 1997, p.33.

Em análise derradeira e óbvia, um mapa nunca faz coincidir o que apresenta com seus territórios, e nestes, seus entre-lugares. É possível inferir que o contínuo e a estabilidade colocada no mapa, uma coleção países, de cidades ou ruas, promovam o enraizamento de culturas. Enquanto as partes coloridas de um mapa se apresentam, não se pode nele perceber o trânsito cultural próprio do contemporâneo, cada qual está ali marcado: “*país de florestas*”, “*cidade do carvão*”, “*cultura marítima*”, e assim por diante. Nele fica inviável perceber outras enunciações. Mais que isto, os lugares ficam tão estavelmente marcados que parecem encarnar mesmo aquilo que denominam. Assim, os criciumenses vivem em Criciúma, os operários na periferia, a violência em pontos delimitados. Os lugares são transformados em espaços, e estes apresentados então como “*uma grade neutra sobre a qual a diferença cultural, a memória histórica e a organização social são inscritas*”¹²⁷.

Não existe isomorfismo entre espaço, lugar e cultura, como já indicaram Akil Gupta e James Ferguson. Em ensaio muito inspirado¹²⁸, estes antropólogos indicam como manifestações culturais perderam suas amarras a lugares definidos, ressaltando a importância da diferença cultural. Assim, a identificação de um lugar é produzida na “*interseção entre seu movimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e sua construção cultural como comunidade ou localidade*”¹²⁹. Há uma relação tensa entre lugar e identidade que precisa ser pensada, ao invés de negada ou ignorada¹³⁰. Por isto o chamado

¹²⁷ GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 32.

¹²⁸ Ver: Idem, pgs. 30-49.

¹²⁹ Idem, p. 34.

¹³⁰ Estou me referindo a prática comum tradicionalmente empreendida por historiadores, que tinham na identidade um lugar primeiro e último das ações culturais e sociais. Seria muito arriscado e mesmo frágil, uma atitude que de modo insistente se coloque a atribuir, de forma quase sacra, um lugar a uma identidade, em relação direta. Mesmo porque identidade não é o resultado fechado de heranças culturais, mas a produção contínua e dolorida de criações diárias, inseridas no jogo social. Devido a isto, certamente é mais adequado trabalhar com a idéia de identificação e com as implicações que se relacionam a ela, como a idéia de tradução. Isto é uma possibilidade de pensar elementos que tentam estabelecer regras e lugares próprios a grupos ou

“hiper-espaço”¹³¹ coloca seriamente em suspeição a convicção de que culturas possam ser mapeadas sobre lugares e povos. O discurso pós-colonialista é por demais fragmentado e ambíguo para que seja possível ainda uma prática tão causal.

O lugar, visto por Michel de Certeau como o espaço praticado ou configuração instantânea de posições¹³², foi para mim ao longo desta tese, uma implicação primeira. Para além da dimensão do “próprio” em um lugar, na cidade contemporânea, onde os fluxos são intensos, “*o aqui e o lá*” ficam embaçados e a idéia fixa de enraizamento é estremecida. Assim, se instala a ruptura significativa entre cultura e espaço, ou melhor, entre cultura e

sujeitos justamente fora desta dimensão unívoca. A identificação opera com a duplicidade, do outro e de nós mesmos, ou seja, considera os outros de nós mesmos. A identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, tampouco, de uma atividade pré-cumpridora, traz a marca da fissura no lugar do outro de onde ela vem. É Neste espaço suplementar de duplicação – não de pluralidade redutora – descrita por Frantz Fanon como profunda “indecibilidade” cultural que “*o povo como forma de interpelação emerge do abismo da enunciação onde o sujeito se divide, o significante “desaparece gradualmente” e o pedagógico e o performático são articulados de forma agonística*”. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 217-218. Ver também na mesma referência: Interrogando a identidade: Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. In: BHABHA, Homi K. Op. Cit., pgs. 70-104. E ainda, como colaboração, ver: HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: as perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹³¹ Termo utilizado para delinear o lugar do excesso de significados do qual a contemporaneidade é prenhe. Entre outros pensadores, o hiper espaço é teorizado, em diferentes abordagens, por: Arjun Appadurai, Massimo Canevacci, Marc Augé, Fredric Jameson e Zygmunt Bauman. Estes pensadores indicados divergem em muitos pontos, mas em todos é possível identificar a preocupação com os elementos que compõem e complexificam o contemporâneo, tais como: o trânsito, o lugar, o global. Também me parece adequado anotar que, entre os nomes citados, Fredric Jameson aparece como um espécie de anti-afinidade eletiva, visto a crítica que estabelece à abordagem pós-moderna. Para isto ver as considerações consistentes que Homi K, Bhabha realiza à obra de Jameson, onde se encontra, entre outras, a seguinte observação: “Jameson dissipa o potencial (político) do futuro como questão aberta, ou ‘nova ordem / fronteira do mundo’, ao transformar as diferenças sociais em ‘distância’ cultural e ao converter temporalidades intersticiais, conflituosas, que podem não ser nem de desenvolvimento nem lineares (não dispostas para cima ou para baixo em uma escala temporal), nos *topoi* da separação espacial”. In: BHABHA, Homi K. Como o novo entra no mundo: o espaço pós-moderno, os tempo pós coloniais e as provações da tradução cultural. In: Op. Cit., p. 302.

¹³² Segundo Certeau, “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.(...) (O Espaço) Diversamente do lugar, não tem nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (...) Em suma, o espaço é um lugar praticado” In: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 200-202. Ainda nesta dimensão, Certeau diz também que entre as duas determinações: Espaço e Lugar, o sujeito transita, existem passagens. Isto é, em modo distinto, indicar a dimensão do entre lugar, do qual Homi K. Bhabha parece ser um referência importante. Ver discussão a respeito mais à frente.

lugar. Esta é uma perspectiva produtiva para se pensar uma cidade como Criciúma. A fixidez que a tradição atribui aos lugares em muito já se vazou para outros tantos. Existe a fluidez do contemporâneo. As diferenças não podem ser analisadas se tendo como referência a distância, quase sempre apresentada em metros e, para aqueles que ainda não acordaram para isto, fica dito que estes podem estar almoçando à mesma mesa, com o fundamentalismo, o racismo ou outras manifestações afins.

Lugares (In)Comuns:

Transitar pela cidade. Esta é a atividade mais próxima do momento, mais distante das estabilidades, menos morta da vida citadina, mais íntima das superfícies. Não mais falamos da *flânerie*¹³³ — ao menos não como uma referência central — porque a idéia de centro e mesmo de auge, já não é mais possível de ser posta de modo tão puro ou mesmo natural. Vivemos o tempo *ex-cêntrico*, mais que um plural, coloquemos diferenças nisto: *ex-cêntricos*. Para a leitura da Criciúma contemporânea, isto é decisivo. Fora do lugar comum de se enxergar ações polarizadas entre a população do centro e da periferia, e para além de uma simples integração de ambas possibilidades, as produções culturais da cidade indicam este

¹³³ Expressão muito utilizada para a análise das cidades, especialmente pela chamada perspectiva moderna. A referência maior certamente ainda é a obra de Walter Benjamin a comentar o lirismo de Baudelaire no tempo em que o filósofo chamou de próprio do Auge do capitalismo. Ver: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos M. Barbosa, Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

deslocamento; o lugar intervalar onde, não esquecendo as diferenças, inscritas sejam elas na expressão corporal, na vestimenta ou mesmo no alimento que ingerem, as negociações — e não às negações — se fazem. Falamos então de uma temporalidade capaz de articular elementos antagônicos e contraditórios.

Num sábado de primavera, hoje já mais florida em Criciúma¹³⁴, caminhando pela cidade, encontro então um roda de capoeira. Para uma cidade acostumada a outros tipos de práticas, no mínimo menos permissíveis, congelada em seus monumentos, aquilo era um sinal forte desta negociação mencionada. Mais ainda, a inscrição do lugar gritava a mudança. Como poderia agora tal prática ser vista e mesmo apoiada pelo poder público¹³⁵? No ritmo do berimbau, elas desafiavam a solidez de uma tradição, fazendo a roda em frente ao Colégio São Bento, no chão da Praça do Congresso¹³⁶. O lugar estava definitivamente impregnado de Outros, de um Outros de nós mesmos. Fica posto que estes Outros não são produzidos fora de uma dimensão dolorosa e ressentida. A instauração do referido grupo de capoeira na cidade pode dar uma idéia mais elaborada disto:

¹³⁴ Ver discussão a respeito no Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos.

¹³⁵ Especialmente as ações implementadas pela Fundação Cultural de Criciúma e mais ainda avolumadas a partir de 2001, por sua atual (2003) Gestão.

¹³⁶ Em 1945 foi criada a casa da Criança Nossa Senhora de Fátima, vinculada a Congregação Religiosa Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Em 1952 se transfere a administração da referida Casa para uma outra Congregação: Irmãs Beneditinas, ano que estas chegam na cidade. As Beneditinas criam em 1956 o Ensino Primário (1^a a 4^a Séries). Em 1958 ampliam as dependências. Em 1964 é criado o Ginásio Moderno São Bento, sendo em seguida (1965) criado o colégio Normal. Em 1968 são unidos todos os graus de formação, e o Colégio São Bento atinge a configuração que hoje possui. O Colégio São Bento, ao longo destes anos, tem privilegiado a formação das pessoas de maior poder aquisitivo da cidade, “tradicionalmente” conhecida como “elite”. Aliás, sobre a participação deste colégio na V Quermesse (1993) rendeu alguns protestos. Sob o título “Discriminação”, o Jornal da Manhã (ver) de 10/09/93 em sua página 4, a matéria mostra que representantes da etnia negra distribuíam panfletos reclamando da atitude do colégio em ter colocado uma menina “de cor clara” representando a etnia negra na missa das etnias organizada pelo referido colégio. A Praça do Congresso foi criada em 1946 para centralizar as comemorações do Congresso Eucarístico, daí o nome, realizado na cidade no mesmo ano. Ambos Colégio e Praça lugares, portanto, imbuídos de uma dimensão sacra. Em forma de digressão provocativa, gostaria de colocar o seguinte: enquanto escrevo estas linhas, percebo a solenidade que damos aos nomes, e, isto me parece desde muito cedo. Ainda no ensino fundamental, quando de nossa alfabetização, nos ensinam a colocar letra maiúscula em nomes próprios. Tendo em vista que hoje parece haver pouco de “próprio” nos lugares, não seria hora de mudarmos também nossa escrita?

“O grupo de Capoeira Liberdade chegou aqui em Criciúma em março de 1996. Em julho de 1997 foi vinculado à UNESCO, que mantém o grupo como forma de extensão universitária. Quando começamos em 1996, as pessoas nem chegavam perto, eram frias. Acredito também que em parte isto se dava porque, particularmente no meu caso, era uma mulher que trazia isto para a cidade. E ainda de fora, pois o Grupo foi formado inicialmente em Caxias do Sul (RS) e eu era de Torres (RS) chegando na cidade para estudar (...). Também me chama a atenção a fraca presença negra no grupo, mesmo sabendo que uma parte importante da cidade é formada por esta população. (...) Mas nos últimos anos aumentou muito a participação de todos. Começamos com uns vinte e hoje temos duzentos. Hoje o grupo se apresenta na cidade em muitos eventos, como a Quermesse, por exemplo, e ainda em lugares como o Shopping Center.”¹³⁷

A temporalidade a qual nos referimos pode dar conta de visibilizar as práticas colocadas na citação acima. No contemporâneo citadino, os elementos culturais quase sempre estão mais ligados ao momento do que a um lugar perfeitamente delimitado. Há que se revirar os lugares, tal qual a prática posta com humor pelo Circo do Revirado¹³⁸ em Criciúma. Cristiane Fernandes Berg, na citação colocada acima, menciona a frieza da cidade para com a prática da capoeira. Na justificativa fornecida pela professora de capoeira, se pode perceber um pouco deste revirar de lugares a qual me refiro. Através negociações, não apenas de origem (“vim de Torres”), nem de uma exclusividade étnica (a ausência negra), ou mesmo de gênero (“porque sou mulher”). É no cruzamento — palavra bem conhecida dos

¹³⁷ Fragmentos recuperados de depoimentos concedidos a mim por Cristiane Fernandes Berg, 28 anos, professora de capoeira no Grupo Liberdade. Depoimentos coletados nos dias 11/08/2003 e 18/11/2003. Cristiane Berg também informou que os alunos do referido grupo pagam uma mensalidade de R\$ 20,00, subsidiada pela universidade que paga seu salário. Também produziu a referida professora, um Trabalho de Conclusão de Curso (em Educação Física) na UNESCO, sugerindo a inclusão de aulas de capoeira na grade curricular do Curso de Educação Física da Unesc, que, segundo a mesma, será implementado no Curso no primeiro semestre de 2004. Para isto ver: BERG, Cristiane Fernandes. **Proposta para inclusão da capoeira na grade curricular do curso de Educação Física da UNESCO**. Criciúma: UNESCO, 2001. (Trabalho de Conclusão de Curso). Um embate semelhante vem ocorrendo com os grupos italianos (ver discussão sobre estes grupos mais à frente) que, há alguns anos, tentam implementar o italiano como língua a ser estudada em Criciúma, desde o ensino fundamental.

¹³⁸ O *Circo do Revirado* há seis anos desenvolve trabalho com bonecos e atua em peças infantis. Para os artistas envolvidos (um casal, cujo o nome do homem Reveraldo Joaquim, deu o título ao Circo) os melhores palcos são as ruas e os melhores figurinos, as pernas de pau. Ver: tribuna do dia, Criciúma, 14 e 15 nov de 2003, p. 26.

criciumenses¹³⁹ — destas referências que se pode perceber a força da negociação e a instabilidade dos lugares. Sim, pois até o início da década de 1990, a cidade era bem menos *cosmopolita*, para usar um termo de fácil compreensão, e bem mais étnica, no sentido da preservação de raízes. A Quermesse, chamada de Festa das Etnias, que numa leitura rápida poderia ser vista como simples manifestação étnica, produz com ela seu duplo: o Outro deslocado, que desestabiliza o chamado “*poder das etnias*”, introduzindo outros territórios¹⁴⁰. Para além da força expressiva da capoeira, vista como prática antiga entre brasileiros¹⁴¹, e que justamente por carregar esta “antiguidade” pode ser entendida ainda de forma tradicional, o contemporâneo cricumense vive outras possibilidades. O ritmo se coloca.

É certo que lugares, mesmo que tenham pretensamente a idéia de estabilidade, não aliviam tensões. Willian Santiago Bernardo, 26 anos, é rapper do Grupo Ato Consciente de Criciúma. Através do Rap cantado pelo grupo se pode ter uma idéia do que é viver numa cidade contemporânea, em seus entre lugares, quase sempre bastante territorializados. *Idéia Forte*¹⁴² vincando territórios na cidade. Vejamos alguns exemplos:

“(…)Lá na zona Sul, irmão, não é diferente, o rap é quente, muita gente ta dizendo idéia forte. No Clube Operária, pode crer, é nossa área, hip-hop não desanda porque tem idéia forte. (...) Skate, rap, um garrafão de vinho para esses manos, com a mina eles amanhecem em grande estilo, o que é aquilo? , aquele cara está chegando, é o Fernando, olha só que pinta de malandro, é Nike Jordan no pé, na cabeça o boné e ta mascando chicle (...) Na

¹³⁹ Ver discussão sobre cruzamentos no ensaio Futuro do Pretérito: um aniversário bem festejado.

¹⁴⁰ Ver discussão sobre fronteira e entre-lugares mais à frente.

¹⁴¹ E para o caso específico de Criciúma, é bom que se diga, já que estamos sempre no âmbito das diferenças, a ausência de negros no grupo de capoeira (apontada por Cristiane Berg em seu depoimento), ao que tudo indica, se conecta a várias implicações, ramificações de um grande rizoma. Contudo é possível inferir que ainda existe uma preocupação maior de alguns negros da cidade (e não afro-descendentes, como insiste parte de um multiculturalismo contemporâneo) com a idéia de preservação de raízes. Tendo em vista que a capoeira contemporânea se “*embranqueceu*”, esta seria na visada negra, uma atitude de resistência. Além disto, como se sabe e não se precisa ficar apresentando dados, boa parte da população negra continua ainda inserida em processos de exclusão a aviltamento da própria vida. Sendo assim, uma parte considerável de jovens negros, que poderiam estar participando do grupo de capoeira citado, não o fazem pela falta de dinheiro (afinal, 20,00 reais são, infelizmente, quase dez por cento de um salário mínimo atualmente – 2003-) ou ainda porque trabalham em empresas – setor de serviços por exemplo – nas quais os horários de seus turnos os impedem de participação no grupo de capoeira.

¹⁴² *Idéia Forte* é título de uma das músicas do primeiro CD produzido pelo Grupo Ato Consciente.

Cesaca é o que rola, os parceiro tão ligado se chover é embaçado, outro dia estava lá no terminal central(...) tá chegando o amarelinho quem ta dentro é o povinho (...)¹⁴³

O rapper fala da cidade de dentro dela¹⁴⁴. A linguagem e as letras instauram diferenças. O Clube Operária¹⁴⁵, um dos territórios negros da cidade, ganha voz. Na Cesaca, antiga fábrica da cidade, posteriormente transformada em pavilhão onde se realizaram duas das quinze Quermesses, como vimos, há o encontro, e “rola o som”. O território é assim mesmo, ao ar livre e na rua quase sempre, por isto, se chover fica “*embaçado*”. No trânsito vai chegando o amarelinho, o ônibus de linha circular da cidade, que pode levar todos à Zona Sul, onde não é diferente, “*o som rola e o bicho pega*”. Esta é a territorialização local. Contudo, há também, e as músicas permitem identificar isto, os territórios que se deixam atravessar por outras manifestações. O próprio Rap do Ato Consciente é muito resultado disto. As referências iniciais do rap foram forjadas em territórios negros americanos, ainda em fins da década de 1960. O Ato Consciente deixa claro alguns ícones da expressão rapper americana: “*É Nike Jordan no pé, na cabeça o bonê*”. Mais que isto, o Rap na cidade acaba

¹⁴³ Esta citação recupera trechos de algumas músicas do Grupo Ato Consciente, sendo elas: Idéia Forte; Zé Povinho; . O CD lançado pelo grupo foi uma produção caseira. Segundo Willian, um dos integrantes do Grupo, “*é muito caro fazer um CD registrado, e conseguir uma gravadora, então, é quase impossível. Já passamos dificuldade para fazer a música tocar nas emissoras de rádio da cidade, coisa que ainda não conseguimos. O recurso foi gravar na casa de um amigo, no computador que ele tinha. Para as vendas a gente acertou com um comerciante da cidade. Ele dá o material, os cd’s no caso, e faz capas e tal. O Cd é pirata é claro. Mas foi o jeito. Dividimos o lucro meio a meio com comerciante. Vendemos já umas 250 cópias desta forma. Também vendemos cópias do cd nos shows que a gente faz pela cidade*”. In: depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, por Willian Santiago Bernardo, em 05/09/2003.

¹⁴⁴ Um leitura muito interessante sobre isto pode ser encontrada em: ORLANDI, Eni P. Tralhas e Troços: o Flagrante Urbano. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas, Pontes, 2001, pgs. 9-24. Ver também na mesma obra, os sentidos públicos no espaço urbano discutidos por Pedro de Souza (Espaços interditados e efeitos-sujeito na cidade) e Sueli Rolnik (novas figuras do Caos: mutações da subjetividade contemporânea).

¹⁴⁵ Clube União Operária, instalado na cidade desde 1937, foi desde sua fundação, um território negro. Mais que isto, fez frente a outros territórios, a exemplo daquele forjado pelo Clube União Mineira (criado em 1935), onde até fins da década de 1960, “negro não entrava”. A relação entre estes dois clubes sempre foi muito tensa. Conversando com várias pessoas do Bairro Santa Bárbara, não negras, foi possível perceber a indiferença destas com a participação do União Operária na construção social do bairro. Quando da realização da festa de Santa Bárbara (que ocorre de forma intermitente há mais de 80 anos), havia sempre no sábado à noite, um baile festivo

contribuindo para ampliar a visibilidade e a discussão pública de uma série de tensões vividas não apenas pelos negros, mas por boa parte das pessoas que vivem em territórios onde a falta de perspectivas é uma constante. Ao falar de emprego, violência, diversão e outros tantos temas, o Ato Consciente mostra que, como diz uma das suas músicas, “*malandragem de verdade é viver*”¹⁴⁶. As apresentações do grupo acontecem em muitos lugares da cidade: Boates, Bairros da Periferia, no Calçadão da Praça Nereu Ramos, na Quermesse: Tradição e Cultura¹⁴⁷ e, apesar do protesto de alguns¹⁴⁸, em Shopping Centers também.

Tendo em vista o que foi dito, se tivermos em mente os sons e os territórios hoje vividos em Criciúma, fica mais claro a visualização da dinâmica contemporânea vivida. A Praça Nereu Ramos, território inicial da quermesse, está repleta destas referências. Continua sendo o lugar de protestos, mas também de exposições, feirinhas, músicas, placas, monumentos, shopping e outras tantas possibilidades, que fazem fragilizar a idéia de que exista algo de próprio nos lugares. Mais que um Centro Histórico ela é hoje um grande Parque Temático, sim pois é de se pensar a quem interessaria transformar a cidade, em sua

no União Operária. Incomodou-me muito o fato de boa parte das pessoas com quem conversei, desconhecer ou simplesmente esquecer o evento que acontecia e ainda acontece.

¹⁴⁶ Malandragem de verdade, música do CD *Dia a Dia em Criciúma* do Grupo Ato Consciente.

¹⁴⁷ Neste sentido é muito interessante perceber como é visto manifestações como o Rap e a Dança de Rua por parte dos idealizadores da Festa. Como já comentei, em março de 2003 fui convidado participar do Seminário de Festas Populares, organizado pela Fundação Cultural de Criciúma. Quando se falou da abertura maior que deveria ser dada a outras manifestações que não apenas às étnicas, e citada nominalmente e Dança de Rua, um dos membros presentes à reunião de imediato falou: “se ampliarmos desta forma, vamos gastar muito com segurança, pois sabemos como se dão estas danças e quem as faz”. Expressão possível para aqueles que acreditam que a violência se encontra circunscrita apenas a determinados territórios.

¹⁴⁸ O próprio Willian relata que há resistência de algumas pessoas que participam do Rap em Criciúma, em frequentar Shopping Center. Diz Willian: “Eu acredito que nada tem de ruim irmos ao Shopping. Eu gosto do ambiente, acho pessoas legais por lá e é também um grande ponto de encontro da cidade. Não adianta ficar fazendo só estilo e cara de mau”. In: Willian Santiago Bernardo. Willian me pareceu uma destas pessoas “traduzidas” que tento discutir mais à frente. Morador do Bairro Pio Corrêa durante toda sua infância, teve contato desde cedo com pessoas de classe média alta. Sua família, era uma das poucas negras e de classe média baixa no Pio Corrêa. No colégio (público) que estudou tomou contato com pessoas de outras regiões da cidade e, muito cedo começou a frequentar a periferia de Criciúma. Interessou-se por dança de rua, e entrou para um grupo junto a amigos da Vila Zuleima. Há cerca de quatro anos deixou a dança e criou um Grupo Ato Consciente.

dinâmica atual, num grande museu, ainda que de novidades¹⁴⁹? Mais que um centro a ditar o urbano e construir territórios, existe hoje a “*ex-centro-cidade*”, categoria que recentemente reivindicou para si, em campanha publicitária, um Distrito de Criciúma: “*Rio Maina, aqui é minha cidade*”¹⁵⁰.

Assim, territórios étnicos, comunicacionais, gastronômicos¹⁵¹, se cruzam e constroem sentidos. Isto implica em reconhecermos a necessidade de um cuidado maior entre o global e o local, bem como com as diferenciações produzidas nesta articulação. Como mostra Stuart Hall, “*a globalização de fato explora a diferenciação local. Desta Maneira. Ao invés de pensar na substituição do global pelo local, seria mais cuidadoso pensar em uma nova articulação entre global e local*”¹⁵². Criciúma é uma cidade que tem pouco mais de três

¹⁴⁹ Estou me referindo a possibilidade quase sacra de consagrar aos lugares uma estabilidade. Em frente à Praça Nereu se instalou em novembro de 2000 uma placa em bronze para fixar naquele lugar a idéia de um duplo. Mas não o duplo que tem no Outro seu encontro, e sim o duplo que tem em si mesmo a referência. Estou falando da placa comemorativa do Gemellaggio. Para isto ver discussão mais à frente. Quanto a idéia transformar à cidade num grande museu, ver desenvolvimento melhor em: Augé, Marc. **Não Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994. Aliás, entre as concepções de lugares que tento discutir aqui, a mais radical me parece ter sido iniciada por Marc Augé que assume a idéia de uma supermodernidade e de não-lugares. Contudo, apesar de sedutora, tal perspectiva se constrói sob fraca ou nenhuma preocupação com diferenças ou mesmo a dimensão de poder que, de formas distintas, se tenta impelir a um lugar.

¹⁵⁰ Campanha publicitária iniciada em março de 2003, pelos comerciantes do Rio Maina, prontamente apoiada pela população local. A campanha ainda vem acontecendo (novembro de 2003) e comerciantes junto ao CDL local distribuem camisetas, folders e outros brindes pelo Distrito, especialmente, é claro, em suas áreas mais carentes. Nestor Garcia Canclini fala desta relativa independência que Bairros e Distritos tem alcançado nas cidades contemporâneas, provocada pelo desenvolvimento mais adequado e próximo do comércio, dos ambulatórios médicos e outras produções. Para isto ver: CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. No caso específico do Rio Maina, com informação última mesmo (obtive pouco antes da impressão final desta tese), fica anotado que foi criado um site por moradores do citado Distrito, onde seus organizadores se mostram contra ao processo de emancipação que algumas pessoas iniciam novamente (já houve duas tentativas, uma na década de 1960, e outra na década de 1990). O processo de emancipação de Rio Maina é visto pela maior parte do distrito (segundo o resultado dos plebiscitos), como de interesse quase exclusivo dos comerciantes do local. O endereço do site, por si, já indica o desejo de fazer parte da cidade: www.criciumaunida.com.br (capturado em novembro de 2003).

¹⁵¹ A gastronomia foi, desde cedo, uma grande especialidade vendida nas Quermesses realizadas na cidade. Entre quase uma centena de referências que tenho coletadas quanto ao aspecto gastronômico, algumas citadas nesta tese, deixo aqui uma em especial que chama atenção pelo caráter do “pioneirismo” ainda vivo entre parcela da população criciumense: “Solicitamos barraca para a quermesse em nome do Coral Infantil Rouxinóis de Rio Maina, para que nela possamos comercializar asada de frango, prato o qual Criciúma é pioneira” In: Documento encaminhado a Comissão Organizadora de III Quermesse: Tradição e Cultura (1991) assinado por Sueli Ronchi, disposta na pasta número 85 no Arquivo Público Municipal de Criciúma.

¹⁵² HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. Tradução de Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone Miziara Frangella. Campinas: IFCH / Unicamp, n. 18, dez de 1995, p. 61.

dezenas de bairros, vista como *capital do carvão, terra das etnias, capital do azulejo, terra da emigração*, ou atributos outros que possam ser aventados, onde os lugares e circunstâncias se constituem em imbricadas manifestações híbridas¹⁵³ que nada têm de serenas e tranqüilas, como vimos.

Entre lugares:

Uma cidade híbrida e fraturada em sentidos, construída sobre referenciais diversos, é um lugar onde fronteiras, territórios, identificações, diferenças, etnização, globalismo, são vividos e experimentados. É neste sentido que se pode ver os fenômenos contemporâneos inscritos em Criciúma. O pensamento de que as culturas podem ainda formar um conjunto distinto de referências inscrustado em objetos ou espaços da mesma forma distintos, fenece frente aos lugares ou territórios ocupados por mulheres e homens, habitantes das fronteiras contemporâneas. O nomadismo¹⁵⁴ contemporâneo, o nem lá nem cá, produz deslocamentos em quase todas as ações culturais e sociais. Os trabalhadores nômades, “furadores de fronteiras”, que passam parte do ano como sorveteiros na Alemanha, colhendo uvas na Itália ou ainda sendo “*Valet Park*” num hotel de luxo em Miami, podem também passar parte do mesmo ano em suas casas “nativas”, mas serão ainda assim, “estrangeiros em casa”¹⁵⁵. É esta

¹⁵³ A idéia de hibridismo não elimina a problemática dos lugares. O contrário, a polemiza ainda mais. O texto hoje clássico de Pierre Nora fala disto: “Lugares portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e morte de tempo e eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel”. In: NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo, (10), dez. 1993, p.22.

¹⁵⁴ Nomadismo aqui referenciado como uma ação de trânsito e desterritorialização cultural. Em abordagem distintas, esta perspectiva pode ser encontrada nas obras, por exemplo, de Gilles Deleuze e Michel Maffesoli.

¹⁵⁵ As funções citadas são apenas ilustrações das inúmeras atividades exercidas pelos emigrados criciumenses nos países para aonde se dirigem. Durante minha pesquisa tive oportunidade de conversar com pessoas que hoje vivem neste trânsito contínuo. Na maioria dos casos que tive contato, a ambigüidade presente na experiência transitória, que faz estas pessoas encarnarem a desterritorialização cultural, voluntariamente era mencionada. Lutam para carregar sua manifestação cultural para onde se destinam, bem como trazem, no retorno à “casa”, incomodações desconfortáveis quanto as referências que eles mesmos tinham como tranqüilas. Não podem,

cultura “*inter-nacional, que tem bases não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura*”¹⁵⁶. Nesta dimensão, Bhabha lembra que é o fio cortante da tradução e da negociação: o *entre lugar*, que carrega o fardo do significado de cultura, o espaço praticado onde temos a “*possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos*”¹⁵⁷. Portanto, ao falar da cidade contemporânea e das relações nela empreendidas, como me parece ser a configuração inscrita em Criciúma, não poderíamos calar a fala sobre fronteira e hibridismo e, a performatividade de suas enunciações.

Sendo assim, falemos da cidade das pedras. Em 1999, Criciúma ganhava destaque na imprensa nacional, em reportagem que a apresentava como “a nova Governador Valadares”¹⁵⁸. A notícia tentava comparar a evasão de parcela considerável da população daquela cidade em direção aos Estados Unidos, já bastante conhecida no Brasil, com a

assim, afirmar seguramente se ficam ou se voltam, e se lançam então ao trânsito. Falando sobre processos de emigração, Hans Magnus Enzenberger já disse que: “Uma proporção considerável da humanidade sempre esteve em movimento, migrando ou fugindo pelas razões mais diversas, de maneira pacífica ou violenta – uma circulação que só pode levar a uma turbulência perpétua. Trata-se de um processo caótico, que frustra qualquer tentativa de planejamento ou até mesmo de previsão a longo prazo”. In: ENZENSBERGER, Hans Magnus. *A Grande Migração: trinta e três letrados de sinalização – seguidos de uma nota a respeito de “certas peculiaridades da caçada humana”*. In: Op. Cit. **Guerra Civil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.98. Idéia semelhante a respeito do nomadismo pode ser encontrada também em: MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁵⁶ BHABHA, Homi K. Op. Cit., p. 69. Gostaria deixar claro que o trabalho com o hibridismo, apesar de sedutor, tem suas implicações e, mesmo, muitas limitações. Há que se pensar a forma híbrida a qual nos referimos quando nos inserimos neste tipo de abordagem. Em minha limitada compreensão, acredito que exista um trabalho ainda a ser feito que contemple, de forma inclusiva, posturas distintas do hibridismo. Por um lado existe a possibilidade híbrida do “estar junto”, da mistura de referências e até mesmo da chamada sociedade do espetáculo, do qual, as expressões maiores que dispomos parecem ser: Massimo Canevacci, Nestor Garcia Canclini e Michel Maffesoli. Por outro, existe um hibridismo que tem uma preocupação maior com a dimensão do político e de suas inúmeras manifestações e negociações, sendo em minha visada, Homi K. Bhabha seu articulador primeiro. Ainda neste sentido, segundo minha compreensão e após inúmeras discussões com professores amigos, mantenho a opinião de que são formas distintas, complementares e não excludentes de se falar do viver contemporâneo e, é justa esta dimensão que tento nesta tese deixar marcada.

¹⁵⁷ Vejamos que esta é uma postura totalmente distinta de enxergar o *inter-nacional*, por muito tempo e talvez, por muitos ainda, vista como mera ou redutora forma de um imperialismo onipresente. Idem, p. 69.

¹⁵⁸ REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 06 de outubro de 1999, p.128-9. Quanto à situação de Governador Valadares ver reflexão consistente realizada por: MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

experiência vivida nos últimos anos em Criciúma. O número de criciumenses que se dirige para os Estados Unidos em busca de trabalho aumenta a cada ano, fazendo com que a cidade hoje (2003), seja uma referência nacional em exportação de mão de obra para a América do Norte¹⁵⁹ e Europa (principalmente Itália, Portugal e Inglaterra).

Esta diáspora, para além das alterações nas vidas daqueles que nela se lançam, acaba promovendo também uma série mudanças na cidade que fica. As motivações para a emigração são inúmeras, mesmo que quase sempre sejam apresentadas de forma simples: busca pela sobrevivência ou ainda vantajosos alcances financeiros. Além disto, se pode dizer que há uma inversão da antiga expressão do “*fazer a América*”, antes sonhada pelos imigrantes italianos que chegavam na cidade ainda no século XIX, pois o jogo do trânsito está colocado. O romper fronteiras, agora, enuncia o “fazer a América” como obra de emigrantes, os colocando, nesta forma, na ordem dos dias.

Na década de 1990 se acentua a emigração de criciumenses para os Estados Unidos e Itália e, ao que se pode perceber, se mantendo as implicações locais que serão discutidas a seguir, o fenômeno pouco se distancia de outras tantas trajetórias encontradas nas

¹⁵⁹ O número de criciumense que emigram vem aumentando desde fins da década de 1980, com crescimento considerável na década de 1990. É virtualmente impossível, atualmente (2003), se alcançar um número preciso de emigrantes criciumenses nos Estados Unidos. Em reportagem de um jornal local se pode encontrar que: “25 mil pessoas da região carbonífera trabalham nos Estados Unidos”. In: Jornal da Manhã. Criciúma, 31/08/2002, p. 5. Em entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 06/06/2002, Eduardo Mondardo, conhecido como Duda, proprietário de uma das maiores imobiliárias do município (Duda Imóveis) afirma que “seguramente hoje existem mais de trinta mil criciumenses trabalhando nos Estados Unidos”. Por seu turno, Amilton Rocha, empresário do setor metalúrgico e, pelo que consegui levantar, um dos primeiros da região a viajar para Os Estados Unidos com a idéia de intercâmbio e também de trabalho, ainda em 1968, diz: “acredito que mais de vinte mil criciumenses estejam atualmente nos Estados Unidos”. In: Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 21/06/2000. Um estudo mais consistente sobre estes dados vem sendo elaborado atualmente por Gláucia O. Assis, que realiza uma tese de doutoramento sobre os emigrantes Criciúmenses que estão nos Estados Unidos. Segundo Gláucia O. Assis, cerca de 3,2 % da população criciumense emigrou para os Estados Unidos. O número é mais significativo quando cotejado a média nacional das cidades que é de apenas 1%. Isto leva a pensar que, dado a população de 180 mil habitantes em 2003 (ver dados na introdução desta tese), seguramente, no mínimo seis mil pessoas da cidade de Criciúma hoje (2003) estejam trabalhando nos Estados Unidos. Estamos então falando de uma cultura da emigração que se vislumbra em Criciúma. Ver ainda, sobre os dados comentados: ASSIS, G. O. " De Criciúma para o mundo": gênero, família e migração. **Campus**

migrações internacionais: formação de redes¹⁶⁰ (legais ou ilegais) que dão conta de oferecer serviços desqualificados para o emigrante, a pretensão de ganhar dinheiro ou mesmo, numa perspectiva mais ampla, a necessidade de se sentir cidadão¹⁶¹.

Os emigrantes criciumenses, atualmente(2003), tem colaborado de modo significativo para alteração da realidade social vivida em Criciúma. A especificidade local é flagrante. Filas enormes nas repartições de agências bancárias destinadas ao câmbio, anúncios publicitários dispersos ao longo de ruas e avenidas da cidade, oferecendo serviços de postagem, envio e recebimento de mercadorias e investimentos, o crescimento do setor de serviços e a notável explosão setor imobiliário e da construção civil, são exemplos destas alterações. Em abril de 2000, o Jornal da Manhã produziu durante todo o mês, uma série de reportagens sobre os emigrados, quase sempre na tentativa de aproximar e estabelecer vínculos entre criciumenses emigrantes e seus familiares e amigos que se encontram em Criciúma. Nestas matérias se pode perceber como empresas diversas, especialmente do setor imobiliário, se integram ao fenômeno da emigração¹⁶². Sobre este aspecto, a fala de um dos líderes do mercado imobiliário em Criciúma é contundente:

Revista de Antropologia Social. Edição Especial IV Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba. UFPR, n. 03 ano 2003, p.31-51.

¹⁶⁰ A idéia de rede social e cultural já há algumas décadas vem sendo estudada. Destaque seja dado a Barnes que inicia a análise a partir de processos e não da idéia fixa de comunidade, isto ainda na década de 1960. Em Criciúma, as redes que trazem e levam emigrados, se constroem a partir de necessidades básicas iniciais: obtenção de visto de entrada, arranjo de emprego e moradia, etc.

¹⁶¹ A idéia de cidadania é sempre cogitada quando da explicação do crescente número de pessoas que se destinam à aventura da emigração, especialmente a ilegal, pois, geralmente neste caso, o número maior de pessoas se constitui de mulheres e homens que, em suas cidades e países, quase sempre estão colocados em situação social onde o pleno exercício da cidadania é inviabilizado.

¹⁶² Os exemplos, colocados nos encartes dedicados à emigração, são muitos. Deixo anotado alguns: "*Saudades à parte, morar nos Estados Unidos é sinônimo de investir em negócios aqui.* (Construtora Fontana), Jornal da Manhã, 19/04/2000, p.8.; "*Imóvel. A melhor maneira de transformar dólares em bons negócios aqui.* (Construtora Fontana)", Jornal da Manhã, 11/04/2000, p.11; "*A realidade é azul e vermelho. O sonho é verde e amarelo* (Construtora "Fontana)" Jornal da Manhã, 12/04/2000, p.18. Em todas as matérias há o logotipo da imobiliária Duda Imóveis, uma das maiores e mais antigas da cidade. O apoio midiático não se faz presente apenas na imprensa escrita. A Rádio Eldorado de Criciúma tem um programa semanal onde durante uma hora as pessoas conversam com seus familiares, mandam recados, etc. Recentemente, entrou no ar, no sistema de tv por

“Em dados se pode dizer que mais de 30% do pipocar imobiliário da cidade hoje é fruto de poupança externa enviada por emigrantes que estão nos USA. Isto é certo(...). É um movimento que está apenas começando. É irreversível, contínuo e permanente. Certamente este é o movimento que vai ser o grande fator de sustentação do setor imobiliário.(...) O volume de dinheiro que entra na cidade é bem maior que este que conversamos. Existem pessoas que os pais não possuem vídeo cassete, não tem telefone às vezes. A ajuda financeira que os emigrantes mandam para estas pessoas é grande. Planos de saúde, eletrodomésticos, etc. (...) Hoje eu diria que Criciúma é a cidade mais internacional do Brasil. Diferente de Valadares, tem criciumenses hoje na Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra. A maior parte deles na faixa dos 18-35 anos. Estas pessoas não são gente do centro. É gente que não saía em coluna social. Pessoas do Pinheirinho, Próspera, Rio Maina, da periferia. Estas pessoas viram que não tinham muitas oportunidades aqui, de classe média baixa em sua maioria. Lá são bem sucedidas. E aqui conquistam as colunas sociais”¹⁶³.

É certo que a maior parte dos emigrantes pensa em conquistar algum ganho financeiro e retornar para a cidade. Mas também vem crescendo o número de pessoas que desejam morar em definitivo nos países para os quais se destinam, especialmente os Estados Unidos. Massachusetts é o Estado americano preferido pelos criciumenses. Em Boston e imediações, os criciumenses acabam conseguindo trabalho e moradia. Colocados numa situação financeira mais confortável que seus parentes em Criciúma, os emigrados acabam por enviar dinheiro para a cidade, promovendo o fenômeno da dolarização da economia. Mais que isto, como bem aponta Eduardo Mondardo, a maior parte dos emigrados se constitui de

assinatura em canal local, um programa semanal de uma hora de duração produzido com os emigrados criciumenses nos Estados Unidos.

¹⁶³ Depoimento concedido a mim por Eduardo Mondardo, empresário do setor imobiliário da cidade, na cidade de Criciúma, em 06/06/2002. Eduardo Mondardo se apresentou como alguém que “viu Criciúma se transformar”. Os dados que obtive junto ao entrevistado são realmente muito expressivos. Segundo Eduardo, em planilha enviada pelo sindicato dos imobiliários de Criciúma, em 1999 foram autorizados a construção de 90 mil metros quadrados de área na cidade, aumentando em 2000 para 130 mil, em 2001 para 200 mil, em 2002 para 400 mil metros quadrados de área construída ou em construção. Isto gera um montante aproximado de 120 milhões de reais em quatro anos, numa média de 2,5 milhões de reais por mês que entram na cidade somente no setor imobiliário. Isto deve dar uma idéia do que vem acontecendo com a formulação espacial da cidade. Comparada à economia carbonífera, que produz cerca de 250 mil toneladas mês na região, e que não tem mais nenhuma mineradora na cidade de Criciúma, se pode afirmar que 30% do que o carvão gera em toda a região sul, são alcançados pelo setor imobiliário apenas da cidade de Criciúma. Em área construída e em construção, Criciúma é ultrapassada apenas por Florianópolis e balneário Camboriú, ficando á frente de cidades maiores dispostas no Estado, a exemplo de Blumenau e Joinville.

pessoas economicamente ativas, quase sempre ex-moradores da periferia de Criciúma¹⁶⁴. Pessoas inseridas nos interstícios da cultura, habitantes dos entre-lugares. Ainda neste sentido, e percebendo as negociações que são engendradas em Criciúma, é muito interessante perceber o desconforto que isto vem causando na chamada “*elite estabelecida*”, que não reconhece mais boa parte das pessoas que agora freqüentam as colunas sociais da cidade¹⁶⁵. A cidade agora é de mais pessoas¹⁶⁶.

Foi com a intenção de aproximar pessoas, gerar empregos e solidificar negócios, que em 2002 o poder público municipal volta suas atenções para os emigrados. Junto a um grupo de empresários, o prefeito Décio Góes, autorizado pela Câmara de Vereadores, realiza uma visita de cinco dias à população de emigrados criciumenses nos Estados Unidos. Além da visita à duas imobiliárias¹⁶⁷ de Criciúma estabelecidas em Somerville, cidade próxima a

¹⁶⁴ Embora seja certo que é crescente o número de pessoas de classe média alta e alta que estão emigrando para os Estados Unidos em busca de “oportunidades”.

¹⁶⁵ Os exemplos são inúmeros, mas deixo aqui a experiência do casal Rocha. Santos e Inácia Rocha são pais de três filhos, todos trabalhando nos Estados Unidos. Dois deles, Fernando e Marcelo, formaram durante algum tempo, uma dupla sertaneja de mesmo nome, inclusive com apresentações na Quermesse: Tradição e Cultura. Santos e Inácia são moradores do Bairro Pinheirinho (Jardim Angélica). Além da situação mais confortável que agora possuem, têm orgulho de ver os nomes de seus filhos saindo nos jornais da cidade, quando estes noticiam eventos onde a “band@.com” se apresenta nos Estados Unidos, quase sempre para a “comunidade” de brasileiros que lá se encontra. In: Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 12/04/2002.

¹⁶⁶ Sobre isto os indícios são muitos. Os depoimentos coletados por mim apontam para o fato de que hoje (2003), a cidade tem seus horizontes ampliados e o futuro está aberto. O próprio Eduardo Mondardo, já citado, afina seu discurso com o jornalista Adeler Lessa, que diz: “houve um tempo em que esta cidade pertencia a seis ou sete famílias. Hoje, felizmente ela é de muito mais pessoas. A emigração colabora para isto”. In: Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 27/04/2001.

¹⁶⁷ Imobiliárias Pró- Casa e Bem Morar, ambas estabelecidas na cidade de Somerville, proximidades de Boston. A Pró-Casa é de propriedade de Odenir de Souza, que também se integrou no grupo que visitou os EUA junto ao prefeito. Faz aproximadamente três anos que a Pró-Casa estabeleceu escritório em Somerville. Segundo o próprio Odenir, as oportunidades americanas eram muitas e ele não poderia perdê-las. Contratou um americano para dar legalidade a empresa, e “está fazendo acontecer”. In: Depoimento concedido a mim, na cidade de Criciúma, em 14/10/2003. Antes do estabelecimento de empresas criciumenses em Somerville, já se tinha a prática comum de enviar corretores para os Estados Unidos, na intenção de vender imóveis aos criciumenses emigrados. Existem representantes do setor imobiliário de Criciúma residindo em Boston, com o objetivo de lá mesmo efetuarem suas vendas. Há inclusive lançamentos imobiliários em Criciúma que são vendidos exclusivamente para migrantes residentes na região de Boston. A construtora Damiani, de Criciúma, lançou neste ano (2003) um empreendimento como nome de Somerville. Finalizando estes exemplos, as últimas unidades do edifício Millenium, imponente obra construída pela Fontana no centro da cidade, foram negociadas nos Estados Unidos. Ver: Jornal Tribuna do Dia. Criciúma: Tribuna do dia, 03/09/2002, p.12. Eduardo Mondardo, que se preparara para também abrir uma filial da Duda imóveis em Somerville, diz que não quer

Boston, o prefeito almoçou em restaurantes brasileiros, visitou universidades, museus e igrejas e participou de um programa de rádio transmitido ao vivo. Também promoveu uma palestra para os brasileiros que estão nos Estados Unidos. Teve ainda um encontro com a prefeita de Somerville, Dorothy Kelly Gay, e com o embaixador brasileiro nos estados Unidos, Mauricio Côrtes. O que em realidade se mostrou viva nesta viagem foi a idéia de mover negócios e pessoas, para levar à Criciúma mais investimentos. Para isto, o prefeito manifestou interesse em abrir uma espécie de escritório representante de Criciúma na cidade de Somerville¹⁶⁸.

Entre os encontros citados, dois chamam atenção. O primeiro com a prefeita e o segundo com o embaixador. No primeiro, Décio Góes ouviu de Dorothy Kelly Gay o desejo desta em conseguir os votos dos cricumenses para sua nova candidatura.¹⁶⁹ No segundo, com o embaixador, após uma explanação sobre o fenômeno de emigração brasileira, no qual Criciúma agora vem se inserindo, o prefeito ouviu e também manifestou interesse em formular o projeto para que Criciúma seja transformada em cidade co-irmã de Somerville, cidade com grande número emigrados cricumenses.

Esta idéia de formar parceria foi inicialmente utilizada pela chamada “comunidade italiana”¹⁷⁰ de Criciúma, em 2000, quando é criada através de decreto

perder espaço em Criciúma: “alguns empresários no ímpeto de abrir negócios nos Estados Unidos acabam perdendo força aqui na cidade, e isto eu não quero”. In: Depoimento já citado.

¹⁶⁸ A idéia partiu do conhecimento que teve o prefeito de algo semelhante criado pela prefeitura de Governador Valadares (MG). “O escritório da prefeitura de Valadares oferece apoio e assistência (na medida do possível) e orientação”. In: Tribuna do Dia. Criciúma: Tribuna do Dia, 20/08/2002, p. 7.

¹⁶⁹ Em realidade, a prefeita recebeu o prefeito junto aos empresários, e após exposições sobre a estrutura educacional americana e as vantagens econômicas que podem ser alcançadas nas negociações entre o Brasil e os EUA, a prefeita então tentou mostrar alguns laços que podem ser apertados entre as cidades de Somerville e Criciúma. Para isto ver também: Jornal da Manhã. Criciúma: Jornal da Manhã, 05/09/2002, p.5.

¹⁷⁰ Comunidade esta formada pelos descendentes de italianos em Criciúma. Contudo, a idéia de comunidade para análise da formação de grupos que reivindicam o caráter étnico italiano e o alcance das benesses que isto possibilita: negócios, intercâmbios comerciais, industriais e culturais, é ainda uma forma no mínimo ingênua ou romântica de se definir ações que nada tem de tranquilas ou seguras. A própria constituição destes grupos se dá

municipal¹⁷¹, a constituição do Gemellaggio¹⁷² entre os municípios de Criciúma e Vittorio Veneto na Itália. Ações deste tipo podem produzir pensamentos como o de Eduardo Mondardo, quando diz que Criciúma “*é hoje a cidade mais internacional do país*”, conforme visto.

Nesta dimensão, voltando ao trânsito de pessoas e também a necessidade de se atravessar fronteiras, é interessante perceber que mesmo um grupo visto como bem estabelecido, como parece ser o caso daquele formado pelos descendentes de italianos, buscam agora outros caminhos, que para além do aspecto do enraizamento cultural e a constante busca pela origens, instala outras discussões, tais como a aquisição de dupla cidadania. Sobre isto, é crescente na cidade o número de descendentes de italianos que, uma vez tendo conquistado o passaporte *rosso*, se dirigem para os Estados Unidos e não para a Itália. É o caso de Edson Zanette, quando afirma que: “*(seu) acesso aos USA é facilitado pelo passaporte italiano*”¹⁷³.

Assim, mesmo a aquisição de cidadania italiana, que, numa leitura mais rápida, poderia ser vista como simples tentativa de recuperação de sentimentos que se diluem mais e mais a cada dia, é deslocada para outros sentidos. No caso específico dos descendentes de

num processo bastante intrincado de relações de forças e jogos políticos que nada têm de ingênuos. A começar pela própria formação dos grupos, diferenciada em sua origem: Vênetos, Bergamascos, Trentinos, entre outros.

¹⁷¹ Ver Lei Municipal assinada pelo prefeito Paulo Meller, Número 4.094, de 01/12/2000. A mesma lei foi sancionada a partir de um projeto de lei de iniciativa do Legislativo Municipal. Ver: Projeto de Lei número 064/2000, de 28/11/2000.

¹⁷² O Gemellaggio vem sendo uma das formas, pela qual, os grupos formados por descendentes de italianos implementam aproximações com cidades reconhecidas como território inicial de seus familiares na Itália. Para um estudo mais elaborado sobre a constituição de Gemellaggios, ver: SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso**: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado.

¹⁷³ Jornal da Manhã. Criciúma: Jornal da manhã, 14/04/200, p.5. Evidente que na ação descrita continua relevante a idéia de nação. Aquilo que Ernest Renan (Op. Cit., 1947) chamou de plebiscito diário, e para o qual se teria sempre que retornar, é composto por implicações objetivas certamente: a marca divisória que separa países, bem como pelas subjetividades postas nos grupos que a constroem. Homi K. Bhabha interroga: “O

italianos, outros estímulos são vislumbrados e, se encontram conectados à configurações mais amplas, trans-nacionais, sendo a carência de mão de obra na Itália¹⁷⁴, integrada à Comunidade Econômica Européia, um dos exemplos. No aspecto local, o estímulo também é produzido pelas inúmeras associações de étnicas criadas em Criciúma a partir de 1988, quando é fundada a Associação Ítalo Brasileira de Tradição e Cultura - AIBTC¹⁷⁵. E ao que tudo indica, existe

desejo de ser nação circula na mesma temporalidade que o desejo do plebiscito diário?. In: BHABHA, Homi. K. Op.Cit., p. 225.

¹⁷⁴ O que nos envia a uma discussão muito viva e recente que acontece atualmente na Itália, trazida por extensão para territórios outros onde por ventura tenham se estabelecidos italianos. O Ministério “Degli Italiani All Estero” não tem este o dado preciso de quantos italianos estariam fora da Itália e com direito a dupla cidadania, mas indica estimativas que ultrapassam em muito a população da própria Itália. Contudo, italianos dos Estados Unidos ou Austrália, por exemplo, não estão conectados a esta possibilidade de dupla cidadania, tampouco de um possível retorno à Itália (exceto em alguns casos de aposentadoria ou mesmo turismo). A tensão maior gira em torno do que se chama “Terceiro Mundo”, em países como Brasil, Argentina e outros da África, que atualmente mantém um fluxo, apesar de inicial em muitos casos (Argentina por exemplo), indicando crescimento. Não menos importantes são as implicações políticas inseridas nesta configuração. Desde de 1912 os italianos podem ter dupla cidadania. O voto também possível desde então. Há algum tempo vem se organizando os “Comites”, uma espécie de parlamento no exterior, destinados a reconhecer e cadastrar italianos dispersos pelo mundo. A partir deste Comites, os italianos mesmo fora da Itália poderão votar. Estes terão duas possibilidades de voto. Uma optando pelo voto em candidatos circunscritos no exterior ou mesmo em circunscrição italiana (lei n. 459, de 27 de dezembro de 2001, portanto, muito recente). Este voto ainda causa polêmica, já que é diferente daquele possível desde 1912, pois elege representantes no exterior (aquele elegia representantes apenas na Itália). A instituição deste Comites interessa diretamente à questão brasileira, e por extensão os descendentes de italianos dispersos em Santa Catarina, particularmente neste caso, os de Criciúma. As forças políticas que se compõem a partir desta perspectiva são muito significativas. As alterações no âmbito político se dão, portanto, na Itália e no Brasil. Em entrevista concedida a Alexandre Luciano Nassuti, o Cônsul Mário Trampetti diz não ver problemas diretos, já que vota quem quer, além do mais os Comites decidem sobre questões restritas. Já o Vice Cônsul Ezio Librizzi, estabelecido em Florianópolis, na clássica visão liberal, pensa que deveriam votar apenas quem pagasse imposto e morasse na Itália. A opinião do Vice Cônsul parece não ser a de maior potência hoje. Para um acesso maior a estes dados e uma compreensão mais qualificada ver: NASSUTI, Alexandre Luciano. **Um trampolim para a Itália**: a busca da dupla cidadania pelos descendentes de italianos em Florianópolis. Florianópolis: UDESC, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. Por último, é necessário lembrar que os brasileiros tiveram reconhecido o direito a dupla cidadania apenas em 1994 (Revisão de uma Emenda constitucional número 3, de 7/6/1994. Maiores informações ver também: Revista/Jornal Insieme, n. 38, fevereiro de 2002 (Curitiba), também a mesma Revista n. 44, agosto de 2002, bem como sua seqüência mensal até o n. 55 de julho de 2003. Ainda sobre dupla cidadania ver: SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso**: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado.

¹⁷⁵ A AIBTC tem ata constitutiva data de 04/02/1988, em reunião na residência do Sr. João Abel Benedet situada no Balneário Rincão, município de Içara, cidade vizinha de Criciúma. Hoje a AIBTC serve de articuladora de outras entidades criadas a partir dela e que tentam aproximar da Itália seguindo uma regionalização muito bem marcada. Em entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma em 26/08/2001, o jornalista Nei Manique, 45 anos, vinculado a uma dessas associações diz o seguinte: “Antes, no final dos anos 80, éramos todos parte da AIBTC. Com o tempo, investindo no resgate das nossas origens, passamos a compreender melhor o que era a Itália, uma imensa colcha de retalhos. O resgate a que me refiro nos endereçou ao torrão natal (Bergamo, Treviso, Padova, Belluno etc). Retornei da Itália no segundo semestre de 1990 com o firme propósito de reunir os descendentes bellunenses (bellunesi, em italiano) e no ano seguinte fundamos a Associazione Bellunesi Nel Mondo, que existe até hoje e é presidida pelo empresário Clésio Pavei. Com a fundação das associações

uma tendência de crescimento no número destas Associações¹⁷⁶. A etnização cultural, neste sentido tem uma forma muito mais aberta e atende um número maior de interesses. Não parece gratuito que uma das estudiosas sobre processos de emigração para os Estados Unidos tenha, inclusive, falado de uma “etnia brasileira” que participaria da construção étnica da sociedade americana¹⁷⁷.

Se falamos de diferenças seria então produtora deixar assinalado que, embora não tenha sido possível fazer um inventário destas é, contudo, viável indicar que entre os emigrados elas estão sempre colocadas, mesmo quando o jogo ainda não se iniciou, e a “Pretendida”¹⁷⁸ é ainda um sonho. O crescente número de agências de turismo¹⁷⁹, escolas de inglês, de italiano (quase sempre suportadas pelas entidades já citadas e com apoio da prefeitura), bem como a neologia lingüística e corporal¹⁸⁰ entre os habitantes de Criciúma, por certo estão relacionadas à emergência do novo e de como ele entra na cidade. Nas

trevisana, bergamasca e bellunese, a AIBTC passou a desempenhar um papel de entidade-mãe, representando as demais nas relações com a prefeitura”.

¹⁷⁶ Agradeço ao professor José Roberto Severino, que desenvolve tese de doutoramento estudando a participação de entidades italianas na construção da italianidade, por muito gentilmente ter me fornecido a relação que agora apresento, com siglas e data de criação em Criciúma, respectivamente: Associazione Veneta – 1990; Associazione Trevisani Nel Mondo – 1991; Associazione Bellunesi Nel Mondo – 1991; Fescaib Federazione Sud Catarinense Delle Associazione Ital - 1991; Società Dei Discendenti Della; Famiglia Maccarini - 1993; Circolo Bergamasco Di Santa Catarina – 1993; Ceclisc - 1996; Associazione Amici Di Forno Di Zoldo – 1996.

¹⁷⁷ Estou me referindo ao trabalho de Teresa Sales em: SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 17-44.

¹⁷⁸ Alusão feita à “Fronteira” utilizada por Marlow para mascarar a face cruel e mesmo demoníaca da fronteira, tomando então o nome de uma mulher. Citado por Homi K. Bhabha em: Op. Cit., pgs-292-296.

¹⁷⁹ Não foi possível levantar o número exato. Os dados destas agências estão desorganizados e elas nem mesmo possuem qualquer tipo de Associação. Na junta comercial de Criciúma, o número de agências com autorização (quatro em 1998) é bem menor daquele encontrado na cidade, indicado inclusive no catálogo telefônico (27 apresentadas no catálogo telefônico de 2003). É necessário lembrar que algumas “agências” são na verdade fachadas de recrutamento de pessoas para trabalho ilegal nos Estados Unidos. Infelizmente não consegui conversar com pessoas que assumissem ou permitissem citações a respeito.

¹⁸⁰ Afora toda a influência inegável que a cultura americana alcança hoje no mundo, posta através do cinema, da música, do consumo e outros, é possível enxergar como estas vem sendo negociadas e vividas entre os cricumenses. O setor de serviços parece ser o mais afetado. No comércio local se inicia um processo de reformulação e atendimento trazidos pelos ex-emigrados, agora de volta à Criciúma. As pizzarias da cidade são exemplos disto. Quanto à neologia ver discussão colocada no ensaio: Pequeno dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos – verbete: Bisado, presente nesta tese.

conversas que tive com pessoas ligadas às escolas de inglês e nas agências de turismo¹⁸¹, se pode perceber como são vistos e tratados aqueles que de modo desesperado solicitam informações ou tentam “*arranjar um jeito né?*” de alcançar a “Pretendida”. Lembrando Homi K. Bhabha, “*o que fazer neste mundo se ao mesmo tempo que sou uma solução, também sou um problema?*”¹⁸² Experiências postas em espaços não mapeados da paisagem urbana¹⁸³ criciumense, alegorizadas na mídia e colocados como prêmios na cidade¹⁸⁴. Chegamos no momento do alcance da fronteira. Aqui ela se mostra através da imagem.

Quiasmas contemporâneos: fronteira e tradução



Imagem extraída do cartaz de divulgação do filme *A fronteira*, de Roberto Carminati.

¹⁸¹ Destaco duas: Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 18/07/2002, por Mirces Carminati, sócia proprietária de uma escola de inglês, e, Rosimari Lima Nunes, funcionária da agência de turismo Ferrotur, na cidade de Criciúma em 15/07/2002.

¹⁸² BHABHA, Homi K. Op. Cit., p.124.

¹⁸³ Existe um pequeno artigo de Felix Guatarri, onde a paisagem urbana é discutida de modo a privilegiar subjetividades e desafinações do urbano contemporâneo. Para isto ver: GUATARRI, Felix. A restauração da paisagem urbana. Tradução de Silvana Rubino. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n. 24. Brasília: IPHAN, 1996, p. 293-300.

¹⁸⁴ Na cidade é muito comum enxergar o “furador da fronteira” como um vitorioso.

Fronteira é área de litígio. Espaço praticado do desequilíbrio. O desafio é este: perceber o quanto e quem vive neste lugar instável, instância primeira e última do entre-lugar. O filme de Roberto Carminati, cineasta nascido em Criciúma, cujo pai foi ainda na década de 1980 para os Estados Unidos, na intenção de “fazer a América”, tentou, literalmente, de forma agonizante, dar vazão a estas idéias. O resultado de dois anos de trabalho do cineasta de 28 anos foi lançado simultaneamente em Boston e Criciúma, no dia sete de setembro de 2002, nos limites postos pelas cercas e divisórias que delineavam o lugar onde acontecia a XIV Quermesse: Tradição e Cultura, naquele momento já reconhecida como Festa das Etnias. A agonia e incerteza de Roberto estava ligada a forma tosca que o filme ainda tinha naquele momento. A trilha sonora não estava pronta e, o som do filme, inacabado. Uma de suas maiores preocupações parecia ser se fazer entender pela platéia do filme. Afinal, muitos diálogos eram realizados em espanhol e inglês, sendo que para o primeiro não havia legenda. A intenção era perceber como as pessoas de Criciúma, que estavam agora dentro do Teatro Municipal, enquanto a festa rolava no seu entorno, traduziriam a narrativa fronteira que ele havia preparado, segundo o que o próprio antecipou antes da exibição.

Maurício é o homem que consegue atravessar a fronteira. Também será aquele que tomado pela sorte, “*mas com muito trabalho*”, vai alcançar o sucesso. Em realidade o filme é bastante didático: estão quase todos ali. O coioite de nome Lupe, a mulher que junto com o filho pequeno se lança à travessia da Pretendida, o sopro pela vida, o marido provedor e preocupado com a família, o adolescente problemático, os empresários que vivem da venda de sonhos e do pagamento de misérias, as redes formadas que colaboram para o que

Enzensberger chamou de “Bulimia Demográfica”¹⁸⁵, o estupro marcando feridas no corpo e na alma, a jornada de trabalho de até 18 horas e, mais, mais e mais.

De que nos adiantaria um mapa? Somente o filme poderia mostrar o que estava acontecendo. Provisoriamente, ninguém se lança na emigração se não esperasse melhorar de vida. Contudo, o filme exhibe enunciações que não estão coladas a lugares. Com perícia, o filme mostra as motivações que fazem brasileiros se aventurarem na ida para os Estados Unidos. A fronteira emblemática do Estado-Nação está ali viva e presente, desafio maior para aqueles que desejam furar o limite seco mais vigiado do mundo, o panóptico pós-moderno. Overdose de cenas e ritmos acelerados condizem com o fenômeno da imigração ilegal. Os limiares são menos estáveis. Devido a isto ganha força o nem lá nem cá. Na narrativa de Roberto está presente a incerteza entre o verde das notas e o verde dos campos no interior de Santa Catarina; um Tribunal da Migração Americana a decidir quem fica e quem volta. Uma narrativa anômala de situações possíveis. Quiasmas do contemporâneo. Há outros limiares e também limites, mas já não são filmes. Vejamos.

No depoimento¹⁸⁶ comovente que me concedeu aquela jovem mulher, o cenário descrito em muito se aproxima da foto montagem feita por Roberto Carminati na divulgação de “*A Fronteira*”. O leitor atento pode perceber. Estão ali a cerca de arames, o asfalto, o céu de um nebuloso azul, o deserto e, do outro lado, a imponência da cidade, o alcance do sonho vermelho e azul, ao lado da realidade verde e amarela. Silvana Aparecida Moisés Cechinel, esta é a mulher que não está no filme de Roberto, ele fez o seu, inscreveu seu corpo nele.

¹⁸⁵ Expressão utilizada para nomear o processo de recebimento e deportação de mão de obra nos países vistos como potências, a exemplo dos Estados Unidos. Ver: ENZENSBERGER, Hans Magnus. Op. Cit., p. 111. Diria a funcionária de uma agência de turismo de Criciúma: “Os americanos reclamam, mas se a mão de obra que está lá vier embora, eles quebram”. In: Rosimari Lima Nunes. Depoimento já citado.

¹⁸⁶ Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, por Silvana Aparecida Moisés Cechinel, na cidade de Criciúma, em 13/07/2002.

Segundo Silvana, tudo ia bem até a falência do setor carbonífero, ainda em 1989. Para a jovem que se lançou ao alcance da Pretendida, o carvão era a grande força da cidade de pedras. Mesmo que hoje, como a própria diz, “*a cidade está mais bonita e moderna, a paisagem mudou*”. Com o desemprego gerado pelo setor carbonífero, o irmão e o marido buscaram outras formas de viver. Primeiro foi o irmão. Em 1994, Carlos Alberto Moisés foi para os Estados Unidos, voltando 3 anos depois. Hoje (2002) é presidente da Cooperativa de Transportes de Vãs em Criciúma, atividade produzida a partir de 1999 na cidade. Enquanto isto, Silvana e o marido trabalhavam numa agência de transporte aéreos no aeroporto Diomício Freitas, ironicamente o nome de uma das referências do mundo carbonífero em Criciúma¹⁸⁷. “*Trabalhávamos também no ponto de táxi do aeroporto. Dormíamos 4 horas por dia apenas. Mais ou menos como fazem alguns dos emigrados criciumenses nos Estados Unidos*”. A empresa faliu e eles ficaram desempregados. Tentaram outras atividades. Um Salão de Beleza e uma Loja de Auto-Peças foram algumas delas. Não tiveram êxito. O marido tinha uma irmã nos Estados Unidos. Chegou o desejo. “*Casamos no civil e pedimos visto de entrada para passar a lua de mel nos Estados Unidos*”. Visto negado¹⁸⁸. O marido decidiu ir primeiro, e sozinho. Silvana tinha um primo que era coioote nos EUA, feito Lupe da narrativa de Roberto Carminati. Morava em Boston, mas agenciava pessoas na fronteira do México com os Estados Unidos. “*Meu primo diz que a profissão é arriscada, mas dá muito dinheiro*”. O marido atravessa a fronteira numa bóia, destas de caminhão que se costumava brincar nos rios e mares no Brasil. A bóia é enchida com o ar de seus pulmões, o *sopro da vida*. Passa dois dias acampado num barraco, alimentado literalmente por pão e água, junto à pessoas de

¹⁸⁷ O Aeroporto Municipal Diomício Freitas em realidade se encontra no Município de Forquilha, Distrito emancipado de Criciúma em 1989. Diomício Freitas foi um dos grandes empresários do setor carbonífero na cidade, morto em 1981.

¹⁸⁸ Antes de 1999 era mais fácil conseguir visto de entrada para criciumenses nos Estados Unidos. Hoje é quase impraticável. A cidade entrou na lista de cidade de emigrantes nos consulados americanos, a exemplo de outras, como Governador Valadares (MG) e Cascavel (PR).

outras tantas nacionalidades. Consegue chegar em Houston, e dela vai para Boston. Começa a trabalhar. Despesas desta “*confortável viagem*”: cinco mil dólares.

É hora de Silvana viajar. Não vai sozinha. Estão na empreitada: Silvana, sua filha de catorze e o filho de sete anos. Sua cunhada, com a idade de Silvana, mais a filha de seis anos. Uma amiga de Silvana, com a filha de doze anos. Três adultas, quatro crianças. São recebidas em São Paulo por uma agência de viagens. Da capital paulista seguem para a Cidade do México. Ficam uma noite e um dia num hotel da capital mexicana. O medo da chegada no aeroporto já havia passado. Recebem a determinação do coioote. Viajam para Reynosa, cidadezinha na fronteira com os Estados Unidos, de ônibus, em mais de quinze horas de deslocamento. Passam por doze postos de averiguação imigracional em território mexicano. São treze no total até Reynosa. Na última delas, um problema. A cunhada de Silvana, loira, despertou a atenção dos homens da migração mexicana. São retiradas do ônibus.

Deslocadas em duas viaturas, enquanto inquiridas da razão de estarem ali, passeavam por Reynosa. Entediam finalmente o sentido da música de Mano Chao¹⁸⁹, naquela polifonia mexicana. “*Não se faz turismo aqui em Reynosa*”, disse o policial. “*Nem poderia. Quem desejaria fazer turismo naquele lugar? Cidade seca, deserta, areia preta-avermelhada, boca seca sempre*”, pensou, mas não disse ao policial, somente para mim. Faz parte do jogo da tradução, o interdito de significado, que nos leva a alguma compreensão. Não teve acordo. Foram levadas para uma repartição da imigração. “*Tentaram nos colocar numa cela. Eu disse: aí não entro. Não matei, não roubei*”. Silvana consegue uma sala maior. Ficam ali um dia

¹⁸⁹ Mano Chaos, na música Clandestino, diz: “Solo voy con mi pena, sola va mi condena, correr es mi destino para bular la ley, perdido em corazón de la grande babylon, me dicen el clandestino por no llevar papel”. In: Mano Chao. Clandestino. Virgin Records, 1999.

inteiro. São alimentadas e bem tratadas. No início da noite a sentença: terão que voltar para Cidade do México.

A viagem de volta foi “*diferente*” para usar a expressão de Silvana. “*Disseram que íamos de caminhão. Eu falei que de caminhão não iria. Depois descobri que caminhão era a palavra usada para ônibus*”. A tradução é sempre algo incompleto, mas que instala sentidos. Entram num ônibus no início da noite. Os passageiros eram todos homens: nicaragüenses, hondurenhos, salvadorenhos. “*Uma das meninas quis ir ao banheiro. No caminho um dos passageiros tentou se insinuar a ela. Comunicamos ao policial. Após ameaça de algemas em todos, a coisa ficou tranqüila*”. Nem tanto, as coisas podem ficar muito “diferentes” ainda.

A certa altura da viagem, serviram comida. Algo que geralmente não precisa ser traduzido. Claro que, por vezes, nos apresentam pratos que nos fazem perguntar: “o que é isto?”. Mas aquele definitivamente não era o caso. O policial distribuiu um saco plástico a cada uma das pessoas do ônibus, incluindo as crianças. Dentro de cada saco estava um frango inteiro, assado. Este é para mim o ponto de inflexão. Aquele que em outra concepção historiográfica seria chamado de “*a tomada de consciência*”. “*Comecei a rir. E ria muito, disse Silvana. “O policial não entendia o meu riso*”. Começou a fazer mímica. Dizia: “*Es Pollo! Es Pollo!*”. Balançava os braços e fazia : “*Co-Có-Có*”. “*Eu olhava para aquela galinha, com a ‘bunda’ virada para mim, e continuava rindo. Lógico que eu sabia que aquilo era uma galinha, mesmo não sabendo o que era Pollo*”.

Como traduzir para ambos, Silvana e o policial, as referências que estavam implicadas naquele jogo? Como articular os desejos que são postos nestes entre-lugares? O oficial mexicano desejando e pondo fronteira, e Silvana ansiosamente desejando atravessá-la. Ambos imersos numa cultura chamada ocidental (diria até latino americana), onde parece por

vezes, se esperar uma atitude prescrita do outro. O policial esperando uma atitude prescrita àqueles que sempre atravessam a fronteira — caso de Silvana — e, a brasileira esperando do policial a desejada cessão¹⁹⁰. Edward W. Said insinua um raciocínio semelhante, ao falar da visão pré-concebida que o ocidente elabora sobre o oriente. Diz Said: “*deixamos de considerar as coisas como completamente insólitas ou completamente conhecidas; emerge uma nova categoria média, uma categoria que nos permite ver coisas, coisas vistas pela primeira vez, como versões de algo conhecido anteriormente*”¹⁹¹. Esta idéia, acredito, vem sendo criticada com propriedade, como vimos. De modo antecipada e num sentido diverso, é colocada na literatura, no que numa “*atitude média*” se chama de licença poética. Fernando Pessoa, novamente como Alberto Caeiro, é o falador: “... *é preciso não ter filosofia nenhuma. Com filosofia não há árvores: há idéias apenas. Há cada um de nós como uma cave. Há uma janela fechada, e todo mundo lá fora; e um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse, que nunca é o que se vê quando se abre a janela*”¹⁹²

Este é, ironicamente, o momento, ou mesmo o movimento desintegrador da enunciação colocada. Aquilo que Homi K. Bhabha chama de disjunção repentina do presente, que “*torna possível a expressão do alcance global da cultura*”¹⁹³. A cultura colocada como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória¹⁹⁴. Mulheres desterritorializadas, nômades, inseridas no discurso dos fluxos contemporâneos. Esta Cesura

¹⁹⁰ N seu depoimento Silvana disse que “se nós tivéssemos dado propina ao policial, ele nos liberaria”.

¹⁹¹ SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia. das Leras, 1990, p. 69. Ainda sobre esta “atitude média”, Bhabha, ao estabelecer uma crítica ao racismo (suportado também pela atitude média) diria que: “(Desta forma) nós sempre sabemos de antemão que os negros são licenciosos e os asiático dissimulados”. In: BHABHA, Homi. K. Op. Cit. , p. 117.

¹⁹² Obras em Prosa de Fernando Pessoa, Lisboa, publicações Europa-América, 1987.

¹⁹³ BHABHA, Homi K. Op. Cit., p. 298.

¹⁹⁴ Ainda seguindo Bhabha, “*transnacional porque os discurso pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural (...) tradutória porque estas histórias espaciais de deslocamentos – agora acompanhadas elas ambições territoriais das tecnologias “globais” de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante complexo*”. In: BHABHA, Homi K. Op. Cit., p.241.

nos territórios, parece ser a forma narrativa de se falar e viver o contemporâneo¹⁹⁵. Paradoxalmente, é apenas através de uma “*estrutura de cisão e deslocamento — “o descentramento fragmentado e esquizofrênico do eu” — que a arquitetura do novo sujeito histórico emerge (...)*”¹⁹⁶. A narrativa de Silvana, próxima e mais viva que a de Roberto em “*A Fronteira*”, fornece significado às passagens intersticiais e às diferenças culturais inscritas no entre lugar, e na própria dissolução temporal que constrói o texto global.

As ambigüidades estão presentes na narrativa de Silvana. O discurso pós-colonialista contemporâneo se constrói desta forma. A mímica¹⁹⁷ utilizada pelo policial e, também vivida por Silvana, impele à compreensão deste sentido fugidio e doloroso da experiência contemporânea. A ambivalência da mímica: o frango quase exatamente o mesmo, mas ainda diferente. Isto não apenas rompe a fixidez, instalando a incerteza, mas também faz presente uma forma de inserção no mundo sempre parcial, em que pese a tentativa estável e homegenizadora¹⁹⁸ do discurso colonial, em realidade, um falso dilema como diz Stuart Hall: “*Isto porque existe outra possibilidade: a da Tradução*”¹⁹⁹. Claro que toda tradução é sempre inexata e mesmo deformante, mas é ela que permite a comunicação e o entendimento.

¹⁹⁵ Também vejo com um auxílio a resposta para a pergunta: “*Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?*”, colocada como reflexão inicial de um colóquio recentemente realizado (sobre Foucault e Deleuze, em Campinas – Unicamp, entre os dias 24 e 27 de novembro de 2000), tendo entre outras incomodações, aquela de “*sondar a nossa potência de variar no próprio meio que nos constitui*”. In: RAGO, Margareth; Orlandi, Luiz B. Lacerda; Veiga-Neto, Alfredo (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 10.

¹⁹⁶ Idem, p.298.

¹⁹⁷ Na obra de Bhabha pode ver claramente a opção pela mímica e não mimese. Aquilo que faz com que nos apropriemos e imitemos algo – a fala pós-colonialista das metrópoles por exemplo – mas que ao fazê-lo, o resultado nunca será igual ao primeiro. Este é o sentido positivo do hibridismo e talvez a maior contribuição política que dele pode ser feita. Uma legítima forma de resistência. Não a resistência demagógica e meramente retórica, mas uma resistência acionadora.

¹⁹⁸ Segundo Marc Augé, “já não são mais os Estados unidos ou Europa que está em questão, mas a contemporaneidade como tal, sob aspectos mais agressivos ou mais desarmônicos da atualidade mais atual”. In: AUGÉ, Marc. Op. Cit., p. 17.

¹⁹⁹ HALL, Stuart. Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo. In: Op. Cit., **A questão da identidade cultural**. Tradução de Antonio Augusto Arantes. Campinas: Unicamp (Textos Didáticos, n. 18-fev/1998), p.69. Hall

Falamos de fronteiras, e finalizando esta parte, gostaria de voltar brevemente a duas dimensões colocadas. Os limites e limiares²⁰⁰. O caso de Silvana²⁰¹ bem pode continuar explicitando isto. Em outra fala, na mesma entrevista, ela colocou que aguardava a concessão da dupla cidadania ao marido, criciumense descendente de italianos, para ter facilitado seu acesso aos Estados Unidos. Falou também que já que “*este negócio de etnias tá em moda, veja só a Festa das Etnias, quero aproveitar. Antes nem ouvia ou sabia o que era isto*”. Agora ela consegue traduzir. Para ela o sentido étnico é prático e real. Esta é uma compreensão de fronteira enquanto limite, e mesmo neste sentido, para além da idéia clássica de Estado-Nação ou de uma “*comunidade política e imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana*”²⁰², na hoje já bastante surrada expressão de Benedict Anderson, estão ali os entre-lugares. Engana-se quem pensa que os entre-lugares são expressões apenas dos limiares, os limites se fazem neles presentes também. Na junção do possível, limite e limiar estão vivos e presentes no jogo híbrido. Territórios que são deslocados, que se constituem a partir de sentidos deslizantes.

Finalmente, território sendo “*etmologicamente instável, deriva tanto de terra como de terrere (amedrontar), de onde territorium, “um lugar do qual as pessoas são*

privilegia a abordagem da tradução, pois esta permite o fluxo e o trânsito, enquanto a tradição insiste em falar de um continuum.

²⁰⁰ Há muito se vê discutindo a idéia de fronteira enquanto limites e limiares. Gostaria de deixar claro meu agradecimento ao professor e amigo Luiz Felipe Falcão, quem primeiro me chamou atenção para esta noção. Aliás uma abordagem interessante e competente desta possibilidade de fronteira pode ser encontrada em sua tese, transformada recentemente em livro. Ver: FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: UNIVALI, 2000.

²⁰¹ Apenas tentando não deixar no ar o desfecho da saga de Silvana, deixo anotado seu encerramento. Após a viagem e chegando na capital mexicana novamente, as mulheres foram encaminhadas para a detenção nacional de emigrantes no México. Lá ficaram presas por vinte e dois dias, e, após intervenção de advogados, do consulado brasileiro e até mesmo da Anistia Internacional, foram deportadas pelo governo mexicano. Chegando no Brasil de volta, uma delas, amiga de Silvana, voltou imediatamente ao México, mantendo contato com outro coite, fazendo novamente o mesmo trajeto. Desta vez a amiga conseguiu atravessar. Quanto a Silvana, quatro meses após ter me concedido a entrevista, conseguiu finalmente entrar nos Estados Unidos, de modo “diferente”. Obteve visto e entrou legalmente naquele país.

expulsas pelo medo”²⁰³. Para criciúma, muitos medos estão presentes na constituição de seus territórios: o desemprego, o fim do carvão (ou no mínimo deslocamento de seu sentido), a crescente etnização, e para os emigrados, o apavorante medo de atravessar a fronteira, ou ainda, da própria expulsão. Apurando os sentidos é possível enxergar estes medos sendo exibidos na realização da Quermesse: Tradição e Cultura, a Festa das Etnias. Os limiares gastronômicos oferecidos nas mais variadas tendas do espaço praticado da festa; anúncios em forma de raios *laser* a relampejar um mundo “*sem fronteiras*”²⁰⁴; uma festa que agora já não está mais na praça, na qual para participar se paga “*um real*”, dito na típica expressão de pechincha e; nesta mesma festa, a exibição do filme de Roberto Carminati²⁰⁵, feito para lembrar a experiência de mulheres e homens de Criciúma que se destinam a atravessar a fronteira. Pessoas estas quase sempre de poder aquisitivo reduzido, muitas das quais, inclusive, circulando no espaço da festa, e que dificilmente disporiam de vinte e cinco reais para assistir “*A Fronteira*”. Para estas não havia telão nem *laser* capazes de ligar imagens à lugares, construindo outros territórios.

²⁰² ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989, p.14.

²⁰³ BHABHA, Homi K. Op. Cit., p. 147.

²⁰⁴ Anúncio de uma empresa de telefonia celular (TIM SUL), que em forma de lazer, se projetava pelo espaço da festa. Dizia o anúncio: “Viver sem fronteiras”.

²⁰⁵ O filme foi exibido durante a XIV Quermesse: Tradição e Cultura como já indicado. Em realidade, o diretor (Roberto Carminati), junto à produção do filme, elencou a Quermesse como evento para exibição do filme, por pensar a festa como a de maior projeção na cidade, como o próprio afirmou em conversa comigo. Por seu turno, a Prefeitura Municipal, na oportunidade representada pela Fundação Cultural de Criciúma (responsável pela gerência do referido espaço), tomou cuidado de inserir a exibição do filme na programação da referida festa. Segundo o Presidente da Fundação Cultural (Edison Paegle Balod), “*Jaci Carminati (pai de Roberto Carminati) procurou a Fundação, e esta marcou a data e tudo mais. As pessoas vão jantar, andam pela festa e não sabem da programação. A maioria, acredito, não sabia que tinham filmes sendo exibidos, tanto o Fronteira quanto outros curtas, que estavam no folder da festa. O Fronteira, entendíamos que seria convertido em bitola comercial. Disponibilizamos o Teatro para a produção do filme e não cobramos por isto. Foi uma contribuição da Fundação para promover e, desta forma, contribuir para o lançamento do filme. Apesar de tudo, acredito que a Quermesse chamou o público. Não foi pensado em se colocar telões fora do Teatro, no espaço da festa. É bem possível que várias pessoas que circularam nela tivessem parentes ou amigos nos estados Unidos. Foi sugerido que o filme fosse passado no barracão onde foram exibidos alguns curtas. Mas ali tínhamos problemas com iluminação e acústica*”. In: Edison Balod. Depoimento concedido a mim, na cidade de Criciúma, em 04/10/2002.

Instaurando a *Encrenca* na Esquina do Mundo:

Criação é o mote do tempo contemporâneo. Do momento onde as identidades “prêt-à-porter”²⁰⁶, são produzidas e inventadas. Evidente que isto diz muito pouco, mas apesar de esforços diversos, seria praticamente inviável falarmos do contemporâneo sem colocarmos na discussão a positiva arte de criar. Especialmente quando a arte parece finalmente sair dos museus e universidades e ganhar as ruas. Mesmo porque, em função específica de uma clássica idéia de “*separação entre arte e vida, própria do contemporâneo, a utopia de religá-las continua na ordem do dia; mas esta questão, que atravessa toda a história da arte moderna, recoloca-se, hoje, em novos termos*”²⁰⁷. Esta concepção nova bem pôde ser vista através da “*instauração*”, uma arte de fazer, colocada na Quermesse: Tradição e Cultura, para fugir do termo pseudo Redentor de Festa das Etnias.

Instauração é o nome dado por Tunga, artista plástico, para uma prática utilizada em seus trabalhos, e que consiste em incorporar à obra pessoas estranhas ao mundo da arte, “*protagonistas de uma espécie de performance, seguindo um ritual com objetos e materiais sugeridos pelo artista. O conjunto formado pela performance + processo + instalação, “instaura” um mundo*”²⁰⁸. Neste já extenso ensaio, o leitor há de compreender a necessidade última de pensarmos uma *instauração* presente na Quermesse. Ela se inicia com um artista local, que bem soube articular as performances, processo e instalação.

²⁰⁶ Termo utilizado por Sueli Rolnik para designar o “neocapitalismo (que) convoca e sustenta modos de subjetivação singulares, mas para serem reproduzidos, separados de sua relação com a vida, reificados e transformados em mercadoria: clones fabricados em massa, comercializados com identidades prêt-a-porter”. In: ROLNIK, Sueli. Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer... . In: RAGO, Margareth. ORLANDI, Luiz B. Lacerda. VEIGA NETO, Alfredo. (orgs) **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 309-310.

²⁰⁷ ROLNIK, Sueli. Op. Cit., p. 312.

Edi Balod é artista plástico de Criciúma. Mas o que se enxerga na obra colocada na citada Quermesse é uma forma de inserção no mundo que muito extrapola os limites da cidade. Melhor dizendo, instaura a obra na cidade, falando simultaneamente de outros lugares, como espero deixar indicado. O Boteco “*Encrenca*”, segundo o próprio Edi Balod:

“Nasceu da idéia de contar histórias da cidade; causos de assombração, conversas de bares, coisas ligadas as mais diferentes ‘entidades’. Junto aos alunos da Disciplina antropologia cultural que ministrei na UNESC, instalamos o Boteco, primeiro na sala de aula, depois nas comemorações críticas dos 500 anos do Brasil, incluído no Projeto Abril 2000. Faz uns três anos desde a primeira instalação. Em 2001 eu havia me envolvido com a Oca Indígena que colocamos na Quermesse. Em 2002, mantivemos a Oca, mas eu achei que era hora do boteco entrar na festa, e assim o fizemos”²⁰⁹.

Mais significativo que a possível gênese do Boteco, destaco as referências sob as quais ele se construiu e exibiu. Para aqueles que foram apresentados à Quermesse por este ensaio, vale lembrar que hoje o ambiente agradável e quase asséptico que a festa encerra, especialmente depois que saiu da praça, em muito contrasta com aquele instaurado pelo Boteco na festa. Um universo de diferenças instaurado. Com o boteco se quebra a lógica monofônica ditada pelas etnias. Enquanto toda estrutura das tendas étnicas e restaurantes presentes na festa são muito bem cuidadas e arrumadas, o Boteco foi *instaurado* com material de áreas de invasão²¹⁰ na cidade, regiões periféricas onde a maior parte das pessoas, quando

²⁰⁸ Idem, p. 312.

²⁰⁹ Edi Balod. Depoimento já citado.

²¹⁰ As áreas de invasão territorial em Criciúma são relativamente antigas. As primeiras manifestações podem ser encontradas ainda na primeira Gestão de Altair Guidi, quando se intensifica a ocupação da região onde se estabeleceu a Vila Manaus. No final da primeira Gestão de Altair Guidi (1982), mais de 1200 famílias, formadas por sem tetos, trabalhadores pobres de Criciúma e migrantes da região se encontravam na Vila Manaus. Contudo, a área de invasão mais discutida atualmente parece ser aquela denominada pela própria população local de Mina 4 e “batizada” pelo poder público municipal de Renascer. Uma professora (Iracema Possamai Della Stefani) que trabalha naquela “comunidade”, para usar um expressão própria das discussões sobre esta temática, em conversa comigo contou que há um esforço da diretoria da escola em educar os alunos no sentido da assimilação do nome dado, Renascer. “*Como vou conseguir te convencer que teu nome não é Emerson?*” me perguntou a referida professora. In: Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 13/05/2002.

muito, se alimenta de sonhos²¹¹. Este material se encontrava no depósito da prefeitura municipal, obtido em realidade, a partir de desocupações por determinação judicial. As tábuas utilizadas já traziam algumas inscrições, e nestas outras foram anotadas. Uma destas primeiras anotações se relaciona ao nome dado ao Boteco: *Encrenca*. A instalação²¹² da *instauração* rendeu muito trabalho. Enquanto se instalava o Boteco, passou pelo lugar o Sr. Aldo Furlan²¹³ (prefeito de Cocal do Sul, município vizinho de Criciúma) e, vendo a toda *sucata* disposta por ali, foi logo dizendo: *Boteco da Encrenca*.



**Fachada lateral do Boteco Encrenca
XIV Quermesse: Tradição e Cultura**



**'Interior' do Boteco Encrenca
XIV Quermesse: Tradição e Cultura**

Ainda sobre a área referida, ver preocupações iniciais do poder público (Gestão José Augusto Hülse), entre outros, em: TEIXEIRA, José Paulo. **Nos tempos do Zé**. Florianópolis: Instituto Cidade Futura, 1999, ou ainda: *Jornal da Manhã*. Criciúma, 16/05/1985.

²¹¹ Sei que esta inserção pode ser vista como algo inscrito no âmbito da concessão ou mesmo da indiferença. Deixo claro que o sentido é outro e, mesmo, inverso. Um exemplo: estava eu andando pelo Bairro Progresso (ver tópico *Piastra* colocado no ensaio *Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos*) e conversando com um menino de 14 anos sobre coisas da cidade, vistas por ele como importantes, tais como o Aeroporto. O menino era apaixonado por aviões. Um senhor mais velho, tio do menino, que estava por perto disse: “deixa de besteira guri, não tens o que comer direito”, no que respondeu o menino: “mas ainda posso sonhar”.

²¹² Toda instauração tem sua instalação correspondente. Para o Boteco algumas precisaram ser realizadas. Levantar paredes, colocar cobertura, instalar canos e fios e assim por diante. Edi Balod relata que “*Para a instalação procurei apoio entre o pessoal da Codepla (Companhia de Planejamento do Município). Tinha uma arquitetura na cabeça e quis visualiza-la junto com o pessoal da Secretaria de Obras. Desenvolvi um estudo fotográfico com as imagens coletadas em áreas de ocupação do município, disponíveis no arquivo da Codepla. A partir disto desenvolvemos então algumas plantas e acabei optando por aquela que foi instalada, estilo “meia-água”, própria de uma área de ocupação*”. In: Balod. Depoimento já citado.

²¹³ Aldo Furlan era responsável por uma outra instalação naquela mesma Quermesse: um engenho de cana. Isto pode parecer lugar comum, mas não se deve esquecer que Cocal do Sul pela primeira vez tinha uma instalação na Quermesse. A tendência das últimas três festas tem sido de regionalizar o evento e ampliar a visibilidade dos municípios vizinhos à Criciúma. Além da regionalização incipiente, se deve ressaltar que a instalação de um engenho de cana de açúcar por um prefeito de uma pequena cidade onde se diz que a “cultura italiana” foi mantida, confirma, em parte é verdade, a perspectiva híbrida da festa e da própria região. Infelizmente, esta é uma instalação a qual não poderei aprofundar a discussão.

Em realidade, o nome que as pessoas envolvidas tinham pensado para o lugar era Paraíso. Nome de um Bairro de Criciúma²¹⁴ onde foram implementadas ações do poder público, na gestão de José Augusto Hülse (1983-1988), no sentido de melhorar as instalações residenciais de pessoas que moravam à margem de um rio, totalmente poluído pelos rejeitos do carvão e, mesmo fornecer instalações a outras pessoas que não tinham residência, isto ainda em 1983²¹⁵. De qualquer forma, segundo Edi Balod: *“Encrenca nos pareceu um bom nome. Encrenca pode ser uma coisa mal resolvida esteticamente, mas pode também ser o lugar da confusão, da tensão. A polícia estava ali sempre”*²¹⁶. A instauração seguia seu curso. Uma vez instalado, vai se formando o lugar com as performances dos próprios frequentadores do Boteco. *“um chegava e dizia: “posso escrever alguma coisa aí?. E nós dizíamos: Claro! Esta é a idéia”*²¹⁷. Desta forma, o boteco foi ganhando faces. Um escrevia: *“chup-chup a um conto”*, outro: *“compro galo puro”*, ou ainda: *“vendo parrelha de boi”*, *“faso frete”* *“Maycon, véio cuiudo”*, *“Vendo uma Morada”* *“Vendo Barcão”*²¹⁸. E vão se seguindo outras manifestações: objetos, músicas, comida. Um pote com ovo cozido, outro com cachaça curtida, aros e placas de automóveis, um rádio antigo, cabeça de boi seca, lampião *“para quando faltar luz”*, gaiola para passarinho; todas performances de

²¹⁴ O Bairro Paraíso também é conhecido pelo nome de “Baixadinha”. Em Criciúma, os bairros onde a ausência do poder público é mais visível, ou seja, na periferia da cidade, se teve e ainda se tem, a prática de nomear novamente o bairro, seja por iniciativa do próprio poder público ou mesmo da comunidade, com títulos antagônicos à realidade vivida. São exemplos: O citado Bairro Paraíso, Corda Bamba nomeado de Cristo Redentor e Mina 4 nomeado de Renascer.

²¹⁵ Um excelente estudo sobre a ampliação da participação popular iniciada na Gestão de José Augusto Hülse, que na cidade ficou conhecido como o prefeito dos bairros (em oposição a Altair Guidi, visto como gestor do centro da cidade), pode ser encontrada em: TEIXEIRA, José Paulo. **Nos tempos do Zé**. Florianópolis: Instituto Cidade Futura, 1999.

²¹⁶ Edi Balod. Depoimento já citado.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ Todas expressões foram citadas conforme escritas no Boteco. O “Barcão” que é “posto à venda”, se trata do Balcão de atendimento do boteco, onde se “instaurou” a palavra.

manifestações culturais vivas, embora nem sempre visibilizadas na cidade. Os homens ordinários, na expressão de Certeau, finalmente tinham, nos entre lugares da festa, forjado um território²¹⁹.

Aquilo que uma chamada perspectiva “*engajada*”, por outro, chamariam de “*cultura popular*” (insistindo quase sempre na lógica de cultura subalterna), são táticas mesmo, na melhor expressão certonianiana, e, no *Encrenca*, dissimuladas na prática da sucata. Mais que simples espectadores, aqueles que se identificaram com o *Encrenca* participaram da ação criativa. Esta é a dimensão na qual se pode falar de uma resistência não por “*oposição à realidade vigente numa suposta realidade paralela; seu alvo, agora, é o princípio que norteia o destino da criação*”²²⁰. Criação que instaura a resistência no próprio ato de criar. É devido a isto que a criação do *Encrenca*, literalmente festejada na XIV Quermesse, teve como prioridade a própria vida.

Sueli Rolnik aponta para distinção entre anomalia e anormalidade. Esta seria a palavra que qualificaria aquele que contradiz a regra, definido-se em relação a características genéricas, enquanto anomalia designaria o rugoso, o desigual, o singular²²¹. Neste sentido seria adequado pensar que, mais que uma transgressão a uma ordem social colocada de forma

²¹⁹ Infelizmente não tive oportunidade de participar da XV Quermesse: Tradição e Cultura, realizada neste ano de 2003. Mas o Boteco foi instalado novamente na festa, de uma forma distinta novamente. Em conversa que tive com Edi Balod, no dia 17 de novembro de 2003, o mesmo me disse que: “Neste ano como o espaço da festa foi novamente trocado, tivemos que fazer algumas adaptações no Boteco. A primeira dela foi quanto ao nome. Estava na praça Nereu quando um amigo me disse: “ô Balod, e eu que não sou de nenhuma etnia, onde me encaixo nesta festa? Então falei para ele: Aparece no Boteco que lá tu te encontras. Ele prontamente me disse: Então tá, sou mesmo um desgarrado. Disto resultou no nome do boteco este ano”. In: Edi Balod. Depoimento concedido a mim no dia 17/11/2003. *Desgarrados* então passou a ser a nova instauração da quermesse. Novamente uma alternativa interessante, porque se a pretensão é de fazer uma festa da cidade, reduzi-la a dimensão étnica seria, mais que reduzir diferenças, aniquilá-las. Quem, sob diferentes maneiras, não se sente português, alemão, árabe, italiano, negro ou espanhol (outra novidade da festa), onde estaria situado na festa e na própria cidade? Esta é uma questão aberta e tensa que, acredito, não se resolverá sem um embate maior entre os organizadores da festa, os presidentes das etnias e principalmente, a população da cidade.

²²⁰ ROLNIK, Sueli. Op. Cit, p. 311.

²²¹ Idem, p. 310.

insistente pelas etnias, a anomalia posta no *Encrenca* positiva o homem ordinário, e, sua criação deixa de ser maldita. Voltando então a Certeau, o uso da sucata pode fabricar objetos textuais que signifiquem “*uma arte e solidariedades; jogar esse jogo do intercâmbio gratuito, mesmo que castigado pelo patrões e pelos colegas,(...); inventar os traçados de conviências e de gestos; responder com um presente a outro dom; subverter assim a lei que (...) aniquila progressivamente a exigência de criar e a “obrigação de dar”*”²²². O próprio Edi Balod elucida o que é apontado por Certeau:

“Várias pessoas chegaram e diziam: eu cresci num barraco pior que este. E é isto mesmo. História do município que é vivida pelas pessoas e não apenas por esta coisa étnica. Quem são estes alemães e italianos? Na periferia eles também bebiam cachaça, enrolavam palheiro. Quem chegava no boteco eram pessoas que tinham referências. O boteco bateu mais com as pessoas dos bairros. O pessoal do centro passava por ali, adorava a idéia, mas não ficava. As pessoas dos bairros se identificavam de cara. Apareceu um menino gaitero ali no primeiro dia e não saiu mais. Veio uma mulher que tocou gaita. Fizeram ali uma polenta, um pouco de galinha, distribuíram cachaça”.²²³

Portanto, o que se tinha de político e de embate tava muito bem exibido e *instaurado* no *Encrenca*. Certamente, de um território híbrido onde um sujeito toca uma viola de dez cordas, outro uma gaita, enquanto se faz fofoca e se prepara comida, ninguém sai indiferente. Foi comentado inicialmente que a *instauração* de Balod falava de Criciúma, mas não apenas dela. Assim, para uma cidade em trânsito como vimos ao longo deste ensaio, os entre lugares se fazem presentes. A *instauração* do *Encrenca* está ligada a esta possibilidade. Placas com sinais a indicar caminhos, preços, sugestões, cardápios. Neste presente, que Gilles

²²² CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 90.

²²³ Edi Balod. Depoimento já citado.

Deleuze chamou de diferença contraída²²⁴, o *Encrenca* comunica e enuncia a capacidade criativa e mesmo Redentora, profanando a solenidade do espaço, retirando sua estabilidade. Bem à frente do *Encrenca* se instalou um conjunto de placas. Estas em realidade tinham o propósito *instaurador e anômalo* de informar aos curiosos as territorialidades do *Encrenca* e, certamente, da própria festa. Sinais que seduziam pela gama de possibilidades que indicavam. Perguntado sobre tais placas, Edi Balod diria: “*Eu tenho paixão pela esquina do mundo. Nós pensamos: estamos aqui e em outros tantos lugares. Lembramos as pessoas daqui, aludindo ao mundo externo. Então instalamos a Esquina do Mundo*”²²⁵.

Esquina do Mundo – Boteco Encrenca na XIV Quermesse: Tradição e Cultura

²²⁴ DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 149.

²²⁵ Edi Balod. Depoimento já citado.



Fotos: Gilmar Bonifácio e Emerson César de Campos

Assim, se instaurou no *Encrenca* a Esquina do Mundo. Estão ali: New York, Afeganistão, Rio Maina, Ceará (além de Estado, um Bairro de Criciúma), Iraque, São Paulo, Periferia (com P Maiúsculo!), Floripa, Kandahar. Na fachada alguém escreveu: “Whor Trade”, lembrando o desabamento das torres gêmeas. Foi também escrito logo abaixo das placas indicativas que compõem a Esquina do Mundo: “*Vamo Endireitá!*”. Não ponho fé em tal precisão. Deixemos torto assim, *Encrencado* mesmo. Referências a um contemporâneo que nada tem de harmônico ou tranqüilo. Performances de vidas postas nos entre lugares. Diferenças que não podem ser reduzidas, justamente porque, sob todas as formas, ocupam o mesmo espaço.

Por último, chamaria a atenção para Quermesse: Tradição e Cultura, que agora vem sendo conhecida com Festa das Etnias. Foi este pulular agonizante que sob todas as formas tentei colocar nesta tese. Uma festa que era paroquial enquanto a cidade também o era.

Em seguida, ou dando saltos, o paroquial localizado se insere na ambiência global. Uma ginástica bastante cansativa e dolorida para a maior parte da população de Criciúma. Uma ambiência viva no mundo contemporâneo. A derradeira observação é posta por Homi K.

Bhabha:

“A dimensão local de que falo é muito mais perto da temporalidade que da historicidade: é uma forma de vida ao mesmo tempo mais complexa de uma “comunidade”, mais simbólica de uma “sociedade”, mais conotativa de um “país”, menos patriótica das pátrias, mais retórica da razão de estado, mais mitológica de uma ideologia, menos homogênea da hegemonia, menos concentrada da cidade, mais coletiva do “sujeito”, mais ligada à psique da civilização e, enfim, mais híbrida no desenvolver as diferenças culturais e identificações (...). Precisamos de um outro momento de escrita, à altura de manifestar interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência “moderna” da nação ocidental”.²²⁶

²²⁶BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 199.

II

Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos:

“... [quanto] aos bárbaros, não precisamos ficar à sua espera nos portões. Eles já estão sempre entre nós”
(Enzensberger)

“(...) fica ligada no link que eu vou confessar my love, depois do décimo drink, só um bom e velho engov, eu tirei o meu green card e fui pra Miami Beach, posso não ser pop star, mas já sou um nouveau riche (...) venha provar meu brunch, saiba que eu tenho approach, na hora do lunch, eu ando de ferryboat”.
(Samba do Approach – Zeca Baleiro)

Saber olhar para o passado é uma arte. Uma arte que não pede licença para ser produzida. Esta arrogância é positiva somente quando tentamos sob formas diferentes, resistir à tentação de preencher faltas e sufocar silêncios. Falo de uma narrativa que pretensamente busque um passado reconhecendo imediatamente nele sua incompletude e imperfeição, que solidamente confirmam a imprevisibilidade do presente.

Acredito que não existam antônimos para o significado de dicionário. Melhor, é muito difícil encontrarmos uma alternativa desorganizadamente precisa, que fale sobre o que vivemos. Em nenhum momento o dicionário nos indica ou mostra ‘a coisa’ mesma ou o ‘o conceito’ mesmo. Nele a presença de coisas e conceitos é indefinidamente adiada, existindo como uma espécie de rastro de uma presença que nunca se concretiza²²⁷. É neste sentido, como uma presença que pode ser enunciada, que tento construir este pequeno dicionário de aporias. Tomando aporias como uma estratégia peculiar de ambivalência ou duplicação: da

²²⁷ Uma abordagem como esta é desenvolvida por Tomaz Tadeu da Silva em: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença – A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133. Original:

experiência contemporânea poderíamos nós retirar ou obter alguma estabilidade? Desconfio muito disto. As dificuldades insolúveis colocadas na ambiência cultural contemporânea, parte das quais tento de alguma forma apresentar neste estudo, são exibidas aqui de forma de confrontos e dissonâncias, na medida do possível, literalmente ilustradas.

Os verbetes apresentados seguem o desejo de insinuar a experiência contemporânea em Criciúma. Arrisco dizer que em vários momentos o que este ensaio possibilita é uma leitura de manifestações culturais vividas em outras tantas cidades, afora o caso específico de Criciúma. Sendo assim, não existe uma preocupação em apresentar uma disposição de verbetes que mantenha uma cadência constante. Tento seguir o ritmo narrativo que se coloca a partir da polifonia cidadina²²⁸. Vamos a ele.

Sorriso: Respeitar é um ato apenas inicial²²⁹. Um pequeno passo para se alcançar algum sorriso. Quando nos indicam a necessidade de respeitar tudo e todos; quando isto se ouve na

Who Needs Identity? In: HALL, Stuart e DUGAY, Paul (ed.). *Questions of Cultural identity*. London: SAGE, 1997.

²²⁸ A idéia de cidade polifônica é com muita habilidade apresentada por Massimo Canevacci em: Op. Cit. **A cidade polifônica:** ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

²²⁹ Gostaria de deixar claro que neste trabalho a base para se contemplar a cultura, que Guattari sentencia como conceito reacionário, é a da diferença cultural e não da diversidade. Parece posto que no âmbito da diversidade cultural, afora a redundância, a cultura é entendida enquanto objeto do conhecimento empírico, enquanto a diferença cultural é o processo ou resultado sincrônico da enunciação da “*cultura como conhecível, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural*” (BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Míriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. P 63). Evidente que se pode levar a discussão adiante e no sentido já clássico de compreensão das diferenças (que realizo em partes distintas deste trabalho) positivas e negativas. Mas o que cabe neste tópico é antes de mais nada, relacionar diferença a processos de subjetivação. Precisamente daquele que leva hoje alguém a fazer malabares nas esquinas de uma cidade vista tradicionalmente como operária. Para além da fala simplista da busca pela sobrevivência temos uma série de intervenções e invenções que se inserem na dimensão do que Maffesoli chama de “*estilo de uma época*”, embora não seja somente disto que se trata. Sim, pois o “*estar junto, reificado pela visão liberal*”, como lembra Homi Bhabha (Op. Cit., p. 264-65) é bastante diferente da noção da agência, de um encontro com o social. Sueli Rolnik (GUATARRI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica - Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 25-31.) mostra que “(...) a produção de subjetividade talvez seja mais importante do que qualquer outro tipo”, pois no mundo capitalístico (onde se encontram todos os mundos: o chinês, o terceiro e quarto mundo ...) “ a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação”. Cabe ainda uma última digressão. De modo mais próximo, a historiografia catarinense se construiu sobre a fala da diversidade. Reconhecemos uma cidade e um estado diversos, mas acredito que nosso trabalho no sentido de contemplar a diferença, e não apenas respeita-la - umas das referências do liberalismo ocidental - é ainda bastante inicial. Fica o contra exemplo dito acima, nas palavras de um estudioso que versa sobre igualdade

polifonia cidadina, é ainda um sinal laranja. Algo que leva a pensar se é na hora de atravessar ou não para o outro lado. Uma cidade é sempre entre tantos outros lugares, aquele dos humores. Um palhaço malabarista que sobrevive de catar trocados nas esquinas hoje movimentadas de Criciúma tem ganhado além de miúdos níqueis, alguns sorrisos. Não há melhor início para o pensamento do que o riso. É pois uma atitude de coragem a que se presta aquele que tem por aventura fazer outro sorrir. Especialmente numa cidade onde por muito tempo não apenas os ares²³⁰ eram cinzas, mas suas pessoas sisudas.

Em 1978, num baile de carnaval em um clube da periferia de Criciúma, no bairro Metropolitana, a banda da noite cantava a seguinte marchinha composta pelos músicos “*de fora*” (sul rio grandenses, em sua maioria): “*Larguei os compromissos e quase fui em cana, sambar o carnaval aqui na metropolitana. Aquele aroma que a mina tem, não é gostoso mas pra mim faz bem. Salve o mineiro que não vê o sol e viva as garotas do Metropol*”²³¹. O aroma que não é gostoso, e bem pode fazer apenas para quem se coloca dele distante, agora está fenecendo. Recentemente (2002), ao receber um amigo na “*ex-capital do carvão*”, fui convocado a mostrar os efeitos da exploração carbonífera na cidade. Pensei que fosse uma tarefa simples. Bastaria olhar ao redor. A paisagem cinza, nebulosa e triste já não existe, ao menos não na face cruel que tinha até 1990. Na oportunidade acabei encontrando, isto é certo, alguns lugares onde ainda persiste o cenário decorado pelo ouro dos tolos – a pirita. O que

e diversidade. O sociólogo Alain Torraine afirma que “não se trata mais de reconhecer o valor universal de uma cultura ou de uma civilização, mas, de maneira bem diferente, de reconhecer em cada indivíduo o direito de combinar, de articular em sua experiência de vida pessoal ou coletiva, a participação no mundo dos mercados e das técnicas com uma identidade cultural particular. O que é preciso reconhecer em cada indivíduo. O que é preciso reconhecer não é a inspiração universalista de uma cultura, mas a vontade de individuação de todos os que procuram reunificar o que nosso mundo, economicamente globalizado e culturalmente fragmentado, tende sempre mais fortemente a separar”. In: Op. Cit. **Igualdade e diversidade**: o sujeito democrático. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 1998, p. 65.

²³⁰ A cidade que exalava de seus poros o enxofre curtido pelo sol escaldante que sobre ela se abatia, hoje respira um tanto mais aliviada. Já em 1961, Noel Gist ao tratar das redes de prestígio social, associadas para ele a formação e grupos, na obra chamada Homem e cidade (Editora fundo de cultura, RJ, 1961) afirmava que “*o ar torna o homem livre*”.

²³¹ Informação obtida junto ao sr. Manoel Ascendino de Campos antigo morador do bairro citado.

ainda continua bastante fácil de ser visto e encontrado é a miserabilidade e o esquecimento no qual estão colocadas aquelas populações. O canto de Nietzsche soa nestes locais: “*É possível viver, mesmo feliz, quase sem nenhuma memória, como demonstra o animal; mas é absolutamente impossível viver sem esquecimento*”, um esquecimento que marca o corpo, subjetiva uma gente quase sempre pobre pela subsistência ou miserável pela falta²³².

Quanto mais força se gasta na visibilidade de uma gênese cidadina, mas solene e triste ela fica²³³. A cidade de pedras é hoje uma cidade um pouco mais alegre, até mesmo feliz, talvez antecipadamente anunciada numa ‘*marqueteira*’ campanha política no início da década de 1990²³⁴. Antes que o semblante se franza, desafrontemos. Afinal, uma “*cidade pode ser aquilo que dela se vê ou se entende*”²³⁵.

²³² Completando a sentença sobre ar e liberdade colocada por Noel Gist, gostaria de lembrar, como bem faz Nestor Garcia Caclini em *Consumidores e cidadãos* (Caclini, 1995), que aqueles que vivem literalmente à margem social, moradores da periferia, local onde um saber excludente diz que “*o vento faz a curva*”, sem emprego, com baixo nível de instrução e num tempo de economia de mercado (capitalística), fundamentalmente, não consumidores, dado ao limitadíssimo orçamento, se encontram excluídos desta perspectiva urbana mais arejada. De modo algum gostaria que isto fosse visto com uma espécie de concessão ou mesmo preocupação com a visibilidade, visto que já foi falado. É profundamente lamentável e irritante que continuemos vivendo de costas para isto. A fronteira ali é um limite, e não um limiar. Nesta tese, exclusão e inclusão estão em diálogo constante, apresentado ao longo de sua escrita. Mesmo porque acredito que cada vez mais as culturas de uma cidade sejam produzidas também por minorias chamadas destituídas ou excluídas, mesmo que projetos instituídos, por vezes, ainda insistam em ignorar esta presença. Gostaria, contudo, deixar anotado um artigo escrito por Joana Sultanum onde a cidade contemporânea é mostrada também como a cidade dos excluídos. Ver: http://www.geocities.com/pistache_online/cidade-excluidos.html. Capturado em 2002.

²³³ É possível inferir que ao menos até a década de 1980, quando o carvão ainda era a pedra da vez, Criciúma apesar do grande contingente extra-cidadino presente nela, era uma cidade pouco cosmopolita, para usar um termo que tem vigor hoje. A sobra disto é que nas dobras de quase todas as falas sobre a cidade era muito comum ouvir a pergunta, em forma de inquisição: “Você é de Criciúma? Qual o seu sobrenome? É o que se pode chamar de “gênese cidadina”. Como muito bem apontam os estudos mais recentes, o discurso colonialista, se entenda, civilizador, é ambivalente. Quando falamos então hoje de processos capitalísticos e olhamos para Criciúma, sem muito esforço se pode dizer que a partir da década de 1990, já com grande parte da população híbrida, produzida desde cedo na cidade e visibilizada somente muito recentemente, a inquisição muda de tom: “Você vai embora de Criciúma? Para onde você vai? Tal situação em tudo se conecta a um modo particular e ao mesmo tempo amplo de se inserir nos processos de globalização, cujo fenômeno de emigração (para os EUA e Itália) acompanhada de uma valorização étnica (sempre ela diria um morador da periferia da cidade) são certamente os exemplos mais significativos.

²³⁴ Não apenas colocada por uma gestão específica, é certo que feito Fênix deve nascer de cinzas, foi o mote de quase todas as campanhas realizadas pelos governos do município, e se insinua com maior ênfase no início da década de 1990. A administração municipal bem soube captar a imaginação social e transforma-la em marketing. Na segunda gestão de Altair Guidi (1989-1992), com Eduardo Moreira (1993-1996) e Paulo Meller (1997-2000), bem como da atual de Décio Góes (2001-2004), sendo que este último deixa assinalado o seguinte depoimento concedido por ocasião da visita do prefeito à comunidade de criciuenses instalada nos arredores de Boston

As fronteiras do presente são cada vez menos algo a ser ultrapassado e, hodiernamente, mais o reconhecimento de que já as habitamos há algum tempo. É isto que nos faz colocar a cultura na esfera do além. O momento é de trânsito, com todas as vantagens e deficiências que nisto se apresenta: a velocidade é inconstante. Fronteira não é um lugar último de ações: classe, gênero, etnias, imigração, violência. Ao contrário do que insistentemente pensamos (e das sentinelas que colocamos), a fronteira é um lugar onde “*algo começa a se fazer presente*”²³⁶. Tocando o futuro do lado de cá, tal é o fim permitido ao entendimento do além²³⁷. Entre lugares permitem “estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”²³⁸.

No solo comum da cidade de pedras, muitos territórios se cruzam. Não há possibilidade de que se assumam a homogeneidade de territórios mesmo quando se alardeia aos quatro ventos que “*a região carbonífera é o meu chão, voto na região*”²³⁹. Este é mesmo o solo no qual agora se investe em desenvolvimento ambiental, em produção de festas, em etnicidade, em empregos, em inclusão social, mas também – numa compressão de tempo-

(EUA): “Criciúma está crescendo, está mais alegre” (Jornal da Manhã, 31-8-02, p.5). Em outra dimensão, Edi Balod, artista plástico e atual (2002) Presidente da Fundação Cultural de Criciúma, afirma: “Antes as pessoas tinham vergonha da cidade. Quando alguém chegava aqui de avião, sobrevoando a cidade, em seguida diziam: “que maravilha, a cidade toda é asfaltada!”, como que ironizando a pavimentação das estradas feita de pirita. E ainda diziam: “é só chegar aqui que a gente começa a tossir, ô cidadezinha ruim!”. Agora é outra coisa. As pessoas que aqui chegam, saem elogiando a cidade e até mesmo perguntam: o que tá acontecendo por aqui? A cidade parece bem mais colorida e feliz!”. IN: Edson Paegle Balod (Edi Balod). Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 04/10/2002.

²³⁵ CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p 17.

²³⁶ BHABHA, Homi K. Op. Cit., p. 24.

²³⁷ Este é um olhar que tenta, sob diferentes formas, contemplar o presente. Embora seja uma discussão realizada com propriedade por Homi K. Bhabha, a ação marcante desta perspectiva já era encontrada em Walter Benjamin, um homem capaz de pensar o presente em seu agora, num lugar intermédio, um entre lugar.

²³⁸ BHABHA, Homi K. Op. Cit., p.20.

²³⁹ Tema de campanha publicitária patrocinada por empresários e políticos da região sul, muitos de Criciúma, que produziu out-doors, adesivos e mesmo chamadas em rádio e televisão durante todo o ano de 2002. Muito comum encontrar carros transitando pela cidade ostentando adesivos com esta chamada.

lugar²⁴⁰ - os territórios onde sistematicamente tudo isto foi negado ou invibilizado. Pluralizando a singularidade de Drummond, no meio do caminho existem várias pedras.

Para que se possa minimamente vislumbrar a complexidade da vida contemporânea que explode nas cidades é necessário inverter setas e escalas, ser um bom apanhador de fragmentos. Inegável foi à contribuição do chamado paradigma moderno, bem como da crítica que a ele se empreendeu. Mas a cidade pensada e constituída como um sistema racional, perde fôlego. “*Fala-se em cidade-cultura, cidade evento, cidade ecológica, cidade da moda,*” e acrescenta-se, cidade étnica, cidade do carvão, cidade da emigração, e “*para as quais os paradigmas interpretativos das cidades modernas já não são mais eficientes*”²⁴¹. Para se contar estas histórias é produtora mergulhar em seus tempos.

Entender Criciúma de hoje é, em muitos sentidos, se aproximar do entendimento de outras cidades contemporâneas²⁴², o que significa dizer: vivas e inacabadas. Maffesoli afirma que estamos dispostos a buscar a felicidade a qualquer preço. Dizer qualquer preço

²⁴⁰ É fato que a discussão sobre a compressão espaço-tempo, muito própria de uma leitura clássica da modernidade e propaganda entre outros pensadores por Marshall Berman e David Harvey, é consistente e produzida, desejosamente ou não, a partir da alteração da realidade a qual os estudiosos passaram a lidar. O mais instigante nisto é que tal alteração vai produzir também uma significativa mudança narrativa que se realiza a respeito desta realidade contemporânea. Exemplos mais próximos temporalmente podem ser enxergados nas ações –sob olhares diferenciados –de Fredric Jameson, Appadurai, Canclini e Canevacci, apenas para ficar nestes.

²⁴¹ FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1991, p.65.

²⁴² Muito já se realizou de história comparada em relação às cidades. Benjamim já o fez com Berlim e Paris; Mike Davis realiza um trabalho brilhante em relação a Los Angeles e em diversos momentos comparando-a com outras tantas metrópoles; Canevacci em seus estudos comparativos entre cidades européias especialmente italianas, e brasileiras como São Paulo e Salvador; Michael Certeau com New York e Recife. No Brasil tal prática, recente, tem entre outros exemplos os da professora Sandra Jatahy Pesavento que realizou um estudo a partir da literatura sobre o urbano tomando com referência as cidades de Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre (PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano, Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre: UFRGS, 1999.**). Contudo, o que atualmente me parece evidente é que cidades antes vistas como bastante provincianas, e nisto Criciúma, por razões inúmeras, foi desde muito cedo um bom exemplo, nas últimas duas décadas em particular, podem ser comparadas a outras tantas cidades, sejam elas metrópoles ou não, se mantivermos na alça de mira algumas demandas sócias colocadas: o crescimento da violência, a midiatização social, as políticas públicas, a emigração e assim por diante. Antes de ver como um elementar desejo de ‘quero ser grande’, tais demandas são em grande medida engendradas por processos bem marcados da economia capitalística, no mundo globalizado que se configura atualmente.

não imputa em tirar o valor da felicidade, ao contrário, para a Criciúma desde cedo ela tem um preço alto. É certo que isto é algo recente na análise cidadina. No momento em que a aparência, o senso comum ou a vivência retomam uma importância que a modernidade havia lhes negado. Contudo, é saudável evitar o porre, pois se o interesse no pós-modernismo limitar-se a “uma celebração da fragmentação das ‘grandes narrativas’ pós-iluminista, então, apesar de toda sua efervescência intelectual, ele permanecerá um empreendimento profundamente provinciano”²⁴³.

Então finalizando estas considerações temporâneas, antes de colocar uma defesa da celebração ou festejos da vida fragmentada, subjetivada, individualizada, parece prudente que uma análise cidadina contemporânea se construa de modo a privilegiar o sensível, evitando uma abertura em fanfarra, apesar do ritmo acelerado em que mergulhamos; avançando lentamente de *moderato* a *allegretto*²⁴⁴ e, dele ao mais intenso da contemporaneidade. Isto é um modo de alcançar sentidos e enxergar o sorriso.



²⁴³ BHABHA, Homi K. Op. Cit., p.23

²⁴⁴ Esta é uma dimensão ensaiada por Michel Maffesoli. cf: MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Alberto Cristophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

Desfile: Antes de qualquer reflexão havia a imagem impressa naquele papel jornal. Poderia ser contrário ao que ali indicava, ao andamento do “movimento”, ou tomando um caminho inverso, ser solidário a ela, persistir no ritmo agonizante de uma experiência que clamava socorro. Estas eram duas opções entre muitas que poderia escolher. Mas é certo que não poderia ser indiferente a ela — a tendência de um olhar ordinário —, porque em sua justa forma, aquela imagem instalava a diferença. Um cacho de banana, pendurado no pescoço daquele mineiro estilizado em bronze, fazendo referência a um momento ainda de transição entre uma urbanidade incipiente e uma periferia rural ou operária muito viva²⁴⁵. O tempo histórico pode ser apreendido em sua intensidade e não apenas em sua cronologia²⁴⁶. Tempo anunciado e enunciado na crônica bem humorada e sarcástica de um jornalista da cidade:

“ Há muita gente que fala mal de Criciúma. Porém cumpre-nos dizer que Criciúma não é tudo aquilo que falam os cronistas ou outras pessoas . A capital do carvão é apenas uma cidade diferente. (...) Criciúma é a perfeita concretização do velho sonho de Platão. É a cidade perfeita, a terra da luz, a terra da compreensão e da bondade. É onde de vez em quando se tem a fúnebre honra de assistir a um solene féretro em que um venerável cadáver canino é transportado palidamente pelas águas límpidas do Rio Criciúma, envolvendo as circunvizinhanças com o agradável aroma que em muito faz lembrar as mais finas resinas da longínqua Índia. A nossa prefeitura, longe como está situada do aludido Rio não goza deste privilégio.”²⁴⁷

No momento em que preparava um estudo sobre Criciúma ainda, em 1999, aquela foto era a confirmação mais evidente de que ali existia e aflorava um modo diferente da cidade se construir. Os desejos já não podiam mais ser sublimados, estava acontecendo. A cidade que tinha na exploração carbonífera uma referência, um modo de se construir, escolhia

²⁴⁵ O monumento aos homens do carvão foi instituído em 1946, quando Criciúma explodia em sua demografia e uma urbanização pouco elaborada se cruzava com experiências ainda bem vivas dos homens da roça, em sua maioria descendentes dos primeiros imigrantes italianos e os operários do mundo do carvão.

²⁴⁶ Este é um olhar próprio de Walter Benjamin. Para ver uma discussão mais elaborada a respeito, consultar: GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 8 e seguintes.

outros caminhos. Antes, mesmo em seu centro urbano limpo da aridez carbonífera, era possível a todos a percepção de um mundo de pedras negras, estava no ar. Mas o que fazia então aquele cacho de bananas no monumento? Se precisamos estar atentos à intensidade, vamos então a primeira delas.

Um senhor de nome Paulo Marcus, engenheiro de minas, nascido em Bucareste, Romênia, chega em Urussanga por volta de 1915, para trabalhar na pesquisa do solo carbonífero. Estabelece contatos, forma amizades que hoje desfilam em placas colocadas nas esquinas de ruas lhes dando nomes. Entre suas ações se encontra a criação da Carbonífera Próspera em 1920, da qual se torna sócio fundador. Em 1925 um mal súbito lhe traz a morte. A primeira grande morte carbonífera. Não parece necessário dizer o prestígio social que um engenheiro de minas contava naquele momento num local que estava para se emancipar politicamente de Araranguá.

O dilema está criado. Paulo Marcus além de estrangeiro, de não ser da cidade ou da Vila de Criciúma, era luterano, ou seja, protestante. Neste momento, o cemitério que se tinha na cidade, ao menos no centro dela, era administrado pela igreja, católica, com padre italiano em seu segundo ministério na igreja matriz, Ludovico Coccolo. O padre não aceita enterrar um protestante. Impossível dizer que desconhecia outra fé que não a católica, pois já havia na região um núcleo de protestantes instalados desde 1890. Mesmo assim a recusa se fez. O que fazer então? O corpo precisava de um enterro. Naquele momento a solução posta em prática foi a de dividir o cemitério em duas partes, pondo nele uma cerca. A fronteira delimitava aqueles que seriam enterrados com benção do descanso eterno, e outros, aqueles que no caso de Paulo Marcus, nem a sorte econômica servia, que seriam postos no lado sem benzedura alguma.

²⁴⁷ Tribuna Criciumense. Criciúma, 23 set de 1957, p. 5 e 8.

Acontece que Paulo Marcus era um homem do carvão, vivia entre administradores e operários. Estes tinham o costume desde 1918 de organizar a festa de Santa Bárbara. Naquela, realizada em 04 de dezembro de 1925, houve um grande protesto, um desfile de empregados da Carbonífera Próspera pelo centro da cidade, reclamando o fim da fronteira em forma de cerca e a conseqüente administração do cemitério passada à prefeitura, que somente seria instalada em primeiro de janeiro de 1926. Um traslado (desfile) foi feito da capela ao cemitério próximo dela. Deste protesto foi produzido um ofício e encaminhado ao Bispo em Florianópolis. O primeiro prefeito da cidade foi Marcus Rovaris, sócio e amigo de Paulo Marcus. Rovaris tinha vindo da Itália no fim do século XIX. Especula-se que a cerca tenha sido retirada a mando dele. Mas nisto poucos colocam fé. Há notícias desta cerca presente no cemitério na década de 1940²⁴⁸. Mas a intensidade disto tudo está na morte e no desfile. Era o mundo do carvão em toda a sua efervescência. Era também um desfile étnico²⁴⁹, sim pois entre aqueles que correram no socorro da memória de Paulo Marcus, havia gente de toda sorte, e a espetacularização disto pertencerá a outros agoras, quando se instalará a reprodutibilidade de ações e uma economia capitalística que integram um outro desfile, como veremos.

²⁴⁸ Assim era noticiado o evento pelo jornal “O Mineiro” n. 19, de 15/12/1926, cujos números impressos, apesar de muitos esforços, não consegui ter contato: “Aos quatro do corrente, Criciúma engalanou-se em homenagem à padroeira dos mineiros, elementos que dão vida ao comércio local, como braço preponderante à vitalidade de Criciúma, que depende muito das minas de carvão (...) Os mineiros da Cia. Próspera lembraram-se de prestar uma homenagem póstuma ao Dr. Paulo Marcus, fundador desta mina, alma mater da exploração mineira nesta cidade. Após a procissão, admiradores desse mineiros dirigiram-se à seu túmulo onde flores foram depositadas. Orando, no momento. O sr. Costa Arantes, funcionário do tribunal de Justiça do Estado. Dali partindo a comissão popular, após ter conduzido desde a igreja de Criciúma até a capela de Santa Bárbara a imagem protetora dos mineiros. Ficou resolvido que um abaixo assinado seria feito, com o intuito de ser retirada a cerca que separa o túmulo do engenheiro querido, do cemitério geral, sob pretexto de que este não era católico. Sentimos dizer que foram malsucedidos os operários da Próspera, embora amparados pelo comércio local, pois não obtiveram este desideratum” In: MILANEZ, Pedro. Fundamentos Históricos de Criciúma. Criciúma: Ed. Do Autor, 1991, p. 95.

²⁴⁹ Não era contudo um desfile “típico”, se entendermos por isto uma gama de diacríticos, entre estes, a vestimenta, por exemplo. Mulheres e homens não andavam vestidos de italianos, poloneses, portugueses ou outras referências deste tipo. Andavam como cricumenses daquele período, com as possibilidades que lhes estavam colocadas. Ver exemplo disto em foto apresentada nesta tese no ensaio *Futuro do Pretérito: Um aniversário bem festejado*.

Há outro padre, em outro presente. Carlos Wecter foi pároco da igreja Santa Bárbara, no bairro de mesmo nome, entre 1964 e 1974. Apontado pela maior parte da população daquele bairro, colado ao centro da cidade, como um grande fazedor de festa da padroeira dos mineiros, padre Carlos foi o organizador de um outro desfile. Em 1972, durante o cortejo da imagem de Santa Bárbara do Bairro São Cristóvão à Paróquia Santa Bárbara, passando pelo centro da cidade, em cima da carroceria de um caminhão, o padre falava ao microfone: “*Vejam senhores comerciantes e mineradores, estes são os homens que lutam pela sua sobrevivência e arriscam suas vidas nas minas. Olhem pra eles. Alguns sem braços, outros sem pernas, outros em cadeiras de rodas*”²⁵⁰.

Animadas com o desfile que seus filhos participariam naquele sete de setembro de 1976, as senhoras Zonilda e Maria das Dores estavam também orgulhosas. Era o primeiro desfile dos filhos na escola com o nome de *Filho do Mineiro* situada no bairro Metropolitana. A tristeza chegou quando souberam que seus filhos desfilariam trajados de mineiros. Sujos de carvão e carregando uma lanterna, como todo mineiro. Aquilo era para elas ver transferida nos filhos a experiência diária acompanhada cada qual com seu marido mineiro. Foram solicitar à diretora uma mudança no traje. Encontrada a solução. Um dos meninos desfilou de Lobo Mau, o outro de Mickey Mouse²⁵¹. Além de um time de futebol famoso na década de 1960²⁵², o bairro agora tinha sinal de televisão chegando nele.

²⁵⁰ Trecho de depoimento concedido a mim pelo Padre Carlos Wecter, na cidade de Nova Veneza, em 17-10-2000.

²⁵¹ Episódio relatado a mim na cidade de Criciúma, por Maria das Dores Silveira Campos, em 21-07-2002.

²⁵² O bairro Metropolitana, lugar onde a exploração do carvão foi muito intensa, entre as décadas de 1950 e 1970 conseguiu projeção na cidade de Criciúma. Eram muito concorridos os bailes de carnaval realizados no Clube Recreativo e Esportivo Metropolitana. Ainda em 15 de novembro de 1945 havia sido fundado o Metropol Esporte Clube, modesto clube de um pequeno bairro de Criciúma. Mas em 1959, com dificuldades para por fim a uma greve mineira que mexia com a cidade, os dirigentes das Companhias Carbonífera, em especial o diretor da Cia. Metropolitana, senhor Dite Freitas, profissionaliza o time do bairro, contratando jogadores de prestígio nacional e investindo forte na idéia do futebol como aliviador de tensões. A profissionalização se efetiva em 1960, com a sociedade Freitas-Guglielmi administrando o clube através da Carbonífera Metropolitana. O Metropol ganha fama na década de 1960, se consagra tri-campeão catarinense, disputa o campeonato brasileiro,

Quando foram vistos aqueles tratores no centro da cidade, fazendo barulho, pisando nas estradas com o vigor de suas rodas de máquinas imponentes, a população que assistia o desfile se perguntou: “*E essa agora?*”. Como podem falar em preservação, agricultura e outras coisas do gênero se em nome de uma tradição de exploração desenfreada viramos as costas para isto tudo? Mas as máquinas continuavam por ali, e eram barulhentas. Em realidade o barulho, mansamente começou a ser produzido um pouco antes daquele ano, 1996.

Corria o ano de 1989 da graça carbonífera e preocupados com o avanço da mineração de carvão realizada pela CSN, à época estatal, no subsolo de um morro ironicamente chamado Albino²⁵³, alguns homens moradores do local, entre eles engenheiros agrônomos e agricultores, iniciam uma luta com tino delimitado: Preservar o último manancial de água potável e terras agricultáveis em Criciúma. Em 1990 é aprovada por unanimidade na câmara de vereadores a lei 2.459 de oito de junho do mesmo ano, e mais que um simples número, tal lei declara área de proteção ambiental os Morros Estevão e Albino. A lei de autoria do vereador Vital Plotegher recebe o apoio do executivo municipal, sendo prefeito Altair Guidi, o prefeito do Centenário e também da Quermesse. Guidi nunca fez

na época chamado de Taça Brasil e faz uma excursão pela Europa. Foi o primeiro time catarinense a realizar uma viagem deste porte. A sociedade se desfaz em 1969 e com ela o time profissional chega ao fim. É possível hoje chegar no Clube Metropolitana e ainda ver, numa sala pequena e pouco cuidada, os troféus obtidos pelo time. Atualmente (2003) o bairro Metropolitana não possui nenhuma mineradora em atividade. Aos domingos ainda se realizam jogos. Os jogadores são em sua maioria moradores do bairro. O cenário é desolador. A pirita colocada nos fundos das ruínas do antigo Estádio Euvaldo Lodi, inaugurado em 23/12/1952, dão conta de informar o abandono que está colocado o bairro, onde funciona aliás uma escola pública municipal de nome “Filho do Mineiro”. Os mais velhos torcedores do clube parecem ainda acreditar numa volta do Metropol aos seus grandes momentos. Como já disse José da Silva Junior, hoje jornalista conhecido no país e que tem familiares ainda no bairro, são “homens que se alimentam de lembranças”. Este é um tema que gostaria de desenvolver mais vagarosamente e com maior densidade. Contudo, dado aos recortes que realizei não foi possível tal lentidão. A fundação cultural de Criciúma desde de 2001 vem estudando o “Caso Metropol” e buscando alternativas para se visibilizar esta memória. Para um estudo mais cuidadoso sobre o time de futebol Metropol, ver: SILVA JUNIOR, José da. **Histórias que a bola esqueceu** – a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

²⁵³ O nome deriva de uma expressão italiana: Alba. Chegando no local no final do século XIX, no momento a alvorada (Alba em italiano), e admirando a beleza que de cima do morro era possível vislumbrar, lhe deram o

muita questão em ser *simpático*, para usar uma expressão inteligível, ao setor carbonífero. No corpo da lei, precisamente seu art. 5, era permitido ao chefe do executivo, mediante decreto, restringir, proibir ou permitir, atividades econômicas ou não que causassem poluição no ar, solo ou águas na região. A tradição dos governos brasileiros de legislar sob decretos estava ali presente. Quando a lei foi aprovada, a situação de exploração de carvão em Criciúma já era difícil, como se pode perceber nesta tese e em outros trabalhos²⁵⁴.

Em 1992, após inúmeras discussões, a Carbonífera Próspera é vendida ao minerador Realdo Guglielmi, de descendência italiana e membro representante dos empresários do setor carbonífero da região. É criada a companhia Nova Próspera. Em maio de 1995, as comunidades de Morro Estevão e Albino percebem furos de sondas naquela região. Feito vulcão que desperta de um longo sono, as sondas pareciam cuspir fogo sobre as comunidades. O medo se instaura. É deste sentimento que se produz as primeiras reuniões com os membros das comunidades. Em agosto de 1995 eles se reúnem inicialmente na câmara de vereadores, sabendo que não seria fácil derrotar um paradigma de existência que era até então a ação carbonífera na cidade. Bem articulados, convidam para a reunião o promotor público Jacson Correa, que sugere a criação de uma ação pública.

Era setembro de 1995 quando ocorre uma grande reunião com as comunidades envolvidas, em Morro Estevão, da qual participam mais de 300 pessoas. Naquela reunião seria criada a comissão de trabalho que iria montar um levantamento completo dos mananciais de água e do meio ambiente da região. Em novembro este levantamento se encontra pronto e é entregue no Centro das Promotorias da Coletividade, e encaminhado ao

nome de Morro Albino. Não existe um consenso para o nome, mas entre outras possibilidades que me foram contadas, esta que apresento me parece mais viva entre as pessoas do local.

²⁵⁴ Ver introdução e ensaio sobre a Quermesse. Entre outros trabalhos sobre o tema destaco o de José Paulo Teixeira, in: Op.Cit. **Os donos da cidade**. Florianópolis: insular, 1996.

promotor como ação pública. O relatório com o qual tive contato é muito bem elaborado e não resisto à tentação de deixar aqui assinalado uma de suas partes. O histórico deixado para a promotoria busca em famílias tradicionais — em sua maioria italianas — seus feitos. Contudo, o movimento é muito mais amplo que apenas uma convenção histórica pode dar conta. Vejamos:

“A colonização efetiva do Morro Estevão iniciou-se nos idos de 1890, quando as famílias Zanette, Lutemberg, Bortuluzzi, De Luca, Dagostim, Dal Toé, Bortogollo, Dal Pont, Tognon entre outras, lá fincaram suas bandeiras da colonização, iniciando um processo, já naquela época, de preservação ambiental, pois ainda hoje, nota-se matas nativas que cobrem grande parte do referido local. Nestas condições dedicavam-se exclusivamente à agricultura, ao manuseio de gado leiteiro e criação de suínos, cuja comercialização era feita na própria região e estendia-se até o Vale do Araranguá e Pedras Grandes. (...). Grandes personalidades daqui saíram, dentre as quais, destaca-se João Zanette que foi o primeiro conselheiro de Criciúma e, seus restos mortais encontram-se sepultados no cemitério de Morro Estevão. Ana Casagrande, esposa de João Zanette, encontra-se perpetuada no Museu de Criciúma, batizado com seu nome”²⁵⁵.

Um conselho, segundo Walter Benjamin, se conecta à necessidade de se continuar narrando algo, e neste caso o que se podia ouvir entre a gente das comunidades era que “*gato escaldado tem medo de água fria*”. Os agricultores não esperavam outra postura dos mineradores e também dos mineiros que não fosse a tentativa de minerar nos Morros. A campanha que desenvolvem a partir das comunidades alcança ressonância em vários segmentos: entre empresários, entre políticos, entre movimentos sociais, igrejas²⁵⁶. O documento já citado, em seu fechamento diz o seguinte:

²⁵⁵ Documento protocolado pelo Centro das Promotorias da Coletividade, no Fórum de Criciúma.

²⁵⁶ Na documentação disponível que está com Ricardo D. Zanette, foi possível constatar várias entidades e associações fornecendo apoio ao movimento de preservação. São exemplos: EPAGRI, IAB-Instituti de Arquitetos do Brasil – SC, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Criciúma, ASCEA – Associação Sul Catarinense de Engenheiros e Arquitetos, AEASC – Associação dos Engenheiros Agrônomos de Santa Catarina, COOPERA – Cooperativa Mista Pioneira Ltda., Pórtico Comercial de Criciúma, RG Bastos – Indústria de Móveis Ltda., Diocese de tubarão – Comissão Pastoral da Terra. Um último apoio apresentado de forma lacônica

“A comunidade do Morro Estevão questiona: para atender interesses econômicos de uma empresa é válido agredir o ambiente em equilíbrio em prejuízo de mais de cinco mil pessoas que dependem direta ou indiretamente da riqueza do solo, da água em abundância e da boa convivência com a natureza???”²⁵⁷.

Depois destas mobilizações, a Câmara Municipal deu nova forma à lei 2.459 de oito de junho de 1990, proibindo sob quaisquer hipóteses a mineração ou atividade depreciadora do meio ambiente. Foi criada então, em novembro de 1995 a lei 3179, aprovada por unanimidade novamente. Os problemas estavam apenas começando...

A companhia Nova Próspera, que na oportunidade tinha uma mineradora em atividade no bairro Verdinho, próximo aos Morros Albino e Estevão, começava a ter dificuldades na exploração de carvão. Parte então da empresa o desejo de minerar em Morros Albino e Estevão, já que era certo que havia uma jazida considerável de carvão no subsolo destes Morros. Nos discursos realizados na Câmara de Vereadores quando da aprovação da lei, com grande presença dos moradores dos Morros Albino e Estevão, se pode perceber o apoio de todos os vereadores à causa, embora no desfecho final as coisas tomassem outros rumos. Vejamos algumas partes destas falas:

Vereador Vital Plotegher: “(...) foi elaborado uma área de reserva ambiental, uma pequena arma na tentativa de impedir as minas de fazer a extração de carvão naquela área (Morros Albino e Estevão). Os anos foram passando, houve paralisação das minas, não houve mais ameaça, e a comunidade ficou quieta. Agora com manifesto

me chamou a atenção: da a Ricardo Zanette, presidente da comissão de proteção ambiental dos Morros, ELIANE Revestimentos Cerâmicos, umas das maiores empresas de cerâmica do país, informa nesta carta que: “A unidade IV, localizada na Rodovia Luiz Rosso – km 4, Morro Estevão, consome diariamente 66.000 litros de água por dia, na fabricação dos revestimentos cerâmicos”, assinando o Sr. Jovani Fernandes, gerente industrial. Perguntado o porquê do tom lacônico e pouco comprometido da carta, Ricardo Zanette relata que “as cerâmicas tinham receio de comprar briga com as carboníferas”. Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma em 13-07-2002.

²⁵⁷ Extraído do documento já citado. O referido documento foi assinado por Ricardo D. Zanette (presidente da comissão do movimento), que gentilmente também me concedeu vários depoimentos que apresento em diferentes momentos nesta tese.

dos mineradores de voltar a explorar, retornou a preocupação”. Vereador Manoel Satiro: “Dirijo-me às comunidades dos Morros Estevão e Albino aqui presentes: A poluição provocada pelas minas é grande na região em que moro (Boa Vista) a gente sofre com 21 hectares de pirita a céu aberto. (...) Nós sabemos o quanto sofre o mineiro e quanto nós sofremos também, nós que somos da periferia (...) e se vocês não se cuidarem e não tiverem acesso (a preservação) vocês também vão ter (problemas com a poluição).” Vereador Valdemar Serafim: “Com relação ao substitutivo, nós acreditamos que vamos obter aprovação por unanimidade, já votei no projeto anterior, acho que é de suma importância, e é injusto que uma meia dúzia de empresários, que enriqueceram nas costas dos pobres, que queiram tirar o pouco verde que nós ainda temos, que Criciúma tem, levando a mineração para Morro Estevão, Morro Albino e outras localidades”²⁵⁸.

Conforme comentado, a lei aprovada por unanimidade, aumentava a área de preservação, antes de 2.970 hectares, para 3.600 hectares. Voltando à Companhia Nova Próspera, a mineradora coloca a seguinte situação aos criciumenses: tem-se no Verdinho, 480 mineiros trabalhando. Lá já não existe mais nada a ser explorado. Então se a Câmara Municipal fornecer autorização para minerar nos Morros Estevão e Albino, reduzindo a área de proteção de 3.600 para 1.500 hectares, os empregos serão mantidos, caso contrário não poderemos garanti-los. A situação criada era bastante delicada e vai dividir opiniões, pareceres, ações²⁵⁹.

O Ministério Público do Estado de Santa Catarina, representado pelo promotor Jacson Correa, entra com Ação Civil Pública contra a Nova Próspera Mineração S.A. em dezembro de 1995. O Juiz Jânio Machado concede liminar proibindo a mineração até o julgamento da Ação. Em seguida, janeiro de 1996, a Nova Próspera consegue o efeito

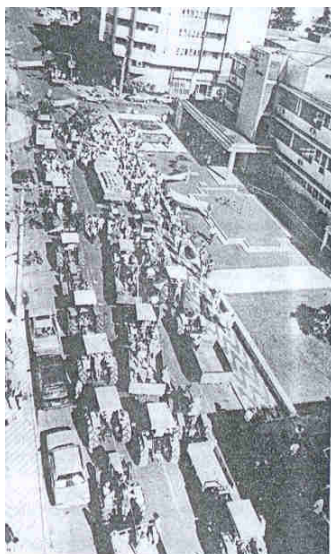
²⁵⁸ Trechos da Ata 58 da Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Criciúma. Disponível no citado local.

²⁵⁹ Uma professora universitária envolvida com os movimentos sociais da cidade comenta: “naquela oportunidade nós não sabíamos ao certo de que maneira posicionarmos. Se ficávamos junto aos mineiros ou se éramos solidários à causa ambientalista e dos agricultores dos Morros Estevão e Albino. Uma coisa era certa: a cidade tava mudando”. Depoimento concedido a mim por Marli Costa na cidade de Criciúma, em 21-04-2001.

suspensivo desta liminar. A cidade, antes capital brasileira do carvão, começa desejar respirar novos ares. Em pequeno trecho da Ação Civil se pode ler:

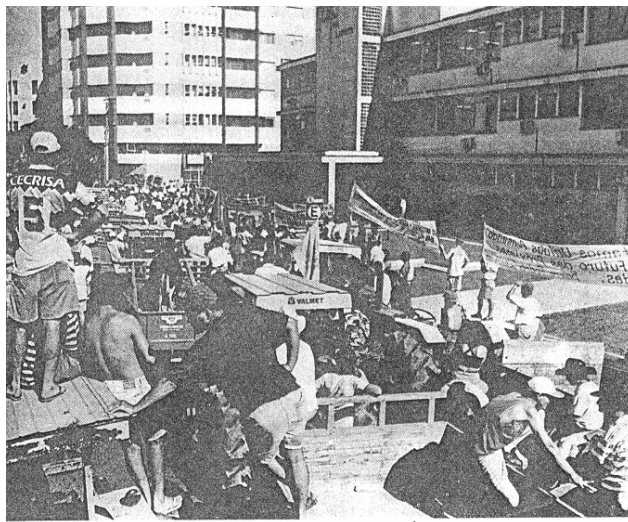
“Os operários das minas, antes atraídos pela esperança de uma vida mais digna, também foram lenta e gradativamente sendo corroídos pelas doenças adquiridas em razão das condições hostis de trabalho, transformando-se ao longo do tempo em uma legião de inválidos. A situação agravou-se a tal ponto que em sua fase áurea, a poluição atmosférica decorrente da exploração das jazidas de carvão respondeu de cerca de 70% das internações hospitalares, isto somente aqui, que tais tempos ostentou com orgulho o título de Capital Nacional do Carvão.”²⁶⁰

No início de abril, junto às águas que fecharam o verão, num dia quente, mais de cem tratores e máquinas agrícolas desfilam pela cidade, estacionando em frente do Fórum Municipal, à época situado bem no centro. A cidade começa a ter uma idéia mais viva da força e organização daquele movimento, e especialmente a imprensa local passa a dar visibilidade a ele. Voltaremos ao *tratoração* mais à frente.



Cena do “Tratoração”

Foto: Mauricio Vieira / Jornal da Manhã.
Criciúma, 03 de abril de 1996, capa.



Cena do Tratoração”

Foto: Mauricio Vieira / Jornal da Manhã.
Criciúma, 03 de abril de 1996, p. 05.

²⁶⁰ Parte da Ação Civil Pública assinada pelo promotor Jacson Corrêa e disponível no Fórum de Criciúma.

Em maio se realiza uma grande missa campal, sendo que em seguida o movimento irá receber (junho) uma moção de apoio da CNBB. Ainda no mesmo mês sai o resultado da Ação Civil. O Juiz Jânio Machado julga o município competente para agir em relação ao meio ambiente e confirma a proibição à mineração de carvão sob a área de proteção ambiental dos Morros Estevão e Albino. Seguem-se vários depoimentos dos agricultores e moradores daquela região, todos afirmando a solidez do movimento e também sua organização.

Em outra dimensão, causava surpresa a fragilidade organizacional dos mineiros — muitos acreditam agora (2002) que o despertar foi tardio — e mais ainda do minerador Realdo Guglielmi. Ao que tudo indica, acreditando no prestígio social que contavam, mineiros e minerador apostavam numa resolução a favor da mineração. Em junho se esgota o prazo para que a empresa mineradora recorra da decisão. No dia seguinte ao fim do prazo, a empresa anuncia o encerramento das atividades e a demissão de 480 funcionários. Quando todos acreditavam que tudo estava resolvido, foi justamente a partir disto que se iniciou a etapa mais difícil para a consolidação da área de proteção ambiental.

O sindicato dos mineiros inicia campanha para derrubada da lei. O vereador José Paulo Serafim (em 2002, deputado estadual), que nas duas oportunidades de votação da lei de proteção ambiental, se manifestou a favor de sua manutenção, era morador da região do Morro Estevão e também vice-presidente do sindicato dos mineiros. Os mineiros, em grande medida, constituíam a base eleitoral de José Paulo Serafim. Mineradores e mineiros, que de longa data sempre tiveram um relacionamento difícil, agora estavam juntos. Uns não

querendo perder as benesses que o carvão havia lhes fornecido²⁶¹, outros desejando manter seu emprego. Junto a isto uma cidade com diferenças fervilhando.

Desde a decisão tomada seguiram-se, entre junho e setembro de 1996, várias sessões na Câmara de Vereadores, sempre muito tensas, marcadas pela pressão psicológica e ameaças físicas²⁶². A Câmara solicita realização de laudo técnico para auxílio na tomada de decisão. Os mineiros, em aviso prévio trabalhista, deixavam claro que o desejo maior era a preservação do emprego e não do meio ambiente²⁶³. A falta de credibilidade que as mineradoras tinham frente à população criciumense no sentido de minerar sem causar danos ao ambiente era muito grande²⁶⁴.

Ao menos três laudos são emitidos por instituições²⁶⁵ e pesquisadores distintos e, apesar do protesto dos mineiros, em todos eles houve o condicionamento da exploração carbonífera ao prejuízo do meio ambiente, especialmente dos recursos hídricos. À decisão judicial não cabia mais recurso, mas a Câmara poderia alterar a lei.

A proposta da redução da área de proteção ambiental de 3.600 hectares para 1.500 foi assinado por sete vereadores e encaminhado para tramitação pelo vereador José Paulo

²⁶¹ A explicação dada pelo empresário Realdo Guglielmi foi a seguinte: “Decidi desativar o setor de produção da Nova Próspera e rescindir contrato com a CSN pois a mesma me informou sobre a legislação de 1990, que já impedia as atividades das minas A (em atividade) e B, projetada para 1995. Cansei de ser pressionado e vou cumprir a decisão da justiça”. In: Jornal da Manhã. Criciúma. 16-06-1996, p. 8

²⁶² Em vários depoimentos, colocados nos jornais, os vereadores se mostram pressionados. Em depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, Ricardo Zanette relata que nestes meses era muito comum receber ligações em sua casa ou empresa ameaçando sua integridade física. Fato compartilhado também por alguns agricultores envolvidos no movimento. In: Depoimento já citado.

²⁶³ Ver entre outras notícias aquela veiculada em 17-06-1996, p. 6, no Jornal da Manhã: “ecologia é assunto pra conversar lá fora do sindicato, aqui nós queremos emprego com ou sem preservação ambiental”.

²⁶⁴ Vários vereadores nesta época diziam isto abertamente à imprensa. Casos, por exemplo, para ficar apenas neles, das vereadoras Maria Dal Farra Napolini e Ivone Farias. A primeira afirma o seguinte: “se hoje 480 mineiros ficaram sem emprego em consequência do fechamento da mina, com a mudança na lei, 700 famílias de agricultores poderão ficar sem terra fértil para tirar seu sustento.” A segunda coloca que: “os agricultores tem seus motivos para não acreditarem que é possível minerar e ao mesmo tempo preservar o meio ambiente. Eles têm muitos motivos para desconfiarem” In: Jornal da Manhã. Criciúma, 04 jul de 1996, p.7.

²⁶⁵ Entre estas, três universidades: UNESC, UDESC e UFSC.

Serafim²⁶⁶. O mesmo vereador deixa claro que os mineiros não reconhecem competência nos técnicos do Estado de Santa Catarina, especialmente os indicados pela UFSC. Assim mesmo, em outubro de 1996, uma parceria da UFSC com a UNESCO conclui o laudo técnico, favorável aos agricultores. Enquanto isso os mineiros estão desempregados, alguns deles trabalhando gratuitamente na mina para evitar que a mesma seja inundada por falta de manutenção. Naquela situação, a Prefeitura, no dia primeiro de agosto, lança o programa da VIII Quermesse: Tradição e Cultura.

Um último laudo envolvendo profissionais da USP, UFSC e UDESC foi concluído. Exposto em mais de quatro horas na Câmara de Vereadores. Nele, o representante dos mineiros, José Paulo Serafim, reconhece a importância das colocações, mas acaba dizendo que *“parece que o resultado deste diagnóstico é acabar com a categoria, entendo que pode ter mineração de forma responsável”*, ao que responde o geólogo Aldo Cunha Rebouças: *“a execução das tarefas na área em questão implica em fatores limitantes, não é possível assegurar que não haverá riscos”*²⁶⁷. Após incontáveis adiamentos, é marcada a sessão da Câmara dos Vereadores. Por vislumbrar uma sessão tensa, os vereadores decidem, como medida de segurança, transferir a sessão para o Fórum municipal. Era chegada a hora da *“onça beber água”*.

Estavam todos lá. Ou quase todos. Boa parte dos agricultores que participaram do Tratoração, mais os mineiros, polícia, vereadores, promotor, juiz, curiosos, sorveteiros,

²⁶⁶ O poder executivo também se manifesta. O prefeito à época era Eduardo Moreira, atual vice-governador do Estado de Santa Catarina, assume para a prefeitura os custos envolvidos nos laudos técnicos que precisavam ser realizados. O projeto custou 12 mil reais, fora custos com hospedagens e transporte.

²⁶⁷ Jornal da Manhã. Criciúma, 02 nov de 1996, p.5. No referido laudo técnico, em sua parte conclusiva é possível encontrar: *“Em relação aos aspectos econômicos tem-se claro que a conservação do uso do recurso a longo e indefinido prazo é mais determinante para a estratégia do desenvolvimento sustentável, do que a maior rentabilidade mercadológica que poderia ser auferida de imediato em sua exploração submetida ao risco da escassez ou até mesmo da extinção do recurso”* In: Diagnóstico Preliminar dos impactos da mineração na área

fotógrafos, gente da imprensa. O dia 12 de novembro de 1996 começou quente. Naquela terça-feira, desde muito cedo, faixas e máquinas dividiam espaço com muitas pessoas. O vereador José Argente que já havia se manifestado favorável à causa ambiental foi vaiado e xingado ao entrar no Fórum para a votação. O som no alto falante dizia: “*se mineiro perder, pau vai comer*”. Os momentos de luta do movimento dos mineiros haviam voltado, mas não era o mesmo, tampouco era a mesma cidade. Mesmo porque, o passado enquanto tal “*somente pode voltar como não identidade consigo mesmo*”²⁶⁸. O futuro estava aberto. Todos aguardavam o resultado da votação, realizada em aberto pelos vereadores. A ex-capital do carvão assistiu ativamente à vitória dos agricultores por doze votos contra oito, sem a necessidade do voto do presidente²⁶⁹.

Sobre o resultado, comentaria Ricardo Zanette, presidente da Comissão de Preservação Ambiental de Criciúma: “*Nesta batalha, não houve vitoriosos nem derrotados. Todos ganhamos com a manutenção da lei, evitando que a área de preservação ambiental fosse minerada. Afinal é o futuro de Criciúma que estava em jogo, e os 12 vereadores que votaram pela preservação, certamente serão lembrados com orgulho pelas gerações emergentes*”²⁷⁰. Carlos Antunes, 40 anos, técnico em mineração, que trabalhou na antiga CSN (Nova Próspera), comentaria posteriormente o episódio²⁷¹: “*eu acho que os agricultores*

do Morro Estevão e Morro Albino – Criciúma – S.C. disponível na Câmara de vereadores e na biblioteca da UNESC em Criciúma.

²⁶⁸ GABNEBIN, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: perspectiva, 1999, p 14.

²⁶⁹ Os votos foram dispostos da seguinte forma: A favor dos agricultores: José Argente Filho (PFL) Marcio Zaccaron (PSDB), Adair Locks (PPB), Vital Plotegher (PMDB), Vilson Faraco (PPB), Itamar da Silva (PPB), Maria Dal Farra Napolini (PSDB), Albertino Pacheco (PDT), Ivone Faria (PFL), Luis Dal Toé (PFL), Astor dos Santos (PPB), Valdemir Rosso (PPB). A favor dos mineiros: Manoel Satiro (PDT), Perez Dutra Lemos (PPB), José Hilariano (PMDB), Agecy Xavier (PMDB), José Paulo Serafim (PT), Antônio de Jesus Costa (PMDB), Tadeu Mossmann (PMDB), Adão da Silva (PMDB). Informações obtidas junto à Câmara de vereadores. Também disponível, contudo sem relação dos nomes com os partidos, na edição do Jornal da Manhã do dia 14 de novembro na página 10.

²⁷⁰ Tribuna Criciumense. Criciúma: 16 de novembro de 1996, p. 07.

²⁷¹ Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma em 22/06/2000. Continuará ainda Carlos Antunes: “*No Japão tiram carvão até do oceano, mas aqui em Criciúma a gente sabe como é, minerador fala que vai explorar sem poluir, consegue licença, depois alega que deu um problema e tal..daí o estrago já foi feito. Por isto acho*

mostraram grande capacidade de organização, ajudados que foram também por movimentos mundiais que se dedicam à preservação ambiental. Para Criciúma foi positiva a preservação dos mananciais e do verde". Criciúma contava nesta época com aproximadamente 160.000 habitantes, sendo que 90,45% deles situavam-se na área urbana da cidade e o setor agrícola respondia por apenas 4,8% da população economicamente ativa da cidade, o que fornece uma relevância considerável à decisão tomada²⁷². A cidade agora tinha também outras preocupações além daquelas voltadas apenas às conquistas econômicas.

Pedras, gritarias, depredação, espancamentos, perseguições, prisões. O prédio do Fórum teve quase todas as suas vidraças quebradas, e no final de todo o protesto foram presas nove pessoas²⁷³, oito mineiros — entre estes o vereador José Paulo Serafim — e um estudante universitário. No dia seguinte Criciúma ganhava a manchete de quase todos os maiores jornais do estado, bem como rádio e televisão local, estadual e nacional. Todos queriam entender o que havia acontecido.

Sete dias depois, sob fiança paga com dinheiro arrecadado entre várias pessoas, são libertados os presos. As nove pessoas acompanhadas por familiares e amigos realizam uma passeata, um desfile pela Avenida Getúlio Vargas em direção a Praça Nereu Ramos. O

que a medida, apesar do custo social inicial, foi correta". Em realidade o depoimento de Carlos Antunes, ex-mineiro, atualmente um micro empresário bem sucedido no setor de panificação, reforça a idéia de que havia chegado o fim da onipresença dos mineradores em decisões significativas para a cidade. Ao menos o fim de um famoso "*Pipoca's Club*", um lugar conhecido de muitos na cidade e freqüentado por um seletto grupo de empresários, do carvão em sua maioria, que durante muitas décadas, se pode dizer ao menos até 1988, tinha a capacidade de indicar muitos dos destinos que tomaria a cidade. Segundo o que se fala, ressalto que virtualmente inexistente documentação comprobatória, muitas eleições foram decididas nos encontros realizados no tal Clube, do qual hoje existe apenas uma porta de metal a encerrar suas histórias. Não fechou, dizem, "implodiu".

²⁷² Informações obtidas in: Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico-Econômico - PBDEE. Criciúma: UNESC, 1997. Ver páginas 208 e seguintes. Os dados aqui apresentados são relativos ao ano de 1995, exceção feita a PEA que é relativa a 1991.

²⁷³ A relação dos presos é a seguinte (mantidas as idades e as funções de cada um em 1996): José Paulo Serafim, vereador e sindicalista, 37 anos, Celso Delmar Ianke, mineiro desempregado da Nova Próspera, 37 anos; José Ana Vicente, motorista desempregado, 47 anos; Edevaldo de Oliveira, estudante de direito, 29 anos; Arlindo Barzan, presidente da Federação Interestadual dos Mineiros, 52 anos; José Luiz Rodrigues, mineiro, 33 anos;

cacho de bananas é alçado ao pescoço do mineiro de bronze. Não coube ao presente realizar a promessa de um passado carvoeiro. As bananas colocadas no pescoço de bronze foram celebradas em festa. Conectada à manifestações politicamente corretas e a novas sensibilidades em relação ao meio ambiente, em 1997 se realiza uma campanha entre agricultores, gente da indústria, da Universidade local (UNESC), Epagri, empresas cerâmicas, no sentido de uma maior conscientização ecológica. Após grande esforço, é criada em dezembro de 2000 a CEMEA (Consciência Ecológica Meio Ambiente), uma Organização Não Governamental — sinal explícito da chamada nova forma de organização social — dos Morros Estevão e Albino. Em outubro de 2001 se realiza a Primeira Festa da Banana e derivados, no Morro Estevão. Nesta festa o artista plástico Edison Paegle Balod (conhecido como Edi Balod) coloca um cavalete com fotos da mineração em Criciúma, justo naquele lugar. As bananas e os homens que as cercam nesta alegoria ligam imagens a sentidos, se opondo ao ideal de eternidade de um mundo do carvão ou da agricultura. Inicia uma nova história. Que não se repete. Nem como tragédia, tampouco como farsa. É preciso estar atento aos desfiles.

Desejo: Já se falou muito sobre a situação de Criciúma nas décadas de 1980 e 1990, aqui nesta tese como em outros tantos trabalhos. E falar, falar, falar é algo que cansa tanto quem o faz quanto quem escuta. Deleuze lembra disto em seu *Abecedário*²⁷⁴. Estou por conta e risco ligando fala e escrita, criando um agenciamento, pois é bem da ausência de uma fala desejosa e caçadora de encontros que gostaria de escrever quando falo da cidade de pedras. Os

Joceni Lopes, mineiro soldador, 42 anos; Vanderlei Gomes, mineiro da CBCA, 35 anos, Gelson Luiz Paes, mineiro electricista, 35 anos. Dados publicados in: *Jornal da Manhã*. Criciúma: 15-16-17 novembro de 1996, p.7.

²⁷⁴ “Falar é fazer charme” diz Gilles Deleuze. O abecedário de Gilles Deleuze é resultado de uma série de entrevistas, em três partes, oito horas no total, realizadas com Deleuze por Clarice Parnet. Neste trabalho aparece uma face muito divertida e espontânea do filósofo, e sua leitura muito me ajudou a construir idéias para este pequeno dicionário. O abecedário não foi publicado ainda em português. Contudo, existe um mimeo traduzido por Tomaz Tadeu da Silva com a autorização fornecida por Charles J. Stivale, a partir do inglês. Há também a mesma versão disponível na Web.

agenciamentos²⁷⁵ mais conhecidos e duramente castigados por sua conduta radical, como o momento solicitava que fosse — assim mesmo parte considerável da sociedade os tenha condenados justamente por isto — são aqueles promovidos pelos movimentos sociais entre 1990 e 1991, de onde foram produzidas ações no sentido de garantir empregos, evitar a evasão de trabalhadores da cidade e superar a crise que a privatização da CSN (efetivada em 1993) havia gerado na economia de Criciúma. Na crise visível que a cidade atravessou e que talvez, em sentido diacrônico, nunca tenha saído dela, existe os interditos, as correntes de fuga. Construir territórios deslizantes, como aqueles onde deveriam ser colocados os desempregados, desterritorializar outros, como aquele em que habitava o medo de não ter como tocar a vida, medo da reversão demográfica²⁷⁶; são enunciações daquele momento. Ações movidas pelo desejo. O grande interdito, a alta corrente de fuga é o desejo. Se há algo de positivo na insistência em se pensar na crise, acredito que isto deve ser condicionado à emergência do desejo. Estamos conversando sobre um momento em que os desejos explodem. Partindo deste olhar se pode dizer que a crise maior foi aquela em que, para se manter o peso de uma tradição: a extração do carvão, era tacitamente quase proibido desejar.

²⁷⁵ Tomo a noção de agenciamento cunhada por Gilles Deleuze: “agenciamentos referem-se a estados de coisas, de forma que cada um de nós pode encontrar o estado de coisas que lhe serve. Agenciamento implica em territórios (...) e em processo de desterritorialização”. DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Traduzido do inglês por Tomaz Tadeu da Silva. Digitado.

²⁷⁶ Muitos desempregados, especialmente do setor carbonífero tiveram que encontrar ou fazer acontecer outras possibilidades de trabalho. Estes tiveram participação no crescimento do setor de serviços (abrindo, quando possível, pequenos negócios) e também do setor informal (vendendo churrasquinhos, pipoca, trabalhando como sacoleiros, cambistas). A reversão demográfica se mostra por um período breve, mas contundente, iniciado com a emancipação política de Forquilha, em 1989, antes distrito de Criciúma, e segue com a evasão de muitas pessoas da cidade, especialmente à procura de empregos e melhores condições de vida, elementos estreitamente relacionados a fenômeno de emigração para a Itália e Estados Unidos. Se inicia também neste momento, a criação de condomínios fechados e de áreas mais seguras e tranqüilas destinadas às classes média e alta. Fica bastante conhecida na cidade neste período a construção de uma mansão no bairro São Simão, de classe média baixa, de propriedade do empresário Paulo Freitas, ligado ao setor carbonífero. A comunidade até hoje se pergunta: “o que esta casa faz aqui?”. Também profissionais liberais e pequenos e médios empresários já desde do início da década de 1990 começam a migrar de suas antigas residências, localizadas no centro da cidade, para lugares, vistos por eles, como mais tranqüilos. É o que atualmente acontece com a região do Morro Estevão onde um condomínio fechado (Lago Dourado) formado por casas bem planejadas foi construído recentemente. Isto, contudo, não neutraliza o crescente processo de acentuação vertical que o centro da cidade e suas imediações vem sofrendo, com maior força, nos últimos cinco anos, devido ao aquecimento do setor de construção civil e imobiliário (ver discussão a respeito no ensaio sobre a Quermesse).

É certo que a linguagem mais convincente, diria melhor, explícita e simultaneamente imaginativa para criar um ambiente de compreensão para o desejo e, mais ainda para os desejos em Criciúma, é a cinematográfica.

A identificação foi imediata. As imagens mostravam um outro lugar, menos poluído, o verde ainda vivia e tinha até flores, mas os contatos, os olhares, as falas, as cobranças eram muito semelhantes. Apenas semelhantes, não se repetiam. Em *Billy Elliot*²⁷⁷, um menino com seus onze anos, morador de um pequena cidade na Inglaterra cuida da avó, vive numa família em sérias dificuldades financeiras. O irmão mais velho trabalha na mineração quando isto é possível pois os tempos bichudos rareiam aquelas atividades. O pai também é mineiro. Eles queriam apenas viver. Do pouco dinheiro que tinha o pai ainda separava algum para pagar aulas de boxe para o filho, orgulho máximo para um minerador: o filho lutador. A interdição impedia a percepção de que o menino já era um lutador feito ao nascer. Billy manifesta desejo em aprender a dançar, melhor, em ser bailarino. A recusa em se inserir nos processos de serializações do desejo é sempre vista como desvio, esquisito e se investe na sua interdição. Como alguém na periferia da cidade de pedras pode pensar em estudar: fazer faculdade? Para que? Negar o ócio é baixar a mina. E aqueles que não queriam estudar nem baixar a mina? Que desejos lhes eram permitidos? Médicos passam a ser professores, estes são jogadores de futebol, estes são mineiros, estes durante muito tempo foram exatamente isto²⁷⁸. Mais os desejos antes bem pontuais agora alcançavam uma dimensão mais ampla.

²⁷⁷ Filme: *Billy Elliot*. Direção: Stephen Daldry. Roteiro: Lee Hall. Inglaterra, 2000, 111 minutos.

²⁷⁸ Acredito que em quaisquer cantos de Criciúma, até ao menos fim da década de oitenta, especialmente na periferia operária, muitos desejos foram inviabilizados. Penso nos muitos amigos que tive até meus 17 anos, mais capazes do que eu de escrever sobre isto, tenham abortado seus desejos. Eram muitos. Meninas transformadas em mulheres prematuramente através do casamento, meninos que de escritores, médicos, pescadores, mineiros, foram pela falta, transformados em sobreviventes, apenas. A prática discursiva colonial,

Estar atentos aos inconscientes que protestam e nas “*cartografias que o desejo vai traçando, diferentes micropolíticas, que correspondem a diferentes modos de inserção social*”²⁷⁹. A partir daqueles agenciamentos colocados no início, os criciumenses entram definitivamente no processo de serializações subjetivas, transformados em produtores das linhas de montagem do desejo: de cuidar do meio ambiente, de ter segurança no emprego, de ir embora para poder ficar mais, de fazer festas, de ser cosmopolita. Desejos quase sempre padronizados pela economia capitalística, hoje dita globalizada. A cidade é desejosa.



Memorial à Che Guevara

Foto: Emerson César de Campos



Bairro Progresso (Criciúma)

Foto: Emerson César de Campos

Piastra: Conhecer uma cidade somente andando por ela, sentindo seus cheiros, seus vícios, suas versões, suas táticas. Michel de Certeau dedicou grande parte de sua fecunda obra a isto.

lembrando Homi Bhabha, tem sentido polissêmico. A interdição dos desejos é um deles. Em muitos casos o maior.

²⁷⁹ ROLNIK, Sueli, GUATARRI, Félix. **Micropolítica - Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 11.

Naquela tarde de sábado de primavera fui conhecer o bairro progresso. Havia crianças e adolescentes brincando em frente ao memorial a Che Guevara. Memorial no sentido clássico da palavra, com sua idéia de fixar uma ordem e delimitar um território. Pergunto a uma menina da fé e graça que ela dá àquela pedra com uma placa. Ela me responde que aquele sujeito na placa é seu avô. Um outro menino, ao seu lado, fala que é um primo do pai dele. Por fim a menina diz: “*Sei lá moço... a gente nem sabe porque que isto ta aí*”. Mas ele continua lá, e as pessoas passam na sua frente para o trabalho, compartilham uma praça com ele. Existem outros homens que sabem bem a razão da existência daquilo. A fala é de um dos idealizadores do memorial:

“A comunidade foi escolhida porque queríamos promover um resgate social naquela região. Não foi iniciativa da comunidade, foi nossa, na prefeitura. Algumas pessoas achavam que apenas determinada concepção política poderia trabalhar com ícones da esquerda. Mostramos que não”²⁸⁰

O bairro mencionado se chama Progresso. Pela pequena foto exibida, acima e ao lado do memorial, se pode ter uma idéia do que o progresso fez com o Progresso. Na placa inscrita no memorial se lê: “*El revolucionario verdadero esta guiado por grandes sentimientos de amor*”. O memorial não tem imponência, não está alçado ao alto. Mas está ali. Canclini lembra: “*Nem sempre a identificação horizontal com o ambiente consegue que o propósito exaltador se realize*”²⁸¹. Seria necessário separar o memorial de seu contexto para que dele desse fé não somente a menina e seu amigo, mas toda a comunidade? Marcar com uma imagem imponente para que o significado se torne verossímil? Acredito que isto seria apenas uma possibilidade romântica, para fazer alusão ao amor dito na placa. Os sinais colocados nos arredores indicam outras manifestações. Ilusão imaginar que os processos de

²⁸⁰ Depoimento concedido a mim por Arnaldo Ido De Souza, presidente da Câmara de vereadores (filiado ao PMDB), 56 anos, em 28/07/2001, p. 295.

exclusão social, estes sim cada vez mais imponentes, produzam apenas vítimas. Antes era em nome dos deserdados da periferia que o olhar se fixava no centro da cidade. Agora ninguém é mais incluído ou excluído totalmente do que quer que seja. “*O mundo só é miserável para aqueles que o julgam assim*”²⁸². Numa casa ao lado da praça uma placa indica: “*chup-chup I real*”. Um outro sujeito, na mais elevada categoria cunhada por Foucault, coloca um placa em frente a sua casa: “*gravo CD’s e promovo festas*”. Um último aviso visto dá conta de informar: “*Faço piastra por dois reais*”. A chapinha ganha uma cara italiana. Naquele lugar é mais fácil se entender o que seja uma piastra do que um ravioli; isto numa cidade vista como italiana? No rádio que alguém levou para a praça e colocou num volume alto, se anuncia o jogo do Criciúma para o domingo. Um rapaz que jogava bola num canto da praça comenta com um amigo: “*vou ouvir pelo rádio, meu tio que ta trabalhando em Boston sempre manda notícias na hora do jogo via e-mail, o Mário Lima lê, é legal*”²⁸³. Tudo isto numa tarde de sábado num bairro chamado Progresso. Há quem insista em pensar na pureza.

Luminosos: Na década de 1950, um jornal da cidade trazia um anúncio que muito orgulhava os criciumenses. Um desenho de um avião e logo abaixo a comunicação urbana: “*Menos tempo e mais conforto. Cresciúma à Porto alegre em 1h50m*”²⁸⁴. Isto seria mesmo uma grande conquista caso o trajeto fosse feito de carro. Mas de avião? Duas horas eram suficientes para ir ao Rio de Janeiro. Naquele momento não era assim. Logo abaixo da frase

²⁸¹ CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1998, p. 295.

²⁸² MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.11. Este é a dimensão libertária na qual entendo a fala de Maffesoli. E deixo dito isto, pois em relação a este intelectual há sempre um “*porém*”. Para mim fica claro que o mundo continua miserável para boa parcela da população, e acredito que Maffesoli tenha forte compreensão disto. Para uma opinião contrária sobre o que digo, onde o citado intelectual é comparado a um escritor irresponsável, ou quando muito alguém dado “a auto ajuda”, pode ser encontrada em: RUDIGER, Francisco Ricardo. **Civilização e barbárie na crítica da cultura contemporânea:** Leitura de Michel Maffesoli. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

²⁸³ Mário Lima é locutor (em 2002) da rádio Eldorado AM de Criciúma, a emissora mais antiga da cidade (55 anos).

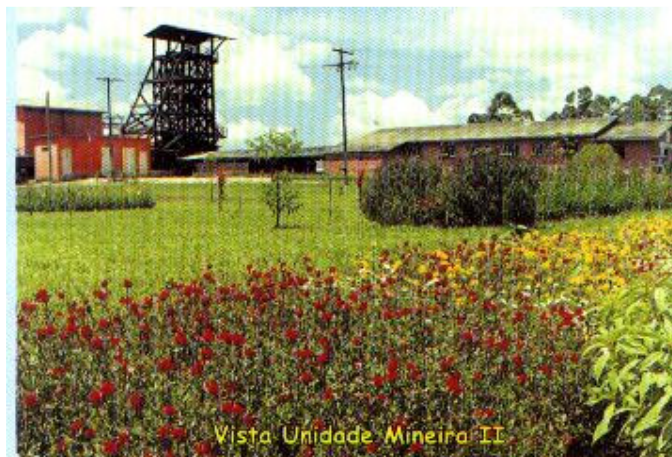
²⁸⁴ Anúncio veiculado semanalmente, entre os meses de março e dezembro de 1952, como se pode verificar, como exemplo, em: JORNAL FOLHA DO POVO. Cresciúma: Folha do povo, 07/04/1952, p.3.

seguia um roteiro que o viajante devia realizar: Tomar um carro até Araranguá, viagem de 60 minutos. Em seguida tomar o avião para Porto Alegre. A cidade de pedras não tinha ainda um aeroporto²⁸⁵. Ganharia o seu primeiro semáforo²⁸⁶ alguns anos depois. O sinal criado naquele momento em seu colorido era dissonante do tom cinza que tinha Criciúma. No outro lado da cidade, sem contato com anúncios ou semáforo, em 1978, Bairro Metropolitana, o sinal mais presente ainda é o da cruz. Numa formatura de primeira comunhão as meninas e os meninos que participavam daquele rito de passagem tinham uma folha de cantos²⁸⁷ nas mãos. Na abertura daquele evento cantavam “*Decolores são todas as cores, é um arco íris*”. O canto tinha talvez a potência de transportar aquelas crianças para um outro lugar que não aquele monocromático, cinza, que o rejeito piritoso havia criado. Agora, quando a cidade está repleta de semáforos, lombadas, avenidas, as cores são dadas pelos luminosos digitais: relógios, temperatura, anúncios que vão desde imobiliárias até viagens para Miami, Boston e Roma. As cores voltaram. Ainda que digitais. Mas agora até as minas são floridas.

²⁸⁵ O Aeroporto Municipal Leoberto Leal, o primeiro de Criciúma (funcionando no Bairro Pinheirinho e transferido na década de 1980 para o Bairro Santa Líbera, atual município de Forquilha, com o nome de Diomício Freitas) foi inaugurado no dia 30 de junho de 1957. Para isto ver: MILANEZ, Pedro. **Fundamentos Históricos de Criciúma**. Criciúma: Ed. do autor, 1991, pgs. 214-218.

²⁸⁶ O primeiro semáforo foi instalado em 1960. Ver: NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, orgulho de cidade**: fragmentos da História de seus 120 anos. Criciúma: ed. do autor, 2000, p. 57.

²⁸⁷ Informação obtida no acervo da Capela Sagrada Família no bairro Metropolitana.



Mina Florida

Foto: Digitalizada a partir de Folder produzido pela Cia. Carb. Criciúma

Antônimos: Sempre me interessei muito por antônimos, não sei ao certo a razão. Creio que por ter crescido em criciúma, vivido em vila operária, gostar de mar e senti-lo distante. A cidade é um lugar de antônimos. O dono da bola, os demais sem tal posse, os que andam de automóvel e os que compartilham outro com “*42 lugares sentados*”. Ainda pequeno havia os que eram mineiros, ou melhor, filhos de — e os que incompreensivelmente não os eram — e assim adiante. Esta prática infantil e maniqueísta que a tudo atribuía uma forma boa ou má, bela ou horrorosa se fez presente também nas análises sobre as cidades. Os excluídos-incluídos, os pobres-ricos, os do centro-periferia, os trabalhadores-vagabundos. Às vezes é necessário mesmo polarizar para polemizar. Mas em relação às cidades, esta prática é no mínimo redutora. Afinal “*compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar sobre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados*”²⁸⁸.

A gramática das civilizações, para usar um termo cunhado por Braudel, até onde tenho conhecimento, pouco se mostrou preocupada com o sentido de antônimos. Bons

fragmentos para se pensar a cidade. Neles muito mais que uma simples oposição entre elementos distintos se pode verificar às negociações e até mesmo o chamado entre lugar. Sempre me comoveu muito um poema de Jacob Levy Moreno apresentado a mim por um grande amigo:

“ Um encontro de dois, olhos nos olhos, face a face.
E quando você estiver perto arrancarei os seus olhos e os colocarei no lugar dos meus;
Arrancarei meus olhos, e os colocarei no lugar dos seus.
Então, verei você com os meus olhos, e você me verá com os meus olhos.”

Esta negociação vista na prática hermenêutica é certamente sedutora. Tomamos o gosto pelo outro, mesmo que ele ainda seja este difícil²⁸⁹. Em Criciúma as políticas públicas, os fazeres de toda a gente e sorte, durante muito tempo foram limitados a territórios bem delimitados. São conhecidos os bairros negros, poloneses, italianos. Era necessário bem definir o outro para saber em que território se pisava. Nas duas últimas décadas, com a chegada de muitos profissionais direcionados especialmente ao setor de serviços, com a volta de muitos dos emigrados para Estado Unidos e Itália, estes territórios foram se fluidizando e, por extensão, tornando cada vez mais híbrida a cidade.

Nesta ambiência é mais difícil certamente delimitar os antônimos. Eles se situam nos entre lugares. Chegamos a uma situação de compreensão mais elaborada daquilo que Mário de Sá Carneiro, poeta português, contemporâneo de Fernando Pessoa escreveu no poema “*O outro*”:

“Eu não sou eu nem sou o outro,
sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio,
Que vai de mim para o outro”

²⁸⁸ CANEVACCI, Massimo. Op. Cit, p.35

²⁸⁹ Conforme expressão utilizada por Brandão em: BRANDÃO, Carlos R. O outro: esse difícil. In: Brandão, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**. A construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense; 1986.

Assim mesmo, o outro causa estranhamento, sempre. Durante a realização deste trabalho tive alguns, ou melhor, vários estranhamentos. Um deles foi provocado novamente por uma imagem colocada num jornal local. Quando das comemorações dos 121 anos de Criciúma, em 2001, foi desta forma que a capa do jornal mostrou a cidade:



Criciúma nos seus 121 anos

Foto: Jornal da Manhã, 6 e 7 de Janeiro de 2001. Capa.

O texto quase ilegível abaixo da figura diz o seguinte: “Bandeira e brasão de Criciúma, junto a imagens dos primeiros imigrantes e da cidade de 121 anos atrás”. O monumento ao mineiro, que na foto aparece quase em primeiro plano, não é citado na legenda explicativa. Mas enfim, Estão todos ali, inclusive as ausências. O mercado étnico e o mundo do carvão lembrados através de seus pioneiros. Uma imagem de possíveis identidades, mas já não presas. A imagem, produzida e veiculada no jornal, traz a marca de fraturas ou fissuras que os lugares não deram conta de por máscaras ou esconder. Uma casa simples, algumas pessoas posando para o fotógrafo e o mineiro ao fundo. Lembranças de uma Criciúma de amanhã?

Rota: No início eram picadas. Depois foram caminhos. Dali para as trilhas foram “poucos pulinhos”. Daí chegavam homens e mulas. E tinham também os italianos, negros, poloneses, alemães, portugueses menos, eles ainda não haviam sido inventados na cidade. As mulas foram embora. Nem todos parecem ter ficado com saudade delas. O cavalo de ferro atravessou a cidade. Depois o poder, que é público, ouviu falar no progresso e ficou entusiasmado com uma coisa chamada urbanização. A trilha de ferro foi arrancada. Sobre esta trilha de ferro correu o asfalto. Pistas largas batizadas de Avenida. Como tinha o Centenário, ficaria então: Avenida Centenário. Mas as mulas podem render mais *contos*. E No cruzamento da Centenário com as trilhas feitas pelas mulas, e por homens que as montavam, a imigração foi celebrada. No dia em que se fez a festa, a primeira da Rota, Celebrou-se também a memória Muar. Tinha churrasco e polenta também. O acontecido se deu em 15/07/2001. Era o dia da Festa da Rota da Imigração. Caminho por onde os imigrantes, especialmente os italianos, quando chegaram, tiveram que passar. Hoje é uma estrada, pequena e estreita, mas uma estrada. Por ali se faz cachaça, e muito boa. Tem muita banana também. As mesmas pelas quais lutaram aqueles homens que ganharam a peleja do desfile, em 1996. Caminhos e sentidos se cruzam e clamam recordações. Eu disse no início que as picadas abertas e pisadas por mulas e homens dariam outros *contos*. Estes agora recebem o nome de Turismo²⁹⁰.

²⁹⁰ A Rota da Imigração foi implementada pela Prefeitura Municipal de Criciúma, junto à Fundação Cultural, e já se encontra atualmente na terceira edição. Segundo Rodeval José Alves, atual (2003) Presidente da Sulcatur – Associação Sul Catarinense de Turismo “a gente já tinha idéia de fazer uma festa e até uma grande rota ligando os municípios do Costão da Serra: Praia Grande, Jacinto Machado, Timbé do Sul, Morro Grande, Nova Veneza, Siderópolis, Treviso, Lauro Muller, Orleans e Grão Pará. Todas as Associações de Municipio do Sul estão envolvidos nesta idéia: AMUREL, AMREC E AMESC”. Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 05/06/2002.

Bisado: Mike Davis é um historiador Norte Americano, entre obras muito interessantes que produziu, se encontra, por exemplo, a *Ecologia do Medo*²⁹¹. Nela o historiador discute como um lugar inseguro quanto a fenômenos naturais: tufões, terremotos, foi vendido aos americanos e ao mundo, como uma espécie de paraíso terrestre. Ilan Stavans é um lingüista mexicano, professor na Universidade de Amherst, Massachusetts. Do encontro dos dois se produz um debate interessante. Stavans está para lançar um livro (em 2002), um dicionário sob o curioso título “Dictionary of Spanglish”. Nele o lingüista espera dar conta de organizar as expressões utilizadas por latinos que vivem nos Estados Unidos. Uma língua que já não é o inglês nem espanhol. Uma língua hifenizada. Davis discorda, dizendo que o spanglish “*é apenas um estágio intermediário até o domínio completo do inglês pelos hispânicos*”. Argumento nacionalista, por certo. Davis talvez não tenha percebido que no contemporâneo é o pertencimento e não a autenticidade que constrói territórios, inclusive ou especialmente, o lingüístico. Em Criciúma atualmente reside uma mulher que talvez nem conheça Davis, muito menos Stavans²⁹², mas o diálogo dos dois, quem sabe poderia ajudá-la. Mirces Carminati nasceu em Siderópolis, cidade vizinha à Criciúma e com vinte anos foi morar nos Estados Unidos. Ficou por lá dez anos. Diz Mirces:

“Fomos um dos primeiros a ir para lá (EUA). Tivemos muita dificuldade no início, depois acostumamos. Vivíamos próximos de alguns brasileiros, já no final da minha estadia. Mas não era pelo fato de alguém ser brasileiro que eu necessariamente tivesse que me relacionar com ele. Os brasileiros que lá estão não falam português direito, quanto mais inglês. Dizem coisas do tipo: Fulano tá *Bisado* (para ocupado); “olha, eles tão *faitando* (brigando); Fulano, *Parqueia* (estaciona) o carro pra mim?”²⁹³

²⁹¹ DAVIS, Mike. **Ecologia do medo**. Tradução de Aluizio Pestana da Costa. Rio de Janeiro: Record, 2001.

²⁹² Este debate entre Stavans e Davis pode ser encontrado em : <http://www.cefeftsp.br/spanglisshsc2.html>. Capturado em setembro de 2002.

²⁹³ Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 18/07/02.

Conforme o comentado, talvez o diálogo de Davis e Stavans possa auxiliar Mirces. Uma forma distinta de falar da “*ecologia dos medos*”. E ainda dizem que as diferenças são da ordem da distância.

Lavoura: Distante de uma tão desesperada quanto inútil busca pela verdade, o historiador deve estar atento às diferenças. A “*diferença cultural nos confronta com a disposição de saber ou com uma distribuição de práticas que existem lado a lado, abseits, designando uma forma de contradição ou antagonismo social que tem que ser negociado em vez de ser negado*”²⁹⁴. Uma negociação, para ficar no âmbito básico do valor do trabalho, mostrada com humor, por um jornal de Criciúma:



Jornal da Manhã

O sujeito que chega para visitar o sogro trazendo consigo marcas e expressões próprias de um momento em que mesmo o trabalho se flexibiliza, francamente é convidado a negociar. Os argumentos são transformados em objetos, codificados. A enxada mostrada dá

²⁹⁴ BHABHA, Homi K. Op. Cit., p.228.

conta de que o “*negócio é mais em baixo*”, neste caso, explicitamente no chão. É possível, especialmente entre os mais velhos habitantes de Criciúma, se verificar esta negociação ainda hoje colocada. Um fala que dá saltos no tempo — ao menos num tempo tradicionalmente visto como homogêneo — e se exhibe. “*Qüesta*” e “*Manero*” são expressões que qualificam esta negociação. Contudo, há também, e não esqueçamos disto, uma espécie de balança que ainda insiste em pender para um dos lados. Em Criciúma, uma e outra expressão são vistas de modo desigual, e como tanto visibilizadas desproporcionalmente. Parece ser o caso particular de programas de rádios e campanhas publicitárias que num sentido mais amplo e, quase didático, tentam dar ao lugar o estamento de uma cidade de italianos, mesmo que sua população seja visivelmente híbrida. Uma rádio FM que em 2000 tinha a maior audiência da Região Sul, cria uma personagem de nome Rufino, justamente utilizando das referências de um momento um tanto menos aberto à negociação²⁹⁵. A rádio Eldorado de Criciúma tem um programa há dez anos no ar, em que todos os domingos, logo “*pela manhã cedinho*”, uma roda de conversa entre italianos (descendentes) articulada por um locutor, fornece visibilidade à italianidade, diria até a sua gramática²⁹⁶.

²⁹⁵ Falo de um passado muito bem marcado e que mesmo frente a uma cidade hoje vista como aberta, se insinua e tenta se firmar. Isto é mais visível em Criciúma até início da década de 1980, quando a cidade ainda tinha mesmo um caráter mais reservado, pouco cosmopolita e menos dada ao que nela se chamava à época de “*estrangeirismos*”. Mesmo lá continuo me perguntando como foi possível a cegueira, até mesmo historiográfica, em não enxergar o que já estava desde cedo bem vivo. Se existe um sentido positivo na etnização da cidade com maior propriedade produzida nos festejos do centenário (*ver Futuro do Pretérito*), é o de mostrar outras faces e vidas que pulsam no coração da cidade, até mesmo no seu centro, tradicionalmente habitado em sua maior parte pelos “*pioneiros*”. Não desejo aqui aprofundar esta discussão, dada a dimensão final que esta tese tomou, mas um excelente trabalho em que se analisa a relação entre “*estabelecidos*” e out-siders pode ser encontrada em: ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

²⁹⁶ Em vários programas que tive a oportunidade de ouvir, o que não significa entender, foi possível perceber a preocupação em se falar o italiano. Melhor dizendo, as línguas regionais que trouxeram com eles mulheres e homens quando de sua vinda para Criciúma, ainda no final do século XIX. Mulheres e homens que já foram mostrados “*tão fortes quanto a vontade*”, como o livro produzido por Nelma Baldin aponta (BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade**: História da imigração italiana no Brasil – os vênetsos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1999.). Há uma mistura de dialetos neste programa, com predominância maior dada ao Vêneto e ao Bergamasco. Mesmo entre este grupo, a partir de um elemento irrefutável que é a língua, é possível

Talk Show:

O enxofre: “Eu achava estranho, aqueles meninos pobres do meu bairro tomando banho no rio poluído pela pirita do carvão. Depois fiquei sabendo que eles faziam aquilo para matar a sarna.” Iraídes Sonogo, moradora do Bairro Santa Bárbara (Criciúma). Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 28/04/2001.

Estrangeiros: “Eu lembro que quando os Búrigos chegaram aqui (1940) vindos de Cocal do Sul, que é aqui do lado, as pessoas comentavam: chegaram de fora e já querem mandar. Isto acontecia especialmente em relação ao comércio. A Mecril (Metalúrgica Criciúma) veio de Fora (Cocal do Sul)”. Iraídes Sonogo, moradora do Bairro Santa Bárbara (Criciúma). Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 28/04/2001.

Cigana: “O objetivo da Quermesse era levantar o astral das pessoas. Acho que conseguiu. Pena que não tem um lugar certo. É uma festa cigana.”
Carlos Antunes, 40 anos, ex-mineiro, atualmente comerciante . Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma em 22/06/2000.

Primeira: “Fui a primeira criança que nasceu no dia seis de janeiro de 1980. Agora estou querendo ir para os Estados Unidos melhorar de vida. Aqui a vida está bem difícil”
Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma por Paula Regina Patrício Lino, em 29/07/2001. Paula Regina foi a primeira cricumense nascida no dia seis de janeiro de 1980, ano da comemoração do Centenário de Criciúma.

Emprego: “Meu pai veio pra cá porque tinha grande oferta de emprego. Agora as pessoas vão embora em busca dele.” Pedro Barcelos, 56 anos, ex-presidente do clube União Mineira. Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, em 26/04/2001.

Acabou a pipoca: “Houve período que era muito fácil identificar um referencial. Carvão, depois cerâmica, em seguida os dois juntos. Agora não, está pulverizado. Isto é bom pra cidade. Perdeu-se um referencial exclusivo, ou apenas um grupo muito pequeno deles.”
Adelor Lessa, jornalista, 43 anos. Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma me 27/04/2001.

Entre-Lugar: “Alguns americanos falam que Miami não é Estados Unidos. Tem muito latino aqui. No dia 11 de setembro de 2002 todo mundo ganhou folga. Aqui em casa a gente fez um churrasco com os amigos, ouvimos músicas. Os americanos não entenderam nada, eu acho”. Gilnei Benedet, 31 anos, Valet Park em Miami. Depoimento on line (com Web Cam) concedido a mim, entre Miami e Criciúma , em 07/06/2002.

Mulher negra, máscaras brancas: “Olha! Uma negra!!! Foi isto que me disseram, enquanto em frente ao Cine Milanez, no dia da minha formatura, eu aguardava na fila junto a outros, a entrega do meu diploma.” Maria Lima, 68 anos, moradora do Bairro Santa Bárbara. Depoimento concedido a mim na cidade Criciúma, em 26/08/2000.

se perceber fraturas e diferenças. Por isto o investimento mais recente na programação do referido programa em se ensinar a língua italiana falada hoje na Itália (ver para isto a participação das entidades italianas no Sul do Estado, especialmente os círculos italianos, listado no ensaio sobre a quermesse nesta tese). As negociações continuam.

Os étnicos:

Italiana: João Quintino Dalpont

Portuguesa: Evanir Teresa

Negra: Adão da Rosa

Polonesa: Arlindo Milack

Alemã: Walternei Fidêncio Loch.

Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, em 08/04/2002.

Portuguesa: “O que descaracterizou a quermesse este número elevado de outras instituições. As filantrópicas foram cortadas mesmo somente no ano passado.”

Italiana: A quermesse traz uma unidade, uma grandeza pra cidade. Nós os italianos, não conhecíamos a comida típica dos negros, dos portugueses, alemães, poloneses. Vivíamos em Vila separadas.”

Portuguesa: “As pessoas que vieram de Portugal, vieram pra cá do litoral. Os portugueses mesmo vieram para Florianópolis e outras cidades. Este pessoal do litoral veio pra cá para trabalhar nas minas. A maioria que tava aqui era italiano. Mas aqui também se misturou tudo. Mas o português mesmo é minoria aqui. Tivemos que desenvolver os pratos típicos. O bacalhau é um prato caro. Tu achas que vamos comer isto no cotidiano? Não dá né?”

Polonesa: “Acho que surgiu em 1980, com a festa da colonização do centenário. Mexeu com todas as etnias, formaram-se grupos de dança. Depois nos anos seguintes estes grupos foram morrendo. Eu creio que quando o Altair assumiu a prefeitura novamente ele quis de certa forma, junto com a secretaria de cultura, reativar aquilo tudo. Foi bolada então esta festa que foi chamada de quermesse.”

Italiana: “Eu lembro que na ocasião do centenário de criciúma, o Diomício Freitas patrocinou os portugueses, o Santos Guglielmi patrocinou os italianos. Os poloneses os Gaidzinski”

Negra: “Acho que o sucesso da festa não depende da administração. Agora, é claro que sempre houve apoio, de todas as gestões. Se não houvesse nem teríamos condições de fazer uma festa desta. O apoio sempre houve. O nosso maior problema é a falta de local.”

Italiana: “Vamos aproveitar que estamos aqui com todos. Temos que todos trabalhar juntos pra fazer existir um local definitivo. Não é simplesmente chegar no prefeito e dizer que queremos. É fazer todos trabalhar juntos. Seja centro de convenções ou não. Temos que criar o local. O ideal é um parque étnico.”

Negra: “A praça não tem a menor condição de comportar a festa.”

Portuguesa: “O espírito inicial fechava, comportava direitinho.”

Alemã: “A luta primeiro foi para que a festa ficasse no local. Mas os comerciantes reclamavam muito. O som da festa incomodava.”

Negra: “Havia também problemas com a higiene.”

Italiana: “As famílias que moravam ao redor sentiam-se prejudicadas pelo som e barulho da festa.”

Negra: “Nos encontramos apenas por ocasião da festa.”

Polonesa: “Nós estamos divididos em vários etnias que colonizaram. Outras vieram depois. Já que se trata de uma festa étnica nós deveríamos abrir para novas que desejem se integrar. Não podemos dizer: Não, apenas cinco. Eu sinto falta do espanhol, acho que deveria participar. Nós temos bastante espanhóis em Criciúma. O árabe, por exemplo que chegou mais tarde e é um grupo pequeno, participa.”

Portuguesa: “Já que é uma festa das etnias, não sei porque as outras etnias não entraram, para não ficar apenas as colonizadoras.”

Negra: “A etnia em si, quando eu falo etnia negra é aquele sentido que se dá pra resgatar à qualidade os costumes, do negro no caso. E assim todas as outras etnias. Porque quando eu vou fazer a festa da etnia negra eu faço a minha comida, minha dança, meu pagode.”

Negra: “Agora a gente já vê negros colocando adesivo: eu sou descendente de africano, angolano, moçambicano. Nós negros temos esta introspecção de inferioridade. Temos que levar ao nosso povo que ele é igual aos outros. Na nossa festa para o nosso povo este é o objetivo. Não é mostrar as outras raças, é mostrar o povo negro.”

Alemã: “Falasse uma grande verdade. Acho que é por aí, a introspecção. Ela é a base de tudo. Eu não tenho esta coisa de diferença comigo. Eu tenho vizinhos negros. Eu nasci na vila operária. Nunca tive problemas. Comigo nunca tiveram, mas às vezes a gente sente que ficam submissos.”

Alemã: “Eu olho pra televisão estas coisas que acontecem no mundo e fico assustado. Aqui não acontece disto. A coisa acontecendo em guetos nos Estados Unidos.”

Alemã: “Não tem nada do carvão na Quermesse. Mesmo que hoje fosse só carvão. Nós estamos mostrando é outra coisa: A formação do povo que está nesta região.”

Italiana: “Não tem nada a ver. Não se identifica, não tem ligação nenhuma. Nada.”

Negra: “Nem com carvão, nem com azulejo, nada.”

Entrevistador: Finalizando este Talk show e, para não calar as vozes que batem nos meus ouvidos, eu deixo apenas o comentário de Walter Benjamin: “*Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará*”

*na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia*²⁹⁷.

III

O FUTURO DO PRETÉRITO: Um aniversário bem festejado

“É mais fácil cultuar os mortos que os vivos, mas fácil viver de sombras que de sóis, é mais fácil mimeografar o passado que imprimir o futuro. Não quero ser triste, como poeta que envelhece lendo maiakóvski na loja de conveniência. Não quero ser alegre como cão que sai a passear com o seu dono alegre sob o sol de domingo. Nem quero ser estanque como quem constrói estradas e não anda. Quero no escuro como um cego tatear estrelas distraídas...”

(Zeca Baleiro)

“ o homem é uma corda. Atada entre o animal e o além-do-homem, uma corda sobre o abismo. Perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigoso olhar-para-trás, perigoso arrepiar-se e parar. Grande no homem é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no homem é que ele é um passar e um sucumbir”

(Nietzsche)

“O defeito mais comum na caracterização do ‘povo’ foi pensar que os agentes agrupados sob este nome são como uma massa social compacta que avança incessante e combativa rumo a um porvir renovado”

(Néstor Garcia Canclini)

²⁹⁷ BENJAMIM, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 204.

Naquela madrugada quente de seis de janeiro de 1980 a cidade não iria dormir. Ao menos não uma parte dela, acostumada com os festejos daquela efeméride. Uma data a mais no calendário, mas que encerrava uma série de preparativos e discursos, diálogos, acordos, emoções. Dali há algum tempo estas seriam cantadas por um *rei da música popular brasileira*, Roberto Carlos²⁹⁸. Desde do dia anterior ouvia-se pela cidade o repicar de sinos, buzinas, foguetório. A partir das 23:00 horas, um grupo de seresteiros²⁹⁹ se encarrega da musicalidade dos festejos, que em realidade mais parecia uma solene celebração. Não que o povo tenha assistido aquilo bestializado, como diriam dos festejos (celebração?) da instalação da república brasileira, mesmo porque tudo aquilo que estava sendo mostrado e vivido havia sido programado de longa data. Foram três anos de preparação para os festejos do centenário, o tempo arranjado para dar visibilidade ao *Ano 100* de Criciúma. Da Criciúma (pós)colonizada³⁰⁰.

²⁹⁸ Informação obtida através de ofício encaminhado à comissão dos festejos do empresário de Roberto Carlos acusando o recebimento do cheque de um milhão (sinal de 50%) pagos pela carbonífera metropolitana ao cantor. O show se realizou no dia 29/11/1980. O contrato está disponível na sua íntegra na pasta de número 55 do arquivo público municipal. Sobre a contratação do cantor, uma das principais expressões musicais do Brasil naquela oportunidade, Maria Marlene Milanez Just, secretária da educação durante as comemorações do centenário, em entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, comentaria: “Sabes o que era em 1980 trazer Roberto Carlos à Criciúma? Uma grande dificuldade. Partimos para algumas estratégias. A principal dela foi fazer uma espécie de jogo de egos entre as pessoas de maior posse, especialmente os empresários do carvão. Em 1980 não se tinha esta sociedade do espetáculo que se tem hoje. O patrocínio não aparecia, ao menos não de maneira explícita. Então, nós organizadores chegamos para os dois: Realdo Guglielmi e Diomicio Freitas, e dissemos que se um não trouxesse o outro traria o Roberto Carlos. Neste jogo falou mais alto o ego do Realdo Guglielmi, presidente da carbonífera Metropolitana”. O show custou no total dois milhões de cruzeiros (moeda da época). Nesta época um jornal local custava 5,00 cruzeiros e uma geladeira era anunciada nas lojas da cidade por 9.590,00 cruzeiros. Nesta proporção, com o dinheiro gasto no show era possível a compra de aproximadamente 210 geladeiras que poderiam ajudar a resfriar um pouco o calor que faz em Criciúma no verão. Atualmente (2003) 210 geladeiras custam em média 150 mil reais.

²⁹⁹ Eram eles: Basílio Dal Bó, João Kontovikz, Albertino de Oliveira, Valdir Silva, José Adão, Alende, Pedro Nakagaki, Alvinho, Carlos Lacombe, Tairone Mandeli, Darcioni Silva. Ver listagem apresentada em: ARNS, Otilia. **A semente deu bons frutos**. Florianópolis: IOESC, 1985. p. 225.

³⁰⁰ Nesta etapa desta tese o leitor deve estar cansado de ver o prefixo *pós* colocado. A explicação para este uso, que reconheço possa ser visto com demasiado foi mesmo proposital. Minha intenção foi deixar que ao longo da leitura desta tese, fosse o leitor capaz de vislumbrar o que estes prefixos têm de situacional. Mas agora para não deixar em suspensão o meu posicionamento, indico uma das reflexões, no meu entender, mais acabadas para este experiência prefixal, afinando meu pensamento ao que a seguir é dito: “*Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente”, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo “pós”: pós-modernismo, pós-*

À zero hora do dia seis de janeiro era dado o início solene. O prefeito municipal, Altair Guidi, e o presidente da Comissão dos festejos, Dino Gorini, discursavam e suas falas eram transmitidas pela rádio e TV Eldorado³⁰¹ de Criciúma e TV Catarinense de Florianópolis. Uma vigília nas maternidades da cidade havia sido criada para cuidar do nascimento da primeira criança do ano 100. Ela nasceria em Criciúma no décimo primeiro minuto de seis de janeiro; uma menina a quem foi dado o nome de Paula Regina Patrício Lino³⁰². A partida estava dada. Não há dúvidas de que se relacionava com uma chegada. E também com pedras. E com homens que as inventaram, quer dizer, inventaram por estas bandas do sul do Estado Catarinense. Possa ser que à celebração seja dada outras historicidades³⁰³. Nesta aqui ela se inicia com a invenção da roda.

“Limiar histórico da beatitude: só existe história onde há um preço a pagar. O repouso só se alcança mediante este tributo”
(Michel de Certeau)

A invenção da roda:

*colonialismo, pós-feminismo (...) Se o jargão de nossos tempos – pós modernidade, pós colonialidade, pós-feminismo – tem algum significado, este não está no uso popular do “pós” para indicar seqüencialidade – feminismo posterior – ou polaridade – antimodernismo. Estes termos que apontam insistentemente para o além só poderão incorporar a energia inquieta e revisionária deste se transformarem o presente em um lugar ex-cêntrico de experiência e aquisição de poder”. In: BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, pgs. 19-23.*

³⁰¹ A Tv Eldorado, nome da emissora de televisão local, propriedade do Grupo Freitas, à época importante grupo carbonífero da cidade, havia sido inaugurada pouco tempo antes, em 1979. Aquele era formalmente o primeiro evento de grande porte com o qual a TV Eldorado estaria envolvida.

³⁰² Ver uma parte da entrevista que fiz com Paula Regina no ensaio Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobijos (verbete: Talk Show). A conversa que tive com Paula Regina muito me ajudou a entender o “acontecido” no dia seis de janeiro. Na pequena citação colada no ensaio indicado é possível ter uma idéia, ainda que vaga, de como a vida de Paula Regina se encontra hoje (2003). Para isto ver: Entrevista concedida por Paula Regina Patrício Lino a Emerson César de Campos em 29/07/2001. Transcrição presente no acervo pessoal do entrevistador.

³⁰³ Há disponível várias leituras sobre os festejos do centenário da colonização de Criciúma. Tal empreendimento conta com vasta documentação disposta no Arquivo Público Municipal e, na medida do possível, faço referência à ela na escrita desta tese. Oficialmente o que tem de mais sistematizado e publicado é ainda a obra de Otilia Arns: *A semente deu bons frutos* (ARNS, 1985). Demais reflexões se encontram dispersas pelos jornais locais, estaduais e até mesmo na mídia nacional (matérias pagas em revistas de circulação nacional, a exemplo daquela publicada na revista *Veja* de 01/10/1980, p. 106, patrocinada por empresários locais e pelo governo do Estado de Santa Catarina).

Havia uma preocupação pertinente aos primeiros imigrantes italianos que chegaram e viveram em Criciúma ainda no século XIX (1880). Segundo relatos e as escritas da história produzidas sobre Criciúma³⁰⁴, acostumados que estavam com o consumo de polenta, promoveram a construção de uma atafona³⁰⁵ com a intenção de se produzir a farinha de milho. Contudo, um problema logístico desde cedo dificultava a criação da primeira indústria da cidade, como é lembrada quase sempre. Seria necessário uma roda resistente para se colocar junto ao moinho a ser construído. Para isto se providenciou a encomenda de rodas feitas de pedras, chamadas mós. Duas foram confeccionadas em Rancho dos Bugres, sob encomenda de Benjamim Bristot, um imigrante italiano que se destinou a resolver o problema com as mós. Rancho dos Bugres distava 25 Km de Criciúma, na cidade de Urussanga. Como não havia estradas abertas, o transporte das pedras foi realizado a pé, através da única picada aberta à época até Urussanga.

O jeito mais fácil de carregar aquelas pedras era também o mais óbvio: se colocou um pedaço de madeira no furo central de cada uma das mós e as trouxeram rolando dos Rancho dos Bugres até Criciúma. Após 29 dias de caminhada chegam finalmente ao

³⁰⁴ Estou me referindo a uma boa parte da historiografia local que de longa data, acredito, pelas informações que consegui coletar durante meu doutoramento, desde a década de 1950, quando foi criado o jornal *Tribuna Criciumentense*, de propriedade de José Pimentel, em me entender, um dos primeiros memorialistas-oficialistas que a cidade teve. Segue este tipo de relato historiográfico depois na década de 1960 com expressões de Pedro Milanez, seguido de Mário Beloli, Arquimedes Napolini Filho, Otilia Arns, e mesmo desterritorializado (reside e trabalha em Curitiba-PR- e nascido em Florianópolis), Manoel Coelho. Estas pessoas que relaciono acima (exceção à Pedro Milanez e José Pimentel, falecidos) sempre foram muito gentis comigo e muito me ajudaram a entender a vivência cricumense. Ao mesmo tempo, não posso me furtar a dizer que minha inserção historiográfica muito difere daquela proposta por estas pessoas listadas. E, se este trabalho em significativa parte trata de diferenças, esta foi uma positiva, que instaurou sempre o desafio.

³⁰⁵ Atafona é o nome dado aos moinhos, sejam estes manuais, tocados à cavalos ou bois, ou ainda, movidos por força hidráulica recuperada de águas correntes. Em Criciúma, as primeiras atafonas serão feitas manualmente, em pilões dispersos nas casas de seus habitantes interessados em produzir algum tipo de farinha, mas quase sempre de milho ou amendoim. Os primeiros imigrantes irão tentar aprimorar esta técnica criando moinhos maiores. Serão bastante conhecidos os moinhos construídos por Marcos Rovaris e Benjamim Bristot, ambos imigrantes italianos estabelecidos no atual centro da cidade, em pontos distintos. Boa parte da população da cidade, especialmente os descendentes de italianos, usa o termo “atafona”. Marcos Rovaris foi eleito primeiro prefeito da cidade, após uma tensão muito grande vivida quando do desmembramento de Criciúma do Município de Araranguá, em 04/11/1925 e sucessiva instalação realizada em 01/01/1926. Benjamim Bristot entre outras atividades exerceu a de ferreiro.

cimo do Morro das Bananeiras, atualmente (2003) conhecido como Mina Brasil. Para quem não conhece a paisagem, vale dizer que eles haviam chegado num lugar de onde se podia avistar a pequena Vila de Criciúma e da qual distavam, quando muito, dois quilômetros. Por chegarem no avançado das horas e estando muito cansados, resolveram, aqueles homens, passar a noite ali mesmo, vislumbrando a Vila logo abaixo. Descansaram também as pedras, se é possível pedras cansarem, as encostando numa árvore que viram por ali. Durante a madrugada choveu muito, o que tornou aquele chão escorregadio. As pedras rolaram para o lado oposto ao da Vila. Ao despertar, os homens procuram pelas mós, e as encontram lá embaixo, local onde já haviam passado rolando as pedras. Não lhes restou outra alternativa que não fosse aquela de rolar as pedras morro acima, novamente. Após toda a saga enfrentada por eles, finalmente as pedras chegam ao seu destino e a farinha passa a ser produzida em Criciúma³⁰⁶.

Certamente esta é a versão mais conhecida e contada na cidade, para a realização vigorosa finalizada pelos imigrantes recém chegados na cidade de Criciúma. Mas os rastros que as mós provocaram foram sentidos e visibilizados de maneiras distintas. Rastros entendidos como presença de uma ausência. Sem dúvidas o rastro é algo que já foi e, isto impele a uma perspectiva que contemple, portanto, a distância, ou melhor qualificando, a tentativa de abolir esta mesma distância entre um passado longínquo e a realidade presente. São os rastros, assim, iluminados pelos lampejos do agora, a dimensão benjaminiana³⁰⁷. A experiência valorosa e dolorida, vivida por homens³⁰⁸ que arrastaram as mós está

³⁰⁶ De forma um tanto diferenciada, esta narrativa pode ser encontrada também em quase todos os livros publicados pela aqui chamada historiografia memorialista-oficialista. São exemplos: MILANEZ (1991) e NASPOLINI FILHO (2000).

³⁰⁷ Para uma melhor análise comentada desta dimensão ver o instigante trabalho de : GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

³⁰⁸ Basta num exercício possível de imaginação social, refletir sobre o estado de cansaço provocado pelas condições precárias descritas na viagem de 29 dias. Mais que isto, as condições colocadas, mulheres e crianças esperando por seus pais companheiros, num momento em que bem já se sabe, o machismo dava a tônica dos

irremediavelmente perdida. Mas as narrativas produzidas a partir disto, de diferentes maneiras, inauguram falas sobre a cidade, das quais o sentido étnico parece ser, ainda hoje em Criciúma, um dos mais provocativos.

Por ter uma implicação com o sentido étnico colocado mais pretensamente como ação redentora — e esta definitivamente não nos pertence — do que propriamente vivido entre os criciumenses de modo geral³⁰⁹, busco então colocar a discussão inicialmente referida à crítica ao caráter épico e por extensão, reificador. Um tempo vazio e homogêneo poderia tudo acomodar e, disto ainda se obter como lucro a conquista de uma narrativa definitiva da cidade. E somente nesta dimensão é que se poderia sentenciar que:

“Criciúma, senhores, é uma cidade sem memória. E o pouco que nos foi transmitido, por nossos antepassados, ainda está sendo vergonhosamente mutilado. Como esta ‘estória’ de que cinco ou sei lá quantas etnias fizeram a nossa colonização. Isto é um desrespeito àquelas famílias italianas que desbravaram nosso chão. Afirmar que a colonização de Criciúma foi feita por italianos, alemães, poloneses, lusos e negros, é o mesmo que afirmar que Forquilha foi colonizada por alemães e japoneses; é o mesmo que afirmar que Linha Batista foi colonizada por poloneses e russos. Nada disto. Aqui, os italianos, e somente os italianos colonizaram; na Forquilha, foram apenas os

dias. Não menos significativo, seguindo este exercício, foi o estranhamento causado na população indígena que subitamente vê suas terras, ao menos terras onde viveram não somente eles, mas seus precedentes, sendo apropriadas por gente que não pertencia as suas experiências. Aliás, o lugar de onde são trazidas as pedras lembra como que para não deixar no limbo, a vida dos indígenas colocados naquela região: Rancho dos Bugres. Bugres foram assim denominados pelos colonizadores a população indígena Xokleng, hoje virtualmente inexistente em Criciúma. Todos sabemos como se trataram os indígenas em nosso país. Em Criciúma, um episódio pode permitir, grosso modo, vislumbrar como esta relação foi vista e contada. Nos primeiros momentos da colonização, estando trabalhando com madeira junto a outros amigos, Domenico Sônego foi atingido por uma flecha indígena que o levou a morte. A seta que matou o colono está hoje no Museu Augusto Casagrande. E os índios mortos onde estariam?

³⁰⁹ Daí a pertinente preocupação dos trabalhos mais recentes realizados sobre Criciúma, em mostrar a cidade construída por várias perspectivas colonizadoras, e não somente uma petrificada nas rodas das mós. Os títulos mais recentes que pensam a cidade tem se dirigido para este sentido. São exemplos os trabalhos produzidos pelo Curso de História da UNESC, Universidade do Extremo Sul Catarinense, localizada em Criciúma. Ainda neste sentido, durante várias entrevistas que realizei, foi possível identificar que a ação colonizadora e até mesmo a narrativa sobre as mós é conhecida, ou ativada pela memória, voluntária ou involuntária, de uma geração mais velha, na faixa etária dos 70 a 80 anos. Exceção seja feita a uma outra parte da historiografia criciumense que, desde seus primeiros escritos, deixa claro a preocupação em ratificar o lugar do empreendimento colonizador feito pelos imigrantes, especialmente italianos. É o que se pode encontrar nas obras do que chamo de oficialistas-memorialistas, como já comentado.

alemães; e na Linha Batista, somente os poloneses. O resto que se conta por aí é invenção sei lá de quem.³¹⁰

Fica claro que, neste caso nem mesmo a diversidade³¹¹, dispositivo outro que coloca a cultura enquanto um objeto empírico, é considerada. Como se pode perceber, não foram “*cinco ou sei lá quantas etnias*” que fizeram a colonização. Em Criciúma “*os italianos, e somente os italianos colonizaram*”. A única indicação que, paradoxalmente, parece próxima de fazer viver a cidade na citação apresentada é aquela que diz: “*não foram*” e nela eu acrescentaria: “*não foram apenas*”. Sim, pois como mesmo poderia uma categoria de análise forjada intelectualmente, e da qual poucos na cidade ao menos sabem significá-la³¹², poderia ser transformada em sujeito, e como tal encarnar uma experiência única? Estamos por demais informados que *Etnia*³¹³ não existe fora de uma ambiência relacional. Ou reconhecemos isto ou jogamos fora “*a criança com a água do banho*”³¹⁴. Se etnias são “*aquilo que nos une*”, seria então possível se pensar uma cultura que fosse a justa manifestação disto. Depois de tanto ter falado no discurso pós-colonialista durante esta tese, acredito que esteja claro que numa realidade híbrida não há espaço para monofonia. A simples afirmação da diferença,

³¹⁰ NASPOLINI FILHO, Archimedes. Cento e dez anos de História. IN: MILANEZ, Pedro. **Fundamentos Históricos de Criciúma**. Criciúma: Ed. Do Autor, 1991. p. 17. O referido texto também foi publicado pelo Jornal da Manhã, de Criciúma, no dia 02/01/1990. É importante que se diga que a preocupação da Archimedes Napolini, pelo que se pode deduzir na íntegra de seu texto, é com a memória e do que ele entende por velho.

³¹¹ Ver discussão a respeito no Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos, verbete *Sorriso*.

³¹² Em quase todos os depoimentos coletados onde tive a preocupação de perguntar ao entrevistado o que ele entendia por etnia, colocava o mesmo sempre em desconforto. Mesmo os presidentes das *Etnias*, entrevistados por mim, não sabiam me dizer o que entendiam dela para além de um jargão muito conhecido de “*é aquilo que nos une*”.

³¹³ Para que não fique nenhuma dúvida, esta tese não tem a pretensão de buscar uma discussão fundadora e densa ou mesmo uma revisão historiográfica do temo *Etnia*, exercícios os quais de modo competente já realizaram pensadores como Fredrik Barth, Werner Sollors, de modo mais geral, e Carlos Rodrigues Brandão, Manuela Carneiro da Cunha, Giralda Seyferth e Regina Weber, na dimensão brasileira, e isto pra ficar apenas nos nomes mais contemporâneos. No caso específico desta tese mostro, entre outras tantas coisas, que a categoria *Etnia* não pode ser pensada fora de uma dimensão política, iniciada ao que tudo indica, com maior rigor, a partir da administração de Altair Guidi (1977-1983; 1989-1992) articulada a uma escrita da história que criou uma pedagogia étnica na cidade. É isto que tento, sob diferentes maneiras, apresentar aqui.

³¹⁴ E desta forma viraríamos as costas para produções intelectuais de fôlego, a exemplo de Michel Foucault e toda sua teoria sobre a constituição de sujeitos (e não poderes, como ficou mais conhecido) ou Homi K. Bhabha com sua crítica ao o pós-colonialismo.

conforme pôde ser vista na citação colocada, “*a partir de uma originalidade qualquer, reserva um número incontornável de contradições*”³¹⁵. E a diversidade que tenta “*contar as culturas*”, as entendendo como étnicas *a priori*, no sentido prático: três, quatro, cinco, muito pouco contribui para que uma pedagogia, até mesmo numérica, seja fragilizada.

Contudo, é certo que em 1980 e, também antes disto, a cidade de Criciúma era mais territorializada do que é atualmente (2003). E talvez isto tenha contribuído para uma idéia que se teve na cidade de ver o colonizador como alguém exclusivamente europeu ou um seu descendente. E também não esqueçamos que sendo colonizador e pioneiro, o lucro é maior ainda. “Colonizador” e “Pioneiro” são expressões bastante utilizadas para indicar um modo bastante particular de articular ações e se inserir na cidade. Quando é acionado “fulano é pioneiro”, e em muitas entrevistas que realizei pude perceber isto, o que quase sempre se faz é, para além do mero reconhecimento, instituir territórios e fronteiras. São palavras recursivamente utilizadas tanto por quem as institui na política ou na escrita da história, quanto por quem bem aprendeu esta mesma pedagogia. Evidente que não estou falando de vidas³¹⁶ que se construíram e mesmo atravessaram os momentos mais “duros” do início da urbanização e constituição da cidade, cada dia menos presentes nela, dado a idade avançada que possuem estes *viventes*. Falo de práticas (políticas e pedagógicas) que partindo de uma experiência que não pode mais ser atualizada, buscam nela a *Redenção*, instituem o *Futuro do*

³¹⁵ SOUZA, Otávio. **Fantasia de Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994, p.34.

³¹⁶ Lembro de um sábado no início da noite quando, junto a uma amiga, entrevistei o senhor João Soratto. A narrativa posta por aquele senhor, gentil e divertido, era o que se poderia dizer, uma seqüência de conselhos. Alusões a um mundo que de forma dolorida (ao menos me pareceu) ele via cada dia mais fenececer. Como quem um conselho fornece tem a intenção última (ou primeira) de fazer continuar sendo narrada uma história, como diz Walter Benjamin, acredito que a dor de seu João tenha sido em grande parte, por constatar que o futuro (naquele presente) não havia dado conta de cumprir as promessas do passado, de outros agoras. Observações colocadas a partir da entrevista realizada por Marli de Oliveira Costa e Emerson César de Campos, com João Soratto, 94 anos, em Criciúma no dia 13/07/2000. Este foi para mim o exemplo mais vivo. No Arquivo Público Municipal existe uma série de entrevistas realizadas com os habitantes mais antigos da cidade ainda vivos em 1980. Nas entrevistas que tive oportunidade de ler (transcritas), muito da experiência colocada pelo “seu João

Pretérito. As pedras que rolaram agora estão bem fixadas. Voltemos ao momento onde se vai buscar fixá-las.

No início da década de 1960, um grupo de estudantes criava uma Instituição de nome UESC³¹⁷. A UESC foi criada num momento bastante tenso da cidade e mesmo do país. Ainda em 1958 quando de uma campanha realizada para “*salvar o carvão*” que tinha por palavras de ordem: “*O carvão é nosso*”, foi cogitada a possibilidade de se criar uma organização estudantil capaz de dar suporte àquele movimento. A UESC é fruto daquela realidade, diria em entrevista concedida a mim, um de seus presidentes³¹⁸. A UESC irá participar ativamente de boa parte das reivindicações e lutas colocadas³¹⁹ na cidade entre os anos de 1960 e 1964.

Com a extinção da UESC, ficou ainda entre seus participantes o interesse pela cidade. Entre estes participantes, Lúcio Nüernberg havia sido um dos seus presidentes. A família de Lúcio Nüernberg havia se transferido do Bairro São Bento³²⁰ para o Centro da

Soratto” se faz ali presente. Para isto ver: Arquivo Público Municipal, Pasta de Entrevistas Realizadas no Centenário.

³¹⁷ União dos Estudantes Secundaristas de Criciúma, criada em 12 de março de 1960. Segundo Archimedes Napolini Filho “*um punhado de estudantes criciumenses resolve se unir em torno de ideais comuns e funda a entidade representativa da classe: nascia a União dos Estudantes Secundaristas de Criciúma, conhecida pela sigla UESC. Na sua grande maioria, todos alunos da Escola Técnica do Comércio de Criciúma, único estabelecimento escolar que funcionava à noite em nossa cidade*”. In: NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, Orgulho de Cidade! II**: fragmentos da história de seus 120 anos. Criciúma: Ed. do autor, 2000, p. 97. Foram presidentes da UESC de 1960 até 1964 (fechada quando da instalação do regime militar autoritário brasileiro iniciado no mesmo ano), pela ordem: Fúlvio Napolini (ainda em 1959, antes da regulamentação), Olímpio Vargas, Archimedes Napolini Filho, Rodeval José Alves, Lúcio Nüernberg, Archimedes Napolini Filho e Eno Steiner. Cf. NASPOLINI FILHO, Archimedes. Op. Cit. vol. I, p. 130.

³¹⁸ Rodeval Alves, professor e um dos principais articuladores do movimento de criação da FUCRI (que em 1997 foi transformada em UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense) me forneceu entrevista na cidade de Criciúma, em 05/06/2002. As referências apontadas por Rodeval também são apresentadas por NASPOLINI FILHO, Archimedes. Op. Cit. p. 130.

³¹⁹ Segundo depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma em 07/06/2002, Luiz Carlos Búrigo, advogado e comerciante: “*A UESC era uma Associação que congregava estudantes de toda cidade, mas a maioria de nós era do Centro ou próximo dele. Nós conseguíamos algumas vantagens com a organização: descontos no comércio, meia-entrada no cinema, etc. As lutas políticas também eram constantes. Teve um momento que eu fui estudar em Porto Alegre, daí me afastei da cidade e da UESC*”.

³²⁰ O Bairro São Bento esteve integrado ao município de Criciúma até 1958, quando se deu a Emancipação Política de Nova Veneza, passando o Bairro referido a integrar este município criado.

cidade ainda na década de 1950. Em São Bento havia uma comunidade alemã mais territorializada³²¹. Fato é que sentindo saudade das referências que tinha no Bairro São Bento e, depois de ter passado pela administração da UESC, Lúcio Nürenberg, junto a outros amigos³²² teve a idéia de fazer algo para lembrar os fundadores da cidade.

“Eu achava, como outros, que aquele jeito de ser dos nossos antepassados estava indo embora. Daí tivemos a idéia de fazer um monumento. Este monumento seria do imigrante. A gente conhecia a história das mós. Eu tive idéia de ver onde que elas se encontravam. Alguém nos informou que aquelas pedras estavam na Rua do Fogo (município de Morro da Fumaça). Falamos com o prefeito na época para pedir apoio. O Arlindo Junkes disponibilizou o caminhão da prefeitura e nós trouxemos de lá as pedras. O Fernando Carneiro fez o projeto, e o monumento foi inaugurado com aquelas pedras nele”³²³.

O projeto desenvolvido por Fernando da Cunha Carneiro foi pensado, segundo palavras do próprio arquiteto, *“com três colunas mestras para lembrar as três etnias fundadoras de Criciúma: a italiana, a alemã e a polonesa”³²⁴*. Estava iniciada a pedagogia étnica e o falar dela. Como vimos, os números ainda são modestos, apenas três etnias fundadoras, colonizadoras e pioneiras. Nesta época (1966), Criciúma contava com aproximadamente 65.000 habitantes³²⁵. Em 1950, a cidade tinha 50.854 habitantes e 27.753

³²¹ Em realidade tal comunidade havia se iniciado ainda em 1917, quando um grupo de alemães nela se estabeleceu.

³²² Esta correlação de forças que estou apresentando foi muito difícil de ser melhor trabalhada, frente às fontes que tive acesso. Em realidade as fontes quantificáveis me pareceram suficientes. Contudo as informações eram apresentadas de forma desconstruídas e entre os entrevistados, foram ao menos quatro: Lúcio Nürenberg, Archimedes Napolini, Luis Carlos Búrigo e Rodeval Alves, foi difícil encontrar um consenso. Contudo, isto não se deu por falta de vontade dos entrevistados. O que acontecia quase sempre é que eles lembravam de fragmentos e reminiscências. E foi partindo disto que realizei esta escrita.

³²³ Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, por Lúcio Nürenberg em 22/07/2002. Arlindo Junkes era nascido em Nova Veneza (São Bonifácio) e havia participado da diretoria da UESC, antes de ser prefeito.

³²⁴ Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma, por Fernando da Cunha Carneiro, em 23/07/2002. O grifo na fala é meu.

³²⁵ Os dados foram inferidos. Mais precisamente, se pode contar com: 61.975 habitantes em 1960. Cf. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Censo Demográfico de 1960, p. 76.

em 1940³²⁶. Não se precisa de um exercício matemático apurado para se perceber que, em pouco mais de vinte anos, a população da cidade é duplicada. Isto se deu, em grande medida, pelo fluxo de pessoas que entre 1940 e 1960 chegam na cidade em busca de trabalho, especialmente no setor carbonífero e, quase sempre se destinaram para a periferia da cidade. Se tivermos em mente que, em 1966 boa parte da cidade já era seguramente constituída por pessoas ditas “de fora”, aquele monumento poderia parecer estranho à uma parcela considerável da população³²⁷. O monumento foi inaugurado no dia seis de janeiro de 1966. Na placa colocada em uma das colunas se encontra escrito:

“ESTAS PEDRAS FORAM ROLADAS
ENTRE MATA VIRGEM, CERCA DE 40 KM.
DESTINADAS À PRIMEIRA INDÚSTRIA DE
CRICIÚMA, EM 1880. ARLINDO JUNKES,
EM 6 – 1 – 1966. HOMENAGEM AOS
BRAVOS COLONOS FUNDADORES DESTA
CIDADE”³²⁸.

³²⁶ Conforme dados obtidos junto ao IBGE, nos censos demográficos dos respectivos anos citados.

³²⁷ Especialmente se considerarmos que os embates que se promovem a partir, ou melhor, nesta paisagem urbana, se admite, não estariam excluídos de uma investigação bastante detalhada, ação que pelos recortes que fiz não me foi possível, das relações empreendidas entre grupos, sendo os étnicos, ao meu ver, os mais significativos e suscetíveis para esta possível análise. Algo que a antropologia vem realizando de modo eficiente. Um convite a uma reflexão inicial nesta perspectiva pode ser encontrado em: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986, pgs. 96-108.

³²⁸ Inscrição colocada na placa do monumento do imigrante, também conhecido como monumentos das mós. A grafia e as letras utilizadas foram mantidas do original, por isto o uso de “caixa alta” no texto referido.



Monumento ao Imigrante -Rua Seis de Janeiro

Foto: Emerson César de Campos

O monumento ao imigrante, entendido como um Patrimônio Cultural³²⁹ e engendrado pela necessidade de memória, que já havia tempo se transformado em história, posto a ruptura existente entre as pedras que rolaram e as três colunas que as sustentaram, tentava perpetuar a recordação de um grupo ou coletividade maior, justamente porque

³²⁹ A lei mais recente e em vigor sobre o Patrimônio Histórico, Artístico e Natural da Cidade data de 14 de Outubro de 1998 (lei n. 3.700) sendo o prefeito da época o Sr. Paulo Meller. A cidade, pela documentação consultada, teve ao menos uma lei a mais e anterior, na administração de José Augusto Hülse (lei 2.063 de 13/06/85). Entre os nomes que se apresentam nas Comissões organizadas para o tombamento, como é praxe nestes casos, são contemplados arquitetos, artistas, professores e historiadores, entre estes últimos, Mário Beloli (em 1997) e Dorval do Nascimento (em 2000). Entre os artistas, Edi Balod (em 1985). Seguindo a lei em vigência, a Comissão Técnica de Relatório e Sugestões para Tombamento de Bens Municipais, em parecer do dia 11/07/2000, sugeria o seguinte: “*Para que não se perca e que permaneça como marco na Rua 06 de Janeiro, em “homenagem aos bravos colonos fundadores da cidade”. A data de sua construção remete ao tempo em que as autoridades locais começaram a se preocupar com a memória da cidade. A fundação Cultural de Criciúma é favorável ao tombamento do Monumento à primeira Mór*”. In: Documento citado, disponível na Fundação Cultural de Criciúma. Em setembro deste ano de 2003, já pela lei em vigor, foram tombados seis bens públicos, entre eles: o Museu Augusto Casagrande (criado por ocasião do centenário) A Casa da Cultura (antiga Prefeitura) e a Casa da Associazione Bellunesi Nel Mondo (em Morro Albino). Nenhuma as praças até agora foram tombadas, incluídas a Praça do Imigrante (onde estão as mós) nem a Praça do Mineiro (Praça Nereu

clamava pela não-morte. Mas o que sobrevive, como bem indica Le Goff, “*não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores(...)*”³³⁰. E se um monumento traz consigo uma idéia de fixar algo, de por assim dizer, não interromper uma fala, o mesmo nos indica então uma posição: cultural, social ou de qualquer outro tipo. Se olha para ele, mesmo que não se o conheça e se chega logo à sentença indagativa: *O que aconteceu por aqui?* Que homens tenham rolado pedras em busca de conforto, isto é algo muito compreensível; que outros as tenham fixado, se trata de um intrincado processo de criação.

A imprensa criciumense que, junto ao poder público, iniciava a contagem e a visibilidade da etnicidade, assim noticiava a instalação do monumento na cidade:

“Movida pela força humana estas pedras foram roladas entre mata virgem, cerca de 40 km. Destinadas à primeira indústria de criciúma em 1880...” estas são, em parte, as palavras contidas na placa de bronze do monumento ao imigrante inaugurado na última quinta feira, dia seis de janeiro, data em que Criciúma comemorou seu 86^a aniversário de fundação. O monumento ao imigrante é a concretização de uma proposição apresentada pelos estudantes de nossa cidade, através de sua entidade máxima, a UESC, quando da gestão de Lúcio Nuernberg. Foi construído pela prefeitura, na administração Arlindo Junkes e é composto de duas pedras de moinho sustentadas por três colunas, estas simbolizando as nacionalidades dos imigrantes, italianos alemães e poloneses, que de 1880 em diante aqui se fixaram. Estes homens deixaram ao findar o século XIX, uma Europa civilizada e se embrenharam num continente desconhecido onde a luta contra o meio, o índio e a terra saíram vencedores, proporcionando-nos com seu trabalho uma vida mais cômoda e menos áspera do que a que tiveram. A eles devemos nosso desenvolvimento de hoje. (...)”³³¹.

A citação acima faz o acabamento daquilo que havíamos iniciado um pouco antes.

Contudo, vamos à algumas outras considerações. É possível inferir, com boa chance de acerto, que a população criciumense em 1966 dividida entre rural e urbana, estivesse no

Ramos, onde fica o monumento “aos homens do carvão”). Embora instigante, o tema de Patrimônio Público, pelos recortes que fiz nesta tese, não pôde ser aprofundado. Fica assim como uma potência do de vir.

³³⁰ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: São Paulo, 1994, p. 535.

limiar da igualdade³³², com indicação clara de crescimento acelerado desta última. Sendo assim, não fica difícil imaginar que na cidade, no mínimo uma geração antes de 1960, já se fazia presente em Criciúma toda uma sorte de gente que não é colonizadora, não “pertence”³³³ a um grupo étnico (ou não se entendia como tal) e muito menos era vista como pioneira. E para estas pessoas, o que significaria a invenção da roda?

Atravessando a década de 1960, em folder de divulgação de Criciúma, mostrada na oportunidade como “*capital do carvão*”, a administração de Algemiro Manique Barreto (prefeito entre 1973 e 1977) indicava:



Monumento aos Homens do Carvão³³⁴

Até 1971 o monumento “aos homens do carvão” se encontrava colocado bem ao centro da praça, quando foi dele retirado e colocado em dos cantos da mesma praça Nereu

³³¹ JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE. Criciúma: Tribuna Criciumense, 08/01/1966. p. 8. Notar que o diretor presidente do referido Jornal era na oportunidade o Sr. José Pimentel; frente ao que consegui levantar, acredito que seja um dos primeiros memorialistas-oficialistas da cidade.

³³² Embora igualdade seja um termo infeliz para ser critério de alguma análise, não me ocorre agora outro termo. Em 1960 a população rural representava aproximadamente (tendo por base os dados do IBGE já citados) 55 % da população total. Em 1970 esta mesma população rural representava 32% da população total. Isto reforça a idéia de explosão urbana iniciada na década de 1960 e levada a efeito com maior força na década de 1970. Apenas para que se tenha uma dimensão mais elaborada disto, em 1980 com uma população de 110.604 habitantes, Criciúma tinha em sua área urbana 87 % da população. Ainda sobre a década de 1970, não me parece gratuito que segundo depoimento de Fernando Carneiro já citado “*a década de 1970 foi aquela em que eu ganhei mais dinheiro, onde fiz mais projetos arquitetônicos na cidade*”.

³³³ A categoria pertencimento é o grande mote das análises sobre relações étnicas, como se pode ver em Barth:

³³⁴ Foto extraída de um folder de divulgação, cf. citado no corpo do texto. Não foi possível identificar o ano de publicação, acredito que tenha sido produzido entre 1974-75.

Ramos. Esta descida do mineiro tem algumas explicações. “*Era um monumento para fotos, o mineiro era muito pequeno para a altura que havia sido colocado*”³³⁵, me diria em entrevista o arquiteto Fernando Carneiro. O mesmo arquiteto ainda lembrou que o monumento foi colocado no principal local de confluência de trânsito da praça, num momento em que ainda se podia contorna-la de automóvel.

A administração de Nelson Alexandrino (1970-1973) havia deixado uma marca discutida até hoje pela historiografia local³³⁶. Ao invés da inscrição inicial de 1946, onde se podia ler “*Cresciúma, aos homens do carvão 1913-1946*”, foi então inscrito, “*Criciúma ao Homens do carvão 1913-1971*”. Neste ano após uma viagem à cidade de Concórdia (SC) e vislumbrado com um chafariz fluorescente que lá encontrou, o então prefeito Nelson Alexandrino, após a retirada do monumento do centro da Praça Nereu Ramos e deslocamento para um dos seus cantos, constrói em seu lugar um chafariz. O canto triangular que agora (2003) ocupa se chamava Praça do Imigrante (antes Etelvina da Luz), substituído desde então por Praça do Mineiro³³⁷. Mas, para mim o que resulta deste cruzamento de territórios, do deslocamento de sentidos dados aos lugares, fica mostrado no Folder publicado na administração de Manique Barreto, como visto, sucessor de Alexandrino. Ao lado da foto do mineiro mostrada acima, existe a foto do monumento ao Imigrante, e nela se pode ler: “*Homenagem do município de Criciúma a sua colonização: italiana, alemã e polonesa*”³³⁸. A pedagogia continuava, mas ainda com três, numericamente modesta.

³³⁵ Depoimento já citado.

³³⁶ Ver por exemplo: BELOLI, Mário; PIMENTEL, José. **Criciúma** – amor. Itajaí: Uirapuru, 1974.

³³⁷ Ver: Decreto Municipal n. 898, de 08/06/1972.

³³⁸ Folder- documento já citado.

E como falamos de pedras, poderemos falar também de sementes. De algumas que foram lançadas e das quais, para alguns sem prejuízo³³⁹, foram produzidos frutos, e bons frutos. Isto se pode ver em dois momentos distintos. O primeiro mais próximo do agora em que se fixaram as pedras, o outro, bem, o *Outro* se relaciona com um incremento na pedagogia, como veremos.

No primeiro momento, ainda em 1960 era assim que o vereador Nelson Alexandrino³⁴⁰, à época vereador e presidente da Câmara Municipal, felicitava os cidadãos criciumenses, por ocasião das comemorações do 80 anos da colonização:

“6-1-1880 / 6-1-1960: 80 anos de progresso: salve Criciúma, capital do carvão. (...) (Criciúma) possui o fascínio de atrair forasteiros que acabam devotando-lhe um imenso amor, ajudando-a a construir uma civilização que orgulha a terra barriga verde. Invocando um heroísmo dos pioneiros de 1880, modestos e abnegados imigrantes italianos, muitos dos quais tombaram flechados por silvícolas, depositemos sobre os túmulos destes plantadores de cidade, o nosso sentido de saudade e gratidão. (...) Uma cidade predestinada a ocupar lugar de relevo na vida econômica social e cultural de Santa Catarina. De inexpressível burgo acabanado de 10 anos atrás, hoje Criciúma provoca em todos os que a conhecem e sentem a hospitalidade e cordialidade de seu povo uma afetuosa e sincera amizade (...). A semente foi lançada no dia 6 de janeiro de 1880. Toda vez que se comemora mais um aniversário de fundação de Criciúma, muito naturalmente o nosso pensamento será lançado para os primeiros dias de colonização. Seja pela curiosidade de conhecer como foi fundada, seja para reverenciar a memória de seus fundadores, ou seja ainda para apreciar os propósitos iniciais e acompanhar a sua evolução para a magnífica realidade do presente (..) na qualidade de presidente da câmara municipal presto homenagem aos fundadores de gratidão aos fundadores desta progressiva cidade. E a todos os habitantes uma mensagem de felicitações, desejando-lhes um

³³⁹ Na verdade um modo de julgar bastante sutil. A palavra prejuízo nas demais línguas latinas: prejuicio, pregiudizio, prejudé, e também no inglês: prejudice, se relaciona a um pré-juízo, que em português ficou estabelecido como preconceito. Em realidade em português ela veio a significar “dano”, e não conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação. Faço este esclarecimento porque me parece uma prática muito comum o uso de prejuízo como um dano causado ou recebido, e não como uma opinião sobre algo ou alguém formada a priori. Em muitas entrevistas que realizei foi perfeitamente identificável, na fala das pessoas, esta sutileza lingüística. Para isto ver o comentário de Paulo César de Souza, o tradutor do livro de Nietzsche, *Além do bem e do mal*, publicado no Brasil pela Cia das Letras em 1992 (ver bibliografia). Quanto ao aspecto mais geral, em: DONNE, Marcella Delle (Org.) **Relazioni etniche, stereotipi e pregiudizi: Fenomeno immigratorio ed esclusione sociale**. Roma: EdUP, 1998, a citada autora operacionaliza o conceito de pregiudizi (preconceito) a partir dos processos de categorização de qualquer grupo humano. A questão do pregiudizi está definida logo na introdução pgs. 9-12. Estarei voltando a esta idéia do prejuízo ao longo deste mesmo ensaio.

³⁴⁰ O mesmo Nelson Alexandrino que seria eleito prefeito, como vimos, que levou o chafariz para o centro da praça, que “desceu” o mineiro do seu pedestal imponente, e que para se eleger prefeito teve que entrar “*num intricado jogo de poder*”, segundo o que me diria Rodeval Alves (em depoimento já citado).

feliz ano novo e que todos continuem a trabalhar pelo progresso de nossa terra, Criciúma”³⁴¹.

Relutei em colocar uma citação tão grande para não perder a atenção de quem o lê. Mas foi irresistível. Está quase tudo colocado ali. O que dali algumas décadas seria muito bem trabalhado pela administração pública e também pela historiografia local. O reconhecimento da ajuda dos “*forasteiros*”, aqueles que não tiveram a sorte de ter chegado à cidade em seus primeiros momentos. Homens e mulheres (como foi possível perceber através das várias entrevistas que realizei) hifenizados, que forjaram um espaço *entre* na ordem que se instituía. Homens que tomavam “*café com mistura*”, alguns comendo peixe, o que lhes renderia o *prejuízo* de *marisqueiros*. Mulheres que nem sequer sonhavam o que viria ser *Etnia* na cidade. Esta população existia, não estava às portas da cidade, batendo ou pedindo licença para entrar. Eles chegaram. E eram muitos³⁴². Como se entocados tivessem, sua publicidade seria alcançada somente num outro agora. Vamos a este Outro.

A etnização da cidade: um aniversário bem festejado!

“Se eu lhe disser senhor consul que aqui nesta cidade o senhor pode se sentir como se estivesse em casa, não estaria fazendo esta afirmação por mera cortesia protocolar. Pois a verdade é que esta nossa comunidade é o fruto do trabalho, do sacrifício, da perseverança e coragem de um grupo de famílias italianas que aqui vieram há quase cem anos atrás, semear nesta terra as suas esperanças. (...) Foi assim, portanto que esta cidade começou a nascer. Sem sangue, mas com suor e lágrimas. É por isto que hoje nós recordamos os passos dos imigrantes italianos, com respeito e admiração, mas também com orgulho, pois esta cidade de trabalho e progresso é o fruto daquela sementeira. E em 1980, haveremos de assinalar festivamente o centenário da colonização. Desde já criamos em Criciúma um conselho de cultura, para entre as atribuições coordenar o programa de comemorações alusivas a data, para que o esforço e a

³⁴¹ Jornal Tribuna Criciumense: Criciúma, 04/01/1960, p.1.

³⁴² Foi mesmo impressionante para mim o número de pessoas com os quais falei que de modo voluntário diziam: “*eu nasci aqui, mas meu país são de fora*”. Ou ainda; “*meus pais são de linha de fora*”, para o caso específico dos chamados “*marisqueiros*”.

memória dos primeiros imigrantes sejam condignamente celebrados. A sua visita, Sr. Consul, configura o momento mais oportuno para convidá-lo a nos dar a honra de sua participação e apoio. Estamos ligados a generosa e a bela Itália pelas nossas próprias raízes, e é a Itália e sua brava gente que desejamos homenagear no centenário da colonização. E é a Itália, aqui tão bem representada oficialmente que em nome desta cidade desejo brindar neste momento.”³⁴³

O pequeno texto apresentado acima é uma parte menor do discurso produzido pelo prefeito Altair Guidi em 20/05/1978, quando da recepção organizada pela Comissão Central dos Festejos do Centenário – CCF³⁴⁴ para receber a visita do Cônsul Italiano em Criciúma. A celebração seria realizada para alguns poucos convidados. Antes do almoço oferecido, o prefeito ensaiava então seus passos e falas mais vigorosos. Passos estes que seriam seguidos muitas vezes até o dia seis de janeiro de 1981, data programada para o encerramento dos festejos do centenário. Isto é que era festa bem programada! E vale dizer desde cedo que, com todo o incentivo dado pela Prefeitura Municipal através de suas Secretarias e Conselhos, houve a participação efetiva da população cricumense com os

³⁴³ O texto na sua íntegra se encontra disponível no Arquivo Público Municipal Pedro Milanez, na pasta de num. 59 – Centenário. Até onde consegui investigar se trata de um texto ainda não publicado, sendo ouvido apenas pelos convidados à recepção. Na mesma pasta citada é possível encontrar, em folha escrita à tinta, o total das despesas envolvidas no almoço de recepção do Cônsul. Foram gastos Cr\$ 6.240 do total, dos quais Cr\$ 4.393,00 foram pagos pela prefeitura sendo o restante onerados aos 102 convidados presentes. Criciúma foi visitada também pelo Cônsul de Portugal, da Polônia e da Alemanha, sempre à convite da CCF do Centenário. A documentação disponível no Arquivo Público Municipal a este respeito é muito grande. Ofícios, cartas, congratulações que confirmam como levado com afinco as comemorações do Centenário. Ainda sobre Cônsul, desta feita em relação a etnia negra, a CCF encaminhou convite para a Embaixada da Angola nos Estados Unidos naquela oportunidade. Não consegui encontrar resposta da embaixada, mas é certo que o Cônsul não compareceu.

³⁴⁴ CCF : Comissão Central dos Festejos. Ainda no governo de Algemiro Manique Barreto (1973-1977) foi criado o Conselho Municipal de Cultura, sob sugestão de um médico da cidade chamado José Alfredo Beirão. Tal Conselho é regulamentado pela lei N. 1.358, de 22/11/77. Até esta data, segundo o que consegui levantar, a diretoria do Conselho era eleita por representantes de algumas instituições vistas como expressivas na cidade: Faculdade, Rotary, Colégios mais antigos. Em 1977 a Câmara Municipal faz eleição entre seus membros para indicação que seria ratificada pelo prefeito. Os 13 vereadores da época elegem o historiador Mario Beloli como presidente. O Conselho Municipal de Cultura cria a Comissão Central dos Festejos - CCF, em 04/05/1978, e a oficializa através do decreto N.º. SE/052/79 de 16/04/1979. Dados obtidos nas pastas relativas ao centenário localizadas no Arquivo Público Municipal e na entrevista concedida a mim por Mário Beloli na cidade de Criciúma, em 21-05-01. Em 1978 também será fundado o Grupo Folclórico e Artístico Seis de Janeiro, primeira de outras tantas entidades criadas a partir dos festejos, com a intenção de dar apoio aos mesmos. Ver também: ARNS, Otília. Op. Cit., p. 220.

festejos, ainda que por vezes de forma compulsória³⁴⁵. Não foram medidos esforços para que o ano de 1980 fosse fundante.

Ainda sobre o texto lido na ocasião, nele se faz presente uma descrição completa desde o recrutamento realizado por Demétrio Dário, “*incansável propugnador da conquista de novas terras*”, ainda na Itália em 1879 do qual seriam reunidas 50 famílias oriundas de Beluno, Treviso, Udine e Vicença, até a chegada destas pessoas na vila São José de Cresciúma, em seis de janeiro de 1880. O que mais chama a atenção neste discurso é a apropriação que dele foi feito, pelo que se tem de indicado. O texto, em realidade se trata de uma coletânea de informações até então dispersas: “*permita-me recordar agora, nas palavras do historiador, os primeiros passos desta gente heróica*”³⁴⁶. A narrativa contada ali, que insisto em ler, apesar do distanciamento que tentei realizar, lembrando Guimarães Rosa, como uma espécie de “*Sagarana*”, será repetida durante as comemorações dos 98, 99, e 100 anos da colonização. Mais do que isto, em quase todas as comemorações de caráter oficial do município, tais como desfiles de sete de setembro, dia da fundação (seis de janeiro) e outros tantos, esta fala é em alto e bom som mostrada aos criciumenses³⁴⁷. É o que chamo

³⁴⁵ Em vários ofícios encaminhados a CCF e a Secretaria Municipal de Educação (disponíveis no arquivo já citado) é possível identificar a preocupação que tinham as (os) Diretoras (es) e as (os) professoras (es) de colégios do Município, em cumprir as determinações quanto à presença de alunos e funcionários nas celebrações que ocorriam, especialmente durante o ano de 1980. Contudo, dado o caráter obtuso daqueles anos do governo João Batista Figueiredo, fica muito difícil determinar até onde o receio era com a administração municipal, à época base de apoio do governo Estadual e Federal, ou com o medo pulsante que boa parte da população criciumense sentia em ser alvo de repressões mais organizadas, tendo em vista que a cidade era famosa, ainda naqueles anos, por ter movimentos sociais organizados e uma política de resistência bem viva.

³⁴⁶ Em realidade não se pode afirmar quem seja o historiador mencionado pelo prefeito. Pelo que consegui investigar, se trata de recortes e colagens, como já disse, lidos em diversas oportunidades na cidade, e que de maneira mais organizada esta na obra de Otília Arns: **A semente deu bons frutos**. Ver: (ARNS, 1985).

³⁴⁷ Como foi possível perceber na fala do locutor do desfile realizado em sete de setembro de 2002. Quando da passagem dos grupo étnicos, (sim eles também estavam lá, e no mesmo dia estariam também na XIV Quermesse: Tradição e Cultura ou Festa das Etnias, conforme já discutido em outro ensaio), nos alto falantes dispostos pela Avenida Centenário, o discurso citado estava novamente sendo ouvido pela população e também transmitido pelas rádios locais: Hulha Negra e Eldorado. Este caráter solene e fixador também pode encontrado nos discursos que são escritos para as comemorações do centenário pelas autoridades convidadas pela Comissão Organizadora. É nesta dimensão que são escritos os discursos apresentados na obra de ARNS (1985), onde falam João Batista Figueiredo (presidente à época), o Papa João Paulo II (em seus primeiros anos de papado), Jorge Konder Bornhausen (governador), e o Cardeal João Paulo Evaristo Arns (nascido em Forquilha, à época

aqui de pedagogia da repetição³⁴⁸, melhor qualificando, seria das semelhanças. Assim mesmo: repetição que não se realiza, a não ser como semelhança³⁴⁹.

Nesta volta à pedagogia que mencionei, o incremento precisa ser discutido. Ele começa de um jeito territorializado. Novamente eles, os territórios. Maria Marlene Milanez Justi era Secretária da Educação na primeira Gestão de Altair Guidi. Uma Gestão que segundo a própria Marlene, afinada ao que, em entrevista a mim, o prefeito mesmo diria “*para daqui vinte anos, para marcar a História de Criciúma*”³⁵⁰. Uma das primeiras notícias que me deram os entrevistados foi que “*Tínhamos que conhecer nossas raízes*”. Uma outra foi a de que Criciúma era uma cidade muito territorializada. Tinha receio e desconfiança de gente de fora. “*Tanto que foi com dificuldade que implementamos o Parque Centenário. A cidade demorou a digerir a obra do Manoel Coelho, que era de Curitiba*”³⁵¹. Mas o que fazer para sacudir a cidade? Por onde começar? Estavam no começo da Gestão, era o ano de 1977. Precisavam fazer a cidade se encontrar, sair da reclusão. Evidente que as pessoas desde cedo se encontravam, mas o poder público, na compreensão de seus administradores, pouco havia colaborado para que a cidade fosse “*cada vez mais de todos*”³⁵².

município de Criciúma). Para uma idéia mais elaborada dos desfiles na cidade ver nesta tese o tópico “Desfile”, inserido no ensaio Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos. Para uma abordagem mais abrangente, desta feita construída sob as representações da ordem social exibida numa parada (desfile) ver: RYAN, Mary. A Parada Norte-americana: representações da ordem social do século XIX. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins fontes, 1992, p. 177-209. Ver também: La Petite enclose dans la grande: regionalismo e identidade nacional na França durante a terceira República (1870-1940). In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 3-16.

³⁴⁸ Ver discussão sobre a idéia de repetição e suas (im) possibilidades no ensaio sobre a Quermesse, presente nesta tese.

³⁴⁹ Idem. Ver também discussão colocada no final deste ensaio.

³⁵⁰ Expressão utilizada por Marlene Justi e Altair Guidi, em entrevistas que ambos me concederam na cidade de Criciúma, nos dias 10/03/2002 e 23/06/2000, respectivamente.

³⁵¹ Conforme já comentado no insaio sobre a Quermese, Manoel Coelho, arquiteto e criador do Parque Centenário, foi desde o início visto com desconfiança, especialmente pelos que se poderia chamar “estabelecidos”.

³⁵² Uma das principais expressões utilizadas na divulgação dos festejos do Centenário. Presente em quase todos os folders, cartazes e tudo o mais com que consegui ter contato.

Foi resolvido que uma grande festa seria realizada. Mas por onde começar? A ocasião lhes indicou o caminho. Comemorar os cem anos da colonização do município. Precisariam de uma grande estrutura: Comissão Organizadora, um novo Paço Municipal, um Parque Público, um Hino e um Monumento³⁵³. Mas precisariam que as pessoas manifestassem interesse pela festa. A sedução seria trazida de fora. Mais precisamente de Caxias do Sul (RS):

“Como queríamos uma grande festa, e não achávamos nada semelhante por perto, alguém falou da festa de Caxias. Fomos em duas oportunidades para lá. Uma vez depois da festa da uva. A segunda um tempo depois”³⁵⁴

No Arquivo Público Municipal se pode encontrar o relatório destas visitas. Caxias do Sul estava comemorando seu Centenário, o que aumentava ainda mais a importância da visita. Viajaram para Caxias do Sul: Mario Sonogo, vice prefeito; Maria Marlene Milanez Justi, Secretária de Educação, Joice Quadros, Relações Públicas; Nivaldo Goulart, professor da Fucri (Faculdade Criciúma). Da viagem trouxeram boas idéias: criação de um museu, um profissional (Vanderlei Rocha) que auxiliaria na construção do Museu Augusto Casagrande de Criciúma, realizaram uma entrevista com Ivo Rossi (Coordenador Geral da Festa da Uva em Caxias) e também com Flavio Ioppe (Presidente da Festa da Uva).

A estrutura organizacional estava idealizada após a visita à Caxias. Precisavam achar um presidente para a Comissão Central dos festejos. Esta seria uma tarefa difícil, pois naquele momento na cidade algumas pessoas tinham que trocar de roupa “cinco vezes por

³⁵³ Resumidamente, todos estes eventos foram levados à cabo pela CCF e também e especialmente, pela Administração de Altair Guidi. Existe uma quantidade enorme de documentos no Arquivo que tratam da criação destes elementos citados. A título de exemplo, foi organizado concurso para o projeto arquitetônico do Parque para a eleição do hino. Ver discussão em seguida neste ensaio.

³⁵⁴ Maria Marlene Milanez Justi. Depoimento citado.

dia”³⁵⁵. É isto mesmo, com o estranhamento que isto causa. A atividade de Marlene Justi não era insalubre ou danosa, mas era territorializada: *“Para cada lugar que eu ia diferente, eu trocava de roupa. Eu entrevistava pessoa italianas, polonesas, alemãs, negras e portuguesas, as vezes no mesmo dia. E eu tentava então entrar no mundo daquelas pessoas, a começar pela aparência que eu daria para elas”*³⁵⁶. O presidente da Comissão teria que ser alguém extra-envolvido. Mas necessariamente da cidade. Não poderia ser político, tampouco alguém da prefeitura. Na *tabulação*, foi encontrado o médico Dino Gorini *“que havia sido médico de muitas famílias da cidade”*³⁵⁷.

Eu gostaria, contudo, de falar do incremento produzido no depoimento de Marlene Justi, um incremento produzido, tal qual a tabulação do médico que provocou o encontro, pela exclusão. Eis que em 1980 seria então comemorada também, uma população que embora viva e presente na cidade, não havia sido celebrada, muito menos com monumento. Na conta pedagógica que apresentamos no início deste ensaio estávamos com três etnias. Nas comemorações do centenário *agora* seriam cinco. A explicação para isto vem de um dos idealizadores deste incremento:

“Nós estávamos reunidos na prefeitura, toda a Comissão. Começamos a pensar nas pessoas que precisavam ser lembradas, homenageadas. Nós queríamos uma festa para cidade inteira, de todos. Aí começaram a listar grupos. Alguém falou dos poloneses, outro dos italianos, outro dos alemães. Eu disse: A gente tem que botar aí os negros. Esta cidade foi tocada pelos negros. E tem que colocar também os portugueses, que eu nem acho que seja português, é mais o açoriano sei lá. Os primeiros que chegaram aqui não foram os italianos. É só ver os barracões que tinha por aí.”³⁵⁸

³⁵⁵ Idem.

³⁵⁶ Idem.

³⁵⁷ Depoimento de Altair Guidi, já citado.

³⁵⁸ Idem.

Chegamos então ao momento em que já não são mais três, mas **cinco** etnias. Contudo, a Comissão não queria algo somente empírico. Queriam sistematizar, deixar marcado. Neste sentido, para a Comissão que organizou as comemorações, e isto fica claro tanto pelos depoimentos coletados quanto pela documentação que tive acesso, seria necessário profissionais muito qualificados. Então é chamada para organizar dados e gerenciar as entrevistas que estavam a todo vapor sendo feitas, uma senhora de nome Otilia Arns. Professora na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, Otilia Arns era irmã de Bertoldo Arns, integrante da Comissão Central dos Festejos, quem na verdade acabou indicando Otilia Arns:

“Fui convidada pelo meu irmão para auxiliar na organização dos dados. Quando eu cheguei de imediato tive muita dificuldade. Depois foi se organizando melhor. Eles estavam querendo chamar grupos distintos para a festa. Eu achei que o único jeito de contar toda aquela história era falando de cada etnia. Eu já conhecia o termo. Depois então o título, que falavam sempre quando eu os encontrava: a semente, estes são os frutos da semente plantada”³⁵⁹

As cinco etnias então agora estavam criadas, mas faltava a celebração disto. Um outro Curitiba vai chegar em auxílio. Manoel Coelho havia feito arquitetura com Altair Guidi em Curitiba “*na época eu até achava Altair vermelho*”, diria o Arquiteto comentando o posicionamento político do ex-prefeito à época. Experiente em administração de obras públicas, Manoel Coelho foi o “*construtor*” do Centenário. Projetou a Avenida Centenário, que fária Fernando Carneiro, arquiteto de Criciúma dizer “*a centenário veio de Curitiba*”, ainda o novo Paço Municipal, o Parque Centenário e o Memorial Dino Gorini, inaugurado em seis de janeiro de 1981, portanto um ano após o primeiro repicar dos sinos, naquele aniversário bem festejado.

³⁵⁹ Entrevista concedida a mim, na cidade de Forquilha, por Otilia Arns, em 15/03/2002.

Já falamos sobre o Parque Centenário no ensaio sobre a quermesse, mas recordando, o referido Parque é constituído pelo Paço Municipal Marcos Rovaris, Teatro e Biblioteca do Município, Ginásio de Esportes e ao Centro, dividindo partes, o Memorial Dino Gorini. No arquivo público existe um documento que foi publicado também em várias edições de jornais da cidade, por ocasião dos festejos do Centenário. Diz o seguinte:

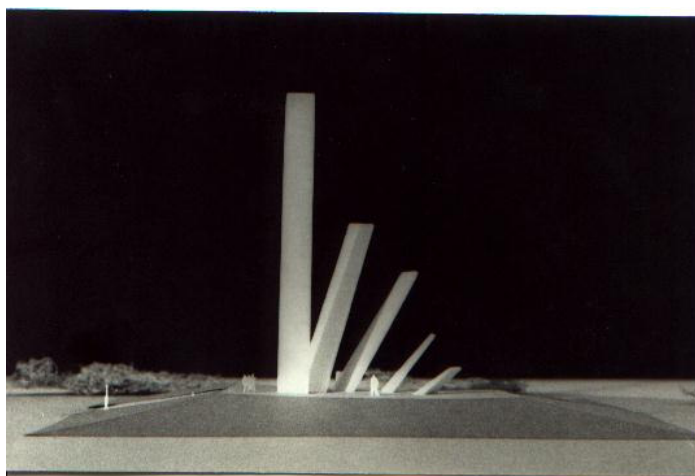
“A obra dos colonizadores foi a semente de um amanhã melhor, conquistado com as forças de sua próprias mãos. Em meio à adversidade e desesperança, essa semente fundou raízes profundas e ergueu uma cidade sobre o solo, arrancando da terra um testemunho de luta, de perseverança e de grandeza. O que o monumento expressa é este movimento (...) Do fundo da terra brotou um novo tempo. Do fundo da terra, somando e integrando trabalho, cinco etnias extraíram a energia que impulsionou para frente e para cima, etapa após etapa”.

Fica claro a idéia de instituir e solidificar uma idéia de cidade que, mesmo tendo a idéia de “movimento” citada, guardaria as raízes. Na cidade existem controvérsias quanto a leitura sobre o monumento, chamado “*das etnias*” pela maior parte das pessoas. Algumas pessoas dizem que o monumento representa cada uma das cinco etnias, e mais ainda pela “ordem presencial”: italianos, alemães, poloneses, portugueses, negros. Em entrevista concedida a mim, Manoel Coelho diz que:

“Não pensei nisto quando fiz o projeto. Pelo contrário, queria integrar mais as pessoas. O monumento representa os cinco dedos das mãos, trazendo a riqueza para cidade. Pensei que isto fosse claro: a união entre o que foi agricultura e depois o carvão, construindo a cidade. Mas agora o carvão diminuiu. O monumento está lá”³⁶⁰

³⁶⁰ Manoel Coelho se mostrou, desde meu primeiro contato com ele, um sujeito bastante disposto a ajudar. Ligou para minha casa espontaneamente ao menos duas vezes, com a intenção de falar sobre Criciúma. Passou-me fontes que serão muito úteis à trabalhos futuros, tanto meus quanto daqueles que tiverem disposição para pesquisa no Arquivo Público Municipal Pedro Milanez, local para onde estarei dirigindo estas mesmas fontes. A foto maquete apresentada acima, indica de alguma forma a qualidade e o detalhamento das fontes as quais me

O monumento está lá, e apesar de problemas como infiltração e outros, continua falando para a cidade: **Cinco**. Se há algo positivo na valoração étnica, é bom que se diga que, ao que pude perceber populações antes pouco visibilizadas ou excluídas, caso da chamada etnias portuguesa e da negra, alcançaram visibilidade. Mas isto não significa necessariamente inclusão.



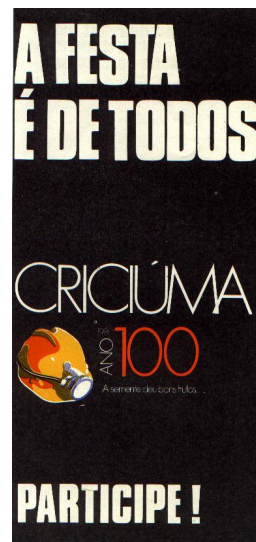
Maquete do Memorial projetado por Manoel Coelho³⁶¹

refiro. E também de como aquilo que havia sido projetado tenha sido efetivamente construído. Manoel Coelho concedeu entrevista a mim, em 08/03/2002.

³⁶¹ Foto obtida do acervo pessoal de Manoel Coelho.



Memorial Inaugurado em 06-01-1981³⁶²



Folder- Convite “Criciúma de Todos”³⁶³

Do preterido e não comemorado: a cidade em prosa e verso

“Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu preceptor, esses gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno. Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o padre me disse. Ele fez um limpamento em meus receios. O padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada... E se riu. Você não é de bugre? E continuou. Que sim eu respondi. Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas. Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros. Há que apenas que saber errar bem o seu idioma. Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.”

³⁶² Foto digitalizada a partir de folder publicado em 1998.

³⁶³ Folder distribuído pela Prefeitura Municipal de Criciúma durante todo o ano de 1980. Acervo pessoal.

(Manoel de Barros)

Tem muito Serafim e Pereira lá para as bandas de Bom Jardim:

Escritor pantaneiro como o próprio se define, Manoel de Barros ao longo de seus escritos, cria, como uma aranha a sua teia, uma obra empanzinada de jeitos e formas que lembram não apenas o ser pantaneiro, mas uma forma particular de inserção social de homens vistos como rudes e toscos. Ele é por assim dizer, um narrador. Homem capaz de encarnar o espírito cada vez mais fugidio de Guimarães Rosa, contando coisas de lugares do tamanho do mundo.

Uns e outros homens tiveram o desprendimento de se lançarem não a travessia do atlântico, como o fizeram portugueses, espanhóis, italianos e tantos outros conhecidos e lembrados pelo caráter civilizador impellido em *Terra Brasilis*, mas a real aventura de transformar desvios em caminhos, e desta forma particular se integrarem também à postura civilizadora. Os tropeiros foram desde o século XVII até a primeira metade do século XX, homens de trânsito. Diferente da perenidade imposta por outros desbravadores da região onde se localiza Criciúma, caso dos imigrantes italianos, alemães e poloneses, eles se preocuparam em trilhar. Isto não significa dizer que os demais homens civilizadores não tenham se dedicado à tarefa, mas eles, os tropeiros, deram a ela um certo estilo. Assim, parece adequado que tais homens sejam, ainda que de forma prosaica, tirados dos rodapés da história da cidade.

Há uma tela de Willy Zumblick (artista plástico catarinense) onde os caminhos abertos pelos tropeiros na região sul são mostrados. Ainda no império brasileiro, é certo que nos seus últimos suspiros, se implementa o surto modernizador no sul de Santa Catarina, cujo ato inaugural indica ter sido a criação da estrada de ferro Dona Tereza Cristina em 1884. Os tropeiros no início do século XIX, por suas andanças pelo Sul, encontraram o carvão. A

notícia, espalhada rapidamente por eles, fez como que o governo imperial brasileiro deslocasse para a esta região da província, alguns pesquisadores, para bem dar conta da fofoca gerada pelos homens de tropas. Após uma série de investidas dos pesquisadores, é apenas em 1913 que o carvão passa a ser explorado em Criciúma.

Este caminho atravessa a cidade e, em um de seus pontos, numa comunidade dita italiana, há um memorial aos caminhadores, onde não se menciona os tropeiros. É certo que a *Rota da Imigração*³⁶⁴ é uma opção turística porque em grande medida carrega uma memória mular. Uma presença que se sente pela ausência: de relatos, de contos e monumentos. Uma memória que tem seus fazedores: criciumenses em geral. Contudo sua escrita foi muito seletiva³⁶⁵.

A idéia de que a cidade nasce a partir de cruzamentos é relatada nos vários depoimentos que coletei. De modo voluntário e bem à vontade, as pessoas se dispuseram a falar sobre como viam a cidade e suas referências iniciais. Entre estas pessoas, o atual (2003) prefeito Décio Góes pode ser apontado. Segundo Décio Góes: *Criciúma nasce meio de uma encruzilhada, da estrada de ferro com as estradas de rodagem, e a partir daí cresce um comércio. Pouca gente é daqui mesmo. Daqui tem as famílias dos imigrantes italianos que vieram inicialmente*³⁶⁶. Esta hibridação precoce de Criciúma, pode ser encontrada, mesmo nas obras mais oficialistas que pensam a cidade. Vejamos a foto texto que segue, no sentido de vislumbrar um pouco do que falo:

³⁶⁴ Ver discussão sobre a “*Rota da Imigração*” colocada no *Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos*.

³⁶⁵ Insisto em dizer que esta seleção não é exclusividade de um grupo específico, ela está mais conectada a um modo particular de se realizar a escrita da história. Evidente está que a perspectiva na qual se inserem o que chamo de memorialistas-oficialistas é muito distinta daquela implementada pela nova historiografia local, representada em sua maior parte pelas produções realizadas pelos estudiosos da UNESCO.

³⁶⁶ Depoimento concedido a mim na cidade de Criciúma em 23/11/2000.



Fonte: ARNS, Otília. **A semente deu bons frutos**. Florianópolis: Casa Civil, 1985, p. 50.

Nesta imagem, os italianos em 1909 quer seja pela postura corporal ou pela vestimenta, explicitam uma gama de significados que estão muito longe de indicar uma identidade acabada ou uma pureza cultural. Uma imagem que em muito lembra uma das inúmeras cenas de conquista do velho oeste americano. E não é a única onde estes homens aparecem desta forma.

Falamos em tropeiros, ouvimos então a fala de um *vivente*, usando a expressão do povo tropeirista, o senhor Antonio Manoel Pereira, 48 anos, residente em Criciúma. Ele se coloca como inserido e excluído de uma identidade, ou seja, utiliza referências que momentaneamente o identificam como serrano, para logo em seguida se excluir desta. O Sr. Antônio é casado com uma descendente de alemães “*da cabeça bem branquinha*”. O que resulta é sempre algo incompleto. Estrangeiros ou *bárbaros* não o são por natureza, tampouco nós somos idênticos por termos uma cultura. A “*barbárie*” é relacional, uma vez que implica numa relação com outros, uma distinção entre nós e os outros. Assim que se pode em alguma medida apenas entender — o que não implica em admissão tácita — porque o bárbaro (ou mesmo bandido) é sempre o outro. Vejamos o que diz seu Antônio:

“Meu avô veio da serra. Não me lembro o tempo que ele nasceu (mais tarde fala em 1910). Quando chegou aqui ele casou com uma alemã, da cabeça bem branquinha. Ele veio lá de Bom Jardim. O nome dele era Serafim Pereira. Tem Muito Serafim e Pereira lá para as bandas de Bom Jardim(...). Meu pai era um homem valente, era fogo. Até por sinal, os irmãos do meu avô, todos eles morreram matados. Só sobrou o meu avô. É uma raça muito do à toa. Até hoje os serranos são fogo, não tem moleza. É a raça mais à toa que tem. Serrano dá tapa e não quer nem saber, é na bala. Pega o 38 lá e puf! Não tem brincadeira, bobeou mata mesmo. Mas hoje eles se estabilizaram um pouco, ficaram mais quietos, na deles”.³⁶⁷

E para completar meu raciocínio, deixo um questionamento que, acredito, será muito bem compreendido pelos criciumenses em geral, mais particularmente por parte da historiografia local preocupada e ampliar as discussões quanto à participação pública nos caminhos que a cidade acaba trilhando, bem como na representatividade de uma parcela maior da população nos bens públicos, entre estes os monumentos. Causa estranhamento o fato de que ao se falar de caminhos e mesmo de tropas³⁶⁸, os homens que se lançaram a esta aventura inicialmente não sejam lembrados. Não seria interessante uma reflexão mais elaborada a respeito? Refletir sobre monumentos que não existem, não no sentido de ergue-los, não é esta minha intenção, mas no sentido de reconhecer esta temática como algo que possa instigar uma visibilidade e participação efetivamente maior de todos nos destinos da cidade.

Foi possível entender um pouco sobre “Pereiras e Serafins”, não comemorados durante os festejos. Não enquanto “Pereiras e Serafins”. Talvez tenham sido formalmente enquanto étnicos, e daí desconfio que seriam assim, incluídos como portugueses³⁶⁹, uma etnia

³⁶⁷ Entrevista concedida a mim, na cidade de Criciúma, em 21-06-2000.

³⁶⁸ Ver discussão brevemente iniciada sobre a Rota da Imigração, no ensaio *Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos*, tópico *Rota*.

³⁶⁹ Para esta “intimidade” entre a cultura brasileira e a portuguesa ver: RAMOS, Maria Bernardete. A intimidade luso-brasileira – Nacionalismo e Racialismo. In: RAMOS, M.B.; SERPA, E.C.; PAULO, H. **O Beijo através do atlântico**. O lugar do Brasil no pan-lusitanismo. Chapecó / SC, Argos, 2001, pgs. 357-422.

que se incluiu em Criciúma, paradoxalmente, por exclusão³⁷⁰. Sigamos um pouco mais e então veremos como outras vozes também foram preteridas.

Durante o concurso para a escolha do Hino de Criciúma, 52 concorrentes foram inscritos³⁷¹ e apenas uma letra e uma música, ou seja, apenas uma ordem monofônica foi ouvida. As demais se encontram no Arquivo Público Municipal, à espera de quem se disponha a ouvi-las. O regulamento³⁷² do concurso prescrevia o anonimato, neste caso são indicados os pseudônimos utilizados por cada um dos inscritos. Também quero deixar claro que, embora tivesse o desejo de colocar todos, no sentido de sacudir a poeira que lhes foi colocada, não foi possível assim proceder. Ficam então apenas dois deles, que de forma rápida tentarei mostrar. Um primeiro me chamou muito atenção, com o pseudônimo de Jovina de Jesus, um dos seus trechos diz o seguinte:

“Faz cem anos que o **branco** imigrante,
 nesta terra selvagem pisou,
 e com a força de um bravo pioneiro uma nova cidade
 fundou.
 Oh Criciúma sereia morena, que nasceste no verde sertão, do
 teu seio rojaram as minas e das minas jorrou o carvão
 Das itálicas plagas partiram, argonautas buscando o
 Eldorado,
 E aos pouco Criciúma surgiu, do trabalho de um povo
 arrojado.
 O italiano, o alemão e o **polaco**
 O africano e o luso irmanados
 Entoaram a música rude
 Dos engenhos, das minas e arados.”
 (...)
 Ó Criciúma de tantos janeiros,
 ò Criciúma no teu centenário”,
 As novéis gerações te saúdam,
 Ó Criciúma, torrão legendário.³⁷³

³⁷⁰ Embora em Fundamentos históricos de Criciúma, Pedro Milanez indique algumas famílias (Milanez, 1991, p. 66) não há um núcleo, comunidade ou um grupo mais significativo de portugueses na cidade. Isto pode ser visto inclusive nos depoimentos das próprias pessoas envolvidas com esta etnia, a exemplo do depoimento que concedeu a mim, junto a outros presidentes, Evanir Teresa (ver Ensaio *Pequeno Dicionário Ilustrado de Aporias e Sobejos*, tópico: *Os étnicos*).

³⁷¹ Existe um outro documento que indica 50 inscritos.

³⁷² Para o regulamento ver pasta do Centenário, no Arquivo Público Municipal.

³⁷³ Parte da letra do hino de Jovina de Jesus. O número de inscrição do Hino é o 7. Os grifos são meus, e fazem parte da discussão mais à frente.

Não foi possível identificar o autor, talvez não ainda. Sigamos. É impressionante a semelhança desta letra com o Hino vencedor do Centenário de autoria de Pe. Cornélio Dall’Alba e Sueli Mazurana, que seria cantado na cidade durante todo ano, gravado em *Long Play* pela Associação Coral de Criciúma. Apresento apenas as partes mais interessantes, pois este é bastante conhecido:

“Faz cem anos que o **nosso** imigrante
 Nesta terra selvagem pisou
 E co’ a força de um bravo pioneiro
 Uma nova cidade fundou.
 (...)
 O italiano, o alemão, **polonês**, africano e o luso irmanados
 entoaram a música
 Dos engenho, das minas e arados.
 Ó Criciúma de tantos janeiros....”³⁷⁴

Vamos aos comentários. O concurso para o hino prescrevia alguns critérios: originalidade, correção e beleza de estilo, adequação para o ritmo musical, interpretação do tema histórico da colonização, correspondência ao gosto popular. Numa primeira etapa (26-9-79 a 20-10-79) houve 16 inscritos e nenhum vencedor. Numa segunda chamada (22-10-79 a 6-11-79), com 52 inscritos e o vencedor indicado, como vimos. Pois bem, Sueli Mazurana tem inscrição com outro hino (n. 25), utilizando o próprio nome. Como espécie de palimpsesto³⁷⁵, na letra de Jovina de Jesus foi posto o que está apresentado no Hino vencedor. Disto se pode apenas inferir: Jovina pode ser o pseudônimo de Sueli Mazurana. Neste caso A vencedora havia concorrido com dois hinos, o que poderia também ser

³⁷⁴ Hino vencedor, com número de inscrição 52. Autoria de Pe. Cornélio Dall’Alba e Sueli Mazurana. Também publicado em vários livros locais, em: ARNS, Otília. *A Semente deu bons frutos*. Florianópolis: IOESC, 1985, p. 224. Também é importante dizer que em ofício encaminhado ao Dr. Dino Gorini, presidente da CCF, datado de 7/03/1980, o mesmo Pe. Cornélio Dall’Alba comunica que “já está encaminhado a tradução para o italiano da letra do Hino do Centenário”. In: Pasta Centenário, documento protocolado sob n. 052 de 15/03/80.

possível, tendo em vista que não houve classificados³⁷⁶ na primeira etapa. Isto acho menos significativo. O que mais me chama atenção é que a letra primeira de Juvina de Jesus foi alterada, visivelmente para fazer ajustes musicais, mas em palavras um tanto caras à construção histórica do Município. Daí o porque de cuidar do palimpsesto. Sobre o imigrante **branco** se inscreveu o **nosso**, sobre o **polaco** se inscreveu o **polonês**. Não foi possível identificar quem fez as alterações, mas os documentos estão lá, sobrescritos desta forma. E sobre tudo isto os *prejuízos*. Acredito que o vencedor tem importância menor frente aos *prejuízos*.³⁷⁷

Um outro hino bem se adapta ao critérios estabelecidos. Nele não encontrei palimpsesto, não materializado. Ele talvez esteja inscrito no espírito. Marlene Justi, na longa conversa que teve comigo, deixou claro o ressentimento em relação aos mineradores, mais ainda ao próprio mundo do carvão. “*Veja o que fizeram com a cidade. Aqui atrás da minha casa tinha um rio e águas limpas que o carvão tratou de poluir. As pessoas estranham a ausência dos homens do carvão no Centenário. Acho que eles se envolveram pouco mesmo*”³⁷⁸. Observação seja feita que em 1980 a memória do carvão ainda era muito viva, e talvez sua ausência em lugares estabelecidos seja explicada justamente por isto. Para lembrar

³⁷⁵ Estou me referindo aos antigos palimpsestos, onde textos primitivos eram raspados para sob o mesmo pergaminho, inserir nova escrita. A análise de palimpsestos hoje requer técnicas apuradas. O ofício do historiador não seria, entre outros, cuidar de palimpsestos?

³⁷⁶ O júri foi o seguinte: Valdenir Zannete – Cecrisa; Albertino De Oliveira - Inamps (Lauro Muller); Basílio Dalbó - Pepsi Cola; Arlindo Junkes – Colegião; Telmo Locatelli - Pref, Municipal de Blumenau; Irmã Verônica Weber – Laguna, Nevio Capeller - Radio Tubá, Tubarão; Dulce do Pra -Escola de Música Bella Bartok; João Kantovizk - Hosp. São José ; Néri Milanez - Colégio São Bento; Flávio Vitório - Banda Cruzeiro do Sul; Jeremias F. Dos Santos - Assembléia de Deus. Dados obtidos junto ao Arquivo Público Municipal.

³⁷⁷ Ver idéia de prejuízo apresentada anteriormente.

³⁷⁸ Maria Marlene Milanez Justi. In: Depoimento já citado. A principal ausência sentida dos mineradores foi quando da ocorrência da Expo 100, uma grande feira industrial e comercial (realizada entre 4 e 10 de outubro de 1980), organizada para “*mostrar o que faz Criciúma e o que Criciúma faz*”, conforme veiculado por toda imprensa durante aquele ano e muito comentada na cidade

Pierre Nora, quando ainda habitamos a memória não há necessidade de lhe consagrar lugares³⁷⁹.

Continuando, entre os critérios para a escolha do Hino, um estabelecia a necessidade de “*interpretação do tema histórico da colonização*”, como vimos. Sendo assim, no próprio Hino vitorioso se percebe o reconhecimento da *agência colonizadora* posta também pela mineração e não somente pelo imigrante³⁸⁰. Foi neste sentido que me chamou atenção a inscrição número 27. O nome inscrito era Edite da Silva Freitas, astuciosamente usando o pseudônimo *Dite Freitas*. Ora, supondo que poucas pessoas conhecessem Edite, o mesmo não se podia dizer de *Dite Freitas*, alcunha de José Francione de Freitas, que até onde eu sei e consegui investigar, não se inscreveu. O *Dite* famoso era um grande empresário em Criciúma, representante do setor carbonífero. Certamente um nome a provocar ressentimentos, dado o que se sabia sobre o carvão e o que ele havia feito com a cidade. Finalizando, vejamos o que a Dite, menos conhecida, fala sobre duas colonizações: cada qual com suas pedras:

“Imigrante em terras distante, num país tropical veio parar.(...). Rolando pedras e moinhos, do subsolo viu o carvão segregar. Cortando matas abrindo caminhos, a distância fazendo encurtar. Criciúma centenária, de povo heróico e tradição, baluarte da energia, és capital do carvão. Unindo todas as raças erguendo praças e campanário, hoje canto com civismo na festa do centenário”³⁸¹.

³⁷⁹ Ver NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: Projeto História. São Paulo, (10), dez. 1993, p. 7-28

³⁸⁰ É necessário dizer que boa parte dos imigrantes italianos, mais expressivos do ponto de vista econômico, também acabam se envolvendo com a mineração. Contudo, na segunda metade do Século XX, já era bem visível a suplantação destes por homens que haviam chegado “de fora”. Neste sentido, o caso mais expressivo é o da família Freitas, que chegou na cidade vinda de Orleans (SC), no início da década de 1940. A família Freitas por mais de 40 anos foi certamente o nome econômico mais expressivo de Criciúma.

³⁸¹ Parte da letra do Hino Escrito por Edite da Silva Freitas, sob Pseudônimo Dite Freitas. Inscrição N. 25. Disponível no Arquivo Público Municipal.

Quase uma digressão:

Licença seja dada à colocações últimas. Articulando o que foi dito neste ensaio com o outro sobre a quermesse, gostaria de voltar ao tema da repetição. As manifestações étnicas colocadas aqui são quase sempre lembradas, e nisto eu concordo, com a concepção étnica levada para a Quermesse. Contudo não esqueçamos que temos um agora distinto. A etnicidade hoje tem uma dimensão que se articula não somente com a de uma comunidade mais caracterizada ou local (ou mesmo daquela politicamente imaginada), ela está também conectada a uma concepção global. Somente assim, penso, se pode afirmar que em Criciúma as etnias se *repetem* (mesmo porque na quermesse serão criadas outras três que não pensadas no centenário, pela ordem: árabe, espanhola e indígena). Um exemplo que pode diferenciar bem o que digo é a relação entre os festejos do centenário e festas outras, como Santa Bárbara e São José³⁸².

Não me parece gratuito que os encargos de organização e promoção destas duas festas citadas — realizadas no ano de 1980, durante as comemorações do centenário — tenham sido dadas ao negros e aos italianos respectivamente³⁸³. Estas duas festas citadas,

³⁸² Em 1918 se realiza a primeira festa de Santa Bárbara, no local ainda hoje chamado Mina Velha (Bairro Santo Antonio). Em 1920 se constrói a primeira capela próxima a primeira mina aberta na cidade. Desta data em diante cresce muito o número de devotos da Santa bem como a empatia de boa parte da população cricumense envolvida com a mineração. As festas acompanham o ritmos da indústria carbonífera, isto no geral. É possível dizer que a Santa tenha sido a padroeira de fato do Município por mais de quatro décadas. Digo de fato, porque de direito o título cabia e cabe até hoje a São José. As festas de São José se iniciam em 1932. Ambas, Bárbara e José são festas que seguem o ritmo da vida das pessoas e hoje parecem um pouco esquecidas frente a eventos-espetáculos como a quermesse. As identificações das pessoas com os citados santos e com a cidade foram implicações iniciais desta tese, que na sua etapa final não as contemplou. Nesta tese o tema, no meu entender, seria paradoxalmente: redundante e muito deslocado. Contudo, indico que estou preparando um artigo para publicação posterior a tese, onde este tema é melhor analisado.

³⁸³ Conforme documentação encontrada nas pastas do Centenário no Arquivo Público Municipal. Aos poloneses coube o encargo da festa de São Casemiro, um show artístico no estádio de futebol do atual time do Criciúma Futebol Clube ao encargo e em homenagens aos portugueses, e por último a Festa do Colono em Forquilha, ao encargo da etnia alemã.

pelo que consegui investigar, foram desde cedo dispositivos em torno dos quais havia uma identificação mais específica de grupos sociais. A periferia e a mineração mais identificada com Santa Bárbara – Padroeira dos Mineiros, e São José mais identificado com o Núcleo inicial formado pelos italianos. E é nesta dimensão que de forma ressentida, estas festas, especialmente Santa Bárbara, serão lembradas nos festejos da quermesse. Vejamos um exemplo:

“(...) a gente se pergunta se a responsabilidade da festa está restrita a esta pequena parcela da população de Criciúma. Acho que não. A festa da padroeira dos mineiros merece a atenção e a participação das demais mineradoras. Interessante que nos municípios vizinhos de Criciúma, a mineração comemora o feriado, mas não participa da festa. Nem mineiro, nem minerador. Talvez porque o carvão não representa mais a primeira economia da região. Isto não justifica. Em outras épocas, a festa de Santa Bárbara contava com a participação de toda a mineração. Era o maior evento. Inclusive com a eleição da rainha e o baile do carvão. É bem verdade que as coisas mudaram. É nesta mudança que a cada ano que passa vem se firmando cada vez mais no calendário de Criciúma a Quermesse. Em primeiro lugar, a quermesse é festa das etnias, é conagraçamento das raças que participam do desenvolvimento do município e da festa. Em segundo lugar a quermesse conta com a iniciativa e o total apoio do governo, enquanto que a festa da Santinha Bárbara tem auxílio limitado. É necessário a participação de toda a população, muito mais das empresas, dos poderes, da imprensa (...). Conclamamos aqueles que querem, temos que preservar nossas raízes, o nosso saudosismo, a nossa tradição, o nosso uso, a nossa cultura, o nosso hábito, o nosso costume. A festa de Santa Bárbara não morrerá, um dia voltará a ser o maior evento de nossa região”³⁸⁴.

Para finalizar, falemos de uma quantificação capaz de fragilizar ou mesmo destruir qualquer pedagogia da repetição. Na Quermesse existe preocupação desde sua primeira edição em quantificar a festa. I, II, III, IV, V, ..e assim por diante até a XV que se realizou neste ano de 2003. Nos festejos de Bárbara e José isto não existe. As festas acontecem e são sempre como se fosse uma nova, tanto que, acostumado à quantificação pelo ofício, tive muita dificuldade em saber qual o número de cada edição da festa. Não existe “XXXIII Festa de Santa Bárbara” ou “XXXIII Festa de São José”. Estas sim, andam mais próximas da repetição, embora ainda não as tenha alcançado. Não chegou nelas o momento

da primeira repetir a última de modo antecipado, como fala Deleuze sobre a repetição³⁸⁵. Caso repetissem, alcançariam a Redenção, como diria Walter Benjamim.

Chego ao *agora* que nos basta, mesmo que eu ainda fique sentindo o gosto de “*desejar mais*”. Talvez este pequeno ensaio, e espero sinceramente, possa permitir que outras discussões interessantes sejam produzidas sobre Criciúma, uma cidade de muitas pedras. Discussões que para além de uma polarização entre o carvão e as etnias, entre centro e periferia, entre os “*da cidade*” e os “*forasteiros*”, sejam voltadas à fluidez dos sentidos, aos entre-lugares, permitindo assim que vidas se *instaurem* num *Futuro Aberto* e não num *Futuro do Pretérito*, ou seja, onde estas vidas simplesmente aconteçam.

³⁸⁴ JORNAL DA MANHÃ. Criciúma, 19 jan 1994. p.2. O texto foi escrito por Mauro Sônego, 71 anos, funcionário público aposentado.

³⁸⁵ Ver discussão a respeito no ensaio sobre a Quermesse.

Últimos Acordes:

Esta tese, a exemplo de outras tantas, durante sua realização tomou rumos e trilhas que sequer haviam sido imaginados em sua partida. Alguns dos caminhos que se insinuaram na realização deste trabalho — uma cartografia da cidade contemporânea tendo como referência a cidade de Criciúma — foram trilhados, outros abandonados e em outros foram postos desvios, construídas pontes.

Nos caminhos e desvios por onde enveredei, tomei cuidado em guardar alguns títulos, na esperança de que servissem para a substantivação das possibilidades realizadas e de outras que não consegui ou não priorizei. Também tento com esta reflexão atender a uma inquietação externa que me foi constantemente colocada: responder de modo objetivo em que consistiria meu estudo. Esta foi um das tarefas mais duras de ser realizada. Infiro que tal dificuldade se construiu solidamente sob uma base subjetiva e como tal, antagônica à indagação pertinente colocada. Nomear sempre foi algo muito estimulante para mim. Acredito que seja para quase todos. Corriqueira é a necessidade que temos de dar nome às coisas ou situações que para nós produziram vincos. É neste sentido que os títulos e sub-títulos são aqui apresentados.

A cidade de pedras:

Durante muitas décadas, Criciúma, cidade localizada no Sul de Santa Catarina, se fez representar como a capital brasileira do carvão. Entretanto, em 1987, após uma redução considerável dos subsídios que por mais de 40 anos foram fornecidos pelo governo federal à

indústria extrativa do carvão mineral, o setor carbonífero se retraiu sensivelmente, provocando desemprego e gerando uma crise social de grandes proporções. Em realidade, a história da cidade encontrava-se de tal forma imbricada, sobreposta, no que nela se convencionou chamar de “pedra fundamental do progresso”, ou seja, o carvão, que parecia inviável sua construção histórica fora desta base. A partir de então, ocorreram mudanças significativas na forma da cidade se construir, o que discuto ao longo desta tese, ainda que de forma dispersa. Realizar uma história inviável, ao menos a princípio, ou mesmo um conjunto delas, se tornou algo estimulante para mim. Assim, a exploração do carvão — ou seu suposto ocaso —, segundo minha particular visada, foi uma grande geradora de desejos. Ficar ou sair da cidade, nela viver ou sobreviver, habitar o centro ou a periferia, transitar por lugares, ver outros tantos serem construídos, destruídos, inventados. Permanecia a idéia de que, sob vários aspectos, os desejos produzidos eram como pedras colocadas, materializadas por discursos perenes de crise constante em conluio com uma acentuada baixa estima cidadina vivida nos primeiros cinco anos da década de 1990. Uma novidade para Criciúma, que desde cedo tenta se colocar como um “*orgulho de cidade*”³⁸⁶, aliás, nome dado a um programa de rádio local, do qual resultaram dois livros inseridos na historiografia cricumense. Escalar ou desviar destas pedras foi o que, entre outras coisas, busquei fazer.

Para além de Cocanha e Potosi:

No início da minha investigação, quando ainda acreditava que a polarização de experiências cidadinas antagônicas seria uma forma produtora de refletir sobre Criciúma, sempre me ocorria a idéia de uma relação entre duas concepções distintas de cidade, se leia mundos: Cocanha e Potosi.

³⁸⁶ Cf. NASPOLINI, Archimedes. Criciúma, orgulho de cidade: fragmentos da História dos seus 120 anos. Criciúma: Ed. Do Autor, 2000.

Cocanha — ao que tudo indica um relato social construído ainda no medievo europeu e setentrional — seria aqui deliberadamente ligada e aludida ao processo de imigração, especialmente européia e mais especificamente italiana, que se realizou no final do século XIX no Sul de Santa Catarina, ou seja, a região onde se encontra Criciúma. Era parte então do chamado imaginário social europeu a idéia de que existiria um lugar onde a vida seria repleta de facilidades, onde os desejos seriam realizados e a felicidade uma extensão do encontro com estes elementos. Em quase todos os estudos sobre imigração, especialmente aqueles que se destinam a estudar o século XIX, grosso modo se faz menção às campanhas, publicitárias ou não, realizadas para dar ao lugar destino — Mérica, Mérica, Mérica, cantada em prosa e verso — um jeito, um cenário, uma posição e até mesmo um estamento. Neste “*Locus libertus*”, o espírito humano seria, a exemplo do lugar, livre. Um homem sem preocupação com o trabalho, alimentação, compromisso, idade, vestuário, religião, ou seja, a antítese do que viveriam quando chegaram. Homens transformados em menores que seus sonhos, encarnando em vida o desespero de não os alcançar, os inscrevendo no *telos* do porvir e assim sentenciando várias gerações. Na própria historiografia memorialista-oficialista existe simultaneamente o reconhecimento e o lamento disto: “*Eles vieram para Cricuma por determinação do governo, imaginavam encontrar aqui o paraíso, um céu aberto, ‘A Terra Prometida’, com alimentação fácil e abundante, não pensavam encontrar a mata virgem, o deserto. Quando chegaram foram surpreendidos por uma enorme e triste ilusão*”³⁸⁷.

Potosí, cidade boliviana fundada por espanhóis em 1545 foi certamente o primeiro Grande Eldorado da América. A prata era a promessa vendida. Alcança seu florescimento no

³⁸⁷ MILANEZ, Pedro. Fundamentos **Históricos de Criciúma**. Criciúma: Ed. do Autor, 1991, p.62.

século XVIII, antes da chegada dos italianos na América. Em seguida, com o fim ou quase isto, da exploração da prata, a cidade inicia sua minguagem. O Eldorado já não era o mesmo no século XX. A idéia de cruzamento que gera a cidade, de exploração mineral e outros elementos apenas semelhantes, alcançados nos depoimentos colhidos por mim e que versavam sobre Criciúma me impeliu a relacionar o carvão e a prata.

Como se trata de uma investigação contemporânea, as alusões aqui descritas, evidentes, são alegorias. Num momento em que falar de cidade é em grande medida falar do mundo, estamos certamente “Para Além de Cocanha e Potosí”. O título me pareceu interessante, pois entre as inúmeras tarefas que me coloquei, busquei relacionar o que chamo de mercado étnico com o mundo do carvão, identificando o que se perdeu e se solidificou nesta negociação. É sobre isto que discorro no ensaio sobre “Quermesse” e que agora no final sob inspiração híbrida ficou com outro nome. Em realidade este título — bem como o ensaio citado que teve o seguinte: “Para Além da comunidade imaginada: Quermesse – encontros e desencontros na esquina do mundo” — parte da perspectiva cunhada por Homi K. Bhabha, ensaísta que muito colaborou para as leituras que fiz da cidade. O entre lugar me fez enxergar para além de polarizações. Então é um título que gosto, mas que fica apenas como uma boa lembrança, quase infantil.

De novo pra você o que você nunca viu:

O inusitado da expressão, provocativa por certo para quem coloca sentinelas na imaginação e busca quase tudo engessar. É uma grande sentença ratificadora da impossibilidade de que alguma referência ou construção social possa se repetir. Catada de uma fala colocada num “*scape*” atual que é o vídeo-clipe — Titãs, “Isso” —, “*De novo pra você o que você nunca viu*” seria uma recorrência deleuziana a narrativa histórica? Aposto muitas fichas nesta possibilidade. É um título bem humorado e traz em si o trocadilho da

repetição. Você...Você. O outro que nunca se repetiu e que esteve sempre presente. A festa que nunca foi a mesma e que se repete. Como repetir o irrecomeçável? Nunca é demais o que assinalou com propriedade Castoriadis: “*A história não existe fora da imaginação criativa*”. Para mim este título tem muito disto.

A superação de Potosi:

Subtítulo abandonado que faz referência a uma tentativa iniciada de elucidar, mas ainda muito sob o olhar da economia, a superação de um “*modus vivendi*”, para usar uma expressão adequada. Uma forma de inserção no mundo voltada à monocultura carvoeira. Acredito que por ter muito desta jaula de significados bastante hermética e por desejar realizar uma história, ou uma narrativa histórica mais aberta, o termo foi abandonado. De qualquer forma fica aqui assinalado.

Territórios deslizantes, fronteiras da diferença:

fragmentos e miscelâneas de uma cidade em trânsito (Criciúma – SC- 1980-2002).

A primeira inspiração quanto ao deslizante veio da leitura de um texto publicado por Maria Bernardete Ramos³⁸⁸ que tem por título: fronteiras deslizantes. Frente ao título e percebendo que meu trabalho, em sua maior parte, não tratava especificamente daquela possibilidade, me permitir ir além dela. Maria Bernardete Ramos havia feito um trabalho competente em seu texto, instaurando em mim a incomodação do além. E ainda havia o *deslizante*, ele permanecia. Ainda mais, a palavra deslizante tem uma ambigüidade muito interessante: a do vacilo, do titubear. E também como Homi K. Bhabha havia feito um

³⁸⁸ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Fronteiras deslizantes: lugares de cultura, raça, gênero e indivíduo. In: **PAINEL**: Fronteiras e populações. Maringá / PR: Programa Associado de Pós-Graduação UEM/UEL, 2000, pgs. 41-51.

“*estrago nos meus pensamentos*”, tendo na sua fala uma preocupação com a ambigüidade do discurso pós colonialista, estava então encontrado o termo: os territórios também deslizam, muito. E nos colocam desafios.

O território entendido como um espaço *à priori* desde algumas décadas tem tido uma abordagem mais ampla nos estudos feitos pelos historiadores. Foram muitos os esforços empreendidos na análise de territórios, assim mesmo, no plural, especialmente a partir da configuração sócio-cultural engendrada depois da segunda guerra. Os embates promovidos no campo teórico, cujo maior parece ainda estar sendo jogado: Modernismo e Pós-Modernismo, podem não ter apresentado diagnósticos precisos, tampouco soluções terminais. Contudo, é fato que qualquer análise mais criteriosa sobre a realidade vivida — e também imaginada, onde o crescimento da literatura e do chamado realismo fantástico são amostras significativas — se debruça agora sobre uma pluralidade de territórios, ou seja, o chão é cada vez mais movediço. Segunda minha compreensão, incipiente mas penso, provocativa, as fronteiras subjetivas, sejam elas *abseits* com as objetivas, ou mesmo de forma mais sutil, deslocadas para um além de delimitação complexa, promoveram um alargamento das possibilidades de se narrar a contemporaneidade.

Realizar análise deste empreendimento tendo como chão a cidade é sob todas as formas, mesmo que se relute por vezes, admitir que o rizoma social vive fincado em territórios que se fraturam, que deslizam feito placas tectônicas. As diferenças se constituem assim em importantes elementos para não apenas se reconhecer (no sentido de explicar) os deslizamentos, mas sobretudo, num esforço hermenêutico, melhor compreendê-los (no sentido da permissão). As lutas pela afirmação positiva da etnicidade e não da raça, especialmente a negra, sim, negra com toda a carga de visibilidade alcançada e com este termo mesmo e não um outro que insiste em colocar prefixos eufêmicos do tipo *afro*, em

Criciúma foi e é para mim, entre outros, um sinal desta tectonia territorial. O mito do homem e da sociedade é minado na configuração pós-colonial. A ambivalência se instaura. Como lembra Homi Bhabha ao citar Frantz Fanon: “*o preto escravizado por sua inferioridade, o branco escravizado por sua superioridade, ambos se comportam de acordo com uma orientação neurótica*”³⁸⁹.

A ambivalência do discurso que tende a polarizar a história entre vencidos e vencedores, das quais muitas obras foram produzidas, somente reforça a necessidade premente de produzirmos uma história que se construa de modo aberto, que permita o encontro, que considere os agenciamentos. A acuidade das negociações e dos agenciamentos produzidos para exibir esta transitoriedade foi sempre uma preocupação colocada na realização desta tese. O título é tautológico, como um cachorro que se vira ao redor do próprio rabo. Os territórios deslizam e as fronteiras se colocam de modo diferente.

Para finalizar a compreensão deste título me recordo de uma história contada pelo antropólogo Nestor Garcia Canclini, homem feito ao trato híbrido. Uma anedota, e me pergunto o que seria de nós sem elas no momento adequado para *quebrar o gelo*, que se constrói a partir de uma leitura infantil sobre o mercado: o horror! o horror! de quase todas as tentativas de “explicação” das manifestações culturais. Dedicando seu livro sob o título: *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, aos seus filhos Teresa e Julián, Canclini nos conta o seguinte:

“...é por essa capacidade dos filhos de mostrar-nos que o culto e o popular podem sintetizar-se na cultura massiva, nos prazeres do

³⁸⁹ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 74.

consumo que eles, sem culpas nem prevenções, inserem no cotidiano como atividades plenamente justificadas. Nada melhor para reconhecê-lo que evocar aquele natal em que o Instituto Nacional do Consumidor repetia obsessivamente: “presentei afeto, não o compre”, em seus anúncios anticonsumistas no rádio e na televisão; Teresa empregou a palavra “afeto” pela primeira vez em sua linguagem vacilante dos quatro anos. “Você sabe o que quer dizer?” “Sei – respondeu rápido -, que você não tem dinheiro”³⁹⁰.

Este título tinha ainda outras possibilidades: “*Tão longe, Tão perto: Fronteiras da diferença na cidade contemporânea*”, e ainda: “*Solos comuns, territórios perdidos*”. Por fim, como a tese se construiu sob a perspectiva híbrida, seu título definitivo foi mesmo a mistura e a ambiguidade de nomes que se apresentaram, ficando desta forma: *Territórios Deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Cricúma (SC) 1980-2002*.

Museu de grandes novidades: a cidade contemporânea e suas exposições.

A frase, ouvida de uma canção de Cazuza, por muito tempo permaneceu em mim, incomodando. A música bastante conhecida — *O tempo não pára* — foi sempre uma síntese pertinente do modo como durante muito tempo eu olhei para Cricúma. “*Eu vejo o futuro repetir o passado, vejo um museu de grandes novidades, o tempo não pára!...A tua piscina está cheia de ratos, suas idéias não correspondem aos fatos...*”. Evidente que esta era a minha compreensão juvenil sobre a cidade, e não sei ainda dizer o que sinto ao ver que boa parte da “gurizada” com quem tive contato, em especial aqueles que vivem na periferia da cidade como eu vivi, ainda mantém este olhar sobre Cricúma. O sentido colocado por mim, agora já mais maduro, neste sub-título, tem mais de compreensão e menos de ressentimento. Está conectado a idéia de mostrar Cricúma ligada à práticas cidadinas contemporâneas e, a uma leitura mais livre que tentei dar a face que hoje tem o centro da cidade, especialmente a Praça Nereu Ramos, *lugar* de onde partiu a tese.

³⁹⁰ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloisa Pesa Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: USP, 1998, p. 16.

A cidade aberta : estudos contemporâneos sobre Criciúma.

Na narrativa da cidade contemporânea não me ocorre outro termo que tenha paradoxalmente leveza e densidade além de “aberta”. A fluidez dos lugares, o trânsito, a compressão espaço-tempo, as relações, esta miscelânea se inscreve na ambiência aberta. E, entre os demais títulos, este foi o último a me ocorrer. Foi pensado depois de uma nova leitura de um texto de Benjamim, e de um livro escrito por uma de suas leitoras mais competentes, a professora Jeanne Marie Gagnebin. Este título tem outra variante: “*Em busca da narrativa perdida: pequena contribuição à heurística da cidade contemporânea*”.

Rodapés da cidade:

Percebi ao longo da escrita desta tese que havia uma preocupação forte em mim em não fazer desta narrativa algo sustentado apenas pela base teórica. Tendo em vista minha formação e a sedução que a teoria provoca em mim, foi muito difícil controlar isto na escrita, se é que de alguma forma consegui alcançar tal intento. Estabeleci então uma relação dos tópicos que pareciam saltar aos olhos e que deveriam ser pensados. Coincidência ou não, percebi que estes eram tratados pela historiografia local, quando muito, como notas de rodapé. Desta abordagem o título foi produzido facilmente. E a teoria colocada em rodapés também, na medida do que me foi possível. Este título tem outra variante: “*Silêncios incontidos*”.

Outros de nós mesmos:

Idéia que me ocorreu depois do contato com “*O local da cultura*”, escrito por Homi K. Bhabha. Como em alguma medida esta tese tenta dar voz ao outro, e quanto mais ele grita mais nos conhecemos nele, “*outros de nós mesmos*” parece dar uma boa idéia desta dimensão. Nós, habitantes do terceiro espaço, expressão da existência intervalar, viva, irônica e muitas vezes dissimulada.

A última porta: faces da cidade contemporânea:

Um dos primeiros títulos que escrevi. Produzido através do contato com a abordagem clássica sobre cidades, e a partir da leitura de vários textos nesta dimensão escritos pela professora Maria Stella Bresciani. Há uma escrita cunhada por Bresciani que nos impele à direção de portas de entradas na abordagem das cidades. Como sei que a porta que procurava de certa forma ainda não havia sido aberta, ou ao menos não se insinuava entre as que se apresentavam na oportunidade, decidi então tentar criar uma. Como não sabia se uma era suficiente, não enumerei. Apenas a coloquei como última.

Última nota:

Numa das inúmeras viagens que fiz à Criciúma durante a realização da pesquisa para esta tese, quando o ônibus chegava finalmente ao seu destino, um dos passageiros ao se levantar para o desembarque, olhou para outros quatro companheiros de viagem seus, e disse: “Chegamos em Criciúma, a terra do vende-se e aluga-se”. Esta sentença ficou sacolejando em mim durante alguns dias. Para alguém que havia crescido em Criciúma aquilo incomodava. Não sabia ao certo como ler aquele encontro. Sorte me encontrar ainda no início da pesquisa, o que poderia me fazer alcançar uma gramática mais adequada para o texto que se colocava. Era muito comum em outras viagens não muito remotas, ouvir expressões menos vagas e mais precisas: “*chegamos na capital do carvão*” ou ainda “*estamos chegando em Criciúma, é possível saber pelo cheiro de enxofre*”. Percebi que aquela sentença dita num sotaque muito distante do criciumense, e de uma inscrição corporal não menos estrangeira, era um arremate, uma trova muito bem colocada da Criciúma que estava ali e que eu me recusava a ver. O cheiro de enxofre já não estava ali, coisa que eu ainda não havia me dado conta, frente a quase naturalização do olfato criciumense. Foi necessário desviar olhar para encontrar a cidade que estava ali e que demorei a enxergar. Início de uma vida estrangeira. Melhor, a

densidade dos agoras me fazia *sentir como um estrangeiro em casa*, sugestão que Homi Bhabha me indicava cada vez que lia *o local da cultura*. Eu havia participado de muito daquilo que estava estudando e acho que, até aquele momento, observado pouco. Foi então que comecei a formular uma resposta mais estrangeira, tentando me aproximar da língua usada pelo passageiro sentenciador.

Criciúma estava então sendo abandonada e nos imóveis se colocava então placas com vende-se a aluga-se? A resposta era sim e não com o mesmo vigor. Era certo que muitos tinham ido embora, quase sempre para a terra do tio Sam, a Cocanha eletrônica anunciada nas telas de cinema. Também era certo que muitos ficaram e estavam embrenhados em arranjar a musicalidade nova para a cidade. Para estes, o dinheiro enviado dos Estados Unidos era muito bem vindo. Aquecia a cidade e produzia alguns espigões. Nunca se construiu tanto em tão curto período. A cidade que havia se construído sob o signo do carvão indicava agora outros sinais. As placas eram literalmente um destes. Para uma cidade que durante quase todo o século XX recebeu trabalhadores, a exportação destes agora era algo realmente estranho. Mas outros chegavam. E outros ainda estão indo embora. Uma cidade em trânsito, inserida neste tempo nômade. Cada vez mais somos outros de nós mesmos. O cosmopolitismo está ali, e ser da cidade agora não é apenas ter nascido nela, isto tem menor importância. O enraizamento está fenecendo. Falemos dos desenraizamentos. Da máxima colocada pelo senhor Alcides Nunes, 86 anos, morador da Vila Operária, *agora* Santa Bárbara: “*Quem fundou Criciúma? Qualquer um povo que tava aí né?*”. A cidade ficou. E outra foi embora.

Gosto do resultado até aqui, embora ainda me pareça estranho, e tenha sempre um além. Mas estou satisfeito. Isto me basta. Ficar empazinado agora seria desejar muito. O passo inicial para a grande caminhada está dado. Vejamos pra onde os meus pés me levam. Bom no rizoma é sua imperfeição, suas ramificações. Deixemos assim. As fontes me olham, sugerindo outras histórias. Foi além de prazeroso, uma catarse.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

1 - Sobre a Quermesse: Tradição e Cultura (Festa das etnias):

- 1.a. Documentos diversos nas caixas dispostas no Arquivo Público Municipal Pedro Milanez
- 1.b. Jornais:
- 1.c. Legislação: Estatutos, regras e demais documentos coletados nas pastas do Arquivo Público Municipal.
- 1.d. Folhetos, Atas de Reuniões, Discursos Impressos e Folders coletados desde a primeira festa realizada.
- 1.e. Jornais e revistas: Tribuna Criciumense, Jornal da Manhã, Notisul, Diário Catarinense, O Estado; vários números e edições.

2 – Sobre as festas de Santa Bárbara e São José:

- 2.a. Documentos diversos de clubes (União Operária e União Mineira) e das festas (nas respectivas paróquias).
- 2.b. Depoimentos (fontes orais) diversos coletados (ver listagem apresentada)
- 2.d. Documentos diversos sobre as festas coletados em acervos particulares.
- 2.e. Jornais e revistas: Tribuna Criciumense, Jornal da Manhã, Notisul, Diário Catarinense, O Estado; vários números e edições.
Revistas: Veja, Isto É, Manchete; vários números e edições.

3 - Sobre as comemorações do centenário (Futuro do Pretérito: um aniversário bem festejado):

- 3.a. Documentos diversos do Arquivo do Público Municipal Pedro Milanez: relatório de exposições, folders, letras e nominata dos concorrentes ao hino do centenário.

3.b. Depoimentos (fontes orais) diversos coletados (ver listagem apresentada).

3.c. Fontes coletadas em acervo particular de Otília Arns e Manoel Coelho.

4 – Depoimentos coletados (por ordem cronológica)

ENTREVISTADO	IDENTIFICAÇÃO	LOCAL	DATA
Jorge Feliciano	66 anos, sindicalista aposentado, ex-deputado estadual.	Criciúma	12-10-99
Daltro Espíndola	39 anos, empresário do setor têxtil.	Criciúma	13-10-99
Almir Rodrigues	42 anos, mineiro.	Criciúma	19-06-00
Altair Rodrigues	55 anos, comerciária.	Criciúma	20-06-00
Aluim Michels	72 anos, comerciante: — “um alemão em terra de italianos”	Criciúma	21-06-00
Amilton Rocha	51 anos, empresário do setor metalúrgico.	Criciúma	21-06-00
Antonio Manoel Pereira	51 anos, vigilante.	Criciúma	21-06-00
Carlos Antunes	37 anos, ex – mineiro, atualmente comerciante setor alimentício.	Criciúma	22-06-00
Altair Guidi	65 anos, arquiteto, ex – prefeito de Criciúma.	Criciúma	23-06-00
João Soratto	94 anos, comerciante: — “Sou um dos pioneiros”.	Criciúma	13-07-00
Helio dos Santos	61 anos, ex-presidente do União Mineira.	Criciúma	22-07-00
Aldacir dos Santos Souza	53 anos, comerciante, moradora do bairro Santa Bárbara.	Criciúma	23-07-00
Glaissom Citadin	25 anos, engenheiro: — “Mi soi italian gracia a dio”	Criciúma	06-08-00
Aldo Lima	74 anos, mineiro aposentado. Morador do bairro Santa Bárbara.	Criciúma	26-08-00
Carlos Wecter	70 anos, padre, atuou na paróquia S. Bárbara entre 1964-1974.	N. Veneza	17-10-00
Lourival Lopes	61 anos, mineiro aposentado, juiz classista.	Criciúma	08-11-00
Décio Góes	48 anos, arquiteto, atual (2002) prefeito de Criciúma.	Criciúma	23-11-00
José Vânio Piacentini	59 anos, ex-prefeito de Urussanga, atual secretário da AMREC.	Urussanga	25-04-01
Archimedes Naspolini Filho	59 anos, jornalista – memorialista.	Criciúma	25-04-01
Alcides e Teresa Nunes	73 e 71 anos, moradores do bairro Santa Bárbara.	Criciúma	26-04-01
Pedro Barcelos	56 anos, ex-presidente União Mineira festeiro da festa de S. José	Criciúma	26-04-01
Hugo Verdieri	67 anos, comerciante aposentado, festeiro da festa de S. Bárbara.	Criciúma	27-04-01
Agenor Neves Marques	82 anos, padre, trabalhou na Paróquia S.José S. Bárbara 40-52	Urussanga	28-04-01
Iraídes Sônego	68 anos, moradora do bairro Santa Bárbara.	Criciúma	28-04-01
Adelor Lessa	42 anos, jornalista da rádio Eldorado de Criciúma.	Criciúma	27-04-01
Mário Beloli	Historiador.	Criciúma	21-05-01
Arnoldo Ido de Souza	56 anos, presidente da Câmara de vereadores de Criciúma.	Criciúma	28-07-01
Maria Heloisa N. Felipe	62 anos, professora aposentada, moradora do bairro S. Bárbara.	Criciúma	28-07-01
Suzana Meller	39 anos, fotógrafa, rainha do centenário (etnia italiana)	Criciúma	29-07-01
Paula Regina Paulino Lino	22 anos, a “filha do centenário”.	Criciúma	29-07-01
Paulo João Marcelo	50 anos, mineiro aposentado.	Criciúma	25-08-01
Nei manique	46 anos, jornalista da rádio eldorado.	Criciúma	26-08-01
Manoel Coelho **	61 anos, Arquiteto do Centenário.	Curitiba/Cric.	08-03-02
Otília Arns	74 anos, professora universitária aposentada.	Forquilha	15-03-02
Maria Marlene Milanês Justi	63 anos, professora universitária, artista plástica.	Criciúma	10-03-02
Presidentes das Etnias	Nomes listados no momento das citações.	Criciúma	08-04-02
Eduardo Mondardo (Duda)	Empresário do Setor Imobiliário	Criciúma	06-06-02
Rodeval Alves	Profissional das Áreas de Turismo e Educação do Município.	Criciúma	05-06-02
Luiz Carlos Búriço	Advogado e Comerciante.	Criciúma	07-06-02
Gilnei Benedet **	32 anos, Emigrante, Valet Park, Miami, Florida, EUA.	Miami/Cric.	07-06-02
Silvana A. Moisés Cechinel	34 anos, despachante de tráfego aéreo.	Criciúma	13-07-02
Telma de Medeiros Uliana**	30 anos, artista plástica.	Criciúma	14-07-02
Rosimari Lima Nunes	32 anos, agenciadora de turismo (Agência Ferrotur)	Criciúma	15-07-02
Mirces Carminati	50 anos, sócia proprietária de uma escola de inglês.	Criciúma	18-07-02
Lucio Nurenberg	Advogado e Comerciante.	Criciúma	22-07-02
Fernando da Cunha Carneiro	74 anos, arquiteto: “a praça está desfigurada”.	Criciúma	23-07-02
Ricardo Zanete	Engenheiro Agrônomo, comerciante do setor têxtil.	Criciúma	05-08-02
Irma Tasso Oliveira	Funcionária Pública Municipal.	Criciúma	02-09-02
Edison Paegle Balod (Edi Balod)	Presidente da Fundação Cultural de Criciúma (2002-2003).	Criciúma	04-10-02
Leila Maria Peixoto	54 anos, comerciante ceramista.	Florianópolis	02-03-03

Cristiane Fernandes Berg	28 anos, professora de Educação Física e Capoeira	Criciúma	05-08-03
William Santiago Bernardo	26 anos, Rapper do grupo Ato Consciente, de Criciúma.	Criciúma	05-09-03

* Todas as entrevistas foram realizadas por Emerson César de Campos. As entrevistas de João Soratto e com os presidentes das etnias, além do autor, contaram com a participação de Marli de Oliveira Costa e Sílvia Maria Ávila Amador, respectivamente. ** Nos casos assinalados, frente à dificuldade de realizar pessoalmente as entrevistas, estas foram executadas de forma diferenciada. Com Manoel Coelho foram realizadas duas conversas telefônicas gravadas, uma de 45 minutos, outra de uma hora e meia. Com Telma de Medeiros Uliana uma conversa de 30 minutos, via telefone. Com Cristiane Fernandes Berg, duas conversas alternadas de 20 minutos. Com Gilnei Benedet a conversa foi realizada via internet com gravação das informações em arquivo eletrônico, inclusive das imagens, com utilização de Web Cam.

a) Sobre Criciúma:

ALEXANDRE, Nadja Zim. **Fontes de Poluição em Criciúma**. Porto Alegre: CPRM, 1995.

ALVES, Rodeval José. **Uma proposta para conscientização turística e formação de recursos humanos para 1º, 2º e 3º graus em Criciúma**. Criciúma: FUCRI, 1996.

ANTUNES, NEURA MARIA Corrêa da Costa. **De Próspera a CSN e Nova Próspera. Mapa histórico no desenvolvimento de Criciúma**. Criciúma: FUCRI, 1993.

ARNS, Otilia. **A semente deu bons frutos**. Florianópolis, IOES, 1985.

BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história a imigração italiana no Brasil: os venetos em SC**. Florianópolis: Insular – UFSC, 1999.

BALTHAZAR, Luiz Fernando. **Criciúma: memória e vida urbana**. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.

BELLOLI, Mário. **Jubileu Sacerdotal do Cônego Amílcar Gabriel**. Florianópolis: Ed. do autor, 1996.

BELLOLI, Mário. **Mini-Biografia de um pioneiro: Marcos Rovaris**. Criciúma; Ed. Do autor, 1995.

BELLOLI, Mário. **Tímido ensaio biográfico: Giácomo Sônego**. Criciúma: Líder, 1972.

BELLOLI, Mário. **Família Pavei: Início de uma história, 1887-1997**. Criciúma: Ed. Autor, 1997.

BELOLI, Mário; PIMENTEL, José. **Criciúma – amor**. Itajaí: Uirapuru, 1974.

BENEDET, Maria de Lourdes. **De sede do DNPM à Fundação Cultural de Criciúma**.

BERG, Cristiane Fernandes. **Proposta para inclusão da capoeira na grade curricular do curso de Educação Física da UNESC**. Criciúma: UNESC, 2001. Trabalho de Conclusão de Curso.

BORTOLOTO, Zulmar H. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992.

Cadernos Do Patrimônio Histórico De Criciúma. n. 1. Circulando por lugares sagrados: reconhecendo a memória religiosa de Criciúma. Criciúma: UNESC, 2001.

CANARIN, Célia Rovere. **Cadastramento de entidades assistenciais e filantrópicas de Criciúma**. Criciúma: FUCRI, 1995. Monografia.

COIMBRA, David. **Memória de um comunista casual: atravessando a escuridão**. Criciúma: UNESC: 1996.

COLOMBO, Beto. **Causos do Rio Maina**. Criciúma: Coan Gráfica Editora CtP, 2002.

COLPO, Jorge Alberto Durante. **Sobre Criciúma, nos campos da habitação, saúde, saneamento, educação e cultura**. Criciúma: ADESG, 1994.

COSTA, Marli de Oliveira. **O tempo atravessou a Vila**: memória dos moradores do bairro primeira linha – Criciúma – SC / 1892-2000. Criciúma: PMC / SE, 2001.

COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam...**: memória dos moradores do bairro Santo Antônio – Criciúma – SC – 1880/2000. Criciúma: SME, 2000.

COSTA, Marli de Oliveira. **Artes de viver**: recriando e reinventando espaços – memórias das famílias da Vila Operária, mineira, Próspera, Criciúma (1945-1961). Florianópolis: UFSC, 1999. (Dissertação de Mestrado).

DALL´ALBA, João Leonir. **Imigração Italiana em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardeli, 1983.

DALL´ALBA, João Leonir. **Histórias do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997.

DALL´ALBA, João Leonir. **Colonos e Mineiros no Grande Orleans**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1986.

DE LUCA, Derlei Catarina. **Os Jasmims do jardim de Paolo**. Criciúma: Ed. do autor, 2000.

DENSKI, Maris. **A construção do espaço urbano de Criciúma (1975-1985)**. Criciúma: UNESC, 1997. Monografia.

FANTIN, Márcia. **Os Significados da Experiência de Gestão de uma Mina pelos Trabalhadores em Criciúma/SC: nas Malhas das Relações de Poder**. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1992.

FANTIN, Márcia. **A Ocupação do Tempo Livre dos Mineiros**. Florianópolis: mimeo, 1988.

FIGUEIREDO, Márcio. **Criciúma: banco de dados do Município**. Criciúma: Prefeitura Municipal de Criciúma, 1996.

GIASSI, Maristela Gonçalves. **Meio Ambiente e saúde: a convivência com o carvão**. Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação de Mestrado.

GONÇALVES, Gesiel da Silveira. **Aconteceu no Século XX**. Criciúma: Ed. do autor, 2003.

GOULARTI FILHO, Alcides. **A indústria do vestuário: economia, estética e tecnologia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930.** Porto Alegre: Palmarica, 1994.

Jornal Correio Do Sudeste: Criciúma: Agência Sudeste, 19--.

Jornal Da Manhã: Criciúma: MANHÃ, 19--.

Jornal Tribuna Criciumense: Criciúma: TRIBUNA, 19--.

JULIÃO, Sandra Goulart. **A contribuição do Negro na História de Criciúma.** UNESC, 1997. Monografia.

MILANEZ, Pedro. **Fundamentos Históricos de Criciúma.** Criciúma: Ed. do autor, 1991.

MILLIOLI, Geraldo. **Mineração de carvão e desenvolvimento sustentado na Região Sul de Santa Catarina.** Estudo exploratório de percepção, valores e atitudes num bairro do Município de Criciúma. Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação de Mestrado.

NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem: a presença da estrada de ferro em Criciúma (1919-1975) – cidade modernidade e vida urbana.** Florianópolis: UFSC, 2000. Dissertação de Mestrado.

NASCIMENTO, Dorval do. **Formação histórica de Criciúma (1880-1930): a elite dominante e a formação da cidade.** Criciúma: FUCRI, 1993. Monografia.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 anos: 1925-1995: ensaio para sua história político-administrativa.** Criciúma: ed. Autor, 1995.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Estas ruas que pisamos.** Criciúma: ed. Do autor, 1987.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, orgulho de cidade:** fragmentos da História de seus 120 anos. Criciúma: ed. Do autor, 2000.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, orgulho de cidade II:** fragmentos da História de seus 120 anos. Criciúma: ed. Do autor, 2000.

NETO, Roseli Jenoveva. **Formação, expansão e possibilidades de consolidação da indústria de confecções da região de Criciúma.** Porto Alegre: UFGRS, 1995. Dissertação

PIROLA, João. **SATC – Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão:** uma Instituição de Qualidade que participa no desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. Criciúma: UNESC, 1997. Monografia.

RELATÓRIO FINAL. **Projeto de transformação da UNIFACRI em Universidade do Extremo Sul Catarinense. (UNESC).** Criciúma: UNESC, 1997.

ROSA, Airson Soares da. **Pressuposto para o desenvolvimento do turismo integrado em Criciúma, tipos e segmentos.** Criciúma: FUCRI, 1996. Monografia.

SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina.**

SIECESC e PBDEE (Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico). Criciúma: AMREC/UNESC, 1997. v. I.

SILVA Jr, José da. **Histórias que a bola esqueceu** – a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

TEIXEIRA, José Paulo. **Nos tempos do Zé**. Florianópolis: Instituto Cidade Futura, 1999.

TEIXEIRA, Mário Bueno. **Áreas de proteção legal no município de Criciúma**. Porto Alegre: CPRM, 1995.

VIEIRA, Lorena de Fátima Hanke. **A praça enquanto espaço de sociabilidade**. Criciúma: UNESC, 1997. Monografia.

VOLPATO, Terezinha. **A Vida e a Luta dos Trabalhadores de Carvão em Criciúma - Santa Catarina**. São Paulo: USP, 1989, Tese de Doutorado.

b) Sobre Santa Catarina:

ANTELO, Raul (org.). **Identidade e representação**. Florianópolis: UFSC, 1994.

ARAÚJO, Hermetes Reis do. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1989. dissertação de mestrado.

BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade**: história da imigração italiana no Brasil: os vênets em Santa Catarina. Florianópolis: Insular e UFSC, 1999.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1941.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Laudes, 1970,

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Santa Catharina: História – Evolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

CAMARA, Lourival. **Estrangeiros em Santa Catarina**. Departamento Estadual de Estatística. separata da Revista de Imigração e Colonização, ano 1, número 4, outubro de 1940.

CORRÊA, Carlos Humberto. **Um estado entre duas repúblicas**: a revolução de 30 e a política em Santa Catarina. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina e Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

CUNHA, Idaulo José. **Evolução econômico-industrial de Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

DALL'ALBA, João Leonir (org.). **Memórias do Araranguá**. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

DALL'ALBA, João Leonir. **Colonos e mineiros na Grande Orleans**. Orleans: Edição do Autor e do Instituto São José, 1986.

DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**: documentário. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais. Século XVII-1960. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina, 1980.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: UNIVALI, 2000.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A Farra do boi**: palavras, sentidos e ficções. Florianópolis: UFSC, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **OKTOBERFEST**: Turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos (org.). **Povoadores da Fronteira**: os casais açorianos rumo ao sul do Brasil. Florianópolis, UFSC, 2000.

FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado.

GOULARTI FILHO, Alcides. **A indústria do vestuário: economia, estética e tecnologia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos e políticos de Santa Catarina**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina e Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando (org.). **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina, sua história**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina e Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização Italiana em Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 1976.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

Primeiro Congresso de Brasilidade em Santa Catarina. Florianópolis: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1941.

RENK, Arlene Arnele. **A luta da erva: um ofício da nação brasileira no oeste catarinense**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. Dissertação de Mestrado.

SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania**. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Paulo César dos. **Espaço e Memória: o aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 1997. Dissertação de Mestrado.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Univali, 1999.

SEYFERTH, Giralda . **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SOUZA, Marcos A. de. Imagem e Pedagogia, da Cruz de Cedro Renasce uma Cidade. In: Revista Brasileira de História: Confrontos e Perspectivas, São Paulo, v.16, n. 31 e 32,1996.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina: a ilha**. Florianópolis, Lunardelli, 1985.

c) Geral

Anais Do Museu Paulista. História e Cultura Material. São Paulo: USP, 1993, Vls.1, 2 e 3.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional.** Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988).** Tradução de Magda Lopes. Bauru: EDUSC, 1998.

ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera B. (orgs). **Inteligência brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike. (Org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade.** Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 311-327.

ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000.

ARAÚJO, Hermetes Reis. **A Invenção do Litoral.** São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado.

ARENDT, Hannah . **Entre o Passado e o Presente.** São Paulo: Perspectiva, 1988.

ARENDT, Hannah. **A condição Humana.** Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins fontes, 1998.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Tradução de Maria Lucia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi, vol 1 (memória-história).** Lisboa: Imprensa Nacional e Casa Da Moeda, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: HUCITEC-UNB, 1993.

BARROS, Sebastião do Rego. A nova política de assistência aos brasileiros no exterior. In: **Revista Política Externa**, vol. 5, n. 3, dez/jan/fev. 1996-97.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da Etnicidade.** Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Élcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre e a questão nacional. in: MORAES, Reginaldo;

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade líquida. In: **Folha de São Paulo**, Caderno Mais!, 19/10/2003, p.5-9.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Claudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BENJAMIM, Walter . **Obras escolhidas: rua de mão única**. 2 ed. Tradução de R.R. Torres e Filho, J. C. Martins Barbosa. São Paulo; Brasiliense, s.d. 1987.

BENJAMIM, Walter . **Obras escolhidas: um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Carlos M. Barbosa, Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI** (Tradução de Antônio de Pádua Danesi). São Paulo: HUCITEC, 1996.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar (a aventura da modernidade)**. São Paulo: Cia das letras, 1988.

BERND, Zilá (org). **Olhares Cruzados**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORGES, Célia Maia (org). **Solidariedades e Conflitos: histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 404.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** (32^a edição).São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. in: BOSI, Alfredo (org.) . **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BRANDÃO, Carlos R. **A Cultura na Rua**. Campinas, Papirus, 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella (org.). **Imagens da cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: ANPUH / Marco Zero, 1993.
- BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano - cidades no século XIX. in: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPHU/Marco Zero, n. 8 & 9, 1985, p. 35-68
- BRESCIANI, Maria Stella. **Permanência e ruptura no estudo das cidades**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia(orgs.). **Memória (res)sentimento**. Campinas: UNICAMP, 2001.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história (novas perspectivas)**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34: EDUSP, 2000.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia . **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: USP, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multi-culturais da Globalização**. Tradução de Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Museos, aeropuertos y ventas de garage: las identidades culturales en un tiempo de desterritorialización. in: FONSECA, Claudia (org.). **Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da Antropologia na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, páginas 41-51,1993.
- CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução de Mauricio Santana Dias. in: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 23. Brasília: IPHAN, 1994, p. 94-115.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais**. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva, in **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Associação Nacional de História e Contexto, volume 16, número 31/32, 1996.
- CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

- CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: o poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTORIADIS, Cornélius et al. **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade** (segunda edição, tradução de Guy Renaud). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORREA, Roberto Lobato. **Brasil**: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa e Rio de Janeiro: DIFEL e Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo: USP, 11 (5), 1991.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.
- COLBARI, Antonia. Familismo e ética do trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.17, n.34, 1997, p. 53-74.
- COSTA, Pere-Oriol. TROPEA, Fabio. Tornero, José Manuel Pérez. **Tribus urbanas**: el ansia de identidad juvenil: entre el culto a la imagen y la autoafirmación a través e la violencia. Barcelona, Buenos Aires: Paidós Iberica: Paidós, 1996.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 65-95.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DAVIS, Mike. **Cidade de Quartzo**: escavando o futuro em Los Angeles. Tradução de Renato Aguiar. São Paulo: Scritta, 1990.

DAVIS, Mike. **Ecologia do medo**. Tradução de Aluizio Pestana da Costa. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEBRUN, Michel . A Identidade Nacional Brasileira, in **Estudos Avançados**, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 4/8, janeiro/abril de 1990, p. 39-49.

DELEUZE, Gilles . **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol 4 . Tradução de Sueli Rolnik. Rio de Janeiro: ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol 2 . Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol 5 . Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Giles Deleuze**. Traduzido do inglês por Tomaz Tadeu da Silva. Digitado.

Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

DONNE, Marcella Delle (Org.).**Relazioni etniche, stereotipi e pregiudizi**: Fenomeno immigratorio ed esclusione sociale. Roma: EdUP, 1998.

DOSSE, François. **A história**. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: EDUSP, 2003.

ECKERT, Cornélia . Passado e Presente de Devoção na padroeira dos mineiros de carvão. Estudo da Festa de Santa Bárbara no Brasil e na França. In: **Ensaio de Antropologia Social**. Porto Alegre: PUC, 1992.

ECKERT, Cornélia. Memória e Identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão, La Grand-Combe, França, In: **Cadernos de Antropologia**, Porto Alegre, nº 11,1993.

ELIAS, Norbert . **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. A Grande Migração: trinta e três letreiros de sinalização – seguidos de uma nota a respeito de “certas peculiaridades da caçada humana”. In: Op. Cit. **Guerra Civil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.95-138.

FAORO, Raymundo. **Os donos dos poder**: formação do patronato político brasileiro. Porto Alegre: Globo, 1977.

FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1994.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FELIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FERRARA, Lucrécio D’Alessio. Do mundo como imagem à imagem do mundo, in SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC e ANPUR, 1996, p. 45-50.

FERRO, Marc. **História das Colonizações**: das conquistas às independências séculos XVIII à XX. Tradução de Rosas Freire D’Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

FILÉ, Valter (org). **Batuques, fragmentações e fluxos**: zapeando pela linguagem áudio-visual no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. **Um lugar do tamanho do mundo**: tempos e espaços na ficção de Guimarães Rosa. Belo Horizonte; UFMG, 2001.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. Fronteiras deslizantes: lugares de cultura, raça, gênero e indivíduo. In: **PAINEL**: Fronteiras e populações. Maringá / PR: Programa Associado de Pós-Graduação UEM/UEL, 2000, p. 41-51

- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O início da História e as lágrimas de Tucídides. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GELLNER, Ernest. As raízes sociais do nacionalismo e a diversidade de suas formas: Tradução de Sérgio Bach e Beatriz Helena Lopes Sardenberg, in GELLNER, Ernest . **Nacionalismo e democracia** . Brasília: Universidade de Brasília, 1981, p. 73-98.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais morfológicos e História**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- GIRARDET, Raoul . **Mitos e mitologias políticas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica. Cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GUATTARI, Félix. Restauração da paisagem urbana. Tradução de Silvana Rubino. in: **Revista do Patrimônio Históricos e Artístico Nacional**. n. 24. Brasília: IPHAN, 1996, p. 293-300.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional, in **Estudos Históricos** . Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica (CPDOC/FGV), número 1, 1988, p. 5-27.
- HABERMAS, Jürgen . **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. Tradução de Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes. in: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 24. Brasília: IPHAN, 1996, p. 68-76.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1988.

HELLER, Agnes. **Além da Justiça**. Tradução de Savannah Hartmann. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). **A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HIRST, Paul. Thompson, Grahame. **Globalização em questão**. Tradução de Wanda Caldeira Brant. Petrópolis: Vozes, 1998.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric J. . **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**, Tradução de Marcos Santarrita . São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J. . **Nações e nacionalismo desde 1780**, Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de . **Raízes do Brasil** (17a. edição) . Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jeferson Luis Camargo. São Paulo: Martins fontes, 1992.

HUYSEN, Andréas. Escapando da Amnésia. Tradução de Valéria Lamego. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 23. Brasília: IPHAN, 1994, p. 34-57.

HUYSEN, Andréas. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

IANNI, Octavio . Nação e globalização, In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SACRALATO, Francisco Capuano; ARROYO, Mônica (orgs.) . **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: HUCITEC e ANPUR, 1994, p. 66-74.

IANNI, Octavio . Nação: província da sociedade global?, in SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITE e ANPUR, 1996, p. 77 a 84.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

JAMESON, Fredric. O pós modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann (org.). O Mal estar do pós-modernismo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Hucitec/EDUSP/ FAPESP/IOSP, 2001.

KAPLAN, E. Ann (org.). **O Mal estar do pós-modernismo: teorias, práticas**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da universalização planetária**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Petrópolis: Vozes, 1994.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1994.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEHNEN, Arno Carlos; CASTELLO, Iára Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero (orgs.) . **Fronteiras no Mercosul**. Porto Alegre: Editora da Universidade e Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Antropos s.a. (Ed. Gallimard, 1983), p.7-74.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Tradução Márcia C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do Mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Haltern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no Pedraço: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos**: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MARTINS-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Pólito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23., n. 45, p. 11-36, 2003.
- MENEZES, Paulo. **As tramas da imagem**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença**: a política dos estudos culturais Latino-Americanos. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MORIN, Edgar. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: UFSC, 1993.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo II - necrose. Tradução de Agenor do Santos Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- MORÍNIGO, Marcos A. **Diccionario de Americanismos**. Barcelona: Muchnik, 1985.
- MOSCOVICI, Serge. **Social Cognition. Perspectives on everyday Understanding**. London: Academic Press, 1993.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Cultura brasileira ou cultura republicana?**, in **Estudos Avançados**, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 4/8, janeiro/abril de 1990, p. 19-38.
- MUNFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, desenvolvimento e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. **Os pensadores**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo, (10), dez. 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Francisco de. A questão nacional; a hegemonia inacabada, in **Estudos Avançados**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, volume 7(18), 1993, p. 43-63.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de et al. **Pós-modernidade**. Campinas: UNICAMP, 1995.

OLIVIEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural do Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORTIZ, Renato. **Um Outro Território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho d'água, 1996.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, s.d. 1985.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: o direito ao passado. in: **O direito a memória: Patrimônio Histórico e Cidadania/DPH**. São Paulo: DPH, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PIERUCCI, Antonio Flavio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP: Ed. 34, 1999.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Foucault e as constituições brasileiras: quando a lepra e a peste se encontram com os nossos excluídos**. in: **Educação & Realidade** – v. 24, n. 2, jul/dez 1999.

PINTO, Manoel da Costa. **Albert Camus: um elogio do ensaio**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Élcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

PRADO, José Luiz Aidar; SOVIK, Liv (Orgs.). **Lugar Global e Lugar Nenhum**: ensaios sobre democracia e globalização. Tradução de Hélio de Mello Filho. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

RAGO, Margareth. ORLANDI, Luiz B. Lacerda. VEIGA NETO, Alfredo (orgs) **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RAMOS, Maria Bernardete. **A intimidade luso-brasileira** – Nacionalismo e Racialismo. In: RAMOS, M.B.; SERPA, E.C.; PAULO, H. O Beijo através do atlântico. O lugar do Brasil no pan-lusitanismo. Chapecó / SC, Argos, 2001, p. 357-422.

RENAN, Ernest. Qu'est-ce qu'une nation?, in **Oeuvres Complètes**, T. 1. Paris: Calmann Lévy, 1947, p. 887-906.

RIBEIRO, Darcy . **O povo brasileiro** (a formação e o sentido do Brasil). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.

ROBERTSON, Roland . Mapeamento da condição global: globalização como conceito central, in FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global (nacionalismo, globalização e modernidade)**. Tradução de Attilio Brunetta . Petrópolis: Vozes, 1994.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSSOLILLO, Francesco . Nação, in BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco (orgs.) . **Dicionário de Política**. Tradução de Carmen C. Varrialle, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Brasília, Universidade de Brasília, 1986, p. 796-797.

RUDIGER, Francisco. **Civilização e barbárie na crítica da cultura contemporânea**: leitura de Michel Maffesoli. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

RUTHERFORD, Jonathan. O Terceiro Espaço: uma entrevista com Homi K. Bhabha. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 24. Brasília: IPHAN, 1996, p. 35-41.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo** . Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortês, 1999.

- SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha, SALES, Teresa. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 17-44.
- SANT'ANNA, Denise Bernnuzi. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. O Brasil como utopia, in BLAJ, Ilana e MONTEIRO, John Manuel (orgs) . **História e utopias** (textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História). São Paulo: Associação Nacional de História, 1996, p. 321-328.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo, Cortez, 1996.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Myrian. O Pesadelo da amnésia: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. In: **RBCS**, São Paulo, Vértice, nº 23/8, out 1993, p. 70-84.
- SARLO, Beatriz. ARLT: Cidade real, Cidade Imaginária, Cidade Reformada. Tradução de Mauricio Santana Dias. in: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 23. Brasília: IPHAN, 1994, p. 167-177.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCHNITMAN, Dora Fried.(Org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SCHREINER, Davi, Félix. **Cotidiano, Trabalho e Poder: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná**. Toledo: Editora Toledo, 1997.
- SCHWARTZ, Roberto. Nacional por subtração, in SCHWARTZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29-48.
- SENNET, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental.. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Cia das Leras, 1990.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro, in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, número 26, ano 9, outubro de 1994, p. 103-122.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1990.

SIGNORINI, Inês (org.). Língua (gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. 2. ed. Tradução de Maria da Glória de Moraes. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras; São Pulo: FAPESP, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença**: as perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2001.

SMITH, Antony D. Para uma cultura global, in FEATHERSTONE, Mike (organizador) . **Cultura global** (nacionalismo, globalização e modernidade) (Tradução de Atílio Brunetta) . Petrópolis: Vozes, 1994 (edição original em 1990), p. 183-205.

SOLLER, Maria Angélica e MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

SOLLORS, Werner. **The invention of ethnicity**. New York: Werner Sollors, 1989.

SOUZA, Eneida Maria de (org). **Modernidades tardias**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SOUZA, Marcos A. de. Imagem e Pedagogia, da Cruz de Cedro Renasce uma Cidade. In: Revista Brasileira de História (Confrontos e Perspectivas), São Paulo, v.16, n. 31 e 32, p. 207-224, 1996.

SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território, globalização e fragmentação** (segunda edição) . São Paulo: HUCITE e ANPUR, 1996, p.72-76.

SOUZA, Octavio. **Fantasia de Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional . São Paulo: Escuta, 1994.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo Natural**. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1, 2 e 3.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Tradução de Sérgio Góis de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e diversidade**: o sujeito democrático. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 1998.

VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças**: história e sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIRILIO, Paul. **Espaço Crítico**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí, in MAUCH, Cláudia e VASCONCELOS, Naira (organizadoras). **Os alemães no sul do Brasil** (cultura, etnicidade, história). Canoas: ULBRA, 1994, p. 105-119.

WILLENS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo e Brasília: Companhia Editora Nacional e Instituto Nacional do Livro, 1980.